

CONHEÇA O LESTE PAULISTA

Gazeta Valeparaibana

2009 / 11

Projeto Educar

Manual de consulta

Ilustrado

(Praias, Natureza e História)

LITORAL NORTE PAULISTA

(Aqui começou a história do Brasil)

VOLUME 2

COMPÊNDIO



Litoral Norte Paulista

Proibida a reprodução, cópia, divulgação, por quaisquer meios ou mídeas, total ou parcial ,
sem autorização por escrito do EDITOR.

contato: advogado@gazetavaleparaibana.com



Rede Vale Comunicações

Criação, diagramação, artes gráficas e web designer. Editamos seu jornal, seu livro e seu CD interativo.

visite nosso site

www.redevalecomunicacoes.com

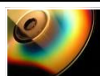


Internacional Raio de Sol

Solidão, entrega, rotina, saia dessa...
Encontre sua alma gema de forma segura e, em um site inteiramente dirigido para a "melhor idade".. quer sabe preservar seus dados e sua identidade.

www.internacionalraiodesol.com

EDITORAÇÃO: João Filipe Frade de Sousa
DIAGRAMAÇÃO: Rede Vale Comunicações
PUBLICAÇÃO: "Gazeta Valeparaibana"
NUMERO DE EXEMPLARES: 3.000 (três mil)



Rede Fone Telemensagens

Mensagens via telefone para todas as ocasiões, festas, aniversários batizados, formaturas, convites, declarações de amor.

Quer surpreender ? - Visite nosso site.

www.redefonetelemensagens.com

EMPRESAS:

Conheça nosso CD de interação entre clientes e Funcionários. Trabalhamos também com videomensagens personalizadas.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução. Direitos Autorais redevalecomunicacoes@gmail.com
Dados bibliográficos, fontes e imagens no final dos artigos ou no final da obra como complementação

IMPORTANTE:

Autorizada a compilação em todo ou em parte para trabalhos escolares, sendo que deverão ser indicadas suas fontes ou seja, nome do autor, site de origem e nome do compêndio.

Litoral Norte Paulista



Índice

- 004 - Arquipélagos, Ilhas e Ilhotas do Litoral Norte
 - 007 - Ilha de ALCATRAZES
 - 008 - Ilha ANCHIETA
 - 011 - Serra da Mantiqueira
 - 012 - Serra da Mantiqueira e Estrada Real
 - 013 - Vila de ITATINGA (Bertioga)
 - 014 - Apresentação do Litoral Norte Paulista
 - 015 - Página de Dados de BERTIOGA
 - 016 - Página de Dados de CARAGUATATUBA
 - 017 - Página de DADOS de ILHABELA
 - 018 - Página de Dados de SÃO SEBASTIÃO
 - 019 - Página de Dados de UBATUBA
 - 020 - Índios GUARANIS (São Sebastião)
 - 021 - Tupinambás, Tupiniquins e Tamoios
 - 028 - Índios Tamoios
 - 029 - Bertioga e a Cultura Indígena
 - 032 - Línguas “Jê” e “Macro-Jê”
- 033 - História de BERTIOGA / história do Litoral Norte
 - 041 - Capitânicas Hereditárias
 - 042 - Confederação dos Tamoios
 - 043 - História de SÃO SEBASTIÃO
 - 045 - História de ILHABELA
 - 048 - História de CARAGUATATUBA
 - 050 - História de UBATUBA
- 052 - Biografia de MARTIM AFONSO DE SOUSA
- 054 - Biografia de ESTÁCIO DE SÁ
- 055 - COMPANHIA DE JESUS
- 056 - Biografia de Padre MANOEL DA NÓBREGA
- 060 - Biografia de Padre JOSÉ DE ANCHIETA
- 068 - Biografia de Padre LEONARDO NUNES
- 069 - Biografia de MARQUÊS DE POMBAL
- 071 - LITORAL NORTE
- Praias, Ilhas, Ilhotas, Cachoeiras, trilhas, etc...
 - 105 - LITORAL NORTE
- Tradição - Costumes - Culinária e Lendas
- 125 - Piratas, Corsários ou Contrabandistas...
- 129 - Histórias e Biografias “Piratas e Corsários”
 - 133 - Invasões Francesas ao Brasil
 - 134 - Thomas Cavendish
 - 135 - Braz Cubas
 - 136 - Francis Drake
 - 137 - René Duguay-Trouin
 - 138 - Naufrágios no Litoral Norte
 - 140 - Principais Naufrágios de Ilhabela
 - 141 - TITANIC (Uma tragédia anunciada...)



Arquipélagos, Ilhas, Ilhotas e lages



INTRODUÇÃO:

O Litoral Norte Paulista é uma faixa litorânea de 151 quilômetros que se estende da cidade de Bertioga até à cidade de Ubatuba. É constituído de 184 praias e muitas ilhas, ilhotas e lages ao longo de toda a sua costa.

A costa do Litoral Norte Paulista é ladeada de um lado pelo Oceano Atlântico e do outro pela Serra do Mar e pela Mata Atlântica.

Suas ilhas, a maioria delas preservadas, e de difícil acesso, são considerados belos cartões postais.

Têm em seus anais, muita história do Brasil, lendas e, no passado, em algumas delas foram protagonistas de muito intercâmbio comercial.

Arquipélagos e Ilhas do Litoral Norte Paulista:

São Sebastião (Ilha Bela)

Anchieta

Alcatrazes

Búzios

Vitória

Serraria

Cabras

Montão do Trigo

Couves

Gatos

Toque

Toque Grande

Toque-Toque pequeno

Cabras

entre outras ilhotas e lages.



Um pouco da história e de geografia das Ilhas

Ilha Bela ou Ilhabela

Município-Arquipélago marinho brasileiro, está localizado no Litoral Norte do Estado de São Paulo, microrregião de Caraguatatuba. Segundo dados do IBGE pesquisa 2005 sua população está estimada em cerca de 26.000 habitantes. Possui uma das mais acidentadas paisagens da região costeira brasileira, com todas as características de relevo jovem, ou seja de formação geográfica recente.

Com o aspeto geral de um conjunto montanhoso, formado pelo Maciço de São Sebastião e Maciço de Serraria, além da acidentada Península do Boi, a Ilha de São Sebastião se destaca como um dos acidentes geográficos mais elevados e salientes de todo o Litoral Paulista, onde se destacam os Morros do Pico de São Sebastião, com 1379 metros de altitude; o Morro do Papagaio, com 1307 metros e o Morro da Serraria, com 1285 metros de altitude.

Banhado pelo Oceano Atlântico, o município está localizado no Estado de São Paulo, a 205 km da cidade de São Paulo, capital do Estado e a 140 km da divisa com o Estado do Rio de Janeiro. Está situada pouco abaixo do trópico de capricórnio que passa sobre a cidade vizinha de Ubatuba, (um pouco mais ao norte), porém, nas partes mais baixas apresenta características de clima Tropical devido à zona de transição entre a zona temperada sul e a tropical sul. Definindo-se como Subtropical tipo CWA. Já nos picos acima de 1000 metros o clima é subtropical CWB, pois a temperatura diminui sensivelmente em função da altitude, das massas atlânticas e polares, além da própria posição por se encontrar abaixo do Trópico de Capricórnio.

O clima tropical úmido do arquipélago está sujeito a temperaturas normalmente altas, porém não excessivas; pluviosidade anual entre 1.300/1.500 mm; umidade do ar elevada, sobretudo na face voltada para o mar aberto e montanhas; temperatura média anual entre 22 e 23 ° C.

Estância Balneária:

Ilha Bela (Ilhabela) é um dos municípios paulistas considerados estâncias balneárias pelo governo do estado, por cumprirem determinados pré-requisitos estabelecidos por Lei Estadual. Este título ou esta definição de Estância Balneária lhe traz um maior volume de verba por parte do Governo estadual, para promover o turismo e assim o seu maior e melhor desenvolvimento.

História:

Pesquisas arqueológicas realizadas desde o final da década de 1990 mostram que pelo menos quatro das Ilhas do

Ilhas do Litoral Paulista:

Ilha de Alcatrazes

Ilha Anchieta

Ilha Ariranha

Ilha Bela

Ilha Búzios

Ilha das Cabras

Ilha da Cananéia

Ilha Carolina

Ilha do Cardoso

Ilha do Castilho

Ilha Comprida (Litoral Sul)

Ilha Comprida (Rio Paraná - ao Norte de São Paulo)

Ilha das Couves

Ilha dos Crentes

Ilha do Farol ou da Moela

Ilha das Gaivotas (Lago da represa Rio Paraná)

Ilha Grande (Rio Paraná)

Ilha Grande (Rio Grande, divisa de SP e MG)

Ilha Montão do Trigo

Ilha das Ortigas (Rio Paraná)

Ilha das Palmas

Ilha do Paredão

Ilha Porchat

Ilha do Porto

Ilha Presidente Tibiriçá (Rio Paraná)

Ilha da Queimada Grande

Ilha de Santo Amaro

Ilha de São Sebastião (Ilha Bela)

Ilha de São Vicente

Ilha da Sapata

Ilha do Sul

Ilha Urubupunga

Ilha Vitória

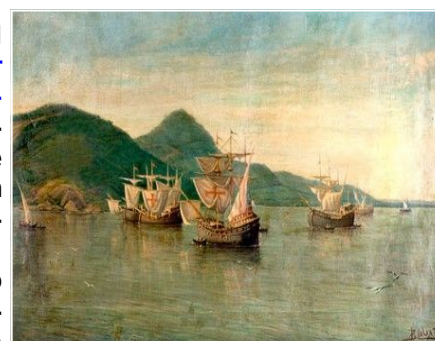


CONTINUA

Arquipélagos, Ilhas, Ilhotas e lages

arquipélago de Ilhabela foram habitadas muito antes da chegada dos europeus ao Brasil. Isso foi possível graças à descoberta de sítios arqueológicos pré-coloniais denominados “concheiros”, “abrigos sob rochas” e “aldeias indígenas”. Os “concheiros” permitiram aos arqueólogos concluir que os primeiros habitantes do arquipélago foram os chamados “homens pescadores-coletores do litoral”, indígenas que não dominavam a agricultura e nem a produção cerâmica, sobrevivendo apenas do que encontravam na natureza, especialmente animais marinhos. Não existe ainda a datação de nenhum desses “concheiros”. Também foi encontrada na Ilha de São Sebastião grande quantidade de cerâmica indígena de tradição Itararé, possivelmente produzida por indígenas do tronco lingüístico macro-jê. Não há até ao momento, nenhuma evidência arqueológica de que tenha existido no arquipélago alguma aldeia do tronco lingüístico tupi. (ver também págs.: [Etnias Indígenas](#))

Em 20 de Janeiro de 1502 a primeira expedição exploradora enviada ao Brasil pelos portugueses, comandada pelo navegador português Gonçalo Coelho ([ver biografia](#)), trazendo a bordo o cosmógrafo italiano Américo Vespúcio ([ver biografia](#)), encontrou uma grande Ilha que, segundo o aventureiro alemão Hans Staden ([ver biografia](#)), era chamada pelos tupis de Maembipe (“lugar de troca de mercadorias e resgate de prisioneiros”). Essa Ilha, assim como fora feito em outros acidentes geográficos importantes, foi batizada pelos membros da expedição com o nome do santo do dia, que nesse dia pertencia a São Sebastião.



Com a chegada do português Francisco Escobar Ortiz que se tornaria o primeiro povoador da Ilha de São Sebastião, este recebeu de Pero Lopes de Sousa, donatário da capitania, cem léguas de terra “para si e sua nobre geração e de sua mulher Ignez de Oliveira Cotrim, que ambos vieram da capitania do Espírito Santo para a Ilha de São Sebastião”. Ignez de Oliveira Cotrim era bisavó do Capitão Bartolomeu Pais de Abreu, de João Leite da Silva Ortiz e de sua neta neta de mesmo nome Ignez de Oliveira Cotrim casada com Antônio de Faria Sodré irmão do Padre João de Faria Fialho.

Segundo escreveu Pedro Taques ([ver biografia](#)), foi Francisco Escobar Ortiz senhor de dois engenhos de açúcar, os primeiros da Ilha.

No ano de 1608, outros sesmeiros chegaram à Ilha, que viriam a se estabelecer no canal de São Sebastião. Em 16 de Março de 1636 seria criada a Vila de São Sebastião, se desmembrando assim da Vila do Porto de Santos, da qual dependia político-administrativamente. Esta nova Vila abrangeria também o território da Ilha de São Sebastião.

No começo do século XIX, quando a Ilha de São Sebastião contava com cerca de 3.000 habitantes e seu principal povoado chamava-se Capela de Nossa Senhora D'Ajuda e Bom Sucesso, foi iniciado um movimento separatista pela emancipação da Ilha de São Sebastião, da Vila de São Sebastião, liderado pelo Capitão Julião de Moura Negro, pelo Alferes José Garcia Veiga e pelo senhor do engenho Carlos Gomes Pereira. Sensibilizado, o capitão-general (Governador) Antônio José da Franca e Horta baixou, em 3 de setembro de 1805 a portaria elevando a antiga Capela de Nossa Senhora da Ajuda e Bom Sucesso à condição de Vila. Por indicação do próprio Capitão-General (Governador) Franca e Horta, a nova Vila deveria se denominar “Vila Bela da Princesa”, em homenagem à Princesa da Beira, a Infanta Dona Maria Teresa Francisca de Assis Carlota Joana Josefa Xavier de Paula Micaela Rafaela Isabel Gonzaga de Bragança, filha mais velha de D. João VI e de D. Carlota Joaquina, irmão de D. Pedro I. Vila Bela da Princesa foi oficialmente instalada em 23 de janeiro de 1806.

Em 21 de maio de 1934, o Governo Paulista realizou, em meio a uma grave crise econômica pela qual atravessava o país, uma reestruturação na divisão territorial do Estado, quando foram extintos 18 pequenos municípios, entre eles o de Vila Bela da Princesa (Cujo nome já havia mudado para Vila Bela), que, assim, voltou a integrar o território da Vila de São Sebastião. A extinção do município foi revogada em 5 de dezembro de 1934.

Por imposição do Governo Ditatorial de Getúlio Vargas, o mesmo baixou o decreto federal nº. 2.140, o nome de Vila Bela mudou, a partir de 1º de janeiro de 1939 para “Formosa”. Inconformados, os moradores iniciaram um movimento popular contra o novo nome até que, em 30 de novembro de 1944, o Governo estadual baixou o decreto nº. 13.334, mudando o nome do Município para “Ilhabela”, a vigorar a partir de 1º de janeiro de 1945.

Geografia:

O município-arquipélago de “Ilhabela” possui um território de 348.300 km², segundo dados do IBGE e suas principais Ilhas são, pela ordem em termo de área: São Sebastião, Búzios, Vitória e Pescadores, estas todas habitadas. Fazem parte ainda do arquipélago as Ilhotas: Cabras, Sumítica, Serraria, Castelhanos, lagoa, Figueira e Enchovas.

A Ilha de São Sebastião é a segunda maior Ilha marítima do Brasil, superada apenas pela Ilha de Santa Catarina, que abriga a maior parte do município de Florianópolis, em Santa Catarina. Em sua orla, com cerca de 130 km de extensão, o relevo desenha reentrâncias e mergulhos, com 45 praias principais e outra dezena de pequenas praias situadas irregularmente, ao sopé das escarpas.

A Ilha de São Sebastião está separada do continente pelo Canal do Toque-Toque, que possui cerca de 18 km de extensão e largura variável de dois a cinco quilômetros.

A Ilha de São Sebastião possui um relevo bem acentuado, com montanhas com mais de 1.000 metros de altura. Essas montanhas, funcionam como uma barreira para os ventos fortes que vêm do mar aberto.

Uma das características marcantes de Ilhabela é a predominância da Mata Atlântica, sendo a Serra de Ilhabela

Arquipélagos, Ilhas, Ilhotas e lages

coberta pela floresta latifoliada tropical úmida de encosta. Dentro de todos os Municípios abrangidos pela Mata Atlântica, **Ilhabela** foi aquele que mais preservou a floresta no período compreendido entre os anos de 1995/2000, graças a um programa de contenção da expansão urbana desordenada que é desenvolvido pelas administrações municipais na área de entorno do “**Parque Estadual de Ilhabela**”.

Parque Estadual de Ilhabela

O Parque Estadual de Ilhabela, domina 83% da área total de Ilhabela, que é de 346 km². Essa imensa cobertura de florestas abriga toda a gama de espécies animais, vegetais e insetos que compõem o delicado ecossistema da Mata Atlântica e sua rica biodiversidade reunindo mais de 800 espécies de aves, 180 anfíbios e 131 mamíferos.



Uma caminhada pela

trilhas da ilha pode revelar aos olhos e jagatiricas, lagartos observada na cúpula periquitos, macucos, outras espécies. A beleza multicolorida. única ligação terres-



O Parque Estadual de Ilhabela foi criado no fim de proteger uma das maiores áreas contigüas. Originalmente estas florestas cobriam mais de 1,1 milhão de quilômetros quadrados. original, ou seja, 340 mil quilômetros quadrados. Em Junho de 1985 todas as Ilhas do Arquipélago foram incorporadas ao Parque. A construção de uma área que vai da Ponta das Canas, à Ponta da (duzentos metros de altitude máxima a partir do nível do mar).

O Parque Estadual de Ilhabela integra o Projeto de Preservação da Mata Atlântica (PPMA).

ouvidos mais atentos animais como lontras, caxinguelês, macacos, e gatos do mato. Uma grande variedade de aves também pode ser de suas árvores mais altas. O tucano, o tiê-sangue, os beija-flores, corujas, jacutingas costumam dar o ar de sua graça, entre muitas enorme variedade de insetos, plantas e flores impressionam pela O parque é cortado diametralmente pela Estrada dos Castelhanos, entre entre os dois lados da ilha.



ano de 1977 pelo Governo paulista, com o nome de Mata Atlântica remanescente no estado am 12% do território brasileiro, ou seja, Hoje, restam no país apenas 9% da área dos.

lago de São Sebastião foram tombadas e as casas só é liberada, por enquanto, na Sela, ao sul e abaixo da cota 200

Dados:

PARQUE ESTADUAL DE ILHABELA

Rua do Morro da Cruz, 600

Bairro Itaguaçu

Ilhabela - SP

Cep.: 11830-000

Fone/Fax.: 0 xx 12 - 472-2660

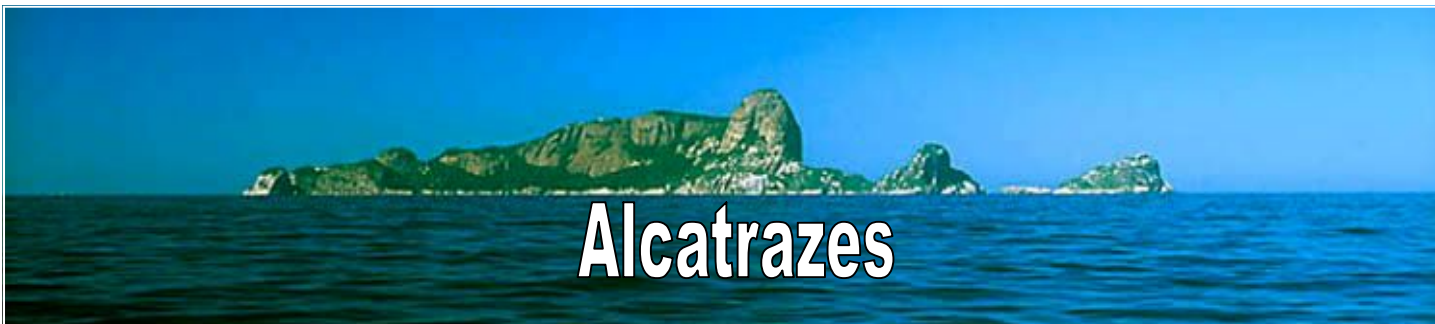
Serviços: (Para grupos organizados)

Agende suas visitas monitoradas via telefone.



CONTINUA

Arquipélagos, Ilhas, Ilhotas e lages



Arquipélago dos Alcatrazes:

O arquipélago dos Alcatrazes encontra-se situado no Brasil, a aproximadamente 45 km a sudeste do porto de São Sebastião, no Litoral Norte do Estado de São Paulo.

Formado por cinco Ilhas maiores, sendo a principal denominada de Ilha de Alcatrazes. Possui além desta a Ilhas da Sapata, do Paredão, do Porto ou do Farol e a do Sul; além de quatro Ilhas menores (Ilhotas não denominadas) e cinco Lajes conhecidas como: Dupla, Singela, Paredão, do Farol e Negra, além de dois parcéis (Nordeste e Sudoeste).

Com profundidades que podem alcançar facilmente os 50 metros, possui vida marinha privilegiada, sendo um dos melhores pontos para mergulho do Litoral de São Paulo.

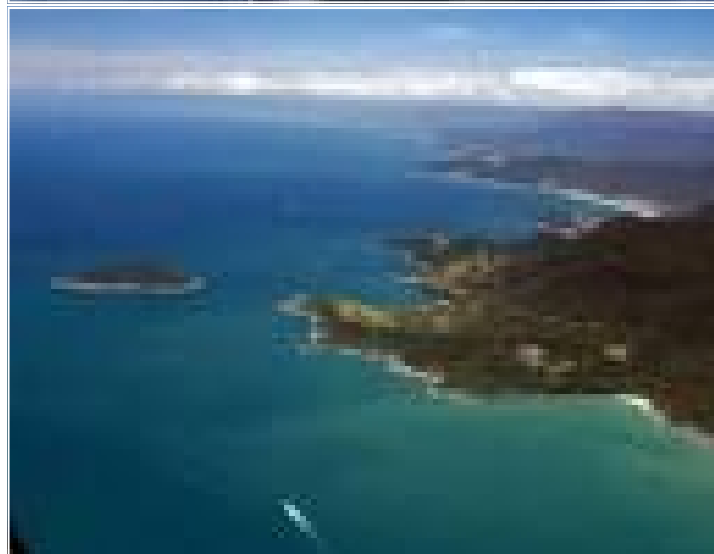
Uma vez que a Ilha principal era usada como local de exercício de tiro da Marinha do Brasil, o que apresentava danos materiais consideráveis, tornou-se objeto de várias demandas judiciais, inclusive de ações civis públicas que visavam impedir a continuidade daquela prática.

Atualmente a pesca é terminantemente proibida, sendo que o chamado fundeio, ou seja a parada de embarcações, somente é autorizada em casos extremos de avarias mecânicas ou mau tempo.

O mergulho também é proibido, somente sendo autorizado em casos especiais de pesquisas, previamente autorizadas e fundadas.

Também práticas de agressão ambientais estarão sujeitas ao código inerente e podem levar até à prisão dos responsáveis em alguns casos.

A beleza exuberante da paisagem merece toda a nossa atenção e respeito.



CONTINUA

Arquipélagos, Ilhas, Ilhotas e lages



Ilha Anchieta

Ainda hoje nas cartas náuticas, consta o nome do lugar como “Ilha dos Porcos”. A denominação gera muitas controvérsias pois que existem ainda aqueles que associam a criação de porcos, isso à muitos séculos, oferecendo dessa forma esse suposto à denominação do local. No entanto, pesquisadores de língua indígena revelam que esse mesmo nome, pode ser uma corruptela de “Pô Quâ” (Ilha pontuda em Tupi Guarani) , nome que os Tupinambás usavam para denominar a Ilha.

A Ilha tem duas praias principais a do Sul e a do Presídio, além de dois Morros, o do Papagaio (ao Norte) e o Morro do Farol.

Antigos documentos relatam que a partir de 1800 a Ilha abrigou uma unidade militar do exército português que vinha para garantir o direito de posse da nova colônia, já que os veleiros de corsários franceses viviam rodeando a Costa Brasileira.

Com 828 hectares, a pequena freguesia que ganhou em 1885, a denominação de “Bom Jesus dos Porcos” é a segunda maior Ilha do Litoral Paulista e contém grande importância histórica no contexto brasileiro. Recebeu com o passar dos anos, portugueses, escravos africanos, franceses, holandeses e também os ingleses que nela instalaram por volta do ano de 1850 uma base marítima para fiscalizar navios negreiros, pois apesar de proibido, o tráfico de escravos, ainda passava por intensa atividade.

Confederação dos Tamoios:

Os índios estavam revoltados contra a violência empregada principalmente pelos portugueses e resolveram se unir. A crise começou após o casamento do branco português João Ramalho, com a filha do cacique Tibiriçá, da nação dos Guaianazes. Unidos, Portugueses e Guaianazes passaram a atacar os Tupinambás e receberam a réplica do astuto Cunhambebe, chefe da tribo Tupinambá de Angra dos Reis.

João Ramalho era o homem de confiança de Brás Cuba, um dos mais sanguinários portugueses que passaram pelo sertão paulista. Brás Cuba havia aprisionado outro chefe dos Tupinambás, Kairuçu, bem como seu filho Aimberê. Kairuçu morreu, vítima dos maus tratos dos brancos.

Aimberê conseguiu fugir e foi procurar vários chefes de outras nações. Então, reunido com Pindobussu (Tupinambá do Rio de Janeiro), Koakira (Ubatuba), Agarái (Guaianazes), Cunhambebe (Angra dos Reis), além dos chefes dos Goytacazes e Aimorés, criou-se a confederação dos Tamuyas (que os portugueses chamavam de Tamoios) e que significa “o avô, o mais antigo”.

Cunhambebe ficou sendo o chefe das tribos unificadas.

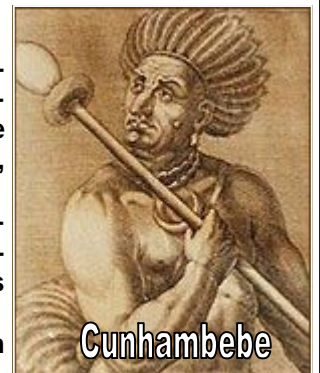
A presença de José de Anchieta:

Desde o principio Ubatuba era estratégica para os portugueses colonizadores que tinham que defender a nova terra dos outros povos. Os Franceses que acabavam de chegar ao Rio de Janeiro, sob o comando de Villegaignon que tinha planos de ficar, uniram-se aos Tupinambás e lhes ofereceram armas para a luta contra os portugueses.

Os portugueses então usaram os padres José da Nóbrega ([ver biografia](#)) e José de Anchieta ([ver biografia](#)) que partiram de São Vicente em 1563 para tentar um acordo com os índios da aldeia de Iperoig. Cunhambebe desconfiou das intenções dos brancos e aprisionou Anchieta na Ilha dos Porcos, durante vários meses, enquanto Nóbrega voltava para São Vicente com a missão de negociar a paz.

Foi nesse período de aprisionamento que o Padre José de Anchieta escreveu o seu poema “Poema à Virgem” nas areias de Iperoig (Ubatuba). O célebre poema com 4.072 frases em latim.

Em 28 de setembro de 1653, Iperoig foi elevada à categoria de Vila Exaltação à Santa Cruz de Ubatuba.



HISTÓRIAS E CURIOSIDADES DA HISTÓRIA RECENTE DA “ILHA ANCHIETA”

Em 1942 era instalado o [Presídio da Ilha Anchieta](#). Em frente à praia, ficava, e ainda se pode ver nos dias de hoje, o frontispício do antigo presídio. Adentrando, o pátio onde os presos se reuniam. Em volta do pátio, no formato retangular, uma espécie de “vila” composta pelos pavilhões de grades onde ficavam confinados os 453 presos, todos de alta periculosidade. à esquerda de quem olha para a entrada do presídio, por uma trilha que segue rumo ao Morro do Papagaio, ficava o quartel com sua sala de armas.

No pátio grupos rivais se digladiavam constantemente sendo contidos pelo pequeno efetivo de guardas (apenas cerca de 50 policiais). O Líder dos presos era o famoso e perigoso João Pereira Lima, o “Pernambuco”. Seu “Staf” era

CONTINUA

Arquipélagos, Ilhas, Ilhotas e lages

ILHA ANCHIETA - Presídio (continuação)

formado por outros não menos perigosos elementos tais como “Mocoroa”, “Daziza”, “China Show” e “Diabo Loiro”. Pelos nomes já dá para entender o clima existente.

Portuga era o cérebro:

Tudo começou a mudar com a chegada de Álvaro da Conceição Carvalho Farto, o “Portuga”, sujeito inteligente, formado em engenharia, que aos poucos foi contornando os conflitos e se firmando como liderança, no ambiente do presídio.

Um certo dia (sem perceber um plano a longo prazo de rebelião), o diretor do presídio, Fausto Sady Ferreira, transferiu “Portuga” para uma Sela Solitária. O Portuga alegava que estava correndo risco de vida entre os demais presos. Era já o início do esquema para elaborar um projeto completo de todo o presídio sem que ninguém atrapalhasse. Todos os detentos, a partir de então, receberam funções específicas. A princípio, sob as ordens de pe-



reira Lima, os presos passaram a buscar amizade com os policiais e familiares. Brincavam com as crianças da ilha, corriam, cumprimentavam respeitosamente as senhoras, enfim, ficaram, de uma hora para a outra “gentis”.

Um projeto ardiloso:

Cada um tinha que ter um posto, dessa forma o preso que era o barbeiro, chamado por todos “Mão Francesa” teria que dar um jeito de transferir seu atendimento para a barbearia dos praças, onde poderia ver o interior do destacamento. “Mão Francesa” que era homossexual passivo, ganhou a confiança dos militares, enquanto ia copiando as escalas de serviço e os pormenores, ou seja, a intimidade do destacamento.

O presidiário “Leitão” ficou incumbido de fazer o diretor Sady praticar tiros. O Diretor era ótimo atirador, mas a ilha era silenciosa já que não se usavam mais as armas. O armamento ficava guardado Em uma sala do quartel, que ficava na trilha do Morro do Papagaio, cerca de 300 metros acima do pátio.

Por isso “Leitão” passou a bajular o Diretor Sady para que o mesmo mostrasse sua perícia com armas, certamente, os estampidos passariam a ser corriqueiros e assim ninguém viria a estranhar qualquer barulho de tiros. Estratégias de “Portuga”, que também incumbiu os presos que cortavam lenha no Morro do Papagaio, a ganharem a confiança dos soldados; apenas dois guardas faziam a escolta de doze presos.

Assim, harmonia total na ilha; acabaram as brigas entre grupos, os presos sorriam, acendiam suas bitas de cigarros nas bitas de cigarro dos soldados que nem sequer andavam armados. Também passaram a fazer tarefas nas casas dos policiais e dos funcionários civis, uma confiança total.

Chegou o dia:

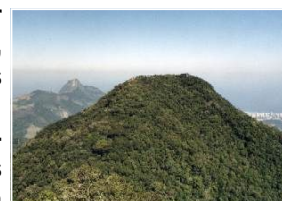
O clima estava preparado. Outro preso “O Fumaça”, que trabalhava no almoxarifado, ficou incumbido de descobrir o dia exato em que a lancha “ubatubinha” vinha de Santos trazendo (como era habitual uma vez por mês) mantimentos para a Ilha. A lancha era uma grande embarcação e serviria perfeitamente para o plano de fuga. Descobriram então o dia; ela viria dia 20 de junho. O plano teve então prosseguimento na véspera, dia 19, quando foi assassinado o preso “dedo-duro” Flores, vulgo “Dentinho”. Os detentos o enterraram bem fundo na praia do bananal, depois espalharam o boato que “Dentinho” vinha comentando sobre a vontade de fugir.

Mataram “dois coelhos com uma paulada só” eliminaram um perigo ao plano de fuga enquanto fariam com que o efetivo no presídio fosse diminuído, dado que os policiais teriam que organizar uma busca ao desaparecido. Dito e feito; após a contagem, seis soldados mais o funcionário “Escoteiro” saíram em busca do suposto fugitivo.

Plano em execução:

Rumo ao Morro do Papagaio, a primeira comitiva de doze presos, sendo escoltada pelo sargento Theodósio Rodrigues dos Santos mais o soldado Geraldo Braga, foi em busca de lenha. Outro grupo maior com 110 presos, seguiu para Ponta da Cruz onde recolheria a lenha cortada no dia anterior, com a escolta de apenas dois soldados, Hilário rosa e Manuel França Ayres e dois guardas civis desarmados, Higino Perez e Helio Barros.

Ao lado do soldado Ayres, o chefe João Pereira Lima, de repente, retira-lhe o fuzil sem qualquer resistência pois o soldado pensou que fosse brincadeira. Ayres e os dois funcionários foram amarrados em uma árvore. Um dos presos foi chamar o soldado Hilário que seguia à frente do grupo. Ao se aproximar, Hilário foi morto friamente por Pereira Lima com um tiro de fuzil no rosto.



Esse estampido também estava no plano de fuga, pois sinalizava ao outro grupo para que os outros doze também imobilizassem Theodoro e Braga enquanto preparava o desfecho lá em baixo, nos pavilhões. Afinal o tiro agora era normal para quem estava lá no destacamento. Poderia ser o Diretor Sady praticando o seu rotineiro “tiro ao Urubu”. Os “doze” então atacaram os policiais com golpes de machado, matando-os e tomando mais duas armas de fogo.

O Massacre:

Descendo atacaram de surpresa o quartel, começando com o tiro deferido por Pereira Lima que matou pelas costas o soldado armeiro Otávio dos Santos. Em seguida, foram mortos outros policiais que lutaram bravamente, mas não conseguiram chegar até à sala de armas, já que outro bandido, o sanguinário China Show, mantinha todos afastados através de uma janela lateral. Os bandidos, assim, armados até aos dentes, desceram até ao presídio e atacaram a casa do diretor do presídio, Fausto Sady e do destacamento, Tenente Odvaldo Silva. O bandido China Show, após ferir o Diretor Sady, foi até à sala do chefe de disciplina, Portugal de Sousa Pacheco e o matou diante da esposa e dos filhos. Foi o maior massacre que se teve notícia até então e a maior rebelião na história dos presídios em todo o mundo.

Erro no projeto:

CONTINUA

CONTINUAÇÃO

Arquipélagos, Ilhas, Ilhotas e lages

A Revolta

ILHA ANCHIETA - Presídio (continuação)

Para completar a carnificina, os bandidos libertaram todos os presidiários, enquanto “Daziza” e “China Show” eram os que mais se divertiam. Pereira Lima, o chefe, ordenou que ninguém tocasse as mulheres e as crianças, e assim foi feito. Segundo o policial do presídio, ainda vivo e atualmente trabalhando, como monitor na Ilha, PM José Salomão das Chagas, a lancha “ubatubinha” passava pelo “boqueirão” (trecho entre as escarpas da Ilha e do Continente), quando percebeu uma fumaça preta que surgia da ilha. Imediatamente a lancha fez a volta e retornou ao continente.

O que o inteligente “Portuga” não previa é que os detentos, na sanha da destruição fossem atear fogo aos pavilhões. Dessa forma o plano foi por “água abaixo”. Pereira Lima determinou então efetuar a fuga em uma embarcação menor, a lancha do presídio de nome “Carneiro da Fonte”, conhecida no presídio por “bailarina”, devido ao seu movimento parecido a uma dança nos dias de mar revoltoso.

Todavia uma embarcação que comportava apenas 50 pessoas não poderia levar os 90 que tentavam a fuga; vários detentos, principalmente os de maior peso, foram jogados ao mar para deleite dos tubarões. Com a falta de experiência do piloto improvisado, o bandido “Timoshenko”, a lancha “Carneiro da Fonte” encalhou na praia rasa de Ubatimirim. Na Ilha, outros que não embarcaram na lancha, fugiram em canoas improvisadas. 129 fugitivos foram recapturados, entre eles o chefe “Pereira Lima” e mais tarde julgados; o “Portuga” que sofria de problemas cardíacos foi encontrado morto, à sombra de uma árvore.



Ilha de Anchieta

HOJE:

Localizado no município de Ubatuba, o “Parque Estadual da Ilha de Anchieta” é uma área de proteção ambiental criada através do decreto lei nº. 9.629 de 29 de março de 1977 do Estado de São Paulo, administrado pelo Instituto Florestal, órgão vinculado à Secretaria Estadual do Meio Ambiente. É uma das áreas protegidas no estado de maior im-



as quais: sabiá, juriti, tangará, tiê-sangue, coleirinha, saíra, bem-te-vi, atobá, gaivotas e beija-flor. Nas águas cristalinas que cercam a ilha são encontrados cardumes de tai-

nhas, robalos, carapaus, sardinhas, peixes voadores e tartarugas marinhas, protegidos por um polígono de interdição de pesca de qualquer natureza.

No Parque Estadual é proibido acampar, pescar, retirar do mar ou dos céstões, qualquer espécie de flora ou fauna marinha, colher mudas, cortar plantas, adentrar com animais domésticos e abrir caminho na mata.



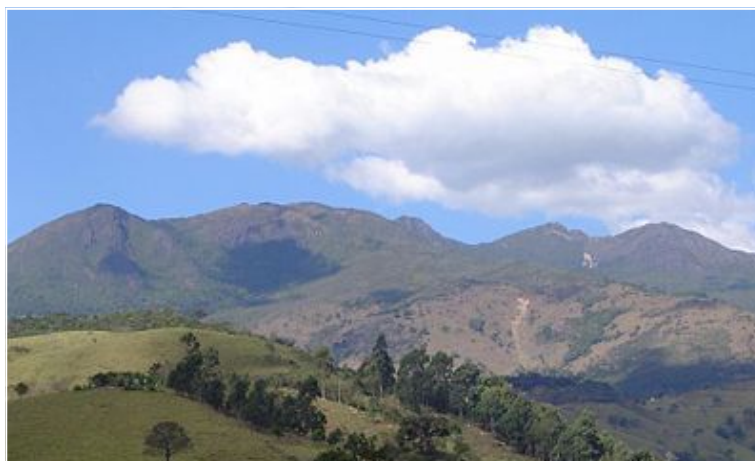
portância dada sua riqueza histórica e natural que nos oferece.

Com uma área de 828 hectares, ilha abriga a rica fauna da Mata Atlântica onde se podem encontrar capivaras, pacas, macacos-prego, sagüis, quatis, gambás, lagartos, preguiças, tatus, cotias e outros. Levantamentos científicos constataram a presença de 50 espécies de aves, entre



Fim

Serra da Mantiqueira



A “Serra da Mantiqueira” tem seu nome originado do “Amantikir” e, seu significado é “montanha que chora”. Trata-se de uma formação geológica datada da era Arqueozônica que compreende um maciço rochoso possuindo grandes áreas de terras altas, entre mil e quase três mil metros de altitude, que se estende ao longo dos Estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro.

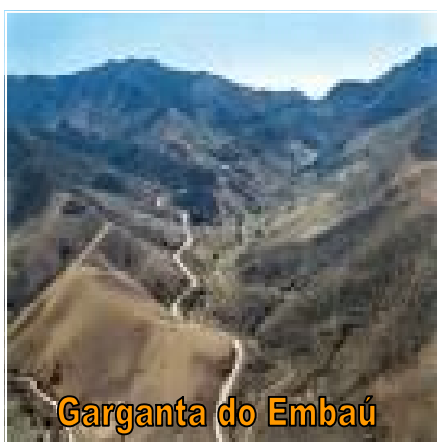
Na “Serra da Mantiqueira” área de preservação ambiental, existem diversas unidades de conservação e preservação tais como a “Área de Preservação Ambiental Serra da Mantiqueira”, que se divide entre os três Estados; “Parque Nacional de Itatiaia”, dividido entre os Estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro; e os Parques Nacionais “Serra do Brigadeiro” e “Serra do Papagaio”, respectivamente nos Estados de Minas Gerais e São Paulo.

Dez por cento (10%) da Serra é circunscrita nas terras fluminenses, onde exatamente se localiza o parque, 30% da Serra está localizada no Estado de São Paulo, mais precisamente nas regiões do Vale do Paraíba Paulista, Região Serrana da Mantiqueira e Região Bragantina e, 60% está localizada no Estado de Minas Gerais.

Sua formação se inicia no município de Barbacena (MG) e de lá inclina-se para o sudeste até chegar ao Estado do Rio de Janeiro e posteriormente ao Estado de São Paulo, onde torna-se uma divisa natural entre os Estados de Minas Gerais e São Paulo, até às imediações de Joanópolis (SP) e Extrema (MG) e, por fim esta termina na cidade de Bragança Paulista na Região Bragantina do Estado de São Paulo.

A Capital mais próxima da Serra da Mantiqueira é São Paulo, justamente por estar a 90 km da primeira cidade situada na Serra da Mantiqueira, Bragança Paulista; a segunda é Belo Horizonte que dista 170 km de Barbacena, onde a Serra se inicia e por último a cidade do Rio de Janeiro que se localiza a 198 km da cidade de Visconde de Mauá, distrito do município de Resende e que se situa na Serra da Mantiqueira.

Localização do ponto de vista do Vale do Paraíba, e extensão:



Garganta do Embaú

O maciço da Serra da Mantiqueira possui aproximadamente 500 km² de extensão e se inicia próximo à cidade paulista de Bragança Paulista e segue para o leste delineando as divisas dos três Estados brasileiros até à região do “Parque Nacional de Itatiaia” onde adentra no Estado de Minas Gerais até à cidade de Barbacena. A partir daí, uma continuação pode ser considerada, pois a mesma desvia para o norte até à Serra do Brigadeiro, no leste de Minas Gerais, chegando a aproximar-se do “Parque Nacional do Caparaó”.

Seu ponto culminante é a “Pedra da Mina” com seus 2.798 metros de altitude, na divisa dos Estados de Minas Gerais e São Paulo e seu ponto de transposição mais baixo é a Garganta do Embaú por onde passaram os Bandeirantes durante suas incursões pelo interior do Brasil.

Região de muitas nascentes:

O nome “Mantiqueira” se origina de uma transcrição do tupi para “Montanha que chora”, devido à grande quantidade de

nascentes, cachoeiras, riachos vistos em suas encostas.

O nome dá uma idéia da importância da Serra como fonte de água potável, formação de rios que abastecem um grande número de cidades do sudeste do Brasil. Seus riachos formam o **Rio Jaguary**, responsável pelo abastecimento da região norte do Grande Rio de Janeiro, o **Rio Paraíba do Sul** que corta a região do Vale do Paraíba de ponta a ponta, uma das regiões mais desenvolvidas industrial e socialmente do Brasil e que se situa entre as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, o **Rio Grande** que é parte integrante do maior complexo hidroelétrico do país.

Nos planaltos ao norte da Serra da Mantiqueira que adentram no território do Estado de Minas Gerais estão localizadas as fontes de águas minerais de Caxambu e São Lourenço, Passa-Quatro, Pouso Alto e Poços de Caldas. Em sua face sul temos as fontes de Água de Prata, localizadas na Serra do Cervo, em sua grande parte e Resende e Itatiaia.



PEDRA DA MINA

CONTINUA

"Estrada Real"



A "Serra da Mantiqueira" e o Ouro das Minas Gerais:

A Serra da Mantiqueira fecha a sua cadeia nos últimos contrafortes do Ouro Branco, no centro do Estado de Minas Gerais. Principia na Serra do Espinhaço, a chamada Serra Geral ou Serra de Minas e se estende no sentido de Sul a Norte até além da Bahia. Seu sistema assume para o norte os toponômios dos lugares por onde passa, Serra do Ouro Preto, do Batatal, da Capanema, do Ouro Fino, do Gongo Soco, do Garimpo, da Maluca, do Cipó da Pedra Redonda, ao pé da qual nasce o Rio Jequitinhonha.

Um de seus contrafortes é a Serra da Caraça, em curva quase perfeita, uma das maiores eminências da Serra Geral, o ponto mais elevado de sua espinha dorsal. Os Picos do Sol e do Carapuça, freqüentemente cobertos por densa névoa, altaneiros, erguem-se a 2.100 metros de altitude, o primeiro e a 1.955 metros, o segundo.

A região da Serra da Mantiqueira tem altitudes médias de 1.200 a 2.800 metros.

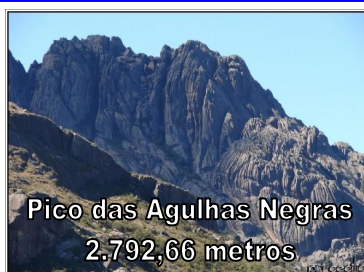
A Serra da Mantiqueira, na época da colonização colonial, no ciclo da exploração do ouro e das pedras preciosas, foi o caminho dos desbravadores na sua busca desses minerais, cujas maiores jazidas se encontravam no território das Minas Gerais. Caminhos foram abertos, tropeiros carregando em suas mulas serra abaixo rumo a Paraty, porto

de embarque do ouro e das pedras preciosas.

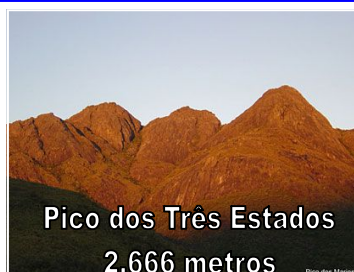
Um desses caminhos que maior afluência de tráfego mereceu e o mais conhecido é a "Estrada Real" que liga Minas Gerais, ao Vale do Paraíba e daí a Paraty já no Litoral do Estado do Rio de Janeiro. Tem dois caminhos o **velho** que liga Ouro Preto (MG) a Paraty (RJ) e o **novo** que liga Ouro Preto ao Rio de Janeiro. A Estrada Real corta 177 municípios nos três Estados, sendo 162 no Estado de Minas Gerais, Oito no Estado do Rio de Janeiro e Sete no Estado de São Paulo.



Pedra da Mina
2.798,39 metros



Pico das Agulhas Negras
2.792,66 metros

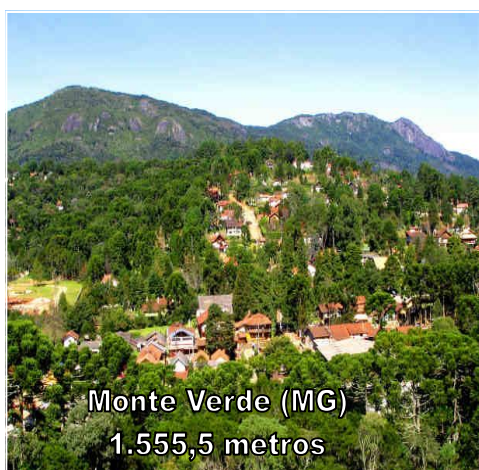


Pico dos Três Estados
2.666 metros



Pico dos Marins
2.422 metros

Picos mais Altos da Serra da Mantiqueira



Monte Verde (MG)
1.555,5 metros



Senador Amaral (MG)
1.500 metros



Campos do Jordão (SP)
1.650 metros

Vila de Itatinga

A maioria dos que visitam o Litoral Norte Paulista se restringem a conhecer a parte insular. No entanto, nosso litoral esconde praias e pequenas localidades, somente acessíveis por mar, que escondem raras belezas naturais e históricas que em muito acrescentam ao conhecimento de quem as visita.

Assim, provavelmente muitos pensarão que é lenda se alguém lhes contar que no Litoral Norte existe criação de búfalos, ou até mesmo que podem ser vistas baleias a poucos metros da praia.

Nascendo na Serra do Mar, o Rio Itatinga, percorre 24 quilômetros em meio a densa vegetação, formando cachoeiras e piscinas, antes de desaguar no Rio Itapanhaú.

Inaugurada em 10 de Outubro de 1910, a hidroelétrica construída pela administração portuária de Santos (em área adquirida em 1903 da Fazenda Pelaes) era então uma das mais importantes do Brasil, chegando a abastecer de eletricidade a baixada santista e até algumas áreas da capital paulista. Sua queda d'água de 765 metros de altura, era a maior do País, tendo a usina sido projetada pelo Engº. Guilherme Benjamin Weinschenck.

A Vila de Itatinga começou a se formar em 1910 quando a Companhia Docas de Santos resolveu manter por perto da hidroelétrica, equipes de manutenção.



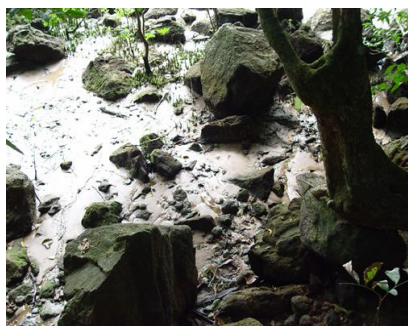
Bondinho de Itatinga

Há duas trilhas de acesso à Vila de Itatinga, pela rodovia Rio-Santos, num percurso completado por uma pequena travessia de balsa e uma viagem de 7,5 km num dos [bondinhos de Itatinga](#); pode-se também chegar ao local após uma viagem de três horas de barco pelos canais do Estuário e de Bertioga ou pelo Rio Itapanhaú. Nesse local, várias trilhas cortam a região e podem ser exploradas pelos visitantes e aventureiros: a das Ruínas, a da Captação, a do Vale do Rio Itatinga, dos três poços e o Caminho



da Pedra.

A trilha das Ruínas começa nas ruínas da Igreja de Nossa Senhora dos Pilares (ou Pelaes), do século XVII e margeia o Córrego Fazenda. O caminho percorrido em cerca de 40 minutos, é cercado por Mata de Encostas preservada, com diferentes espécies de bromélias e grande quantidade de trepadeiras. Chega-se então à área de captação conhecida como Pelaes, que forma bela queda d'água.



Já a Trilha da Captação, de 1,5 km entre árvores de maior porte, que formam uma cobertura densa e contínua, passa por áreas de transição de vegetação de restinga para a Mata de Encosta, atravessando pequenos regatos com rústicas pontes e margeando o Ribeirão Tachinhas.

Com 6 km de extensão, o Caminho da Pedra liga a área de planície ao alto das montanhas a 730 metros de altitude. Calçado com pedras, permite já no seu primeiro trecho de 1,2 km, ver a paisagem da planície, com os Rios Itapanhaú e Itatinga, o mar e a vegetação. Após três horas de percurso, o visitante atinge um belvedere, de onde avista desde [Bertioga](#) até [Alcatrazes](#).

Eucaliptos, bromélias e orquídeas marcam a Trilha dos Três Poços, que pode ser percorrida a pé em cerca de meia hora, margeando um córrego até chegar a um poço decorado com grandes rochas, sobre as quais a água corrente forma duchas naturais.

Em Itatinga juntam-se três ecossistemas; mata de encosta, manguezal e restinga.

A Vila compõe-se de 70 casas, escola, posto médico, auditório, clube, padaria e a Capela de Nossa Senhora da Conceição.

A área é propriedade da Companhia Docas do Estado de São Paulo (Codesp), que criou a Vila para abrigar os funcionários da usina hidroelétrica, inaugurada em 1910, e que até hoje fornece 2/3 do total da energia consumida pelo Porto de Santos.

Erguida em terras da antiga Fazenda Pelaes, adquirida pela CODESP quando Bertioga era distrito de Santos. Hoje Itatinga faz parte do [Município de Bertioga](#).



A Viagem

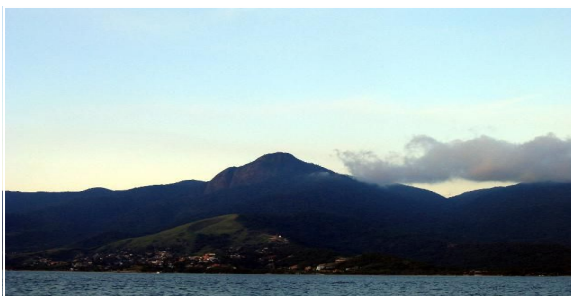
LITORAL NORTE PAULISTA

O Litoral Norte Paulista além de sua riqueza ecológica, de sua história e de seu povo, nos oferece espetáculos maravilhosos e a possibilidade de entender como o modo de vida caiçara se adapta perfeitamente à natureza, vivendo de uma forma harmoniosa, sem degradação ambiental, se mostrando cada cidadão um fiscal de sua história e de seu habitat.

Suas praias, algumas delas ainda virgens e inexploradas se espalham por seu Litoral. Uma mais bonita e convidativa que outra, onde o Oceano Atlântico descarrega sua mansidão e por vezes até sua raiva, nos propiciando águas calmas na calmaria e águas revoltas em seus acessos de fúria.

Por todo o Litoral Norte Paulista, onde se pode afirmar seja o mais preservado e limpo de todo o Litoral Paulista, encontramos pitorescas vilas de pescadores ou pequenas cidades. Começemos por falar de [Bertioga \(Página 15\)](#), o primeiro Município do Litoral Norte Paulista, onde um antigo forte ainda guarda a memória de Hans Staden, aventureiro alemão seqüestrado pelos tupinambás em meados do século XVI e que, ao escapar de ser devorado pelos índios canibais, escreveu suas memórias e fez uma série de desenhos considerados as primeiras imagens existentes sobre o Brasil.

O próximo município é [São Sebastião \(Página 18\)](#), separado de Bertioga por dezenas de praias de mar bem azul. Fundada em fins do século XVI, a região abrigou engenhos de cana-de-açúcar e fazendas de café. Hoje, sua economia está em grande parte baseada no turismo, nas indústrias de transformação de pescado e, como segundo maior porto do Estado de São Paulo e conseqüentes atividades portuárias. Cidade histórica, o centro de São Sebastião ainda preserva muitas construções antigas, resquícios do período colonial. O município abriga 78 km de paisagens e águas exuberantes.



É também no Litoral Norte que fica uma de suas mais conhecidas Ilhas, a "[Ilhabela](#)" ([Pág.17](#)), a maior Ilha Marítima Brasileira, com quase 350 mil metros quadrados de extensão. Ilhabela, que possui 60 praias muitas delas inacessíveis por via terrestre e outras completamente virgens e preservadas. São 150 km de costões e praias, algumas ainda selvagens, de acesso possível apenas por barco. Quatrocentas cachoeiras cortam a vegetação formada por grande variedade de árvores e plantas do Parque Estadual de Ilhabela.

Logo a seguir um pouco mais na frente de São Sebastião, iremos encontrar [Caraguatatuba \(Página 16\)](#), conhecida pelos índios tupis como "[a enseada dos altos e baixos](#)". A cidade em sua formação geográfica, apresenta uma enseada com muitos recifes e pequenas ondulações de areia. Dessas formações rochosas nasceu a Pedra do Jacaré, na Praia, e ainda a Pedra do Sapo. A beleza de Caraguatatuba é ainda maior pela passagem do Rio das Pedras, que no seu serpentar e no seu saltar rumo ao Oceano Atlântico, nos presenteia com maravilhosas quedas de água, cachoeiras e pequenas piscinas naturais.

Caraguatatuba é também considerada a porta der entrada do Litoral Norte Paulista. Pois, mesmo com a abertura da Estrada Rio-Santos ainda é pela Rodovia dos Tamoios que liga o Vale do Paraíba ao Litoral Norte, que a maioria dos visitantes do Litoral Norte se desloca.



A seguir a Caraguatatuba, pela Rio—Santos iremos encontrar outra maravilha do Litoral Norte Paulista, [Ubatuba \(Página 19\)](#). Fundada em 28 de Outubro de 1637, seu nome originou-se de duas palavras indígenas; "Ubá" e "Tuba", que associadas significam "muitas canoas". Foi nas areias de Ubatuba que o Padre José de Anchieta escreveu o seu célebre "Poema à Virgem Maria" com mais de quatro mil frases. Ubatuba, além de sua rica história, tem em suas belas praias um cenário de beleza e de perfeita harmonia entre o Oceano Atlântico e a Mata Atlântica.

Bertioga



DADOS SOBRE A CIDADE:

Fundação:	1991
Área total da unidade territorial:	101,301 km ²
Latitude do distrito sede do município:	S
Longitude do distrito sede do município:	W
Altitude:	8 metros
Estimativa populacional (IBGE-2006):	30.039 habitantes
Participação FUNDEF-2007:	n/disponível
Fundo Part. Municípios (FPM-2007):	n/disponível
Densidade demográfica:	61,09 hab./km ²

POPULAÇÃO RESIDENTE::

Homens:	15.511
Mulheres:	14.529
População Urbana:	29.178
População Rural:	861

Turismo:

Turismo de veraneio e histórico
Praias, Cachoeiras e trilhas

Atrações:

DADOS COMPLEMENTARES (2007):

População residente acima de 10 anos de idade:	n/disponível
População alfabetizada:	n/disponível
Taxa de alfabetização:	n/disponível

Estabelecimentos de Ensino pré-escolar:	n/disponível
Estabelecimentos de ensino fundamental:	n/disponível
Estabelecimentos de ensino médio:	n/disponível
Hospitais:	n/disponível
Agências bancárias:	n/disponível

BREVE HISTÓRIA DA CIDADE:

Antes da colonização portuguesa, Bertioga era habitada por índios tupiniquins que a chamavam de “Buriquioca”, que na língua tupi, é composta de duas palavras “Buriqui” que significa macaco e “oca” que significa casa, morada, ou seja “Buriquioca” significa “Morada dos macacos grandes”, pois o morro da Senhorinha era o habitat normal desse tipo de animal.

Em 1551, no exato local do encontro das águas dos canais (canal de Bertioga) da Ilha de Santo Amaro com o mar aberto ou seja o Oceano Atlântico, o Governador Geral da Costa do Brasil, Martin Afonso de Souza, aportou.

Assim, ali foi fundado um povoamento, o Vilarinho de Bertioga que, desde aquela época, teve um papel preponderante na defesa das populações contra os ataques indígenas.

Sua primeira fortificação foi construída em 1547, recebendo o nome de “Forte São Tiago”, também conhecido pelo nome de “Forte São João”. Os ataques, eram tão constantes e destemidos, que foi erguida outra fortaleza no local oposto do canal; o “Forte de São Felipe” ou “São Luís” como também é conhecido.

Foi deste porto também que em 1665, partiu a esquadra de Estácio de Sá para combater os invasores franceses, que tentavam dominar o Estado do Rio de Janeiro, com a intenção de formar ali a “França Atlântica”.

Até princípios do ano de 1991, Bertioga ainda pertencia ao Município de Santos, no Litoral Sul Paulista mas, em 19 de Maio de 1991, o povo de Bertioga foi às urnas votar no plebiscito que decidiu pela separação. No dia 31 de dezembro de 1991, o então Governador de São Paulo Luiz Antônio Fleury Filho assinou o Decreto Lei nº.7664 que oficializou a criação do Município de Bertioga. Bertioga é um dos municípios com a maior área verde preservada de todo o Estado de São Paulo.

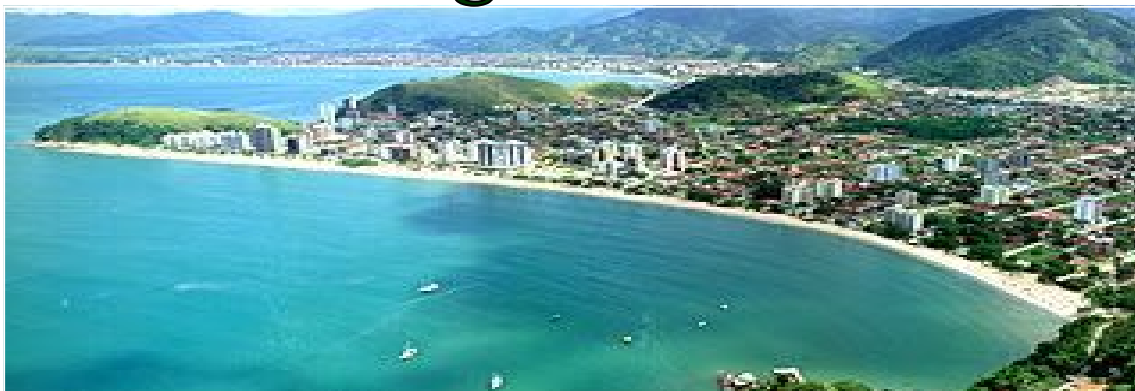
O Parque Estadual da Serra do Mar ocupa mais da metade de toda a área do município. A Riviera de São Lourenço é o seu mais importante centro turístico, onde convivem harmoniosamente progresso e preservação ambiental.

Maiores informações: <http://www.bertioga.sp.gov.br>.

TELEFONES ÚTEIS:

<u>Prefeitura Municipal:</u>	n/disponível
<u>Polícia Civil:</u>	n/disponível
<u>Polícia Militar:</u>	n/disponível
<u>Pronto Socorro:</u>	n/disponível

Caraguatatuba



DADOS SOBRE A CIDADE:

Fundação:	1967
Área total da unidade territorial:	484 km2
Latitude do distrito sede do município:	S
Longitude do distrito sede do município:	W
Altitude:	2 metros
Estimativa populacional (IBGE-2007):	88.815 habitantes
Participação FUNDEF-2007:	18.924.309,26
Fundo Part. Municípios (FPM-2007):	14.501.264,40
Densidade demográfica:	162,99 hab./km2

POPULAÇÃO RESIDENTE::

Homens:	39.553
Mulheres:	39.173
População Urbana:	76.171
População Rural:	2.665

Turismo: Turismo de veraneio e histórico
Atrações: Praias, Cachoeiras e trilhas

DADOS COMPLEMENTARES (2007):

População residente acima de 10 anos de idade:	63.767
População alfabetizada:	59.124
Taxa de alfabetização:	92,70%

Estabelecimentos de Ensino pré-escolar:	28
Estabelecimentos de ensino fundamental:	51
Estabelecimentos de ensino médio:	12
Hospitais:	01
Agências bancárias:	07

BREVE HISTÓRIA DA CIDADE:

Como todo o Litoral Norte Paulista, antes da colonização portuguesa, a região era ocupada por tribos indígenas. Por volta do ano de 1600, através da concessão de uma sesmaria que ocupava a bacia do Rio Juquerirê. No ano de 1606 O Capitão-mor Gaspar Conqueiro concedeu uma área aos antigos moradores da cidade de Santos, Miguel Gonçalves Borba e Domingos Jorge, como prêmio por serviços prestados à Capitania de São Vicente. A partir daí pela excelente localização e qualidade de vida, começaram a afluir à região muitos colonos. Assim, em meados do século XVI, começou a se formar o primeiro povoado que originaria a Vila de Santo Antônio de Caraguatatuba.

Em meados do século XVIII o povoado já havia se desenvolvido de tal forma que despertou o interesse do Capitão Geral da Capitania de São Paulo, D. Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão Morgado de Mateus, a tomar providências para que o povoado de Santo Antônio de Caraguatatuba fosse elevado à condição de Vila, o que ocorreu em 27 de setembro de 1770. No ano de 1847 foi elevada à condição de freguesia, pela Lei nº.18 de 30 de 16 de março de 1847. Em 20 de abril de 1857, pela Lei nº.30, é elevada à categoria de Vila. Nesta data passou a ter autonomia política se desvincilhando de São Sebastião. Em 1947 foi reconhecida como Estância Balneária. Em 26 de setembro de 1965, teve sua comarca instalada.

Caraguatatuba passou por duas grandes tragédias; primeiro em 1693 um violento surto de varíola, vitimou grande parte da população local e, outra parte fugiu para se refugiar em Ubatuba e São Sebastião, tendo a cidade ficado conhecida como "A Vila que desertou". Somente a partir do início do século XX, começou a conhecer novo surto de desenvolvimento com a instalação da Fazendas dos Franceses que mais tarde passou a se denominar "Fazenda dos Ingleses"; outra tragédia foi a de 1967, onde uma tromba de água arrasou quase toda a cidade.

Hoje Caraguatatuba é um centro de referência de veraneio do Litoral Norte Paulista.

Maiores informações: <http://www.caraguatatuba.sp.gov.br>

TELEFONES ÚTEIS:

<u>Prefeitura Municipal:</u>	0 xx 12 - 3897.8100
<u>Defesa Civil:</u>	3882.3520
<u>Polícia Militar:</u>	3882.2333
<u>Pronto Socorro:</u>	3883.9910

Ilhabela



DADOS SOBRE A CIDADE:

Fundação:	1805
Área total da unidade territorial:	347,4 km2
Latitude do distrito sede do município:	23° 46' 40''S
Longitude do distrito sede do município:	45° 21' 28''W
Altitude:	1 metros
Estimativa populacional (IBGE-2000):	20.836 habitantes
Participação FUNDEF-2007:	n/disponível
Fundo Part. Municípios (FPM-2007):	n/disponível
Densidade demográfica:	59,98 hab./km2

POPULAÇÃO RESIDENTE:

Homens:	10.856
Mulheres:	9.980
População Urbana:	20.589
População Rural:	247
Turismo:	Turismo veraneio, aventura e histórico
Atrações:	Praias, Cachoeiras e trilhas

DADOS COMPLEMENTARES (2007):

População residente acima de 10 anos de idade:	n/disponível
População alfabetizada:	n/disponível
Taxa de alfabetização:	n/disponível
Estabelecimentos de Ensino pré-escolar:	n/disponível
Estabelecimentos de ensino fundamental:	n/disponível
Estabelecimentos de ensino médio:	n/disponível
Hospitais:	n/disponível
Agências bancárias:	n/disponível

BREVE HISTÓRIA DA CIDADE:

No início do ano de 1502, Américo Vespúcio, navegando pelas águas do arquipélago a serviço da Coroa Portuguesa, avistou a Ilha, à qual, como era de costume na época, batizou com o nome do santo do dia o qual era São Sebastião. A partir dessa época e por mais de 200 anos a hoje Ilhabela foi visitada por ingleses e portugueses que ali aportavam, primeiramente para reabastecer suas frotas e depois para troca de mercadorias e resgate de escravos e prisioneiros. Com o desenvolvimento do porto de Santos, Ilhabela ficou mais isolada, tendo sua economia e importância bastante afetadas na primeira década do século XIX. Nesta época o tráfico negreiro da África para o Brasil era intensa. Vila Bela, como era conhecida foi um importante porto para o tráfico e comercialização de escravos. Com a abolição da escravidão, a atividade que passou a predominar no local foi a pesca.

A Ilha só voltou a prosperar no ano de 1959, com a inauguração do serviço de balsas que fez a ligação da Ilha com o continente, ou seja com a cidade de São Sebastião. Hoje Ilhabela tem como atividade e fonte de riqueza principal o turismo de veraneio, aventura e histórico.

Ilhabela tem 78% de sua área totalmente protegida pelo "Parque Estadual de Ilhabela" e se orgulha de sua liderança na preservação ambiental de seus ecossistemas e de sua mata.

Suas águas calmas são um paraíso para a exploração aquática (mergulho) e os navios naufragados ao longo de sua costa são verdadeiros arrecifes artificiais para uma grande variedade de fauna marinha.

Maiores informações: <http://www.ilhabela.sp.gov.br>

TELEFONES ÚTEIS:

<u>Prefeitura Municipal:</u>	0 xx 12—3896.9200
<u>Polícia Ambiental:</u>	3896.0811
<u>Polícia Militar:</u>	3895.8562
<u>Pronto Socorro:</u>	(192) 3895.8789

São Sebastião



DADOS SOBRE A CIDADE:

Fundação:	1636
Aniversário da cidade:	16 de março
Área total da unidade territorial:	403,336 km ²
Latitude do distrito sede do município:	22° 46' 36''S
Longitude do distrito sede do município:	45° 24' 36''W
Altitude:	1 metros
Estimativa populacional (IBGE-2006):	75.886 habitantes
Participação FUNDEB-2007:	22.121.350,09
Fundo Part. Municípios (FPM-2007):	12.567.762,60
Densidade demográfica:	188,1 hab./km ²

POPULAÇÃO RESIDENTE::

Homens: (2000)	29.307
Mulheres: (2000)	28.579
População Urbana: (2000)	57.300
População Rural: (2000)	586

Turismo: Turismo de veraneio e histórico
Atrações: Praias, Cachoeiras e trilhas

DADOS COMPLEMENTARES (2007):

População residente acima de 10 anos de idade:	46.750
População alfabetizada:	42.989
Taxa de alfabetização:	92%

Estabelecimentos de Ensino pré-escolar:	35
Estabelecimentos de ensino fundamental:	34
Estabelecimentos de ensino médio:	13
Hospitais:	01
Agências bancárias:	08

BREVE HISTÓRIA DA CIDADE:

São Sebastião é a cidade mais antiga do Litoral Norte Paulista. Antes da colonização portuguesa São Sebastião era habitada por índios das tribos Tupinambás e Tupiniquins, sendo a Serra de Boiçucanga uma divisa natural das terras das tribos. A ocupação portuguesa ocorre com o início da história do Brasil, após a divisão do território, em Capitânias Hereditárias. Primeiramente serviu como posto de reabastecimento de frotas marítimas e depois como entreposto de comércio de escravos africanos.

Posteriormente com o início do povoamento e seu desenvolvimento, o local passou a ter como fonte de receita a agricultura e a pesca. Posteriormente, teve especial importância no seu desenvolvimento o plantio da cana-de-açúcar, sendo que nesse tempo São Sebastião contava em seus domínios com dezenas de engenhos de beneficiamento da cana de açúcar, para a produção de aguardente e de açúcar. Foi este desenvolvimento que propiciou a emancipação política e administrativa de São Sebastião, que ocorreu por Lei assinada em 16 de março de 1636.

São Sebastião é um dos 15 municípios paulista considerados "Estância Balneária".

São Sebastião é a porta de entrada de Ilhabela, através do serviço de balsas, que liga a cidade continente a sua Ilha mais famosa e bela a "Ilhabela". Hoje a título de preservação ambiental é cobrada uma taxa de estacionamento para automóveis na ilha.

Maiores informações: <http://www.saosebastiao.sp.gov.br>

TELEFONES ÚTEIS:

<u>Prefeitura Municipal:</u>	0 xx 12 - 3897.8100
<u>Polícia Civil:</u>	3887.5224
<u>Polícia Militar:</u>	3882.2006
<u>Pronto Socorro:</u>	3882.2531

Ubatuba



Foto: Paulo Ramos

DADOS SOBRE A CIDADE:

Fundação:	1637
Aniversário da cidade:	28 de outubro
Área total da unidade territorial:	712,116 km ²
Latitude do distrito sede do município:	23° 26' 02"S
Longitude do distrito sede do município:	45° 04' 15"W
Altitude:	3 metros
Estimativa populacional (IBGE-2007):	75.008 habitantes
Participação FUNDEB-2007:	16.425.741,30
Fundo Part. Municípios (FPM-2007):	12.567.762,60
Densidade demográfica:	105,33 hab./km ²

POPULAÇÃO RESIDENTE::

Homens:	(2000)	33.722
Mulheres:	(2000)	32.726
População Urbana:	(2000)	64.278
População Rural:	(2000)	1.570

Turismo:

Turismo de veraneio, aventura e histórico

Atrações:

Praias, Cachoeiras e trilhas

DADOS COMPLEMENTARES (2007):

População residente acima de 10 anos de idade:	52.864
População alfabetizada:	48.652
Taxa de alfabetização:	92%

Estabelecimentos de Ensino pré-escolar:	28
Estabelecimentos de ensino fundamental:	51
Estabelecimentos de ensino médio:	12
Hospitais:	01
Agências bancárias:	07

BREVE HISTÓRIA DA CIDADE:

Ubatuba é uma Estância balneária do Estado de São Paulo. Ubatuba começa a aparecer nos anais da história no início da colonização do Brasil. Seu primeiro nome foi "Aldeia de Iperoig". A aldeia foi elevada à consideração de Vila em 28 de outubro de 1637, com o nome de "Vila Nova da Exaltação à Santa Cruz do Salvador de Ubatuba". Em 1855 foi elevada à categoria de Comarca já com o nome de Ubatuba e em 1944 foi agraciada pelo Governo do Estado de São Paulo com o título de "Estância Balneária".

De 1800 a 1890 Ubatuba teve o privilegio de ser uma cidade rica, por três vezes sua arrecadação superou toda a arrecadação da cidade de São Paulo, cujo motivo foi a reabertura de seu Porto. Os ricos exportadores voltaram a reativar seus negócios, sendo que datam dessa época os mais imponentes prédios, casas de comércio, escritórios de exportação e luxuosas residências, se sobressaindo o Teatro, onde hoje funciona o Fórum de Ubatuba.

Hoje Ubatuba resgata seu passado na cultura caiçara, nas ruas, nas festas de origem portuguesa e nos edifícios históricos, revelando sua importância na história da colonização do Brasil.

Com uma natureza deslumbrante e praias de areias brancas e águas claras, e suas ondas generosas, é sem dúvida merecedora do título de Ubatuba "A Capital do Surf".

Maiores informações: <http://www.bertiogo.sp.gov.br>

TELEFONES ÚTEIS:

<u>Prefeitura Municipal:</u>	0 xx 12 - 3834.1000
<u>Polícia Civil:</u>	3832.1333
<u>Polícia Militar:</u>	3832.6094
<u>Santa Casa (Pronto Socorro)</u>	3832.7531

Ubatuba, antes do início da era cristã, já era povoada por grupos que se dedicavam à pesca e à coleta de moluscos e para completar a sua dieta, a caça, frutos, sementes e raízes. Em bandos percorriam as praias, costões rochosos, manguezais e lagoas, em busca de peixes, crustáceos, tartarugas, botos, pequenos mamíferos, aves e produtos da mata. Uma equipe da USP estudou os sítios do Tenório e Ilha do Mar Virado, onde encontraram utensílios milenares, obtidos nas escavações.



São Sebastião

Indíos Guaranis

Índios Guaranis:

A reserva de índios do Rio Silveiras, de São Sebastião, tem seu principal núcleo localizado em Boracéia.

As terras da reserva, estendem-se também pelo município de Bertioga. São quarenta famílias divididas em três núcleos e a reserva já conta hoje até com uma escolinha, construída pela [Prefeitura de Bertioga](#) e, um sistema de distribuição de água e construção de fossas sépticas, para o tratamento de esgoto, cujas obras foram efetivadas pela [Prefeitura de São Sebastião](#).

Os índios guaranis, cuja tradição é nômade, ou seja gostam de se deslocar freqüentemente, de acordo com suas necessidades de busca de caça e de ambientes mais favoráveis, tem procurado meios de se fixar com atividades alternativas à coleta do palmito Jussara, em extinção, como a confecção e venda de artesanatos.

Este projeto de fixação se faz em conjunto com a FUNAI, a Secretaria de Estado da Agricultura e diversas ONGS como a entidade Sebastianense Guaricanga.

Algumas famílias já cultivam a própria terra, outros estão sendo iniciados na apicultura e no plantio da pupunha, um palmito ecológico e renovável.



No entanto, a atividade que mais tem dado certo é o cultivo de flores originárias da Mata Atlântica. Os índios cuidam de um viveiro formado principalmente por helicônias - exótica flor vermelha - de onde tiram mudas que posteriormente são

vendidas, e de onde também colhem flores que têm enfeitado hotéis e pousadas de toda a região.

A intenção é integrar os índios guaranis na vida do município de forma a manter sua dignidade e sua cultura, procurando romper com o ciclo de assistencialismo ao qual as comunidades indígenas vêm sendo submetidas ao longo dos tempos.



MANIFESTAÇÕES

FOLCLÓRICAS & CULTURAIS

- **Caiapó de Pontal da Cruz** - Seus integrantes usam roupas feitas de penas e portam arco e flechas.



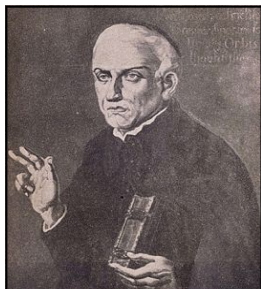
A Seguir:

Tupinambás, Tupiniquins e Tamoios

Guia do Litoral

História, Cultura e Natureza Viva

Litoral Norte Paulista



Tupinambás, Tupiniquins e Tamoios, os portugueses e os franceses

Para contarmos a história do Litoral Norte Paulista, sua cultura e suas belezas naturais, temos que inserir no contexto a história do Brasil, dado que foi por estes lados que tudo teve seu início. Uma história de quinhentos e poucos anos, mas, uma história rica em detalhes. A humanidade sofreu uma aceleração muito rápida na evolução do homem nestas últimas cinco décadas. No entanto, anteriormente a esta rápida evolução houveram séculos e muitos séculos em que a evolução do homem e dos acontecimentos era muito mais, muito mais lenta.

No século 16, por ocasião do descobrimento do Brasil, os exploradores se deram conta que o Brasil era um país de canibais. Absolutamente todos os índios do litoral comiam seus inimigos. Não por fome, ou falta de opções mas, por crença. Por acreditarem que os invasores eram pessoas fortes e destemidas e, assim, ao comerem sua carne seu corpo se fortalecia, lhes aumentava a força e diluía seus medos.

Entre as tribos do Litoral, podemos afirmar que no Litoral Norte Paulista a tribo dominante era a tribo dos tupinambás. Eram Tamoios, ou seja os mais antigos, antecessores, pais.

A nação Tupinambá abrangia o território compreendido entre o Cabo de São Tomé no Estado do Rio de Janeiro e o Rio Juqueriquerê no hoje território da cidade de Caraguatatuba, no Estado de São Paulo. Eram tribos nômades e se mudavam constantemente de um local para outro com bastante frequência; seja para confundir os invasores ou inimigos ou então pela escassez de caça nesse local, buscando assim alimento mais farto em outro local.

O território dos índios tupiniquins, amigos dos portugueses, abrangia o território compreendido entre a região da atual cidade de São Vicente (Morpião) até a cidade de Cananéia (Upau-Nema). De alguma forma existia um parentesco entre os índios tupiniquins e tupinambás, que como povo nômade, havia mudado de região e de nome, se mudando para o Litoral Sul do hoje Estado de São Paulo. Neste aspecto temos que levar em conta o atrás falado de que a história nesse tempo se desenvolvia mais lentamente e a evolução humana assim a acompanhava. Os dias de hoje eram séculos então quando se fala nesse parentesco temos que levar em consideração o tempo. Por este fato os tupiniquins se referiam aos Tupinambás como os Tamoios, ou seja: antecessores, os mais antigos, os mais velhos, os pais.

Mais ao sul, hoje Estado de Santa Catarina era o território das tribos Carijós, Tupinambás ou Tupiniquins, cujos índios mantinham um relacionamento amistoso, nos primeiros anos do século XV com os colonizadores, quando do descobrimento do Brasil.

A língua falada pelas tribos era praticamente a mesma, o TUPY, salvo raras exceções. Esta particularidade veio a facilitar e muito a comunicação entre índios e os catequizadores e descobridores. Os portugueses se aproveitando da inocência e da amabilidade dos índios ("são folhas de papel em branco nas quais podem ser escritas as mais básicas virtudes") separaram famílias inteiras, no processo de autóctone, para serviços nas suas lavouras de cana-de-açúcar da região da atual cidade de São Vicente, no Litoral Sul do Estado de São Paulo.

A insatisfação ficou evidente, quando da aliança dos Tupinambás com os invasores Franceses que tentavam instalar na atual cidade do Rio de Janeiro o domínio francês. Esta aliança foi facilitada pois os índios mantinham bom relacionamento com os franceses, colaborando com o tráfico de pau-brasil, colocando em risco o domínio português desde as terras de Cabo Frio até à atual Guanabara, no Estado do Rio de Janeiro. Este risco se estendia até mesmo à cidade de São Vicente, no Estado de São Paulo, dado o poderio de força e armamento dos Tupinambás; armados e agraciados pelos franceses com armas de fogo, para se defender e combater os portugueses.

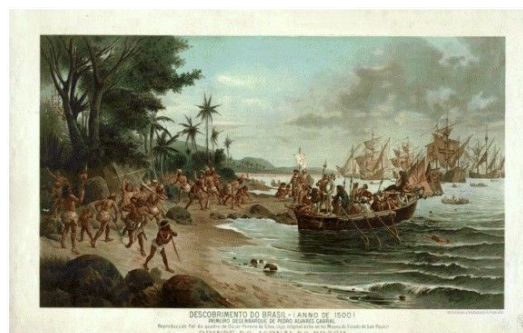
Em virtude da ameaça e dos riscos que se apresentavam grandes, os colonos portugueses se transferiram da região de São Vicente (Estado de São Paulo) para a região de Itanhaém, que se apresentava como um porto seguro.

CONTINUA

Com esta mudança, Itanhaém se desenvolveu e cresceu, vindo inclusive a ocupar tamanha importância política que se tornou Cabeça de Capitania abrangendo toda a atual Costa de Mata Atlântica do Litoral Sul ao Litoral Norte Brasileiro, o interior, o Planalto Paulista, o **Vale do Paraíba** e o Rio de Janeiro.

Com o crescimento dos conflitos e da ameaça que a aliança entre tupinambás e os franceses, aliança esta motivada pelos maus tratos e humilhações desferidos pelos descobridores e colonizadores, no início, aos povos indígenas, a Coroa Portuguesa decidiu enviar ao Brasil os pacificadores Manoel da Nóbrega (ver biografia) e José de Anchieta (ver biografia), afim de que de forma diplomática restabelecessem a paz com os índios Tupinambás e assim tentar anular a aliança destes com os franceses que a esta altura dos acontecimentos colocavam em perigo a soberania portuguesa na região.

O Padre José de Anchieta já conhecia a região de Itanhaém, pois já ali havia estado anteriormente no seu trabalho de catequização indígena, época em que construiu a igrejinha, na chamada “Pedra dos Jesuítas” em cuja empreitada ajudou o Padre Leonardo Nunes, conhecido entre os índios por “abarebebê” (ver biografia).



Manoel da Nóbrega e José de Anchieta, rumam pela costa brasileira na parte Norte da mesma, para Yperoig (Ubatuba). Nóbrega, retorna de Itanhaém, meses mais tarde, para São Vicente, junto com Cunhambebe, o grande guerreiro Tupinambá, e mais alguns índios, afim de negociar a paz. Neste período José de Anchieta fica como refém em Yperoig (Ubatuba), assegurando assim a segurança dos índios que juntamente com Nóbrega se prepuseram a esta empreitada. É nesta época que José de Anchieta escreve nas areias de Yperoig (Ubatuba) o seu famoso “Poema à Virgem Maria”. Diz a lenda também que José de Anchieta tinha a faculdade da “levitação”, a qual os índios assustados, tiveram a oportunidade de assistir, o considerando por isso um



feiteiro. O desfecho deste movimento pacificador é a realização do tratado da “Paz de Yperoig”, entre os portugueses e os índios da região. Com isso se deu a destruição do movimento Tupinambá e a expulsão dos franceses do empreendimento que se propunham implantar “França Antártica”, no Rio de Janeiro.

Colonização ou o fim de uma cultura?

Os índios, como criaturas inocentes, que jamais haviam visto um homem branco e sua malícias e grosserias, viviam num mundo mágico, onde tudo na natureza tinha uma aplicação e um sentido, segundo seus mitos e suas crenças. Aliás, da mesma forma como os gregos explicavam a natureza ao redor, ou seja através da mitologia.

Quando do chamado “Descobrimento do Brasil” em 1500, por Cabral, estas terras já eram conhecidas da Coroa Portuguesa; a vinda de Cabral não foi mais que uma ação com a finalidade de tomar posse do território. Havia nessa época no **Brasil** aproximadamente uma população de **5 (cinco) milhões de índios**. Portugal nessa época não contava com mais de 1 milhão de habitantes. Assim, caso tivessem os índios no Brasil dispondo de uma chefia, uma organização, de um comando não teria sido difícil para eles defenderem a sua terra, a Terra dos Coqueiros (Pindorama), o Brasil (Ibirapitanga).

A Colonização Portuguesa no Brasil dizimou grande parte das tribos indígenas mas a barbárie não chegou nem centésima parte da provocada pelos Espanhóis no resto do continente Americano, nas partes Sul e Central, da hoje América Latina; e pelos “puros peregrinos” na América do Norte.

A Colonização na América

Os franceses quase ficaram de fora da colonização do continente Americano, o qual inicialmente havia sido dividido pelo Papa entre portugueses e espanhóis. Navegadores Franceses da Bretanha, desde há muito tempo já haviam aportado às Costas do hoje Canadá, como por exemplo o explorador Jacques Cartier em suas expedições e caça à baleia. Contrariando a divisão feita pelo Papa, das Américas, entre portugueses e espanhóis, o Rei da França costuma pedir que lhe mostrassem o testamento de DEUS onde ELE havia feito a divisão. O inconformismo da Coroa Francesa com a divisão feita levou à tentativa da instalação de uma colônia em terras brasileiras, no atual Estado do Maranhão, a cuja região os franceses denominavam de “França Equinocial”, fundada, na oportunidade na Vila de São Luiz, em homenagem ao Rei da França que fora canonizado por Roma, devido às Cruzadas que levou a efeito contra os muçulmanos, na Europa. Expulsos de São Luiz, não se conformaram, conseguindo, por fim se estabelecer definitivamente no território hoje conhecido como Guiana Francesa, departamento ultramarino da França, que faz fronteira com o Estado do Amapá, no Brasil e que antes fazia parte integrante de seu território.

Neste ínterim, o empreendimento colonizador dos Ingleses nas treze colônias, hoje Estados Unidos da América do Norte, era muito tacaña mas, envolvia uma colonização muito diferente dos modelos dos implantados em outros domínios, inclusive, no Brasil. Tratava-se de uma atitude colonizadora de desenvolvimento não de exploração como ocorreu com as colonizações portuguesas e espanholas.

A colonização dos Estados Unidos da América do Norte não se deu por imposição de nenhum Rei ou País. Se deu por iniciativa de peregrinos protestantes (puros peregrinos) que buscaram refúgio das guerras e das perseguições de que eram alvo na Europa. Diferentes mentes, intenções e pessoas, daquelas que os portugueses e espanhóis enviaram para a América do Sul. Eram homens de negócios, médicos, advogados, que deram início nos Estados Unidos da América não a uma colonização exploradora mas sim a um desenvolvimento sustentável da própria terra. Quanto aos franceses, finalmente eles conseguem para si um território neste continente, em forma de Lua em seu Quarto Crescente, que vai desde a cidade de Quebec e Montreal, passando pelo centro do hoje Estados Unidos

até ao Sul na Nouvelle Orléans, fundado neste território diversas cidades tais como: Des Moines, Baton Rouge e tantas outras.

Sempre na vanguarda em matéria de costumes, os franceses defenderam os índios de uma pequena tribo no Quebec contra outra tribo aliada dos Ingleses. Esta guerra deu origem a um conflito que levou à perda do Quebec e Montreal que passaram para do domínio da Inglaterra, conservando, no entanto, a língua e características culturais francesas, que se mantêm até aos dias atuais. O restante do território da Nouvelle Orléans, foi vendido aos Norte Americanos, no início do século XIX.

Entretanto...

No Brasil, os índios entram dentro do processo histórico dos descobrimentos se anulam ao aceitarem a sua submissão e sua subserviência aos colonizadores e exploradores portugueses. O desmoronamento cultural indígena começa quando aceitam a troca de quinquilharias, pelo pau-brasil e quando ao lado dos exploradores ajudam no desmatamento e colheita dessa árvore. Assim se caracteriza na índole indígena uma mudança significativa de personalidade e convívio com seus costumes de produção. Os diferentes graus de influência e conflito interior, infringem nas comunidades indígenas tensões na sua personalidade e iniciam processos de transição. Os diferentes graus de influência ativa e passiva provocam reações e mudanças comportamentais tanto no grupo cativo como futuramente no grupo vencedor. Da parte dos povos indígenas uns fugiram para o interior, para o mato inacessível pelos exploradores, como foi o caso dos Tupinambás de Ubatuba, no Estado de São Paulo, outros foram aniquilados quando resistiram, como foi o caso dos Tupinambás da cidade do Rio de Janeiro. Outros ainda entraram na engrenagem da economia mundial do momento, sendo assimilado pelo branco, como o caso dos tupiniquins do Litoral Sul do hoje Estado de São Paulo.

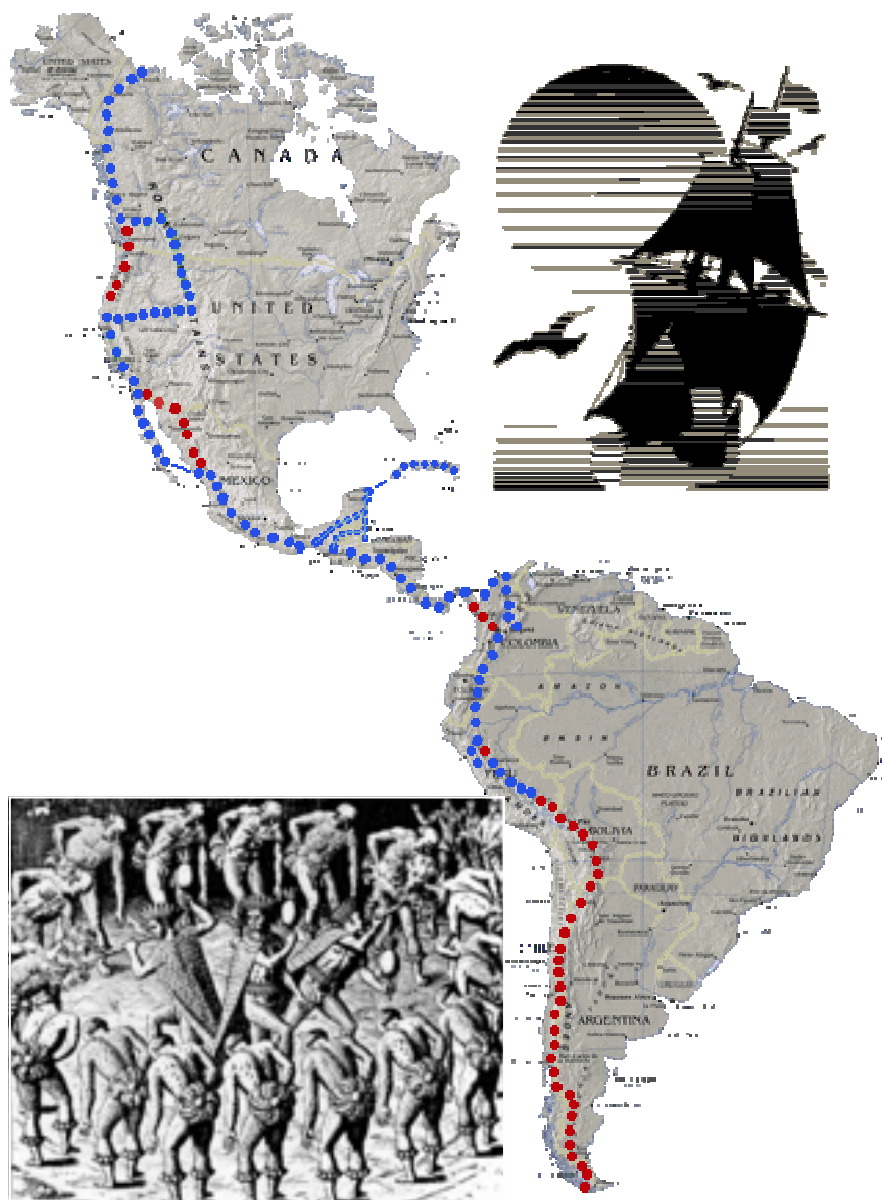
Seu destino estava traçado e somente como derrotado e como influente passivo, o povo indígena consegue se manter no processo histórico.

Do lado vencedor, ou seja dos colonizadores, a situação também não se apresentava menos tensa, embora se apresentasse como fator positivo a força da história.

Subordinavam-se os primeiros colonos a três tipos de colonização; os que sofriam a influência indígena, como por exemplo Diogo Paes; os que dominavam e maltratavam os povos indígenas, como por exemplo João Ramalho; e os que influíam e sofriam influência, como por exemplo Diogo Álvares (O Caramuru). As três influências coexistiram, serviram de modelo e representaram três formas diferentes de interação. Mas, o segundo, como atrás referimos João Ramalho se torna predominante desde o primeiro momento em que se torna necessário firmar o poder colonial português. Esse poder, estava ameaçado pela insubordinação de algumas tribos, submetidos a duras provações, especialmente pela aliança dos Tupinambás (Potiguares, Tamoios), com os franceses, os quais souberam conservar com esses índios uma amizade e uma pacífica cumplicidade que durou mais de um século, sem interrupções ou descaminhos. A vitória dos portugueses se deveu a ações simultâneas; Primeiramente às expedições de defesa; combatendo os franceses que comercializavam o pau-brasil. Depois à ação diplomática; negociando no continente Europeu com a França, a retirada dos franceses, que agiam com cautela e temor, pois não eram suficientemente fortes para enfrentar as hostilidades dos naturais da terra. "Tirar o medo aos cristãos e metê-lo ao gentil" assim resume o Padre Manoel da Nóbrega a política portuguesa no Brasil. Segundo ele, dever-se-ia observar que "se algum índio lhe prejudica em uma palha a sua fazenda, querem logo que o mesmo seja crucificado...". Nestas proposições se retrata a imposição do segundo modelo de colono, adaptado ao rigor de luta e às dificuldades da terra. Além dessas medidas foram imposta a escravidão, comprando e fomentando a compra de cativos de guerra entre os próprios índios, impondo guerras e a escravização dos prisioneiros.

Logo depois, o Rei viria a normatizar que só seria permitida a escravização indígena, em "guerra justa" e somente o Governador-Geral decidiria. No entanto, o contraditório é aparente já que a escravização indígena já era proibida desde o tempo do Rei Dom Sebastião. Até ao estabelecimento das donatárias, no ano de 1534, tanto os portugueses como os franceses foram traficantes de pau-brasil ou guarda-costas.

(Fonte: Delta Larousse - Editora Delta. Rio/Librairie Larousse - Paris)



A Cultura contemplativa e brasilidade

CONTINUAÇÃO

No Brasil o desenvolvimento social e os costumes que possuímos até aos dias atuais, devemos primeiramente às nações indígenas, aos puros gentis, na sua forma de vivência contemplativa da natureza. Ao contrário dos povos Europeus cuja cultura sempre se mostrou mais urbana e que da natureza somente buscam a exploração agrícola, no Brasil é absolutamente normal e prazeroso a contemplação do nascer do sol, nos campos floridos ou o por do sol em uma praia, ou num descampado. Se observar o mar e receber seu frescor pelas manhãs de nosso belo litoral, se observar e sentir o perfume da beleza de uma flor; de se apreciar a natureza ao se caminhar por uma trilha nas nossas matas ou simplesmente em um jardim bem cuidado de uma de nossas cidades. Esta cultura é um costume nitidamente bem indígena, que é a contemplação da natureza.

O Português falado no Brasil é um dialeto na realidade se comparado ao português falado em Portugal. Uma língua que sofreu influências fortes do TUPY. Uma língua cuja gramática e composição de frases difere em muito da usada em Portugal ou em outros países que a utilizam como língua oficial. Note-se que a adaptação lingüística da língua portuguesa nos diferentes países é singular e assimila em seu bojo as diferentes culturas. No Brasil por exemplo a cultura lingüística e expressiva é bem diferente, note-se por exemplo que não vimos aqui no Brasil ninguém cantar FADO, nem chamamos a moça de rapariga e aguaceiro nós chamamos de TORÓ, que é uma palavra TUPY. Estes exemplos servem para ilustrar o que na verdade quase não nos damos conta no nosso dia a dia e a influência que temos de nossa verdadeiras origens.

Não deveremos no entanto, esquecer que muita coisa foi herdada de nossos irmãos portugueses, contudo, mesmo tendo sido o Brasil, uma colônia de extrativismo e exploração, com todos os defeitos e erros deste modelo de desenvolvimento e de colonização, conseguiu-se desenvolver no país um sentimento nacionalista, com nossas pequenas coisas: o jeito brasileiro, o conformismo, a mãe preta do serrado, a mandioca, o maracujá ao invés da Maçã, o fruto da paixão, do abacaxi ao invés do ananás.

A lenta extinção da cultura indígena, do povo indígena, das nações indígenas, dos reais donos desta terra, não diminuíram os costumes refletidos até hoje em nossas mais simples atitudes.

No entanto, os índios no Brasil do tempo dos descobrimentos, tinham suas virtudes mas também tinham os seus defeitos e grandes, que lhes custaram muito caro; como voltar atrás no empenho da sua palavra dada em todo e qualquer acordo.

A importação de mão de obra escrava (navios negreiros) da África não diminuiu a importância da cultura indígena já que este também se assimilou aos negros, criando o cafuzo, dando-se assim origem a novas culturas, integrando-se religiões como a Afro-brasileira cujo panteão possui diversos caciques como por exemplo o cacique Cunhambebe. Somente no Brasil esta mistura se tornou possível e ocorreu. O homem branco se mesclou com o índio e os dois com o negro e esses ainda com o amarelo (oriental) que chegou por estas bandas no final do século XIX, com o movimento imigratório japonês. Uma outra forma indígena de aceitação é evidente no relacionamento racial no Brasil. Aqui as diferentes culturas se fundem, se unem se aceitam ao invés de praticarem a disputa e ódios, como acontece na maioria dos países do mundo onde se conflitam, se odeiam e se perseguem, quando se deparam com outras raças que não sejam a sua. Talvez o fator mais negativo e que a colonização trouxe para o Brasil, e que até aos dias de hoje prejudica seu desenvolvimento, tenha sido o fato do Brasil ter seguido o sistema "plantations" (muita terra na mão de poucos). Esse sistema apenas fez a cultura de classes, colocando as Elites como donas e o povo como serviçal passivo.

Até aos dias atuais as Elites agem da forma que melhor lhes convier, a seu bel prazer, como se estivessem acima da Lei. Fixemos-nos no passado colonialista, repensando o mais recente; No tempo dos Engenhos, obedecia e deixava o resto "tudo para lá". Mas dessa história deveríamos ter lições e, que sempre é tempo de reparação e correção de rumos. Por isso mesmo a importância da história, com sua ênfase reparadora e educacional, no sentido de que alguém sabendo, quem de fato é e de onde veio, este alguém possa conseguir, através do conhecimento de seu passado, se encontrar, se conhecer e assim ter condições de corrigir rumos e de reconhecer seus direitos e por consequência seus deveres como cidadão e como indivíduo.

TUPY a língua Franca do Brasil

O TUPY (Tupinambá antigo) foi o primeiro idioma encontrado pelos portugueses no Brasil dos anos de 1500, língua esta que ainda se faz bem presente em nosso vocabulário. Por sua importância de raiz e pela sua brasilidade muitos defendem a tese da necessidade desta ser incluída como matéria das salas escolares, em pleno século XXI. A princípio a intenção parece esdrúxula, no entanto existem precedentes. No ano de 1994, o Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro aprovou uma recomendação para que o TUPY fosse ensinado no segundo grau. A decisão nunca chegou a ser posta em prática não por força de sua importância mas sim pela absoluta falta de professores habilitados a ensiná-lo. Hoje, somente uma universidade no Brasil "USP" Universidade Paulista, ensina a língua TUPY, considerada morta mas, felizmente ainda não enterrada.

CONTINUA



Em sua forma original, o TUPY, que até meados do século XVII foi o idioma mais usado em todo o território brasileiro, não existe mais. Foi substituído por uma variante mais moderna do idioma, o "Nheengatu" (fala boa em Tupy) que continua a ser o dialeto de mais de 30.000 índios e caboclos no Estado do Amazonas, no Brasil.

Sem se levar em conta a influência do Tupy no português falado no Brasil, o tupy na realidade deveria ser mais valorizado e preservado. Todo o dia sem nos apercebermos do fato, utilizamos algumas das 10.000 palavras que o TUPY nos deixou como legado.

Podemos entre outros exemplos citar: Do tupy antigo que era o tupinambá falado na costa brasileira, nos chegou "Iteron" que ficou "Niterói" (talvez modificado pelo Nheengatu); Ita-haé ou aé que ficou Itanhaém; Uwatibil que originou Ubatuba, etc.. Do nome de animais, salientamos jacaré e jaguar. De termos cotidianos podemos indicar cutu-

cão, coroca, pitanga, mingau e pipoca. É o que sobrou da língua do Brasil, do Tupy falado do Ceará a São Paulo, mudando somente os dialetos. Quando afirmamos ser o Brasil um país Tupiniquim, não se irrite, essa na realidade é a nossa origem, essas são as nossas raízes. Nos primeiros dois séculos depois da chegada de Pedro Álvares Cabral, o que se falava por estas paragens era somente o TUPY. O idioma dos colonizadores, o português, somente se conseguiu impor no litoral, no século XVII e, no interior no século XVIII. Em São Paulo, até ao começo do século XX, era possível escutar alguns caipiras contando "causos" em língua indígena. No Pará, os caboclos conversavam em Nheengatu até perto dos anos de 1940. Mesmo assim o TUPY foi quase esquecido pela história do Brasil, ninguém sabe até hoje quantos o falavam no período colonial. Era o idioma do povo, enquanto o português era praticado pelas elites, pelos governantes e nos negócios com a metrópole. Aqui fica evidente também a forma de colonização, evidenciando os interesses econômicos e delegando a segundo plano a cultura local.

Felizmente, graças ao interesse de uns poucos brasileiros, estamos conhecendo o real valor e sua extensão cultural, nas palavras de Ayrton Dall'ingna Rodrigues, da Universidade de Brasília, o maior pesquisador de línguas indígenas do Brasil. Os principais documentos como dicionários e gramáticas do Jesuítas, só passaram a ser estudados e recuperados a partir do ano de 1930. A própria origem da língua TUPY ainda é um mistério. Para que tenhamos uma idéia de sua importância, calcula-se que ela tenha se originado à cerca de 2.500 anos, na Amazônia e se instalado no litoral no ano 200 d.C mas, isto ainda é uma das hipóteses, avisa o arqueólogo Eduardo Neves da USP.



Nem "F" nem "L" nem "R"

Três letras que no futuro se tornariam fatais. Quando Pedro Álvares Cabral desembarcou na Bahia, a língua Tupy era falada numa extensão de cerca de 4.000 quilômetros da costa brasileira, do norte do Ceará a Iguape no sul da costa de São Paulo. Só eram visíveis as diversas modificações dialéticas que variavam de tribo para tribo de região para região. A língua que predominava era o dialeto Tupinambá, o maior dos cinco grandes grupos Tupis (Tupinambá, Tupiniquins, Caetés, Potiguaras e Tamoios), daí a ter sido considerado como sinônimo do Tupy. As brechas nesse imenso território idiomático eram os chamados **Tapuias** (escravos em Tupy), pertencentes a outros troncos



troncos lingüísticos,

que guerreavam o tempo todo com os Tupis. Ambos costumavam aprisionar os inimigos com a finalidade de devorá-los em rituais antropofágicos.

A guerra era uma atividade social constante de todas as tribos indígenas com os vizinhos e até mesmo com os da mesma unidade lingüística.

Um dos viajantes e historiadores que escrevia sobre o Brasil, Pêro Magalhães Gândavo, relata delirantemente, a belicosidade dos tupinambás à língua "... não se acha nela **F**, nem **L**, nem **R**, coisa digna de espanto, pois assim não têm **Fé**, nem **Lei**, nem **Rei** e desta maneira vivem sem justiça e desordenadamente", escreveu. Para os portugueses, portanto, era preciso converter os selvagens à fé católica, o que só veio a ocorrer em 1553, com a chegada dos Jesuítas Padre Manoel da Nóbrega e José de Anchieta (Joseph de Anxieta). Esses missionários se esmeraram no estudo da língua



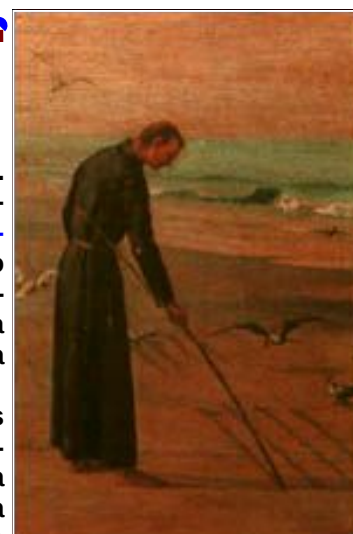
tupy e a eles se deve quase tudo o que nos é conhecido sobre este idioma. Também não havia outro jeito. Quando Portugal começou a produzir açúcar em grande escala em São Vicente, Litoral de São Paulo, no ano de 1532, a língua brasileira, como era chamada, já tinha sido adotada por portugueses que haviam se casado com índias e por seus filhos. Segundo Ayrton Rodrigues "No século XVII, os mestiços de São Paulo só aprendiam o português na escola, com os jesuítas...".

Enquanto isso, os índios faladores do Tupy, pelo resto do país, estavam sendo dizimados pelas doenças e pelas guerras. No começo do século XVII a língua tupi já tinha sido varrida do Rio de Janeiro, com o extermínio dos tupinambás, bem como de Olinda e Salvador. Hoje os únicos remanescentes Tupis são 1.500 tupiniquins, do Estado do Espírito Santo e 4.000 Potiguares do Estado da Paraíba, no entanto, nenhum fala a língua tupy somente falam o português.

JOSEPH DE ANXIETA (Padre José de Anchieta)

Joseph de Anxieta, mais tarde **Padre José de Anchieta** (1534 - 1595) sempre foi poliglota. Nascido nas Ilhas Canárias, filho de pai basco, tendo aprendido ao mesmo tempo o Castelhana e o complicado idioma paterno. Adolescente, mudou-se para Portugal (**ver Companhia de Jesus**) onde estudou o português, o latim e o grego (**ver biografia**). Assim, não é de se estranhar a facilidade com que José de Anchieta aprendeu tão fácil e rapidamente o Tupi. Seus companheiros costumavam dizer que ele tinha esta facilidade porque a língua era igualzinha ao basco que havia assimilado quando pequeno. Lógico que esta afirmativa além de não ser real, é uma bobagem sem qualquer fundamento lingüístico.

Tão logo chegou no Brasil e pisou nesta terra abençoada por Deus, no ano de 1553, aos 19 anos de idade, começou imediatamente a desenvolver o que se pode dizer ser a primeira gramática da língua tupi. Em 1560, sua Arte "Gramática da Língua Mais Usada na Costa do Brasil" já era um livro disputadíssimo entre os jesuítas. O livro, que só viria a ser impresso no ano de 1595, virou leitura de cabeceira dos jovens padres encarregados da catequização. Com ele, nasceu o Tupi escrito, que José de Anchieta usou para compor mais de oitenta poemas sacros e peças de teatro, inaugurando dessa forma a "**Literatura Brasileira**".



Cunhambebe o chefe

Nada mais justo que afirmar que Cunhambebe foi muito mais que um guerreiro, Cunhambebe tinha em sua índole a genialidade de um Chefe aliada à força de um guerreiro. Ele não olhava para si olhava isso sim e fixamente para a sua nação e para seu povo.

Cunhambebe (século XVI) foi um chefe indígena Tupinambá que dominou todos os caciques Tamoios da região compreendida entre Cabo Frio no Atual Estado do Rio de Janeiro e Bertioga, no Litoral Norte do Estado de São Paulo.

Foi aliado dos franceses que se estabeleceram na baía de Guanabara no ano de 1555, André Thévet (**ver biografia**) e do mercenário alemão Hans Staden (**ver biografia**), que dele foi prisioneiro entre os anos de 1554 e 1557.

Faleceu de "peste" (provavelmente varíola) após a chegada de Nicolas Durand de Villegagnon à Guanabara.

Segundo Capistrano de Abreu, houve não apenas um, mas dois Cunhambebes. O Pai era o famoso guerreiro que certa vez Hans Staden encontrou em pessoa na Serra de Ocarau (atual conjunto de morros do Cairuçu, ao sul de Paraty, região de trindade).

Alguns anos após a morte do primeiro (pai) Cunhambebe, o padre José de Anchieta teria se cruzado com o Cunhambebe Filho, em Yperoig, Rio das Perobas, atual cidade de Ubatuba, no Litoral Norte do Estado de São Paulo, para dar início às negociações de paz que deram origem ao "Armistício de Yperoig".

Este documento foi o primeiro tratado de paz no continente americano, colocando fim à chamada "Confederação dos Tamoios", que ameaçava São Vicente e a unidade do território português no Brasil. Haja visto a amizade dos Tupinambás (chefiados por Cunhambebe) com os franceses. Talvez que sem a interferência de Anchieta neste evento, esse tratado nunca tivesse se tornado possível e a história do Brasil poderia ter tomado outros rumos.

Desarmados os indígenas, os portugueses atacaram os franceses na Baía da Guanabara, dizimando o grosso da nação Tupinambá que ali existia, o que se constituiu em uma carnificina. Este mesmo feito fúnebre se repetiu em Cabo Frio, tendo sobrevivido somente a tribo Tupinambá de Ubatuba, que fugindo para o sertão ou misturando-se aos colonos em Ubatuba, deram origem aos atuais caiçaras, na região do Litoral Norte Paulista.

No início do século XVII, não havia mais nenhum Tupinambá na região do Rio de Janeiro, além dos convertidos ao catolicismo e os utilizados como serviços pelos portugueses. Cunhambebe Filho sentindo-se traído pelos "abares" (padres) e pelos portugueses, amaldiçoou as terras de Yperoig, no lendário acontecimento conhecido como "A Maldição de Cunhambebe". Aqui mais uma vez a ingenuidade do índio foi usurpada e se assistiu ao holocausto de todo um povo, de toda uma cultura.



"A Nação Tupinambá"

Tupinambás significa na língua tupi, significa "o mais antigo" ou "o primeiro" e se refere a uma grande Nação Indígenas, da qual faziam parte diversas tribos, entre elas as Tamoios, Tamiminó, Tupiniquins, Potiguaras, Tabajara, os Caeté, os Amoipira, os Tupinã (Tupinaê), os Aricobê e os próprios Tupinambá, como povo propriamente dito.

Os Tupinambás como Nação dominavam quase todo o litoral brasileiro e possuíam uma língua comum, o Tupi, que teve sua gramática organizada pelo Padre José de Anchieta e que passou a ser conhecido como Tupi antigo., sendo a língua raiz da "Língua Geral Paulista e do Nheengatu".

No entanto, ainda hoje quando se fala em Tupinambás ainda nos referimos às tribos que fizeram parte da "Confederação dos Tamoios", cujo objetivo principal era lutar e se defender dos portugueses, também conhecidos, como perós, no Tupi.

Apesar de terem raízes comuns, as diversas tribos que compunham a Nação Tupinambá, lutavam entre si, constantemente, movidas por um intenso desejo de vingança que resultava sempre em guerras sangrentas em que os prisioneiros eram capturados para serem devorados em rituais antropofágicos.

Em todas as Tribos Tupinambás era comum a observância aos heróis civilizados, como chama *Alfred Métraux* em seu livro “A Religião dos Tupinambás”, que para eles eram divindades que haviam criado ou dado início à civilização indígena (Meire Humane e Pae Zemé-Mito ameríndio comum em toda a América meridional). Também era comum a intercessão junto aos espíritos de pajés, o uso das maracás, chocalhos místicos cujo uso era obrigatório em todas as cerimônias.

Atualmente existem dois núcleos de índios Tupinambá; no Litoral da Bahia, Olivença, município de Ilhéus, com 20 aldeias e 3.864 indígenas e a aldeia de Patiburi, município de Belmonte, com 199 pessoas.

Se considerarmos que no Brasil existiam cerca de 5 milhões de índios antes da colonização, os números hoje são bastante reduzidos e o que se observa é que por falta de assistência médica e pela cada vez maior proximidade com a civilização, a identidade indígena será extinta num curto espaço de tempo.

Os Tupinambás da Região Sudeste do Brasil, onde se inclui o Litoral Norte Paulista tinham um vasto território, que se estendia desde o Rio Juqueriquerê, em São Sebastião, no Estado de São Paulo até ao Cabo de São Tomé, no Estado do Rio de Janeiro. O grosso da nação Tupinambá localizava-se na Baía da Guanabara e em Cabo Frio, ou Cecay, o nome da mistura de sal e pimenta que os índios, embora não consumindo sal, vendiam aos franceses, com os quais se aliaram quando da tentativa destes de implantarem a “França Antártica”, na Baía da Guanabara.

As tentativas de escravização dos índios para servirem nos engenhos de cana-de-açúcar dos Vicentinos (Exploradores da região de São Vicente, no Litoral Sul de São Paulo), levaram à união das tribos numa confederação, a conhecida “Confederação dos Tamoios”, englobando todas as tribos Tupinambás, desde São Paulo, Vale do Paraíba até ao Cabo de São Tomé, com invejável poder de guerra.

É neste íterim que os Padres Manoel da Nóbrega e José de Anchieta teriam sido levados por José Adorno de barco até Iperoig (atual Ubatuba), para tentar diplomaticamente promover a paz. Segundo a tradição, Nóbrega teria voltado até São Vicente com Cunhambebe e o Padre José de Anchieta ficado cativo dos Tupinambás em Ubatuba. Neste período, ele teria escrito o célebre “Poema a Virgem Maria”. Fatos lendários e fantásticos teriam ocorrido nesta época de cativeiro, como o milagre de Anchieta: “Levitar entre os índios”, que horrorizados, queriam que ele dali se retirasse pois pensavam tratar-se Anchieta de um feiticeiro.

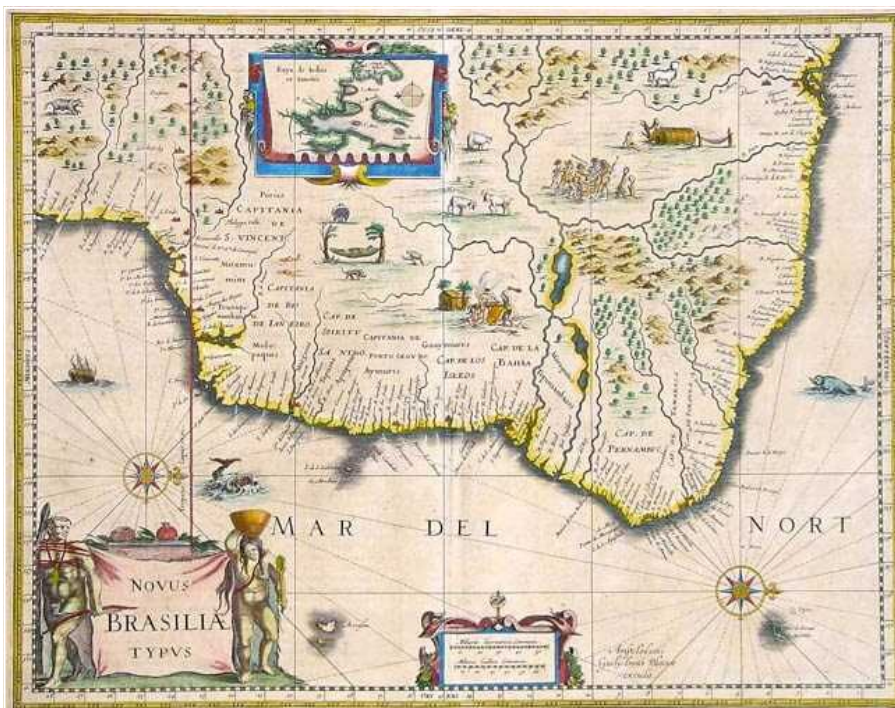
Os Padres, com muita diplomacia conseguiram dismantelar a “Confederação dos Tamoios”, promovendo o célebre tratado “Paz de Iperoig”, o primeiro tratado de paz das Américas. Segundo alguns testemunhos, diz-se que o Padre José de Anchieta, profundo conhecedor da alma Tupinambá, advertiu os índios de que se voltassem atrás na palavra empenhada, seriam todos destruídos, o que de fato veio a ocorrer.

Este foi um dos grandes erros cometidos pelos povos indígenas, pois já era prática a assinatura de acordos e o comprometimento da palavra pelos índios, que mais tarde traíam.

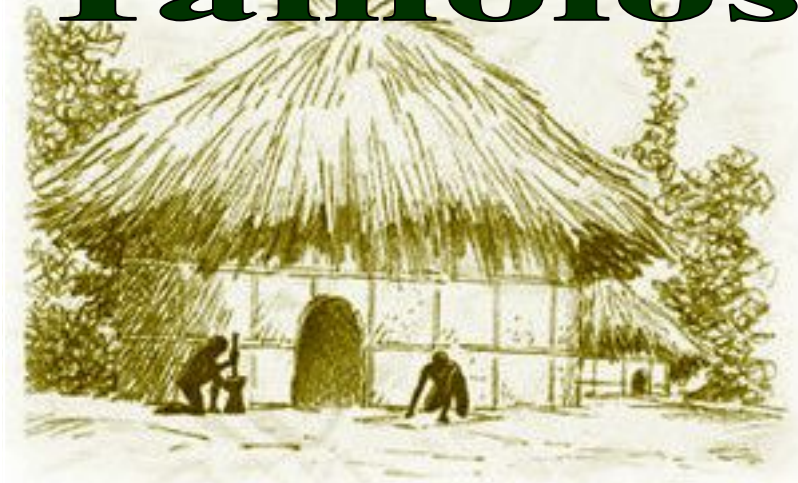
Quando os portugueses atacaram os franceses na baía da Guanabara no estado do Rio de Janeiro, s franceses pediram ajuda aos índios, que prontamente acudiram a seus aliados, contradizendo o compromisso do tratado “Paz de Iperoig”, por eles assinado. Isto, após a derrota dos franceses, levou a graves batalhas entre portugueses e índios Tupinambás que moravam em aldeias em torno da Baía de Guanabara, na segunda metade do século XVI. Os que conseguiram escapar e se salvar foram os que se embrenharam na mata com alguns franceses e outros índios tupinambás de Ubatuba, gerando a atual população caiçara do Litoral Norte Paulista e Fluminense.

Contudo o Golpe Fatal dos Tupinambás, foi o ataque ao último reduto francês em Cabo Frio, com a destruição de todas as aldeias. Segundo relatos: “Tudo destruído ao fogo e passado ao fio da navalha”. Os sobreviventes ou se embrenharam nas matas e migraram para outras regiões ou alguns poucos ainda, no final do século XVI, poderiam ser vistos próximo da recém fundada cidade do Rio de Janeiro, local onde veio a falecer e foi enterrado no ano de 1570 o Padre Manoel da Nóbrega.

Por causa destes movimentos e destes duelos é que o Padre José de Anchieta tem sido motivo de controvérsias quanto à sua atuação na pacificação indígena, até aos dias de hoje. Muito embora, em outras oportunidades, tenha declarado que se dava melhor com os indígenas do que com os Portugueses. Afinal, os padres jesuítas tinha como única intenção e boa-fé de angariar novas almas para a Igreja, no movimento conhecido como Contra-Reforma, haja visto a Reforma que havia se instalado e espalhado na Europa.



Tamoios



Os Tamoios foram um povo indígena extinto do tronco lingüístico tupi, que habitava a costa dos atuais Estados de São Paulo (Litoral Norte Paulista) e do Rio de Janeiro (Vale do Paraíba Fluminense e região hoje chamada dos lagos). O termo TAMOIO vem do tupi Tamuia que significa, os velhos, os idosos, os mais antigos, os anciãos, os pais. Conforme era comumente usada, referia-se à aliança formada em 1560, por ter experientes caciques tupinambás e mais algumas aldeias de outras etnias, entre elas os Goytacazes, guaianazes e aimorés, com o claro objetivo de se defenderem dos invasores e combater os portugueses (por eles chamados de péros) e às tribos que os apoiassem, no sudeste brasileiro, do século XVI.



Esta “Confederação dos Tamoios” foi motivada pelos ataques escravagistas dos portugueses e mestiços Vicentinos após aliança com João Ramalho ([ver biografia](#)) e do cacique Tibiriçá. Além destes ataques escravagistas as nações indígenas também se ressentiam de maus tratos impetrados pelos invasores.

O Líder da Nação Tupinambá era o famoso e destemido Cunhambebe, que se destaca na comunidade como a sua maior autoridade. Enquanto ele viveu, a coalizão antilusã foi bem sucedida e, inclusive, recebeu, pelo menos apoio logístico e armamento dos franceses, bem como alguns contingentes de tropas.

a cidade de Angra dos Reis, havia uma peça de artilharia no meio da taba e escritos dos Jesuítas dão conta de que o cacique atirava com um canhoneiro, por sobre o ombro. Operacional ou mero enfeite, ele seria uma evidência do poderio militar dos Tamoios.

Os relatos do mercenário Hans Staden ([ver biografia](#)) em seu escrito “A verdadeira história dos selvagens, nus e ferozes devoradores de homens, encontrados no Novo Mundo...” também confirmam esse mesmo poderio dos Tamoios, capazes de sitiá-los Bertioja (Cidade do Litoral Norte Paulista) várias vezes e, a escola Jesuíta São paulo de Piratininga (embrião da atual Capital do Estado de São Paulo).

Cunhambebe morreu de varíola e a direção da coalizão passou a ser exercida por outro cacique-fundador da coalizão, AIMBERÊ, que comandava os guerreiros na baía da Guanabara, vencidos quando os portugueses convenceram o cacique Tamiminó, Araribóia, da Ilha dos Gatos (atual Ilha do Governador, no Rio de Janeiro), antes expulsos para as bandas do Espírito Santo, por Aimberê, ao se juntar aos portugueses, em troca das terras onde hoje se acha a cidade de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro.

A coalizão foi enfraquecida pela saída dos guaianazes, que fizeram um acordo em separado com os Jesuítas. Em 1567, os perós (portugueses) e os temiminós destruíram a “França Antártica”, apesar da ajuda da coalizão dos tamoios aos franceses (por eles chamados de maíres). Os remanescentes franceses e tamoios fugiram para Cabo Frio. Os franceses retornaram à Europa, mas os tupinambás prosseguiram seus ataques à cidade de São Sebastião, no Litoral Norte Paulista.

Finalmente em 1575 (segundo Menandro H, Barcelos I e Duarte R. 2006) uma força expedicionária de quatrocentos portugueses e setecentos nativos catequizados de várias etnias cercaram o forte de Cabo Frio por terra e por mar.



Os tupinambás tamoios se renderam e entregaram suas armas, mas os sitiados quando adentraram ao forte, massacraram todos os tamoios desarmados. Fim da coalizão. os Goytacazes prosseguiram a luta sozinhos em torno do atual Campos dos Goytacazes, ao norte do Estado do Rio de Janeiro, por vários anos.

Portanto “Tamoio” não se trata de um etnônimo e os portugueses não chegaram aqui e dominaram sem resistência. por décadas, na única resistência organizada contra a invasão ibérica, que se tem notícia, os Tamoios, com apenas 160 canoas (algumas com 13 metros e trinta tripulantes), segundo relatos dos Jesuítas, impuseram memoráveis vitórias contra os portugueses.



Fim



Bertioga

Preservando a Cultura Indígena



Bertioga é uma das cidades que fazem questão de preservar e de divulgar a cultura e os povos indígenas, bem como apresentar formas de interação do branco com as comunidades indígenas, promovendo eventos onde as culturas possam ser mostradas para um melhor conhecimento de nossas raízes.

Assim, através da possibilidade dada por esse município conhecemos algumas comunidades indígenas quer passamos a descrever para divulgação da cultura desses povos quase instintos, pelo homem dito civilizado.

Bertioga promove anualmente a “Festa Nacional do Índio”. Considerado o maior evento indígena do mundo, reúne em média 700 índios de diversas etnias anualmente que fazem suas interação entre si e o mundo, reivindicações e expõem seus artesanatos.

No ano de 2008 o tema abordado foi a questão da preservação da água para a sobrevivência do planeta, uma vez que o Brasil detém em seu território 10% de toda a água potável existente no mundo.

No entanto, o desmatamento das cabeceiras dos rios, que dobrou e em alguns casos triplicou nos últimos anos, levando muitas nascentes a secarem, tem prejudicado diretamente a vida dos povos indígenas e de mais de 250 mil habitantes da região, além de afetar todo o ecossistema.

Por esse motivo, a água foi o tema escolhido, com a proposta de contribuir para o aprimoramento de procedimentos de preservação desse precioso líquido, vital para existência humana; além de relacionar sua importância para as sociedades indígenas como forma de sobrevivência e rituais simbólicos.

Afinal, quem mais conhece de natureza que o índio?

POVO GUARANI:



Um dos mais populosos do Brasil, o povo Guaraní também foi um dos primeiros a ter contato com os portugueses resistindo a qualquer imposição a sua cultura. São cerca de 27 mil indígenas que vivem em aldeias distribuídas pelos Estados do Mato Grosso, São Paulo, Espírito Santo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e também são encontrados no Paraguai e na Argentina.

São agricultores de subsistência e também vivem da venda de seu artesanato. A comunidade guarani guarda muito de seus costumes tradicionais como a língua (da família lingüística tupi-guarani), danças e principalmente as manifestações religiosas. Apesar do constante contato com os não-índios, eles mantêm suas características físicas praticamente intactas onde em muitas aldeias não se admite a miscigenação.

Existem escolas em muitas aldeias onde o ensino é bilíngüe. Na festa nacional do índio, o povo Guaraní é representado pela comunidade da Reserva Indígena do Rio Silveira, localizada em Boracéia, divisa entre Bertioga e São Sebastião, no Litoral Norte Paulista, no Estado de São Paulo, Brasil. Nela vivem mais de 300 índios distribuídos em 5 aldeamentos.

POVO CINTA-LARGA:



Esta etnia vive no noroeste do estado do Mato Grosso e Rondônia nas terras indígenas Roosevelt e Serra Morena, Parque Aripuanã e Juína, todas demarcadas. Falam a língua pertencente ao tronco Tupi, da família lingüística Mondé. O nome “Cinta Larga” se dá ao fato de usarem uma faixa da entrecasca de taquari na altura da cintura. Praticantes da caça, costuma executar um ritual bastante complexo antes de ingerir o alimento capturado. Não utilizam a agricultura com intensidade, apesar de em algumas épocas comerem macaxeira, diversos tipos de milho, cará e outros tubérculos diariamente. A retirada da colheita fica por conta das mulheres. São exímios atiradores de flechas e canoeiros. Os primeiros contatos dos não-índios ocorreram nos anos 50 e foram marcados pela violência, com o avanço da frente extrativista que penetrou em seu território em busca de riquezas e seringais.

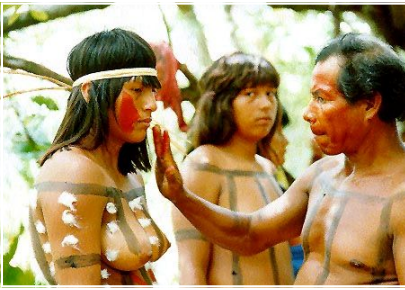
A principal frente de contato foi com a Comissão de linhas Telegráficas sob o comando de Marechal Rondon. Os Cinta Larga se autodenominam “**Panderej**”, que significa “nós somos gente ou pessoas humanas”.

POVO JURUNA:



Conhecidos também por **Yudjá**, são antigos habitantes das ilhas e penínsulas do Baixo e Médio Xingu, um dos rios mais importantes da Amazônia meridional, que está atualmente ameaçado por projetos de implantação de complexos hidroelétricos. O Povo Juruna é formado por exímios canoeiros. Em sua mitologia, eles são retratados como a humanidade prototípica, isto é, canoieira e produtora de cauim. Entre as muitas bebidas fermentadas produzidas, destacam-se por sua importância na dieta e no simbolismo dois cauims de mandioca: o Dúbia e o Yakupa, este último refrescante e consumido diariamente no seio da família. Eles baseiam sua subsistência no cultivo de roças, sendo a mandioca o principal produto, e na pesca com arco e com anzol. Também apreciam a carne de caça. A produção de artesanato é a principal fonte de renda com evidência para a cerâmica enriquecida pela arte gráfica de padrões excelentes. Atualmente celebram dois festivais cada um com a duração de um mês; o “Os alapa” vivenciado pelas mulheres e aos “**ãwã**” produtores de cauim.

CONTINUA

POVO KRAHÔ:

com os brancos os Krahô têm vivido reviravoltas e inversões de situação com os fazendeiros da região; ora aliados, ora massacrados.

POVO KAYAPÔ:

lia Jê e suas aldeias têm casas dispostas em formato circular com uma grande praça no centro onde acontecem seus rituais. Se autodenominam Mebêngôkre, que significa “gente do buraco do rio”. Na linguagem Tupi, “Kai-Pó” quer dizer “Carrega o Fogo”.

POVO PARESI HALITI:

O povo Paresi vive na região do Médio - Norte do Mato Grosso, Chapada dos Pareis. Trata-se de um território de matas, campos, cerrados, montanhas e planaltos em uma área de estratégica localização geográfica assentada nos divisores das Bacias do Rio da Prata e do Amazonas. De acordo com o mito da criação, os Paresi saíram de dentro de uma pedra no Campo Novo dos Paresi liberados pela entidade mística Wazare e espalharam-se pela chapada dividindo-se em três subgrupos: Kaxiniti (parte oriental), Waimaté (central) e Kozarini (oriental). Entre os Paresi, o futebol de cabeça é praticado durante grandes cerimônias. A bola utilizada nos jogos é fabricada com a seiva da mangabeira. Falam a língua do tronco lingüístico Aruak e se autodenominam de Haliti, que significa “gente”, “seres humanos”.

POVO PATAXÔ:

O Povo Pataxô vive na região interna à faixa litorânea dos Estados de Minas Gerais, Bahia e Espírito Santo. Essa etnia sofreu com o contato imposto pelos portugueses sendo perseguida e proibida de falar a própria língua e de praticar seus rituais religiosos e culturais. Algumas pessoas ainda falam a língua do tronco Macro-Jê (*). Apesar do contato permanente com os não-índios, os Pataxô lutam pela recuperação de suas terras e resgate de sua identidade. Praticam danças tradicionais como a conhecida por Toré. Confeccionam arcos, flechas, lanças, cocares, pulseiras, colares e os pescadores constroem canoas escavadas no próprio tronco das árvores. Atualmente a população Pataxô está distribuída em 23 aldeias dentro de suas Terras Indígenas.

POVO ERIKABATSA:

o Povo Erikabatsa, também conhecidos como “Orelhas de Pau” ou “Canoeiros”, dada sua habilidade como nadadores e remadores, o povo Erikabatsa fala a língua do tronco Macro-Jê (*) e vive nas Terras Indígenas Escondido, Japuira, Erikabatsa, ao Norte do Estado de Mato Grosso. No final dos anos de 1940, resistiram bravamente à frente extrativista da borracha como guerreiros ferozes, mas tiveram praticamente 75% de sua população dizimada em função das epidemias de gripe e sarampo.

Hoje são mais de 1.200 indivíduos, que lutam por manter suas tradições, costumes sociais e ritos culturais e características que se destacam pelo adorno em suas orelhas e a beleza de suas plumagens.

*** TRONCO LINGÜÍSTICO “Jê e macro-Jê”: Explicação no final deste capítulo (Pág.31)**

POVO SUYÁ:

Os Suyá constituem o único grupo da língua Jê que habita no Parque Indígena do Xingu, no Mato Grosso. Desde sua chegada à região, provavelmente na metade do século XIX, seu contato com outros povos do parque, principalmente da chamada área cultural do Alto do Xingu, ocasionou a incorporação de muitos costumes e tecnologias alheias. Porém nunca abriram mão de sua singularidade cultural reconhecida pelo estilo de seu canto, ritual que é a expressão máxima da sociedade Suyá. Há algumas décadas outra marca eram os grandes discos labiais e articulares que apontavam a importância de cantar e ouvir para seu povo. Eles afirmavam que a orelha furada era para ouvir, compreender e saber bem. Diziam que o disco labial estava associado à agressividade e belicosidade, correlacionados com a auto-afirmação masculina, oratória e a canção. Eles não usam mais esses discos, com exceção de alguns Suyá mais idosos.

A maioria das cerimônias desse povo enfatiza as relações entre o homem e suas irmãs reais ou classificatórias e suas mães. Cantar e se comunicar pela fala são o máximo da expressão oral entre essa comunidade. A maior parte do tempo das mulheres é consumida no preparo do alimento da roça, especialmente mandioca e da caça e pesca fornecidos pelo marido. A exceção é a fabricação de “caxiri”, uma bebida fermentada de mandioca e milho de procedência dos Yudjá (Juruna) e adotada pelos Suyá.

POVO XAVANTE:

A População Xavante é oriunda da Serra do Roncador, no Mato Grosso e vive em seis reservas demarcadas no Leste do Estado de Mato Grosso e na Zona Norte Oriental do Planalto do Brasil Central. A área é dotada de espessa rede hidrográfica formada pelas bacias dos rios afluentes do Kuluene - Xingu e do Rio das Mortes - Araguaia. Uma região de floresta tropical, mato e savana com árvores altas e baixas de onde os índios retiram os alimentos e os materiais para a confecção de seus artesanatos, armas, instrumentos musicais e suas ocas, dispostas em forma circular, uma característica da cultura Xavante. Eles se alimentam da caça, frutas, palmeiras e de pescados. Essa etnia mantém intactas as suas tradições demonstradas por meio de danças, cantos, pinturas corporais e cerimônias coletivas como o Daporedzapu (Furação de Orelhas). Altivos, determinados, os Xavante têm grande porte físico e

são hábeis futebolistas. Destacam-se por seu esporte tradicional, o “Uiwede Wapraba” (Corrida de Tora de Buriti) que chega a pesar cerca de 100 quilos; e também pelas lutas corporais denominadas de “Datsiy Wamhori Wal”.

A população Xavante soma mais de 7 mil pessoas que falam a língua “A’Uwem”, do tronco lingüístico Macro-Jê (*). Os primeiros contatos com não-índios se intensificaram no final da década de 1940. Os Xavantes se mantêm fiéis à sua estrutura sociocultural e a todos os seus valores étnicos.

POVO YAWALAPITI:

O Povo Yawalapiti vive nas Terras Indígenas do Parque Nacional do Xingu, próximo ao Posto Leonardo, às margens de uma grande lagoa. No local estão distribuídas 16 etnias habitando 36 aldeias. Os Yawalapiti são de estatura pequena e robusta. Vivem da caça, pesca e roças de milho, batata-doce, cará e mandioca. Sua aldeia é asseada e tem aspecto saudável. As crianças confeccionam artesanatos desde cedo; uma tradição cultural que se perpetua de geração em geração. Como os demais Povos do Xingu, são exímios na fabricação de colares, cerâmicas e cestarias. Eles se destacam como grandes dançarinos e músicos nas manifestações e rituais típicos como o “Kuarup”; celebração religiosa que acontece uma vez ao ano em homenagem aos Mortos. O período de luto é encerrado com a festa do “Yamurikumã” com a participação somente das mulheres. São hábeis no arco e flecha e nas lutas corporais como o “Huka-Huka”. Pertencem ao tronco lingüístico Macro-Jê (*), da família Aruak. Na

época da criação do Parque Indígena do Xingu, em 1961, os últimos Yawalapiti andavam dispersos por outras tribos. Os irmãos Vilas Boas reuniram 16 deles, formando uma pequena aldeia que hoje abriga mais de 200 pessoas. Esta tribo agradece a iniciativa dos Irmãos Vilas Boas até aos dias de hoje, pois foi graças à sua iniciativa que hoje o povo se encontra de novo reunido.

POVO KULKURO

É considerado o Povo com o maior número de população do Alto do Xingu. Vive na Região Sul da Terra Indígena do Parque Nacional do Xingu, perto do Posto Leonardo, nas proximidades do município de Querência, no Mato Grosso.

Esta etnia fala a língua Kulkuro, que pertence ao grupo lingüístico Karib. Como os povos do Alto do Xingu, realizam e participam do Kuarup, ritual em homenagem aos mortos (antepassados).

Mantém suas tradições e ritos culturais, caracterizando-se também pelas danças, pinturas corporais, plumagens e pelo rico artesanato.

Sua arte artesanal se destaca mundialmente por seus colares e cintos de caramujos.

ESTAS FORAM AS TRIBOS INDIGENAS PARTICIPANTES DO VII FESTIVAL DO ÍNDIO DE BERTIOGA - SÃO PAULO - BR

Línguas "Jê" e "Macro-Jê"



A família "**Jê**" é uma das mais importantes famílias lingüísticas brasileiras, reunindo línguas como o Kaingang (uma das 5 línguas indígenas com maior número de falantes do Brasil), o Mebêngôkre (Kayapó), o Xavante, o Krahô e o Suyá. Só os povos falantes de línguas da família Jê representam cerca de 20% da população Indígena Brasileira.

O tronco "**Macro-Jê**", ao qual se filia a família "**Jê**" tem a peculiaridade de estar presente **exclusivamente** em território brasileiro. Trata-se do único Tronco (e respectivas famílias) que não tem representantes em línguas faladas em qualquer outro País da América.

LINGUAS DA FAMÍLIA "**JÊ**"

Alowén (Akwe), Xakriabá (Xikriabá), Xavante (A'Ve), Xerente (Akwe), Apinayé Kaingang, Kaingang, Xokleg, Kayapó, Gorotire, Kararaô, Kokraimôro, Kubenkragnoti, Kubenkrankêgn, Mekrangnotí, Tapayúna, Metùktíre (Txukahamãe), Xikri (Xikrin), Panará, Suyá, Timbira, Canela, Apâniekra, Caneia, Ramkókamekra, Parkatêyê, Gavião do Maranhão (Pukobyé), Krahô, Kreyê (Krenjê), Krikati (Krikati).

LINGUAS DA FAMÍLIA "**Macro - JÊ**"

Família Bororo (Bororo - Umutina), Família Botocudo (Krenák - Nakrehé), Família Jê (Ver acima), Família Karajá (Javaé - Karajá - Xambioá), Família Maxakali (Maxakali - Pataxô - Pataxó Hãhãhãe). **Outras línguas:** Guató, Ofayê, Rikbaktsa, Yatê (Fulniô).

Fim



Sua história... Nossa história

Fonte: Francisco Martins dos Santos
Fernando Martins Lichti
Ed. Caudex, Ltda. - São Vicente/SP 1986
www.novomilenio.inf.br/bertioga/bh005.htm

Acreditam os historiadores que Bertioga tenha sido o primeiro ponto do que deu origem à atual cidade de Santos e onde fundeou e estacionou por alguns dias o donatário [Martim Afonso de Sousa \(1\)](#)([ver biografia](#)).

O ilustre Senhor de Alcoentre e Tagarra, que viera de Portugal tão armado de navios e de canhões, com quatrocentos soldados de guerra, destroçando inimigos franceses na costa de Pernambuco, apresando navios, após uma longa permanência no Rio de Janeiro, onde tentara fundar uma povoação junto à Praia Vermelha (que ficou conhecida como “Praia ou Porto de Martim Afonso”) e onde construiria a famosa Casa de Pedra (Carioca - no futuro Flamengo), aportara em Bertioga, lançando âncoras junto à Ilha de Guaíba (atualmente Santo Amaro), no porto natural ali formado, em fundo de mais de dez braças.

Naquela barra teria ele, segundo a maioria dos autores, construído a primeira estacada ou primeiro fortim, de banda do continente, que guarnecerá com artilheiros e soldados seus. Ali teria ele recebido, pouco depois, a visita de João Ramalho e Tibiriçá, acompanhados de quinhentos guerreiros guaianazes, parlamentando pela primeira vez com o famoso reinol do planalto, e combinado talvez um “modus vivendi”, que permitira a Ramalho a continuação de sua vida e de seus negócios, e a ele Capitão do Rei, o cumprimento manso e pacífico da última parte de sua missão, que era oficializar São Vicente, criar a vila desse mesmo nome e [desenvolver a grande colonização](#).



Contam os autores em geral que indígenas do Litoral, assustados com o aparato das naus e caravelas e dos guerreiros de Martim Afonso, correram a avisar o patriarca português da Borda do Campo, fazendo com que ele descesse com uma parte de suas forças. Isso, evidentemente, não passa de uma fantasia.

O racional, no caso, será admitir-se a situação de Pero Capico e Henrique Montes (além de outros), antigas e conhecidas figuras da região, de longos contatos anteriores com a indiada vizinha, junto ao aborígene local (tapanhunus e miramomis) conseguindo mensageiros e estafetas para a longa caminhada até os campos de Ramalho, e para o convite ao *patriarca*, que produziria a sua primeira conferência com Martim Afonso, e que seria, em última análise, a preparação à entrada desta na terra dominada por ele e seus companheiros da baixada, o “Bacharel” Mestre Cosme e Antônio Rodrigues.

O resultado dessa conferência de Bertioga está bem claro. O “Bacharel”, por ser um degradado, e por não admitir o domínio e direção de ninguém, retirou-se imediatamente do povoado que fundara (S.Vicente), voltando a Iguape e Cananéia, por mar (em suas embarcações) e por terra, seguindo as trilhas de seus aliados, os brasílicos de Piquero-bi, enquanto Antônio Rodrigues, o antigo traficante associado, permanecia no seu Tumiaru pacato, à espera da instalação dos homens do Rei.

É possível e até lógico que parecesse à Conferência de Bertioga (muito mais importante do que se tem pensado) e ao último Capitão da Feitoria ou Capitania Vicentina - Antônio Ribeiro - que ali estava desde 20 de outubro de 1528, como sucessor de Pero Capico, vivendo em paz e em comum com o potentado “Bacharel” Mestre Cosme.

Como chamara João Ramalho, chamara também Martim Afonso, o Capitão Antônio Ribeiro, que se destituía com a sua chegada, e que muito mais perto estava de Bertioga, o que deixa de ser uma conjectura e passa a ser uma quase certeza de tão natural.

Voltando a São Vicente, em seguida, Antônio Ribeiro teria transmitido ao “Bacharel” o recado de Martim Afonso, com as alternativas que este lhe oferecia: a retirada sua e de sua gente, imediatamente, para o local de seu antigo degrado, ou a luta contra os seus navios, seus canhões, seus soldados (que eram muitos) e seus cabos de guerra (que não eram poucos). Para o caso de retirada ser-lhe-iam concedidos alguns dias, após o que, o Capitão Governador desceria com sua Armada, para combater em São Vicente e desalojá-los, ou para fundear em Iguape e Cananéia, e confirmar a presença dos intimidados.

Tendo preferido a retirada, como se sabe, o “Bacharel”. seu genro Francisco de Chaves e toda a sua gente, foram encontrados mais tarde (com chegada recente) naqueles lugares, ao Sul da Capitania, por Martim Afonso, o qual, teve ali, cabal demonstração de que a Conferência de Bertioga produzira resultados extraordinários, o que era bom augúrio à sua entrada.

[CONTINUA](#)

Bertioga

CONTINUAÇÃO

De Iguape a Cananéia desceu Martim Afonso de Sousa o oceano, até ao “rio da prata”, como era desejo do Rei e sua idéia, onde um naufrágio da capitania quase transformou o panorama histórico da fundação vicentina.

Voltando litoral acima, só então veio Martim Afonso a fundear no “Porto de São Vicente”, dando início à colonização ampla e regular da sua Capitania, em combinação e boa paz com António Rodrigues e João Ramalho, o pioneiro da baixada e do Planalto, figuras importantes da nova história que se iniciava.

Deu-se aí o que já conhecemos a criação da Vila de São Vicente e o início-fundação do povoado de Emguaguaçu, a futura cidade de Santos, cujo crescimento havia de ser muito rápido, a ponto de tornar-se Vila também, apenas treze ou quatorze anos após.

Pouco depois, quando o crescimento da população local e da expansão dos colonizadores (agricultores, industriais, plantadores, criadores e donos de engenhos) englobado o aparecimento das primeiras gerações santistas, trouxe a necessidade de ocupação das terras de Bertioga e da sua defesa efetiva ou permanente (2), começaram os tupiniquins ou tamoi- os, senhores do Litoral Leste (chamado Norte pelo vulgo), desde Cabo Frio a São Sebastião, a sentir a presença numerosa e constante do branco português (dos Peros - adulteração de Perro espanhol, que eles não podiam pronunciar “cão” “cães”) e também a sua irritação, passando eles a exercer uma vigilância relativamente passiva, e, finalmente, a organizar expedições de vulto de extrema agressividade, contra a Ilha de Santo Amaro e os sítios de Bertioga, ameaçando as duas Vilas, de Santos e São Vicente.

Dentro de pouco tempo, eram constantes as invasões operadas pelas hordas brasílicas de Ubatuba e São Sebastião, em gritos, horripitações selváticas, que aterrorizavam ainda mais do que os seus arcos de guerra.

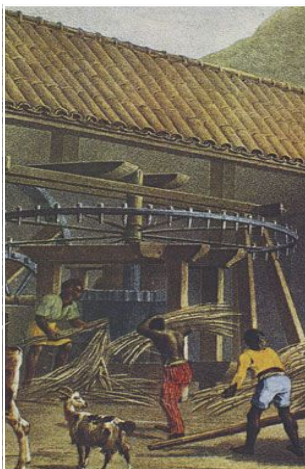
Imaginavam os tamoi- os e imaginavam certo, que os brancos em breve tomariam também as suas terras e os expulsariam de seus antigos domínios, e, assim, era preciso intimidá-los, afastá-los dali, ou exterminá-los.



Abrindo-se os documentos iniciais da história Santista e Vicentina, verificamos que eram muitos os pioneiros da penetração agrícola bertiogana, que viam em suas terras aluvionais do continente e à beira-rio glebas ideais para a produção de cana-de-açúcar, de arroz, de feijão, de milho e até de algodão, e para a localização de engenhos, maiores ou menores, ou de grandes monjolos, para fornecimento às duas Vilas e aos navios que ali fundeavam, no porto da Capitania, a pouca distância deles.



Não tardou que no próprio sítio de Bertioga, junto à Barra e depois dela, alguns colonos mais audaciosos obtivessem Terras e lançassem estabelecimentos, como Diogo Rodrigues e José Adorno (desde 1545 terras confirmadas em 1557 por António Rodrigues de Almeida) (3), como Estevam Raposo Bocarro, como Gonçalo Afonso (o bombardeiro de João de Sousa), Cristóvão Monteiro, Pedro Fernandes, Simão Machado, Domingos Carochio, Jorge Ferreira, Pascoal Fernandes, o ferreiro Rodrigues, Jerônimo Rodrigues (o prisioneiro de João de Sousa), Jorge Pires e outros ainda entre 1545 e 1557.



Gonçalo Afonso logo desistiria de sua gleba de Bertioga, passando-a a Jorge Pires, para fundar o seu engenho (o de “Nossa Senhora da Apresentação” ao fim do rio Curumau, zona central da Ilha de Guaíbe, com saída para o rio de Bertioga, e em parceria com um Pires “Gago”).

Semelhante audácia dos portugueses, reunida à idéia de que eles raptavam virgens tamoi- as (explorada pelos franceses, que a incutiam e divulgavam entre os selvagens “índios” seus aliados), promoveu uma verdadeira fúria tupinambá, arrastando legiões imensas de Ubatuba e São Sebastião, centro de Bertioga e as pequenas fortificações ali existentes.

Em consequência da fúria Tamoia despenhada sobre a região. pela altura de 1557, quase todos os sitiante e povoadores de Bertioga e Ilha de Santo Amaro haviam desertado, receosos de um possível e breve ataque em massa, pelos horríveis antropófagos.

Em 1557 exatamente, quando o alemão Hans Staden já havia sofrido, junto à Fortaleza de Pedra (de São Felipe) a captura e cativo pelos invasores tamoi- os, os portugueses nomearam Pascoal Fernandes, o mais antigo fundador de Santos (o primeiro agricultor), para Condestável da Barra e Sítio de Bertioga, comandando as duas fortificações então existentes, lá indo meter-se ele com uma pequena guarnição, sua mulher e seus filhos, na Fortaleza de Pedra (a de São Felipe), a cavaleiro das rochas extremas de Ilha de Guaíbe.

É o que se vê pela escritura de doação de 1º de junho de 1562, passada pelo Capitão António Rodrigues de Almeida, em favor de Pascoal Fernandes, que dava aos demais o seu exemplo de coragem e destemor: “Por ele (Pascoal Fernandes) estar a residir na dita Fortaleza de São Felipe com sua mulher e filhos, sem haver outro morador nem Povoador na dita ilha, senam ele dito supplicante” (4).

CONTINUA

Bertioga

Raros foram aqueles que se animaram a acompanhar Pascoal Fernandes, mas, entre esses raros, pôde a Civilização Vicentina contar com a figura extraordinária de José Adorno, sempre presente em todas as fases e em todos os momentos e movimentos de guerra, de ameaça e de perigo, assim como em todas as ações externas de conveniência régia ou local. A melhor prova disso é aquela Igreja enorme para a época e para o lugar, construída no ano de 1557, o mesmo da nomeação do Condestável.

Só em 1556 é que observamos as primeiras tendências para o retorno às terras de Bertioga e Ilha de Santo Amaro (extremo Leste), de todos aqueles que, amedrontados ante a fúria tamoia, dali haviam fugido anos atrás, ameaçando de pobreza e insuficiência de alimentação as duas Vilas, de Santos e São Vicente.

Documento importante a tal respeito é a Sesmaria concedida naquele ano (1556) a Cristóvão Monteiro (5).

“É porque até agora como está dito he notório a dita Ilha esteve e estava despovoada, e inhabitável por respeito das muitas guerras succedidas nestas Capitânicas de S. Vicente e Santo Amaro, pelo qual respeito havendo este impedimento, o supplicante nam ouzou de fazer sua Fazenda nas ditas terras, sem embargo de nellas trazer muito gado vacum, tempos atraz passados fez cannaveaes e roçaria de mantimentos nas ditas terras, e ora com a ajuda de Nosso Senhor tem ordenado com seus cunhados e parentes, e alguns índios principaes da terra, tornarem a roçar, e fazer Fazenda nas ditas terras...” (6).

Foi nesse lugar e nesse ambiente de luta e de morte, em que se chocavam permanentemente a barbárie e a civilização, a cada dia e a cada hora, o aniquilamento de toda a obra colonizadora dos portugueses, e logo ao principio da expansão do branco, que surgiram os famosos irmãos Braga, os primeiros Santistas nominalmente conhecidos, precursores da grei bandeirante e primeiros mártires espontâneos daquela Civilização (nem todos).



Surgiram aqueles cinco irmãos espartanos quando mais acesa estava a fúria assoladora dos tamoios, decididos a trancar a passagem dos bárbaros no único ponto em que isso era possível, a barra e sítio de Bertioga.

Vamos deixar que “Hans Staden”, o artilheiro germânico contratado para dirigir as primeiras baterias do Forte de S. Felipe, fale por eles, com a autoridade de quem, com eles, viveu os mesmos perigos e as mesmas horas de angústia (7).

“ A cinco milhas de S. Vicente há um lugar denominado Brikioka (Bertioga), onde os inimigos selvagens (Tamoios) primeiro chegam, para daí seguirem entre uma Ilha chamada de Santo Amaro e a terra firme...”

“ Para impedir esse caminho aos índios, havia uns irmãos mamelucos oriundos de pai português e mãe brasileira, todos cristãos e tão versados na língua dos Cristãos, como na dos selvagens. O mais velho chamava-se Johan de Praga (João de Braga), o segundo Diogo de Praga (Diogo de Braga), o terceiro Domingo de Praga (Domingos de Braga), o quarto Francisco de Praga (Francisco de Braga), o quinto Andrea de Praga (André de Braga), e o pai chamava-se Diego de Praga (Diogo de Braga).”

“ Cerca de dois anos antes da minha vinda (8) os cinco irmãos tinham decidido com alguns índios amigos edificar ali uma casa forte para deter os contrários, o que já tinha executado” (9).

“A eles se juntaram mais alguns portugueses, seus agregados porque era a terra boa. os inimigos Tuppin-imbás (tupinambás), logo que isso descobriram na sua terra, dali distante cerca de 25 milhas e vieram uma noite com 70 canoas, e, como de seu costume, atacaram de madrugada. Os mamelucos e os portugueses, correram para uma casa, que tinham feito de pau-a-pique, e lá se defenderam. Os outros selvagens fugiram para suas casa e resistiram quanto puderam. Assim, morreram muitos inimigos, mas por fim venceram estes e incendiaram o sítio de Brikioka, capturaram todos os selvagens, mas os cristãos que eram oito mais ou menos, e os mamelucos, nada puderam fazer porque Deus quis salvá-los. Aos outros selvagens, porém, que tinham capturado, esquartejaram-nos e repartiram-nos entre si, depois do que voltaram para sua terra (São Sebastião)”.

COMO OS PORTUGUESES REEDIFICARAM “BRIKIOKA” E DEPOIS FIZERAM UMA CASA FORTE NA ILHA DE SANTO AMARO.

“Depois disto pensaram as autoridades e o povo que era bom não abandonar este lugar, mas que cumpriria fortificá-lo, pois que deste ponto todo o país podia ser defendido.” E assim o fizeram.

“Quando os inimigos perceberam que o lugar lhes oferecia grandes dificuldades de ataque, vieram de noite, mas por água, e aprisionaram a quantos encontraram em S. Vicente. Os que moravam mais longe pensavam não correr perigo, visto existir uma casa forte na vizinhança, pelo que sofreram muito ...”.

“Por causa disso deliberaram os moradores edificar outra casa ao pé da água e bem defronte de Brikioka, e aí colocar canhões e gente para impedir os selvagens (índios - Tamoios). Assim, tinham começado o forte na Ilha; mas não o tinham acabado, à falta de artilheiro português que se arriscasse a morar ali. Fui ver o lugar. Quando os moradores souberam que eu (Hans Staden) era alemão e que entendia de artilharia, pediram-me para ficar no forte e ajudá-los a vigiar o inimigo. Prometiam dar-me companheiros e um bom soldo. Diziam também que se eu o fizesse seria estimado pelo Rei, porque este costumava ver com bons olhos aqueles que, em terras assim novas, contribuíam com seu auxílio e seus conselhos”.

Bertioga

CONTINUAÇÃO

“contratei com eles para servir quatro meses na casa, depois do que um oficial devia vir por parte do Rei, trazendo navios, e edificar ali um forte de pedra, para maior segurança, o que foi feito”. (10)

“Depois de alguns meses, chegou um oficial por parte do Rei, pois que lhe tinham escrito quão grande era o atrevimento dos selvagens e o mal que os mesmos lhes faziam. Também tinham escrito, quão bela era esta terra e não ser prudente abandoná-la. Para então melhorar estas condições, veio o Governador Tomé de Susse (Tomé de Souza) para ver o país e o lugar que queriam fortificar”.

“Fizeram a “Casa de Pedras”, puseram dentro alguns canhões e ordenaram-me que zelasse bem da casa e das armas”.

Este trecho de “Hans Staden” restaura a [verdade de Bertioga](#), mostrando quem eram os irmãos Braga, e como, quando e por que foram feitas as primeiras fortificações daquela barra histórica.

Por aqui se vê que Martim Afonso de Sousa, em sua provável estada em Bertioga de passagem para o Sul e para S. Vicente, instalou ali somente uma estacada ou pequena casa forte, para refúgio e abrigo provisório de alguma gente que deixaria naquele ponto, casa esta que ele mesmo fez abandonar no ano seguinte, não se podendo contar, a existência real da Fortaleza.



Tomé de Sousa (1501-1573)

Frei Gaspar exagerou alguma coisa, quando atribuiu a ereção da Fortaleza de Sant’Iago a Martim Afonso, sendo ele o autor dessa versão sem consistência. A verdade aí está, ela só passou a existir mesmo em 1547 e desde então nunca mais deixou de ser conservada, restaurada, reconstruída e reaparelhada, partindo dessa casa-forte dos irmãos Braga.

A última vez que vemos os irmãos Braga em exercício da heróica missão de sentinelas da barra de Bertioga é pela altura de 1554, em companhia de outros dois filhos da terra, sacrificados ao canibalismo de gentio litorâneo - Jerônimo e Jorge Ferreira.

É ainda “Hans Staden” que nos vai contar a ação assistida por ele, já como prisioneiro da tribo de Ubatuba:

“Alguns dançaram em homenagem aos seus ídolos, e quiseram neste mesmo dia ir à terra dos seus inimigos, a um chamado Boywassukange (Boiçucanga), esperando aí até que anoitecesse”.

“Ao deixarmos o lugar onde tínhamos pernoitado, chamado Maynbique (Ilha de São Sebastião), etc...”.

“Quando perlongávamos a barra, avistamos, por detrás de uma ilha, umas canoas que se dirigiam a nós. Gritaram então... “Aí vêm os nossos inimigos, os Tuppin Ikins. Quiseram ainda assim esconder-se com as suas canoas por detrás de um rochedo, para que os outros passassem sem os ver. Mas foi debalde, viram-nos e fugiram para a sua terra. Retornamos com toda a força atrás deles, talvez umas quatro horas, e os alcançamos. Eram cinco canoas cheias, todas de Brikioka. Conheci-os a todos. Vinham seis mamelucos em uma dessas canoas, e dois eram irmãos. Chamavam-se um Diego de Praga (Diogo de Braga) e o outro Domingo de Praga (Domingos de Braga). Defenderam-se estes valentemente, um com um tubo (espingarda) e o outro com um arco. Resistiram na sua canoa, durante duas horas, a trinta e tantas canoas nossas. Acabadas as suas flechas, os Tupin-Inbá (Tupinambás) os atacaram e aprisionaram, e alguns foram logo mortos atirados. Os dois irmãos, não saíram feridos, mas dois dos seus mamelucos ficaram muito maltratados, bem como alguns dos Tuppin-Ikin, entre os quais havia uma mulher”.

“Entre os que foram assados de noite, havia dois mamelucos, que eram cristãos. Um era português, filho de um capitão e se chamava George Ferrero “. (Jorge Ferreira) cuja mãe era índia (filha de João Ramalho).

“O outro, chamava-se Hieronymus (Jerônimo), este ficou prisioneiro de um selvagem morador na mesma cabana em que eu estava e cujo nome era Parwaa (Parauá). Assou o Hieronymus à noite, mais ou menos à distância de um passo do lugar onde eu estava deitado. Esse Hieronymus era parente consanguíneo de Diego Praga (Diogo Braga)”.

Fica assim, devidamente reconstituído o ambiente heróico de [Bertioga](#), [primeiro ponto civilizado da Capitania](#), assolado pela gente antropófaga de Aimberê e Cunhambebe, [atalaia das primeiras Vilas Paulistas](#).

Quem seriam porém, verdadeiramente esses Braga?



CONTINUA

Bertioga

CONTINUAÇÃO

Pela época atribuída a Hans Staden, ao seu primeiro aparecimento em Bertioga, com a construção da Casa Forte por ele citada (1547/1548) somos levados a supor que o mais moço, por efeito de ação exigida de cada um deles, naquela vila de guerra que levavam, tivesse no mínimo dezoito anos de idade e o mais velho dos cinco, vinte e cinco ou vinte e seis anos. Assim, recuado no calendário o tempo equivalente às idades máximas e mínimas destes irmãos, temos que o nascimento de todos eles fora anterior à chegada de Martim Afonso, visto que o mais moço teria nascido em 1529, e o mais velho nos anos de 1521 ou 1522.



Admitida a certeza com que se expressou Hans Staden, jamais posta em dúvida por qualquer dos historiadores que trataram do mesmo assunto e repetiram as cenas por ele descritas, somos obrigados a aceitar que Diogo de Braga, o velho, progenitor destes primeiros santistas, foi também um dos misteriosos e esquecidos, da primeira colonização, ao lado de João Ramalho e António Rodrigues, talvez em terras adjacentes ao lugar da futura Santos, companheiro ainda do “Bacharel” Mestre Cosme, de Gonçalo da Costa, de Francisco de Chaves, de Pero Capico e Henrique Montes (estes dois vindos em retorno cm Martim Afonso de Sousa, como práticos de região e escrivão de Armada).

O essencial é sabermos que os Braga existiram e que foram, até às proximidades do acordo de Iperoig, as figuras exponenciais, abroqueladoras de toda a obra de *Martim Afonso, o fundador do Brasil*, titulo que cabe melhor do que o de fundador de São Vicente, com mais direito e com mais verdade, dando a Bertioga a posição privilegiada de *Colunas de Hércules* na primeira civilização brasileira.

Se os gregos aprenderam a venerar as suas *Termópilas* e o seu *Leônidas*, lendário ou não, deviam os paulistas, pelo menos, aprender a amar e venerar as suas Termópilas e os seus Leônidas (cinco) do sítio e barra de Bertioga, representados naquele momento que a idade não conseguiu vencer, e que contêm toda uma grande história, de São Paulo e do Brasil.

Afinal, todo o heroísmo dos Braga e toda a coragem de Pascoal Fernandes, aceitando o posto de Condestável naquele reduto avançado mas não inexpugnável de Bertioga em 1557, teria sido inútil se não sobrevivesse, coroando toda aquela longa página de esforços, heroísmo e sacrifício, o Armistício de Iperoig, que foi mais, em verdade, um perfeito tratado de paz, começado apenas com o armistício de 1563.

Anunciava-se a Confederação dos Tamoios, isto é, a reunião de todas as tribos sujeitas a Coaquira, Aimberê, Cunhambebe e Pindobussu, num total de quinze a vinte mil guerreiros, para uma descida de extermínio sobre Bertioga, Santos e S. Vicente, para que nada ficasse ali dos “peros” ou portugueses. Afirmava-se que a onda humana visava não só a reconquista da Terra como a posição de alguns apresamentos de Tupinambás, especialmente mulheres, levados a efeito por caçadores reinóis.

Soavam lugubrememente nas solidões de Maembipe e Ubatuba, os trocanos de guerra, e as danças selvagens, as poracés prenunciadoras de batalhas, já se realizavam em torno das grandes tabas ubatubanas.

A notícia terrível caíra em Santos e S. Vicente como um dobre de finados, alarmando os arraiais cristãos com a tempestade selvagem que se armava sobre suas cabeças. Bertioga seria o primeiro ponto arrasado pela onda irresistível e barbaresca.

Para conjugar a ameaça anunciada, organizou-se às pressas em Santos uma embaixada de paz destinada a Ubatuba. Voluntários de morte deviam integrar essa embaixada, que, para melhor das suposições, nunca mais voltaria.

Manuel da Nóbrega e José de Anchieta foram os iniciadores desse movimento. E quem senão eles? Mas encontraram num civil, José Adorno, o nobre rico e genovês, senhor do Engenho de São João, que tão ativamente participara da fundação de Santos, o secundador e companheiro, o condutor destemeroso para Ubatuba.

Foi numa clara manhã, após ato religioso celebrado na Capela dos Adornos ou de Santo António de Guaíbe, em Bertioga, que partiram os barcos de José Adorno, conduzindo a pequena expedição de paz para o terrível ambiente de guerra. Os fatos são conhecidos e até hoje rememorados.

Um mês depois, José Adorno voltava trazendo apenas Manoel da Nóbrega, mas vinham alguns Tamoios dos mais classificados. Soube-se de tudo então, José de Anchieta ficara como refém, garantindo a volta de Nóbrega e dos próprios Tamoios, afiançando o cumprimento do armistício combinado das pazes entre indígenas e portugueses e seus descendentes, nas bases estabelecidas em Iperoig (que era o nome da praia de Ubatuba).

Tudo saiu bem. Os emissários Tamoios foram bem recebidos e festejados, em Santos e São Vicente. Estava salva a obra de Martim Afonso e seus continuadores. Anchieta voltaria glorificado.

E só daquele ano de 1563 em diante puderam os portugueses e brasileiros de Santos tornar às antigas glebas da região, para a nova fase agrícola industrial da marinha, que deveria dar vitalidade à penetração do planalto e dos sertões.

CONTINUA

Bertioga

CONTINUAÇÃO

Pouco depois, de 1565 a 1568, novos acontecimentos extraordinários tinham palco em Santos e Bertioga. Apresentavam-se as expedições de socorro ao Rio de Janeiro, onde Estácio de Sá pretendia fundar a cidade de São Sebastião, em cumprimento às ordens do Rei.

Grande papel têm, nossas páginas cívicas e militares da região e do Brasil, Manuel da Nóbrega e Bertioga, onde a Armada, reforçada por todos os barcos de José Adorno e toda a gente de seu Engenho, escravos e colaboradores, incluindo seu gerente, o alemão Eleodoro Eobano (nomeado comandante da força particular), aguardava a ordem de partida, da qual resultaria, afinal, a fundação da primeira São Sebastião, na antiga praia de Martim Afonso.



Foi na manhã de 27 de janeiro de 1565 que partiu de Bertioga a Armada escaciana, em que seguia a flor da população da Vila santista, para cumprimento da grande missão civilizadora. Homens como Francisco Velho venderiam suas coisas de Santos, para poderem povoar a nova cidade da Guanabara, e a este mesmo caberia dar o primeiro nome à Enseada (o seu próprio nome) que mais tarde passaria a denominar-se de "Botafogo". O próprio Juiz de Santos - Pedro Martins Namorado - seria o primeiro Juiz de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Na fundação da primeira capital Brasileira, uma notícia alegrava os Santistas, mais do que todas as outras. Dois daqueles heróis de Bertioga - Diogo de Braga e Domingos de Braga - não haviam morrido, exatamente aqueles que Hans Staden vira os Tamoios aprisionarem, descrevendo-os e destacando-os entre os seis mamelucos, que durante duas horas haviam lutado contra trinta e tantas embarcações tamoiás, representando uma força de seiscentos guerreiros indígenas.

Domingos e Diogo de Braga, os dois irmãos remanescentes dos cinco, apareciam ao lado de Estácio de Sá, combatendo os franceses de Villegagnon, e a indiada feroz da Guanabara, e perseguindo e combatendo ao lado de Mem de Sá, após aquele glorioso embate de 20 de janeiro de 1867 (N.E. ano correto é 1567) (batalha de Urucumirim) em que seria ferido de morte o chefe Estácio de Sá.

Diogo de Braga, o renascido do cativo tamoió, apareceria depois, como um dos três primeiros vereadores do Conselho da Câmara de São Sebastião do Rio de Janeiro (11).

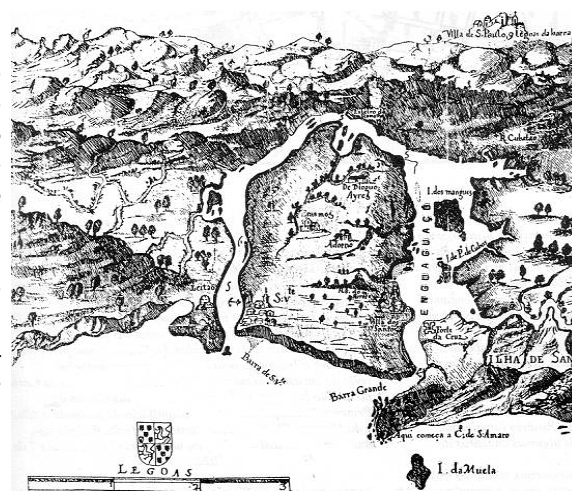
Era a história de Bertioga heróica, a se estender pela nova história que Diogo e Domingos Braga ajudavam a criar.

Bertioga hoje é o grande e único Distrito do Município de Santos (N.E.: o texto é anterior à criação do Município de Bertioga). A história de seu desenvolvimento através dos séculos, apesar de sua sede Santista e do abandono em que por muitos e muitos anos esteve, é rica de detalhes, de pitoresco e de poesia. A partir do século XVII a vida do antigo núcleo do continente extinguiu-se quase de todo. A falta de água limitou o desenvolvimento de Bertioga, que foi passando para a Ilha de Santo Amaro, onde havia um núcleo antigo, água pura e abundante, terras para cultivo, fortaleza de pedra para defesa, grande igreja para orações, bom porto de calado, material de construção, madeira, barro, pedra e cal de sambaqui e haveria, ainda, uma grande indústria, a da pesca das baleias e produção de óleo para iluminação pública e particular, com a instalação do Real Contrato de Armação.

Bertioga em 1700 transfere-se totalmente para o outro lado e transforma-se numa Vila, que por pouco seria oficializada. Era a sua situação, ainda em 1807, quando por ali transitou o mineralogista inglês John Mawe, saindo de Santos de canoa, cujo depoimento descrevemos: (12)

"Assim desenganados, resolvemos não aguardar navio em Santos, mas seguir para o Rio de Janeiro numa canoa margeando a costa. Alugada uma, embarcamos; depois de remarmos toda a noite num estreito que separa o continente da Ilha de Santo Amaro, que constitui uma das passagens para Santos, chegamos ao nascer do sol a Bertioga, situada no extremo daquela Ilha. É pequena a cidade, com algumas construções toleráveis e boas, erguidas por conveniência do capitão mor e seus ajudantes que superintendiam um estabelecimento de pesca, similar ao das proximidades de Santa Catarina, pertencente à mesma Companhia, mas muito inferior em tamanho e capacidade. Em ambos, os negros mais hábeis ocupavam-se do preparo de barbatanas de baleia, produto de considerável comércio, embora sejam menores e de menor valor que as da Groenlândia. O Litoral que costeamos, possui várias e belas baías, onde, na estação piscosa, apanha-se, anualmente, grande número de baleias. os edifícios para derreter a gordura e armazenar o óleo estão convenientemente instalados."

"O famoso porto de Bertioga é bem abrigado dos ventos e a própria cidade, situada no topo da colina, acha-se protegida das inclemências do tempos e, às vezes, bastante quente. A base da colina é de granito primitivo, composto de anfibólio, feldspato, quartzo e mica. Belas nascentes de água, jorrando de vários pontos, dão grande variedade ao cenário, e uma grande frescura no ar. Embora o lugar apresente aspeto



CONTINUA

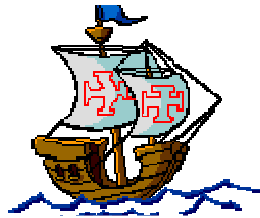
Bertioga

CONTINUAÇÃO

pobre, não se observam indícios de miséria; o mar fornece grande quantidade e variedade de peixes comestíveis, e o solo produz leguminosas de todas as qualidades, e arroz, que em grande porção, é transportado em barcos para Santos. As pessoas com quem tratamos mostram-se corteses, parecendo por adivinhar e satisfazer os nossos desejos. Doente, o Capitão-mor não pode auxiliar-nos na procura de passagem para São Sebastião, fomos portanto obrigados a alugar uma canoa, a fim de prosseguir, etc...” (13)



O depoimento é importante, como vemos, e aponta a existência de uma cidade pequena mas com algumas construções toleráveis e boas, instalações industriais, edifício para derreter gorduras e armazéns de óleo, e um famoso porto bem abrigado dos ventos, cercada de produções de legumes e de arroz exportáveis; fontes de excelentes águas e outras coisas mais. (14)



NOTAS:

1 - O estudo do topônimo Bertioga, inicialmente ligado ao único morrinho local de Buriquioca, mais tarde “de São Lino” e atualmente de Senhorinha, consta do capítulo especial e apropriado “Toponímia Santista”. Para ele enviamos o Leitor.

2 - É sabido que Martim Afonso, logo após sua entrada em São Vicente e sua posse da Capitania, mandara os soldados e defensores de Bertioga abandonarem o Fortim a se recolherem à Vila Capital, convencido de que ninguém iria molestar a sua obra e sua gente.

3 - Foi nesta aventura agrícola de José Adorno que o ilustre fidalgo genovês, o maior dos fundadores de Santos, construiu a igreja ou capela de Santo Antônio de Guaíbe (documentada no mapa seiscentista existente no Museu Naval de Madrid, de autor desconhecido) (foto ao lado), ainda hoje uma das mais belas ruínas históricas de Bertioga. Também esta ruína é hoje (N.E.: texto escrito originalmente em 1937) assistida pelo Instituto Histórico e Geográfico Guarujá-Bertioga, evitando-se, desse modo, a sua destruição pelo tempo.

Anos atrás, seu abandono era completo e as figueiras brancas, com suas poderosas raízes, como tentáculos enormes, tanto protegiam algumas partes dela como destruíam e ameaçavam destruir outras partes, deslocando os blocos de pedra e cal de sambaqui. Certa vez, um grande embaixador de país europeu, ao visitar esta ruína, onde lhe servíamos de “cicerone”, contemplando-a, ao lado do prefeito de Santos, não conteve estas palavras: “... Em meu país esta ruína seria um monumento nacional, e aqui, pelo que vejo, não chega a ser nem mesmo uma ruína zelada.”.

Nessa ocasião, tirando do bolso a carteira, dela sacou uma nota de 500\$000 convidando o prefeito a fazer o mesmo. “... Senhor prefeito, vamos casar aqui um dinheiro, para mandar limpar este monumento”.

Foi uma grande lição dada pelo embaixador estrangeiro ao alcaide santista, a que assistimos entre envergonhados e satisfeitos. Consta que o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a pedido daquele mencionado Instituto histórico, vai restaurar a célebre Igreja bertiogana. (...será?)



4 - Cartório da Província da Fazenda Real de S. Paulo - Livro de Registro de Sesmarias - Lit. 1562 até 1580, fl. 11. verso - Transcrição em Frei Gaspar da Madre de Deus, Memórias para a História da Capitania de São Vicente, 3ª ed., p.289.

5 - Este Cristóvão Monteiro era exatamente sogro de José Adorno e fazia parte do Conselho da Vila de Santos.

6 - Cartório da Provedoria da Fazenda Real de S. Paulo - Livro de Registro de Sesmarias - Lit. 1562 até 1580, fl. 45, verso - Transcrição em Frei Gaspar - obra citada, p. 289.

7 - Hans Staden - Viagem ao Brasil - Versão do texto de Marpurgo, de 1557, por Alberto Lofgren - Edição da Academia Brasileira de Letras, 1930, p. 55/57.

8 - Ele viera em 1549/1550. A construção indicada era de 1547.

9 - A casa-forte era o primeiro forte de São Tiago (Sant'Iago), sem levar-se em conta, aquela primeira estocada construída por Martim Afonso em 1531, destruída e abandonada por ele mesmo em 1532. Assim, o ano de 1547, deve ser considerado como o da fundação ou ereção desta Fortaleza, que em 1947 completou quatro séculos de existência, ocasião em que publicamos um opúsculo em homenagem à efeméride (e ao mesmo tempo ao 10º aniversário de fundação do Instituto histórico e Geográfico de Santos), sob o título Bertioga Histórica e Legendária - 1531/1947 - Edição Armando Lichti, 51 .

CONTINUA

10 - Documenta-se desta forma a construção do Forte de Pedra "São Felipe" mais tarde "São Luís" (a partir da restauração de D. Luís António de Sousa) Ordens de Tomé de Sousa, execução de Brás Cubas, Capitão-mor.

11 - A primeira Câmara da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro tinha a seguinte composição: Aires Fernandes (Juiz Ordinário), Francisco dias Pinto, Cristóvão Monteiro (sogro de José Adorno), e Diogo de Braga (irmãos Braga - vereador) e Gomes Ennes (ou Eanes?) - procurador do Conselho.

Funcionava esta Câmara ou Conselho em casa do Juiz Aires Fernandes, enquanto a casa da Câmara estava ocupada pelo Governador Geral.

12 - John Mawe - Viagens ao Interior do Brasil principalmente aos distritos do Ouro e dos Diamantes, 1807/1808 - Tradução de Solena Benevides Viana - introdução e notas de Clado Ribeiro Lessa - Rio, ed. Zélio Valverde, 1944. John Mawe é o autor também da obra publicada em Londres, no ano de 1812, "The Mineralogy of Debershire".

13 - O viajante não se refere ao outro lado do rio (a Bertioga de hoje), e a secular Igreja de Santo Antônio de Guaíba, ali mesmo junto à cidade que ele descrevia, e junto aos tanques ou depósitos iniciais de óleo saído das caldeiras. Também não faz um cálculo dos habitantes ali sediados nem do numero dos escravos e trabalhadores de Contrato de Armação ou da produção, o que devemos fazer por indução e analogia, calculando que, entre chefes, soldados, técnicos de fabricação, canoieiros, cordoeiros, famílias, agricultores, pescadores e outros, a cidade de Bertioga encontrada por John Mawe, não pode ter menos de 550 ou 600 habitantes.

14 - Que resta hoje do famoso porto de Bertioga. Transferindo-se a vida bertiogana para a terra firme (o outro lado do rio, baixo, doentio, paludoso, sem água, sem matéria-prima para construções) após a extração da industria de pesca das baleias (cerca de 1830), foi Bertioga decaindo, transformando-se em sítio e chácaras pobres e de veraneio das famílias abastadas de Santos, parecendo uma tapera ao princípio do século XIX, apenas cercada de belezas naturais, pitoresco e poesia. Até o porto antigo (famoso em 1807), foi abandonado, restando dele apenas um pequeno trecho de cais em ruína. Suas fontes de águas minerais, magnesianas, alcalinas e talvez oligometálicas, foram abandonadas ao mato, e, assim, um pouco que restou de sua antiga grandeza.

Hoje, já nem peixe, quase, se encontra em Bertioga, sendo necessário que seus hotéis e suas pensões se abasteçam de pescado e crustáceos em outras praças para atender as preferências de seus hóspedes. Outrora, com uma horticultura domiciliar, porém bem diversificada, suficiente para o seu consumo, hoje, também, depende de verduras e legumes de fora para a alimentação da Vila.

Até as frutas desapareceram... a carambola, o jambo, a goiaba, a cambucá, o cambuci, a laranja, o caqui e a tangerina... tudo desapareceu, restando apenas algumas poucas árvores isoladas. Só a banana resistiu por mais tempo, em algumas áreas mas já está sendo dizimada, e não subsistirá muitos anos.

Sob este aspeto o progresso arruinou Bertioga. As áreas, ontem, de cultura, foram transformadas em loteamentos. lamentavelmente, os pescadores e os pequenos lavradores não tiveram nenhuma proteção.

Hoje Bertioga é uma "Estância Turística" e nesta atividade encontrou a sua única forma de evolução e crescimento. No entanto, a preservação de seu patrimônio histórico deveria ser mais agressiva. Assim como o embaixador europeu se espantou com a falta de identidade para com a preservação dos nossos monumentos históricos, nosso filhos e netos não terão, caso não se reverta urgente a situação, a oportunidade de conhecer suas raízes. E, todo o povo que não conhece suas raízes, não poderá conhecer a sua identidade.

Reproduzimos este textos para inserir Bertioga, o Litoral Norte e o Cone Leste Paulista no contexto do valor que sua regiões e especialmente o Litoral Norte Paulista teve no desenvolvimento deste país, chamado Brasil.

Fonte: <http://www.bertioga.sp.gov.br/turismo.asp>
Diagramação, formatação e Comentários: Filipe de Sousa

A SEGUIR: "CAPITANIAS HEREDITÁRIAS" E "CONFEDERAÇÃO DOS TAMOIOS"



Ruínas do Forte São Felipe - Bertioga - 1971

Capitanias Hereditárias



As Capitanias Hereditárias foram doações de terras por parte da Corte Portuguesa a donatários com recursos para usos destas terras. As capitanias não surgiram no Brasil, e sim já eram utilizadas na Ilha da Madeira, uma ilha pertencente a Portugal e que se situa no Oceano Atlântico.

No Brasil as capitanias começaram a ser doadas a partir de março de 1532, com cartas de doação emitidas pelo Rei D. João III de Portugal, aos seus donatários.

No total as terras brasileiras, cujos limites haviam sido traçados pelo “Tratado de Tordesilhas” foram divididas em 15 capitanias, delimitadas em linhas paralelas irregulares, pertencentes estas a 12 donatários diferentes.

As Capitanias mais famosas que existiram no território Brasileiro foram: Capitania de Pernambuco, de Duarte Coelho e a Capitania de São Vicente de Martim Afonso de Sousa.

Em um primeiro momento da história do Brasil, as Capitanias hereditárias foram estabelecidas como uma forma de a Coroa Portuguesa manter os seus domínios sobre a nova terra descoberta, que por 30 anos, ficou à mercê de todos sem que a Coroa Portuguesa lhe desse maior atenção.

Mas surge uma preocupação da Coroa com as novas terras descobertas, já que corsários de outras nações européias começam a se interessar, a frequentar a costa e a explorar as mesmas. Neste caso citamos os franceses que exploravam o pau-brasil.

Assim, foram criadas as Capitanias hereditárias e distribuídas a Nobres Portugueses que se interessassem e tivessem disponibilidades financeiras e físicas de salvaguardar seus domínios e defendê-los.

Fazia também parte do acordo que esses nobres, subdividissem suas capitanias em partes, afim de que a ocupação tivesse na realidade possibilidades de ser total. Para isto foram criadas as Sesmarias. Estas Sesmarias, contribuíram para a colonização brasileira e serviram de base para efetivar o domínio português e o desenvolvimento regional do Brasil.

Ao lado no mapa podemos ver as capitanias e respectivos donatários.

Filipe de Sousa



Confederação dos Tamoios

Confederação dos Tamoios é a denominação que foi dada à revolta liderada pela Nação Tupinambá, que ocupava o Litoral do que hoje é o Litoral Norte Paulista, começando por Bertioga e indo até ao Litoral Norte Fluminense, na cidade de Cabo Frio. Ai também se envolveram tribos habitantes do hoje Vale do Paraíba e Capitania de São Vicente.

Este movimento aconteceu, organizadamente, entre os anos de 1558 e 1567, mas os embates entre indígenas e não-indígenas aconteceram no Brasil desde o ano de 1530, conforme se pode verificar nos relatos anteriores deste compêndio.

Esta união indígena se deveu ao fato de que os donos da Terra, os índios se viram pressionados e se sentiram agredidos pelos brancos. Estes, na necessidade de trabalho escravo, caçavam os indígenas (nativos da terra) e os submetiam a trabalhos forçados bem como não respeitavam suas crenças e seus valores. Daí não restou outra alternativa às tribos indígenas senão uma união, afim de que pudessem resistir às imposições colonizadoras.

Povos envolvidos:

Além das tribos indígenas Tupinambás, se uniram na Confederação as nações Guaianazes, Aimorés e Temiminós, colonizadores portugueses e franceses, estes últimos estabelecidos na Baía da Guanabara, a partir de 1555, onde pretendiam fundar a “França Antártica”, assunto que atrás também já foi abordado.

Início das disputas:

O governador da Capitania de São Vicente, Brás Cubas, pretendia promover a colonização mediante a escravização dos indígenas.

Entre as práticas indígenas, estava o **cunhadismo**, pela qual, o homem ao se casar com uma mulher de uma determinada tribo, passava automaticamente a ser membro dessa mesma tribo. Por essa prática, João Ramalho, companheiro e aliado de Brás Cubas, desposou “Mbici”, também conhecida por Bartira, filha do chefe dos Guaianazes, o cacique Tibiriçá.

Assim, esse envolvimento tornou João Ramalho um membro efetivo dessa tribo Guaianás, resultando numa forte aliança que possibilitou, entre outros eventos importantes, o acesso de Manuel da Nóbrega e José de Anchieta ao planalto, onde fundaram a cidade de São Paulo, atual capital do Estado do mesmo nome, no ano de 1554. Nesta empreitada se destaca o apoio do Cacique Tibiriçá e do Padre José de Anchieta.

A rivalidade entre as diferentes nações indígenas, associada à necessidade da força do trabalho escravo para o empreendimento colonizador, fez com que os portugueses e Guaianazes se lançassem sobre os tupinambás, aprisionando a aldeia do chefe tupinambá Caiçuru e, por consequência seus elementos fossem levados para as terras de Brás Cubas.

Com a morte do chefe Caiçuru no cativeiro, seu filho Aimberê, assumiu o seu lugar hereditário como chefe da tribo. Descontente com o sucedido com seu pai, insuflou uma revolta que levou à consequente fuga do cativeiro.

A formação da Confederação:

Em sua fuga, Aimberê procurou ajuda na região onde hoje se situa o Rio de Janeiro, onde se reuniu com os demais chefes tupinambás: Pindobussu, da Baía da Guanabara (e aliado dos franceses), Cunhambebe, de Angra dos Reis e, Coaquira, de Iperoig.

Cunhambebe usando de sua influência e força política entre as nações indígenas, logo recebeu o apoio de muitas delas, destacando-se os Goytacazes e os Tupinambás, os quais resolveram formar uma aliança contra os Guaianazes e os portugueses, tendo inclusive recebido apoio dos franceses estacionados na baía de Guanabara, que lhes cederam armas e apoio logístico, dado seu interesse em ocupar a baía e fundar a “França Antártica”.

Assolada a região por uma epidemia de varíola, Cunhambebe veio a falecer, assim, Aimberê, passou a ser o líder da Confederação.

A estratégia adotada por Aimberê consistia em ampliar ainda mais a confederação, de modo a trazer inclusive a tribo dos Guaianazes para a confederação. Para isso pediu a Jagoanharó, chefe dos Guaianazes e sobrinho de Tibiriçá, que convencesse seu Tio a deixar os portugueses e a se perfilar à Confederação.

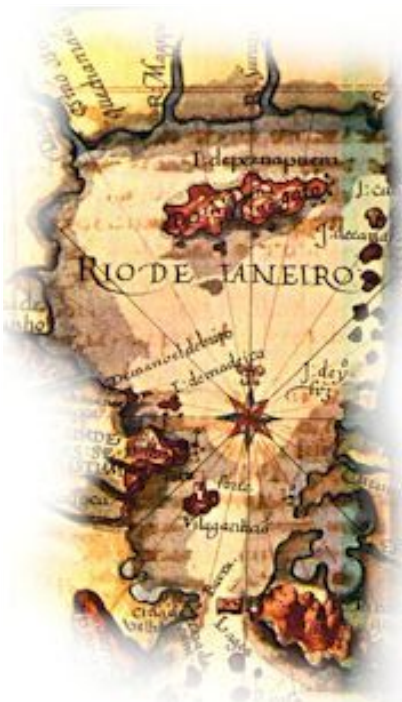
Assim, Jagoanharó, procura seu Tio o Cacique Tibiriçá a quem lhe propõe o proposto de seu aliado Aimberê. Tibiriçá que sempre se manteve fiel a João Ramalho e por consequência aos portugueses, fingiu concordar com o sobrinho e lhe propôs uma reunião com os membros da confederação. Quando os Tamoios chegaram, matou seu sobrinho Jagoanharó. No entanto, os Tamoios já previam a reação do Cacique Tibiriçá e avançaram sobre os Guaianazes e sobre os portugueses, infringindo-lhes pesada derrota, que resultou em muitas vítimas fatais e com a morte do Cacique Tibiriçá.

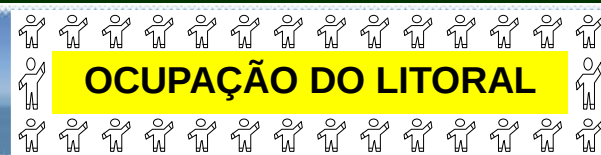
O Tratado de Paz:

José de Anchieta, com sua atitude pacifista, conseguiu que fosse selada uma trégua, em que os portugueses foram obrigados a libertar todos os indígenas escravizados. Nesta ocasião foi efetivado um Tratado de Paz, o primeiro tratado firmado no Continente Americano (conforme atrás também já abordamos).

O fim da Confederação:

O fim da trégua se deu com o fortalecimento da colonização portuguesa, com os portugueses avançando sobre as nações indígenas, matando e escravizando a população. Com isto, os tupinambás foram se retirando em direção à baía da Guanabara. Contudo em 1567, com a chegada de reforços de Portugal, para o capitão Estácio de Sá que já havia fundado dois anos atrás a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, deu-se início à expulsão definitiva dos franceses e de seus aliados tamoios da Guanabara, onde se deram violentos confrontos.





São Sebastião

História



No Brasil Colônia, canhões defendiam a cidade pelo mar. Protegida pelo canal, São Sebastião prosperou preservando parte da sua arquitetura colonial. Em 1969, técnicos do Patrimônio Histórico realizaram um levantamento arquitetônico que levou ao tombamento de sete quadras do Centro da cidade (chamado histórico), e de alguns bens isolados: a Igreja Matriz, a Capela de São Gonçalo, o prédio onde funciona atualmente a Câmara (antiga cadeia) e a casa da praça do Fórum. Assim, parte do testemunho histórico dos séculos XVII e XVIII permanecerão intactos. São Sebastião é a cidade mais antiga do Litoral Norte Paulista.

Pode-se conhecer o passado histórico da cidade na visita monitorada ao centro histórico, que inclui palestra sobre a história e apropriação de terras desde a ocupação indígena, à divisão em Capitânicas e a doação das primeiras sesmarias nos atuais limites do município., além de um painel sobre a ocupação urbana, arquitetura e técnicas construtivas. Destacam-se os prédios da Câmara, a Cadeia e Igreja Matriz.

A cidade sempre viveu do mar para escoar suas riquezas, que eram o açúcar e o café. Com o declínio dessas atividades, a população caíra passou a viver da pesca artesanal e da venda de bananas, utilizando canoas de voga que vinham de Santos (Litoral Sul Paulista) e que circulavam em toda a região.

O transporte na região foi feito também, até ao início do século XX, pelos pequenos vapores da Companhia de Navegação Costeira e Lloyds Brasileiro. O transporte marítimo ainda foi muito usado até à década de 1930, quando foram abertas as primeiras estradas de rodagem do Litoral Norte Paulista.

O planalto era conhecido pelos índios graças às suas trilhas. Sabe-se que as mais utilizadas eram as Trilhas do Rio Grande e do Ribeirão de Itu, ambas situadas em Boiçucanga. Quando as tropas ([tropeiros](#)) surgiram na região, trazendo mercadorias de fora e levando peixe seco, as trilhas foram ocupadas e alargadas, ainda no século XVII. Estas trilhas originaram algumas das Estradas atuais como é o caso da rodovia São Sebastião - Bertioga e da antiga "Estrada Dória", conhecida hoje por Rio Pardo, que ligava São Sebastião a Salesópolis, em 1832.

O acesso para o [Litoral Norte](#), mais precisamente para Caraguatatuba, já se fazia desde 1805 pelo caminho explicado décadas depois no projeto de Lei do deputado estadual Manuel Hipólito do rego: "partindo de Paraibuna descia no canto da praia, correndo daí pela chamada estrada da marinha, até São Sebastião, atravessava um trajeto de 4 léguas, ou 22,2 quilômetros, até à antiga vila".

Foi este projeto aprovado em 13 de dezembro de 1929 pela Câmara de Deputados, o responsável pela redenção do Litoral Norte. O deputado de São Sebastião conseguiu que um sonho virasse decreto: "Fica o poder executivo autorizado a construir, no porto de São Sebastião, um molhe para atracação de vapores, bem como uma estrada de rodagem para automóveis de Santos à Ubatuba, pelo litoral, com dois ramais para o interior - um no ponto mais conveniente, no município de São Sebastião, ou de Caraguatatuba, até à cidade de Parahybuna; outro de Ubatuba a Taubaté".

Até ao início da década de 1980, os carros tinham de passar em alguns trechos dentro das praias, como em Santiago, Boracéia, Baleia (18 km), o que só era possível quando a maré estava baixa. Durante o final de seu governo, o Presidente João Batista Figueiredo quis deixar concluída a Rodovia Rio - Santos, e o fez às pressas, desviando o traçado original, abandonando viadutos no meio da mata, alguns com 50 metros de altura e 250 metros de extensão. Aqui se encontram alguns dos elefantes brancos, feitos com o dinheiro dos impostos deste povo brasileiro, abandonados e se deteriorando no tempo, por absoluta vaidade e incompetência de nossos governos.

Em 1961 começaram as obras de implantação dos oleodutos do TEBAR (Terminal Marítimo Almirante Barroso), que perduraram até 1969, ligando São Sebastião à Santos, Cubatão, Paulínia e Capuava. Em 1968 o petroleiro norueguês BJorgfjeli realizou a primeira operação de atracação no pear, inaugurando o terminal com obombeamento de petróleo trazido do Iraque.

[A seguir a HISTÓRIA de São Sebastião, na Colonização e ocupação territorial.](#)

Antes da Colonização portuguesa, a região de São Sebastião era ocupada por índios da etnia tupinambá, ao norte e Tupiniquins ao sul, sendo a serra de Boiçucanga - 30 km ao sul de São Sebastião - uma divisa natural das terras das tribos.

O município recebeu este nome em homenagem ao santo do dia em que passou ao largo da Ilha de São Sebastião - Hoje Ilhabela - a expedição de Américo Vespúcio, no dia 20 de janeiro de 1502.

A ocupação portuguesa, ocorre com o início da História do Brasil, após a divisão do território em Capitânicas Hereditárias.

Diogo de Unhate, Diogo Dias, João de Abreu, Gonçalo Pedroso e Francisco de Escobar Ortiz, foram os primeiros sesmeiros e também os que iniciaram a povoação, desenvolvendo o local com atividades agrícolas e piscatórias. Nesta época a região contava com dezenas de engenhos de cana de açúcar, responsáveis por um maior desenvolvimento econômico e a caracterizava como núcleo habitacional e político. Isto veio a possibilitar a emancipação político-administrativa de São Sebastião, que se deu em 15 de Março de 1636. Em 1639, foi elevada à categoria de Vila, tornando-se parte ativa do sistema colonial.

O povoado da atual Ilhabela, só seria elevado à categoria de Vila em 1806, com o nome de Vila Bela da Princesa. As primeiras ordens religiosas a se estabelecerem em São Sebastião foram a Franciscana, que em 1650-59 fundou no Bairro de São Francisco, o Convento Nossa Senhora do Amparo, e a Carmelita, que pela época, se estabeleceu, na Fazenda de Guaecá.

O desenvolvimento da região levou à ampliação do clero secular., formado principalmente pelos filhos das mais importantes famílias da região. Ergueram-se então as Capelas de São Gonçalo e de Nossa Senhora da Conceição de Boiçucanga. Em 1722, foi descoberto ouro em São Sebastião, mas, por sua pequena quantidade, não teve importância para o desenvolvimento da Ilha.

Em virtude de seu porto, nos anos entre 1720 e 1780, São Sebastião teve um período de significativo enriquecimento, com a descoberta das Minas de Ouro nas Minas Gerais, que em função do movimento de exportação, pois além de

possuir ancoramento legal do ouro vindo das Minas Gerais, teve também grande importância pois tornou-se um centro ativo de contrabando.

A Ordem Franciscana em São Sebastião



O fornecimento de gêneros alimentícios necessários à população mineira, deu grande impulso agrícola. Sua vida cultural era desvinculada de qualquer escolaridade oficial. A primeira escola pública para o ensino primário foi criada apenas em 1811. Até essa data as primeiras letras eram ensinadas por padres e alguns professores particulares.

A história do LITORAL NORTE PAULISTA é muito interligada entre suas cidades, assim, neste compêndio se sintetiza toda a sua história, onde cada cidade com a sua importância foi conquistando seu lugar na história deste país.

TELEFONE PARA INFORMAÇÕES DA "PERFEITURA MUNICIPAL DE SÃO SEBASTIÃO" - 0xx12 - 3891-2000



História

Ilha Bela

Parte das Ilhas que integram o arquipélago de Ilhabela já era habitada muito antes da chegada dos primeiros Europeus ao Brasil. Pesquisas arqueológicas realizadas pelo Parque Arqueológico de Ilhabela já identificaram no território do município 14 sítios arqueológicos pré-coloniais, ou seja, locais que foram ocupados por seres humanos antes de 1500.

Treze desses sítios - descobertos nas Ilhas de São Sebastião de Búzios e de Vitória - são os especialistas denominam “acampamentos concheiros”; que foram habitados - acredita-se que desde o ano 2.000 a.C. - por “homens pescadores coletores do litoral”, indígenas, assim denominados em virtude de não dominaram as técnicas agrícolas, nem a produção de cerâmica, vivendo apenas do que encontravam na natureza, especialmente animais marinhos.



Um outro sítio arqueológico pré-colonial foi localizado na Ilha de São Sebastião, no Bairro do Viana, graças à existência no local de farto material cerâmico, e que permitiu determinar que ali existiu uma aldeia indígena do tronco linguístico “macro-jê”. Recentes pesquisas laboratoriais comprovam que esses indígenas viveram ali há cerca de 590 anos.

Milhares de fragmentos arqueológicos já foram recolhidos e integram o acervo do “Instituto Histórico, Arqueológico e Geográfico de Ilhabela”.

Apesar dos indígenas da família linguística tupi-guarani terem dominado, por muitos anos, o litoral do Estado de São Paulo e do Rio de Janeiro, não existe qualquer comprovação arqueológica ou bibliográfica de que eles tenham estabelecido alguma aldeia nas Ilhas do Arquipélago de Ilhabela. Talvez isso explique porque esse indígenas denominavam a Ilha de São Sebastião como Maembipe, o que na língua, significa “local de resgate de prisioneiros e troca de mercadorias”. A escolha de um local neutro para a troca de prisioneiros e mercadorias é um antigo costume tribal vigente até hoje em alguns países do continente Africano, Asiático, do Oriente Médio e até mesmo na Amazônia.

Os tupis eram profundos conhecedores da natureza e viviam guerreando entre si. Os inimigos eram mortos e devorados pela tribo, durante o chamado ritual antropofágico, no qual se acreditava que as qualidades do inimigo morto seriam transmitidas a quem comesse da sua carne.

Inúmeras palavras de origem tupi-guarani permanecem entre nós até aos dias atuais, tais como: capim, goiaba, pitanga, mingau, baiacu, mandioca, biju, além de topônimos (nomes próprios de locais) ilhabelenses como Pacoíba, Baepi, Pirabura, Pirassununga, Jabaquara, Perequê, Itaquanduba, Itaguaçu, Cocaia, Guarapocaia, Piava, Piavú, Pequeá, Papagaio, Itapeperica, Sepituba, dentre outros.

Além da grande herança linguística, os tupis exerceram uma grande influência na cultura e na alimentação no Brasil Colonial, sendo que muitos desses hábitos permanecem vivos até os presentes dias na cultura caipara.

A história colonial de Ilhabela começa quando os integrantes da primeira expedição exploradora enviada por Portugal às Terras de Santa Cruz chegaram a Maembipe em 20 de janeiro de 1502, dia consagrado pela igreja católica a São Sebastião. Essa expedição que rebatizou a Ilha de Maembipe como nome de São Sebastião, foi comandada pelo navegador Gonçalo Coelho e era composta por três caravelas, e dela fazia parte António Vespúcio, conhecido navegante italiano, que se encontrava a serviço da corte portuguesa.

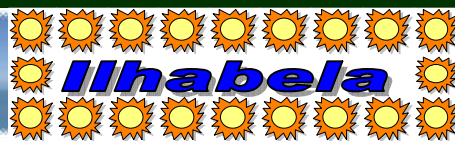
Vespúcio escreveu, mais tarde, que, se realmente existisse um paraíso na terra, este estaria certamente muito próximo a esta região, hoje denominado **LITORAL NORTE DO ESTADO DE SÃO PAULO**.

Por diversos motivos, esta região, permaneceu completamente desabitada ao longo dos primeiros 100 anos após a passagem por este local da expedição comandada por Gonçalo Coelho. Somente em 1608, é que viriam a se estabelecer os primeiros colonos (sesmeiros) em ambas as margens do canal de Toque-Toque (hoje Canal de São Sebastião). Foram eles Diogo de Unhate e João de Abreu, burocratas portugueses oriundos da Vila do Porto de Santos.

A principal atividade exercida pelos colonos era o plantio de cana-de-açúcar e a produção de açúcar, utilizando exclusivamente mão de obra escrava, na época comercializada livremente. Plantava-se também em menor escala o fumo - da - terra, o anil, o arroz, o feijão e a mandioca que substituíam o trigo.

Com a chegada de mais colonos e escravos, formou-se um povoado onde hoje se localiza o centro histórico de São Sebastião. Em 16 de Março de 1636, esse povoado emancipou-se da Vila de Santos, passando a denominar-se primeiramente de Vila da Ilha de São Sebastião, depois Vila de São Sebastião da Terra Firme e, finalmente, Vila de São Sebastião.

CONTINUA



CONTINUAÇÃO



Francisco Escobar Ortiz, que tentava, sem sucesso, estabelecer-se em outra Ilha, a de Vitória do Espírito Santo, construiu os dois primeiros engenhos de açúcar da Ilha de São Sebastião, mas sua principal atividade era o comércio de escravos, trazidos de Angola em uma caravela de sua propriedade.

A Ilha de São Sebastião foi integrada ao território da Vila de São Sebastião e assim permaneceria até o início do século XIX.

Durante todo esse tempo, as águas do Litoral Norte foram intensamente procuradas por corsários e piratas europeus e argentinos. Entre outros, dentre os mais famosos que frequentaram o Litoral Norte, estão os Ingleses **Thomas Cavendish**, **Francis Drake** e **Anthony Knivet** e o francês **Duguay-Trouin**, cujas peripécias, aventuras e desventuras correram mundo e deram origem a lendas que até hoje mexem com o imaginário de muitos aventureiros e caçadores de tesouros. Menos famosos, mas tão terríveis, quanto Cavendish ou Duguay-Trouin, foram outros corsários franceses, ingleses, holandeses e argentinos, sendo que estes últimos infestaram a costa brasileira durante a Guerra da Cisplatina em ações de corso. Mais do que inspirara lendas, os ataques de piratas e corsários, foram tantos, que acabaram por motivar a construção de um sistema para defesa das Vilas Bela da Princesa e de São Sebastião, cuja espinha dorsal era constituída por sete fortificações erguidas nas duas margens do canal de Toque-Toque. A principal delas foi o forte do Rabo Azedo, ao norte da Ilha de São Sebastião, e que fica perto da fortificação da Ponta das Canas, cujas ruínas ainda permanecem em pé. (mereceriam ser preservadas, pois são marcos de nossa história, não só elas, como todos os monumentos históricos).

O aumento significativo da população da Ilha de São Sebastião viria a ocorrer somente na segunda metade do século XVIII, ocasião em que um pequeno povoado começou a ser formado onde hoje se encontra o Centro Turístico de Ilhabela. Por volta de 1785, esse povoado foi elevado à condição de Capela (denominação colonial para o primeiro estágio de um povoamento), recebendo o nome de "*Capela da Nossa Senhora D'Ajuda e Bom Sucesso*".

No final do século XVIII, com o ciclo do açúcar em crise, a Ilha de São Sebastião contava com uma população, espalhada por todo o seu território, de aproximadamente três mil moradores, cujos líderes pleiteavam a emancipação do território abrangido pela Ilha.

Esse movimento - que foi liderado pelo capitão Julião de Moura Negrão, pelo alferes José Garcia Veiga, pelo senhor do engenho Carlos Gomes Moreira, e outros 27 proeminentes moradores da Ilha - sensibilizou o capitão-general da Capitania de São Paulo, Antônio José da Franca e Horta, que, em 3 de setembro de 1805, baixou uma portaria determinando a elevação da capela à condição de vila, que passaria a chamar-se "*Vila Bela da Princesa*".

o nome da nova Vila - escolhido pelo próprio Franca e Horta - foi uma homenagem à Princesa da Beira, **Dona Maria Teresa Francisca de Assis Antonia Carlota Joana Josefa Xavier de Paula Micaela Rafaela Isabel Gonzaga de Bragança**, filha mais velha dos Reis Portugueses D. João VI e Dona Joaquina Carlota, irmã, portanto de D. Pedro I.

Vila Bela da Sereníssima Princesa Nossa Senhora - como também era chamada - foi oficialmente instalada por solenidade realizada em 23 de janeiro de 1806.

Nesse período começava a tomar vigor em Vila Bela da Princesa um novo ciclo econômico, o do Café, plantado, colhido, descaroçado, secado, torrado, ensacado e embarcado única e exclusivamente por mão de obra escrava. Nessa época, o comércio de escravos era realizado de forma clandestina, pois já havia sido proibido por "Autoridades Internacionais". Por isso, a região de Ilha Bela da Princesa voltada para o alto mar - principalmente a Baía dos Castelhanos - era utilizada para o desembarque de escravos contrabandeados.

Após sua emancipação, Vila Bela da Princesa, experimentou 80 anos de opulência e grande poder econômico, graças à agricultura, e, principalmente, ao café, plantado em cerca de 30 fazendas espalhadas pelas Ilhas de São Sebastião e dos Búzios. A população rapidamente ultrapassou a casa dos 10 mil habitantes. Os fazendeiros enriqueceram, o comércio era próspero e a vida cultural intensa.

Em contrapartida, essas oito décadas de plantio intensivo de café, impuseram um alto índice de degradação do meio ambiente. A produção - extensiva e sem qualquer sustentação ecológica - de açúcar e de café, além de absolutamente nada deixar capitalizado para as gerações futuras, provocou não só uma grande devastação para a Mata Atlântica, como também acarretou o desaparecimento de espécies animais e vegetais de um ambiente insular único, no país.

Diversos foram os motivos que inviabilizaram a cultura do café em Ilhabela. O último deles foi a Abolição da Escravatura, em Maio de 1888, isso porque era escrava toda a mão de obra utilizada na atividade.

Vila Bela da Princesa e o Litoral Norte entrariam em um longo período de estagnação econômica, que perduraria por quase 70 anos o que permitiu que a natureza, por si própria, repusessem uma grande e significativa parte da floresta que foi devastada pela agricultura.

A partir do primeiro quarto do século XX começa a ganhar força em Ilha Bela a produção de cachaça, já fabricada em 13 engenhos - ou fábricas de aguardente - instalados na Ilha de São Sebastião, sendo que a maioria movida por

CONTINUA



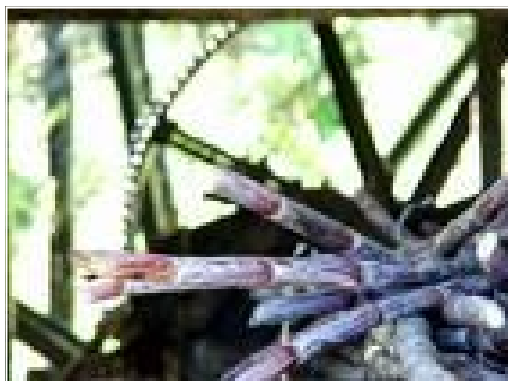
CONTINUAÇÃO



Foto: Emanuel Lopes

rodas d'água. A cachaça era escoada, em pipas, principalmente para Santos, por meio de uma flotilha de grandes canoas de voga, juntamente com os excedentes agrícolas produzidos pela roças de subsistência.

Com a crise econômica cada vez mais se aprofundando, o governo do Estado de São Paulo resolveu realizar em 1934 uma reestruturação na divisão territorial estadual, extinguindo 18 pequenos municípios cuja arrecadação não era suficiente para arcar com os gastos da própria administração, entre eles Vila Bela da Princesa, que passou à categoria de distrito e foi anexado ao município de São Sebastião.



A revolta foi tão grande e o governo estadual, apenas sete meses depois, viu-se obrigado a elevar Vila Bela da Princesa novamente à condição de município. Em 1º. de janeiro de 19398, vila Bela da Princesa passou a denominar-se Vilabela. Pouco mais de um ano depois, o Presidente da República Getúlio Vargas, determinou, sem maiores justificativas, que Vilabela deveria passar a denominar-se Formosa. A formalização da mudança de nome de Vilabela para Formosa veio em 4 de maio de 1940. Um movimento popular levou o governo a mudar o nome do município para Ilhabela, o que passou a vigorar em 1º. de janeiro de 1945.

A partir da segunda metade da década de 1950, a produção de cachaça começou a entrar em declínio, sendo encerrada definitivamente em meados da década de 1970.



Se a região se mostrava inviável do ponto de vista econômico, o pequeno porte das roças e do plantio da cana-de-açúcar, a baixa densidade demográfica, a dificuldade de acesso e o relevo geográfico inóspito acabariam propiciando, novamente, as condições favoráveis para que a natureza providenciasse, por seus próprios mios, uma significativa recuperação do meio ambiente e da Mata Atlântica.

Com a melhoria das estradas de ligação entre São José dos Campos e Caraguatatuba, e entre esta cidade e São Sebastião, o turismo começou a ganhar importância econômica em Ilhabela e região, a partir da década de 1970.

A construção de residências de veraneio, por moradores das classes média e alta do planalto paulista, também começou a ganhar impulso.

A pavimentação da SP-55 - Rodovia Dr. Manoel Hipólito do Rego - na década de 1980, provocou um grande aumento na atividade de construção civil voltada para a edificação de residências de veraneio e, em consequência, Ilhabela e as demais cidades do Litoral Norte Paulista, começaram a receber um grande fluxo de migrantes oriundos de diversos Estados brasileiros. Desde a década de 1990, as cidades da região têm enfrentado o maior crescimento demográfico do Estado, o que tem

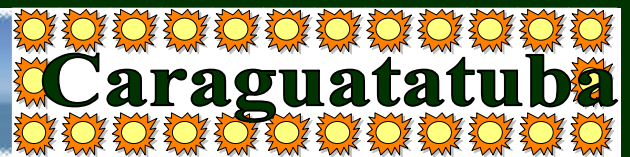
provocado o crescimento urbano desordenado.



Para minimizar este problema, desde 1997 a prefeitura de Ilhabela tem realizado um rígido controle de edificações em áreas de risco e ou de preservação ambiental permanente, o que provocou uma importante redução no crescimento desordenado em relação às demais cidade do Litoral Norte Paulista.

Fontes:
www.ilhabela.sp.gov.br
www.pt.wikipedia.org
Imagens: Arquivo e Web

Mais informações:
www.ilhabela.sp.gov.br
Fone: 0xx12 - 3896-9200



Caraguatatuba

História

Caraguatatuba começou a ser povoada no início do ano de 1600, através das sesmarias. A primeira sesmaria que se tem conhecimento ocupou a bacia do rio Juqueriquerê, no ano de 1609 e foi doada pelo Capitão-mor Gaspar Conqueiro aos amigos moradores na cidade de Santos, Miguel Gonçalves Borba e Domingos Jorge, como prêmio por serviços prestados à Capitania de São Vicente.

A partir desta data tem início a ocupação na região do rio Juqueriquerê, que pelas suas condições favoráveis, começou a despertar o interesse e a atenção de novos colonos. Em meados do século XVI, começava a surgir o primeiro povoado que viria a formar a Vila de Santo Antônio de Caraguatatuba.

Segundo dados, a fundação de Caraguatatuba teve suas origens nos anos de 1635/1654, quando João Blau capitão-governador da Capitania de Nossa Senhora de Itanhaém (1653-1656) do qual era donatário a Condessa do Vimieiro, fundou a Vila de Santo Antônio de Caraguatatuba. Não conhecendo sua longa existência, por volta de

1770, o Governador da Capitania de São Paulo, determinou ao comandante do destacamento da Vila de São Sebastião que fizesse erigir uma povoação na paragem chamada Caraguatatuba, juntando para ela todos os moradores que pudesse, delineando o lugar para a Casa da Câmara, Cadeias e mais edifícios públicos, visto que já existia a Igreja para a exaltação a Santo Antônio.



Em 1693, um violento surto de varíola, a qual o povo vulgarmente tratava por “bexigas”, vitimou parte da população da Vila; o restante dirigiu-se para a cidade de Ubatuba e São Sebastião, ficando então o local conhecido como “A Vila que desertou”. Devido à epidemia que se abateu sobre o povoado, o pequeno vilarejo ficou deserto, resistindo somente a Igrejinha da Invocação a Santo Antônio. Contudo, aos poucos, posteriormente a Vila de Caraguatatuba, voltou novamente a ser povoada.

Em meados do século XVIII, o novo povoado viu crescer o número de seus habitantes a tal ponto que despertaria o interesse do Capitão Geral da Capitania de São Paulo, D. Luís Antônio de Souza Botelho Mourão Morgado de Mateus. Assim, posteriormente o mesmo foi levado a tomar providências para que o povoado de Santo Antônio de Caraguatatuba fosse elevado à condição de Vila, o que se deu em 27 de setembro de 1770, sem no entanto ter emancipação político-administrativa. Em 1847 foi elevada à condição de Freguesia pela Lei nº.18 de 16 de março de 1847, sancionada por Manuel da Fonseca Lima e Silva, Presidente da Província de São Paulo.

Em 1857, pela Lei nº.30 de 20 de abril de 1857, sancionada por Antônio Roberto D’Almeida, Vice-Presidente da Província de São Paulo, Caraguatatuba é elevada à categoria de Vila. Nesta data, passou a ter sua emancipação político-administrativa, deixando então de pertencer a São Sebastião.

Foi reconhecida como Estância Balneária no ano de 1947, pela Lei nº.38 de 30 de novembro de 1947 e sua Comarca foi instalada em 26 de setembro de 1965.

Origem do nome:

Caraguatá, gravatá, carautá, cruatá, coroa, croatá, croá, planta bromeliácea, uma das mais características da flora brasileira. Das 1680 espécies conhecidas, 1000 são nativas do Brasil. É de aceitar-se com maior convicção o dizer de João Mendes de Almeida, no Dicionário Geográfico da Província de São Paulo, que a palavra é corruptela de Curaá Guatatybo, que significa enseada com altos e baixos, em razão de ter esta enseada parciais e cômodos de areia em vários locais.

Fazenda dos Ingleses:

Abrigando famílias de estrangeiros instalados em casas de alvenaria, dentro de uma área inicial de 4.020 alqueires, a Fazenda de São Sebastião era conhecida por Fazenda dos Ingleses. Em 1927, a Fazenda dos Ingleses provocou mudanças no quadro geral da situação de Caraguatatuba.

Graças às técnicas de colheita e cuidados no armazenamento, laranjas e, principalmente, bananas da fazenda eram exportadas para a Europa, particularmente para a Inglaterra. Diz a lenda que bananas eram exportadas diretamente para a rainha da Inglaterra.

Entre a colheita e o transporte desses produtos até o ancoradouro, situado no canal de Toque-Toque (Canal de São Sebastião), a fazenda possuía uma linha férrea, exclusiva, com cerca de 120 km de extensão.



CONTINUA



CARAGUATATUBA

CONTINUAÇÃO



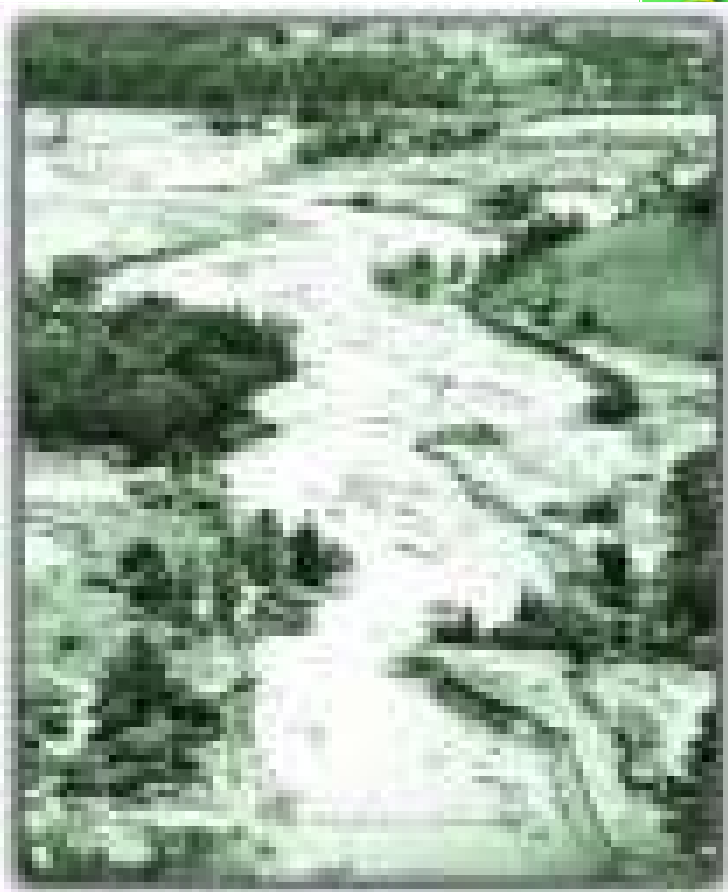
Chama-se à atenção que, apesar dessa extensão, ela era considerada de pequena, em função da área onde operava e do porte do material rolante. E apesar de pequena cada unidade isolada, seu quadro contava com 12 locomotivas e 200 vagões que eram utilizados na colheita e no transporte da produção da fazenda.

Depois de feita a colheita, as frutas eram selecionadas, lavadas, embaladas e transportadas para o ancoradouro, de onde seguiam em barcas até aos navios ancorados no canal de Toque-Toque (hoje canal de São Sebastião), e depois enviadas à Europa.

Assim, a fazenda operou, comandada por ingleses, de 1927 a 1967, quando então se deu a catástrofe na serra do Mar, que após uma tromba de água, fez descer barro e árvores sobre Caraguatatuba,

tendo a fazenda ficado quase que totalmente debaixo de dois metros de lama e destroços. Assim, a mesma foi abandonada, não se apresentando como rentável a sua recuperação.

A Fazenda foi vendida e hoje pertence ao grupo Serveng-Civilsan (Pecuária Serra Mar), que lá



explora o ramo de pecuária, produzindo Leite e derivados. Esta fazenda teve grande importância no desenvolvimento da época, na cidade de Caraguatatuba, entre outros aspectos podem-se evidenciar os seguintes:

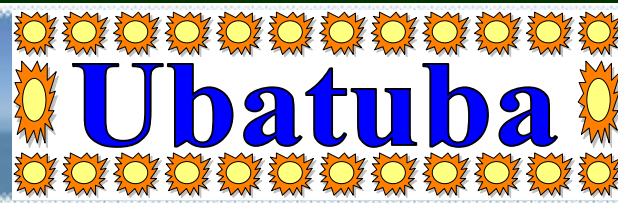
- Aumento significativo da população do município;
- Especialização da mão de obra na agricultura;
- Aumento significativo da atividade artesanal comercial;
- Incremento do comércio dentro e fora da região;
- Expansão dos meios de comunicação rapidamente;
- Respeitável aumento da Receita Pública, Municipal, Estadual e Federal.

Tromba d'água:

Caraguatatuba ficou mundialmente conhecida pela dramática catástrofe ocorrida em 18 de março de 1967, quando uma tempestade de poucas horas provocou centenas de deslizamentos nas variantes escarpadas da Serra do Mar. A serra avançou sobre Caraguatatuba despejando milhares de toneladas de lama e vegetação.

Caraguatatuba ficou quase completamente destruída, bairros inteiros soterrados mas, duas décadas após a ocorrência da catástrofe, Caraguatatuba já tinha se recuperado e crescido.

Caraguatatuba é hoje o centro mais populoso e importante comercialmente de todo o Litoral Norte Paulista. O Povo, indo contra todas as desavenças políticas, soube e muito bem reconstruir sua cidade. Se deu um "bum" de desenvolvimento e incremento turístico, superando todas as expectativas de comerciantes e hoteleiros.



História Geral



Antes da conquista e colonização do Brasil pelos europeus, existiam várias comunidades indígenas no extenso litoral brasileiro. Culturalmente diferentes entre si, falavam várias línguas com diversos dialetos e, numerosos habitavam aos milhares, as centenas de aldeias. Os índios da Comunidade Tupinambá (excelentes canoeiros) possuíam várias aldeias, sendo que uma delas, a Aldeia de Iperoig, localizada na região da hoje Ubatuba, quando da chegada dos portugueses.

Durante o processo de conquista, que envolveu a catequização de índios pelos jesuítas, os portugueses aliaram-se a comunidades indígenas que habitavam a região de São Vicente (ver história de Bertioga) e de São Paulo de Piratininga como Tupiniquins e Guaianazes. Os Portugueses e seus aliados passaram a invadir aldeias e a escravizar índios de outras comunidades, utilizando-os como mão-de-obra escrava.

Ao serem atacados, os índios Tupinambás e de outras comunidades organizaram-se e formaram a “Confederação Tamuya” (da antiga língua Tupi, o Tupi arcaico, origem da língua Tupi-Guarani, que significa: o mais antigo, os primeiros e verdadeiros donos da terra) ou, como é conhecida hoje “Confederação dos Tamoios”, passando a enfrentar os portugueses.

Paz de Iperoig

Em 1563, Jesuítas fundadores e administradores de colônias da Coroa Portuguesa (Império e Governo de Portugal Quinhentista); Padre Manoel da Nóbrega e o noviço Padre José de Anchieta vieram como “embaixadores” (Diplomatas) negociar a paz de Iperoig, entre Portugueses e os Líderes da “Confederação dos Tamoios”.

A Paz era urgente ser estabelecida, antes que os índios confederados, mais de três mil e quinhentos guerreiros, invadissem os povoados e aldeias portuguesas.

O Padre Manoel da Nóbrega, retornou a Bertioga, com o Chefe da Confederação o cacique Cunhambebe.

Anchieta ficou como refém, enquanto Nóbrega e Cunhambebe se encontrassem em Bertioga, afim de garantir a segurança do Chefe Tamoio.

Com a paz estabelecida, o Governador Geral do Rio de Janeiro, Salvador Corrêa de Sá e Benevides tomou providências para colonizar a região desde o Rio Juqueriquerê, entre São Sebastião e Caraguatatuba.

Assim:

Ubatuba, começa a aparecer na história do Brasil com o nome de Aldeia de Iperoig, conforme os relatórios do missionário José de Anchieta, ao Provincial da Ordem dos Jesuítas, onde conta sobre os conflitos existentes na região e demais dados que acima já referenciamos.

Criação do Município:

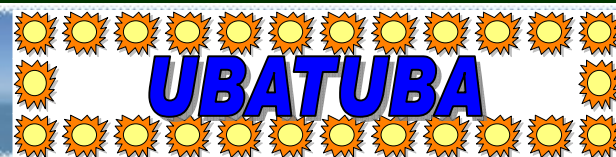
Com a paz restabelecida e com a intenção de assegurar a posse para a colônia Portuguesa deu-se início a colonização do Litoral Norte Paulista. A antiga aldeia de Iperoig foi elevada à categoria de Vila em 23 de outubro de 1637 com o nome de Vila Nova da Exaltação à Santa Cruz do Salvador de Ubatuba.

No entanto, Ubatuba começa a ser colonizada em 1600 por Inocêncio de Unhate, Miguel Gonçalves, Gonçalo Corrêa de Sá e seu irmão Martim de Sá. Mais tarde, a donatária da Capitania, Mariana Souza Guerra - A Condensa do Vimieiro - doou a sesmaria a Maria Alves que não podendo colonizar passou o registro das terras em 1610 para Jordão Homem da Costa, construindo a Capela de Nossa Senhora da Conceição, continuando a colonização da aldeia de Iperoig, que em 1637 foi elevada à Vil, com o nome de Exaltação à Santa Cruz de Salvador de Ubatuba.

Durante o século XVII, a produção agrícola cresceu e a Baía de Ubatuba se transformou no mais movimentado porto da Capitania de São Vicente. No entanto, a Vila de Ubatuba pertencia à jurisdição do Rio de Janeiro, até que uma ordem do Rei a subordinou a São Paulo.



CONTINUA



CONTINUAÇÃO

Com esse ato, Bernardo José de Lorena, Governador da Capitania de São Paulo, tinha poderes para manipular o controle do Porto, em 1789, esse governo determinou que “toda e qualquer exportação só poderia ser feita pelo porto de Santos e diretamente ao Reino”. Essa ordem causou grande impacto negativo na agricultura e cultivo do município, o que o levou a uma séria decadência econômica e social.

Melo de Castro e Mendonça, sucessor de Bernardo José de Lorena, ao tomar posse em 28 de junho de 1798, logo procurou averiguar a razão das queixas dos habitantes do Litoral.

Verificou então que a proibição da exportação era realmente um entrave à economia de Ubatuba, o que o levou a conceder a Liberdade de Comércio e Livre Exportação, por decreto de 28 de setembro de 1798.

Ascensão e decadência econômica

De 1800 a 1890 Ubatuba teve o privilégio de ser uma cidade rica, sendo que por três vezes a arrecadação do Município superou a de São Paulo; o motivo, foi a reabertura do Porto.

Os ricos exportadores voltaram a reativar seus negócios, nesse período foram construídos os mais importantes prédios, casas de comércio, escritórios de exportação e luxuosas residências, evidenciando-se o Teatro, durante muitos anos funcionou o Fórum da Comarca.

Ubatuba chegava ao apogeu econômico e a euforia chegou ao ponto de os exportadores planejarem uma ferrovia para modernizar o Porto e fazer concorrência com o Porto de Santos e do Rio de Janeiro. Sua pretensão era atender aos agricultores do Vale do Paraíba e Sul de Minas. Mas, a pressão dos concorrentes dos outros Portos fez com que o Governo decretasse a primeira moratória do Brasil, para impedir a construção.

Os ricos mudaram de cidade, ficaram os pobres e pequenos comerciantes vendo os imponentes sobrados sendo destruídos pelo abandono. Uma tentativa de se construir uma ferrovia entre Taubaté e Ubatuba foi vista com muita esperança mas, de novo a proposta fracassou.

A população diminuiu em duas mil pessoas. A estrada da serra ficou praticamente desativada e o tráfego marítimo foi reduzido a um navio de dez em dez dias, no caminho entre os Portos de Santos e Rio de Janeiro.

Ubatuba voltava ao isolamento, não havendo estrada terrestre ao longo do litoral, sendo que toda a comunicação e o vai e vem se dava através de canoas.

Somente em 21 de abril de 1933, houve uma nova esperança. Era o Engenheiro Mariano Montesanti que descia a serra no seu carro, inaugurando a estrada que construíra, ligando o município de Taubaté por rodovia, o que despertou uma nova etapa na história de Ubatuba.

Dias atuais:

Em 1948, Ubatuba, conquistou a categoria de Estância Balneária e no ano de 1950, os Taubateanos iniciaram a construção de suas casas de veraneio sendo, que, em 1964, Ubatuba, obteve um impulso econômico, quando o Industrial e mecenas Francisco Matarazzo Sobrinho (o Ciccillo Matarazzo) foi eleito prefeito da cidade. Nesta época Ciccillo promoveu o desenvolvimento, convocando arquitetos e paisagistas, constituindo uma arquitetura com proporções bem resolvidas, simplicidade construtiva, linhas harmoniosas e respeito ao clima e meio ambiente.

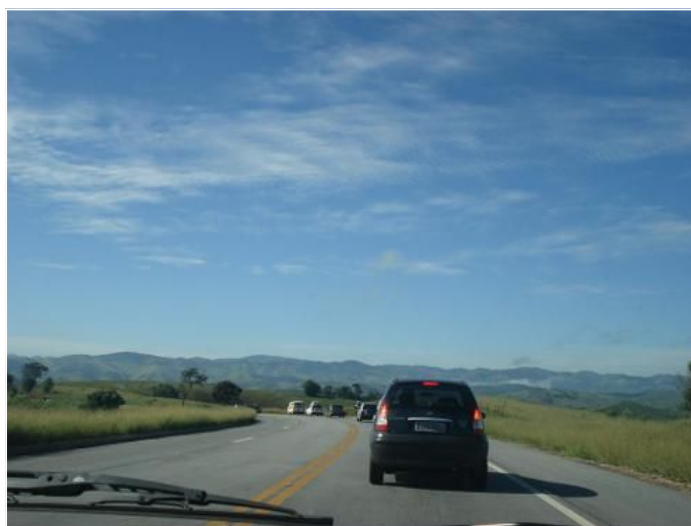
Hoje Ubatuba resgata seu passado na cultura caiçara, nas ruas, nas festas de origem portuguesa e nos edifícios históricos, revelando seu potencial como Estância Balneária para o Turismo.

Geografia

Seus municípios limítrofes são Cunha a Norte, parati no Estado do Rio de Janeiro a Nordeste, Caraguatatuba a sudeste e Natividade da Serra e São Luis do Paraitinga a Noroeste. Ao sul, Ubatuba é limitada pelo Oceano Atlântico. Ubatuba tem cerca de 88 praias, sem contar as praias que se situam em suas Ilhas, Ilhotas e Lajes. Uma de suas Ilhas mais bonita é a [Ilha Anchieta](#) a seguir a [Ilha das Couves](#). Cada uma com suas belezas e com sua história.

Hidrografia:

RIOS: Rio da prata, Rio Maranduba, Rio Escuro, Rio Grande de Ubatuba, Rio Indaiá, Rio Itamambuca, Rio Puruba, Rio Iriri, Rio Fazenda e Rio das Bicas. CÓRREGOS: Duas irmãs, Lagoinha, Acaraú, Promirim, Quiririm e Ubatumirim.



Martim Afonso de Sousa

Biografia



Martim Afonso de Sousa, nobre e militar português, nasceu na Vila Viçosa (Portugal), no ano de 1490 e faleceu em Lisboa (Portugal) no ano de 1571.

Descendência real:

Senhor de Prado e Alcoentre, ainda parente do Conde de Castanheira, Dom António de Ataíde, tão influente sobre o Rei D. João III de Portugal, Martim Afonso de Sousa foi Senhor do Prado, e Alcaide-Mor de Bragança.

Mais tarde foi ainda Governador da Índia e do Estado do Brasil.

Serviu durante algum tempo ao Duque de Bragança, Pedro (ou Pero) Lopes de Sousa, Senhor de Alcoentre e Alcaide-mor de Rio Maior, que foi Capitão donatário das Capitânicas de Santa Ana e São Vicente, no Brasil; mas, como era um espírito elevado e queria largos horizontes, largou a Alcaidaria-mor de Bragança e outras mercês que tinha do Duque, para servir ao príncipe D. João, filho do Rei Dom Manoel.

Depois, a serviço do Rei foi a Castela (Espanha) onde se demorou algum tempo, na cidade de Salamanca. Retornando a Portugal, D. João III que já tinha ocupado o trono de Portugal, o recebeu com muita estima e honra, pois já se havia mostrado “um fidalgo com quem concorreram muitas partes, porque era valoroso, dotado de entendimento e talento grande”.

Em uma de suas missões foi designado pelo troco para fazer o acompanhamento da Rainha Viúva D. Leonor a Castela, na Espanha, como secretário e guarda-costas.

Lutou sob o comando do Rei Carlos V, da Espanha, contra os franceses.

Sua carreira como navegador e homem de mar e guerra foi iniciada em 1531, numa missão designada por D. João III, que começou a ser delineada no ano de 1530 e que tinha por fim garantir a posse real das Terras do Brasil. As referências que levaram o Rei a designar Martim Afonso, foram, segundo suas palavras: “... por ser primo-irmão de D. António de Ataíde, membro do Conselho Real, e ter forte influência junto ao Rei”.

Estudou matemática, Cosmografia e Navegação. Viveu quatro anos na Espanha onde desposou D. Ana Pimentel dama de honra da Rainha Católica, irmã de Dom Bernardino Pimentel, 1º. Marquês de Távora, filhos de Dom Pedro Pimentel, Senhor de Távora, Comendador de Castro-Terense na Ordem de Santiago, o qual morreu em 6 de fevereiro de 1504, e irmã de Dom Rodrigo Afonso Pimentel, 3º. Conde de Benavente.

O casamento foi feito por Dom Pedro III, que dotou a filha, com assistência do irmão, o conde de Benavente, sendo o contrato de casamento firmado em Tordesilhas, na Espanha.

Embora a historiografia tradicional em História do Brasil encare sua expedição como a primeira expedição oficial colonizadora, o Regimento a ele passado, ou seja a missão que traria do Rei, seria colocar padrões de posse do Reino de Portugal em toda a área da Bacia do Rio da Prata, o que não aconteceu, em virtude de seu naufrágio na região, do qual saiu ileso.

Diz-se também que a sua missão Como Governador era expulsar os franceses que na época exploravam o pau-brasil no território brasileiro, descobrir novas terras, explorar o Rio da Prata e fundar núcleos de povoamento.

A viagem, o Governo e o Litoral Norte:

Martim Afonso de Sousa, partiu de Lisboa (Portugal) no dia 3 de dezembro de 1530 com quatro naus, tendo como imediato o irmão Pedro Lopes de Sousa e mais uma tropa de 400 homens entre marinheiros de guerra e serviçais.

Depois de percorrer toda a costa Litorânea até à foz do Rio da Prata, onde suas naus foram atingidas por violenta tempestade, o que causou o naufrágio ao qual sobreviveu, como desdobramento de sua missão, retornou margeando o Litoral e fundeou na hoje São Vicente (Litoral Sul de São Paulo) em 21 de janeiro de 1532. Foi aí que conheceu João Ramalho e António Rodrigues, moradores da região, que o primeiro havia casado com uma filha do cacique indígena Tibiriçá e assim, usufruírem de boas relações de amizade com o povo indígena local.

Na região do planalto (onde hoje se ergue a Capital do Estado de São Paulo, a cidade de São Paulo) já havia sido instalada uma pequena comunidade indígena-jesuítica, denominada de Piratininga, a qual só foi possível com a ajuda e apoio de João Ramalho, que guiou os jesuítas pelas trilhas indígenas da Serra até ao planalto hoje paulista.

Em São Vicente iniciou a cultura da cana-de-açúcar e ordenou a implantação de um engenho de beneficiamento de Cana, o “Engenho dos Erasmos”.

Combateu e expulsou os corsários franceses que queriam firmar na Baía da Guanabara a “França Atlântica”, tendo então sido agraciado pela Coroa Portuguesa, pelo feito, sob o reinado de D. João III, como Capitão-donatário de dois lotes de terras no Brasil: A Capitania de São Vicente.

Desde outubro de 1532, recebera comunicação do Rei D. João III de que o imenso território do Estado do Brasil, seria dividido em extensas faixas paralelas, de terras, às quais foi dado o nome de “Capitânicas Hereditárias”. Na ocasião foram-lhe doadas cem léguas na Costa Brasileira, tendo também recebido autorização para retornar a Lisboa (Portugal).

CONTINUA

Sua expedição trouxe para o Brasil, como ferreiro, contratado por dois anos, para prover as necessidades do trabalho de serralheria da expedição e da colônia, o mestre Bartolomeu Fernandes, também conhecido como Bartolomeu Gonçalves e Bartolomeu Carrasco. Terminado o contrato, mestre Bartolomeu estabeleceu-se em solo paulista, tornando-se proprietário do sítio dos jeribás, instalado nas margens do Rio Jurubatuba, afluente do Rio Pinheiros, na Vila de Santo Amaro (São Paulo). Esta teria sido a primeira forja do Brasil para produção e manuseio de aço, fato mencionado no ano de 1554, em seus escritos, pelo padre José de Anchieta.

Com quatro operários, mestre Bartolomeu conseguiu fundir e forjar 100 quilos de ferro em seis ou sete horas, consumindo 450 quilogramas de carvão vegetal.

A partida do Brasil:

Após ter montado as bases da capitania de São Vicente e do porto de Bertioga (Iperoig) e também erigido o Forte de Pedra nesta mesma cidade; de ter derrotado os franceses na Baía da Guanabara, foi chamado a Lisboa.

Sua missão nas Índias:

Nomeado Capitão-mor do Mar das Índias, no ano de 1533, foi encarregado de proteger as possessões de Portugal no Oriente. Defendeu a feitoria de Diu contra mouros e hindus, derrotou o rajá de Calecute e combateu os corsários que saqueavam as embarcações portuguesas na região. Vitorioso, na Índia e no Brasil, foi nomeado por D. João III no ano de 1542, Vice-Rei das Índias.

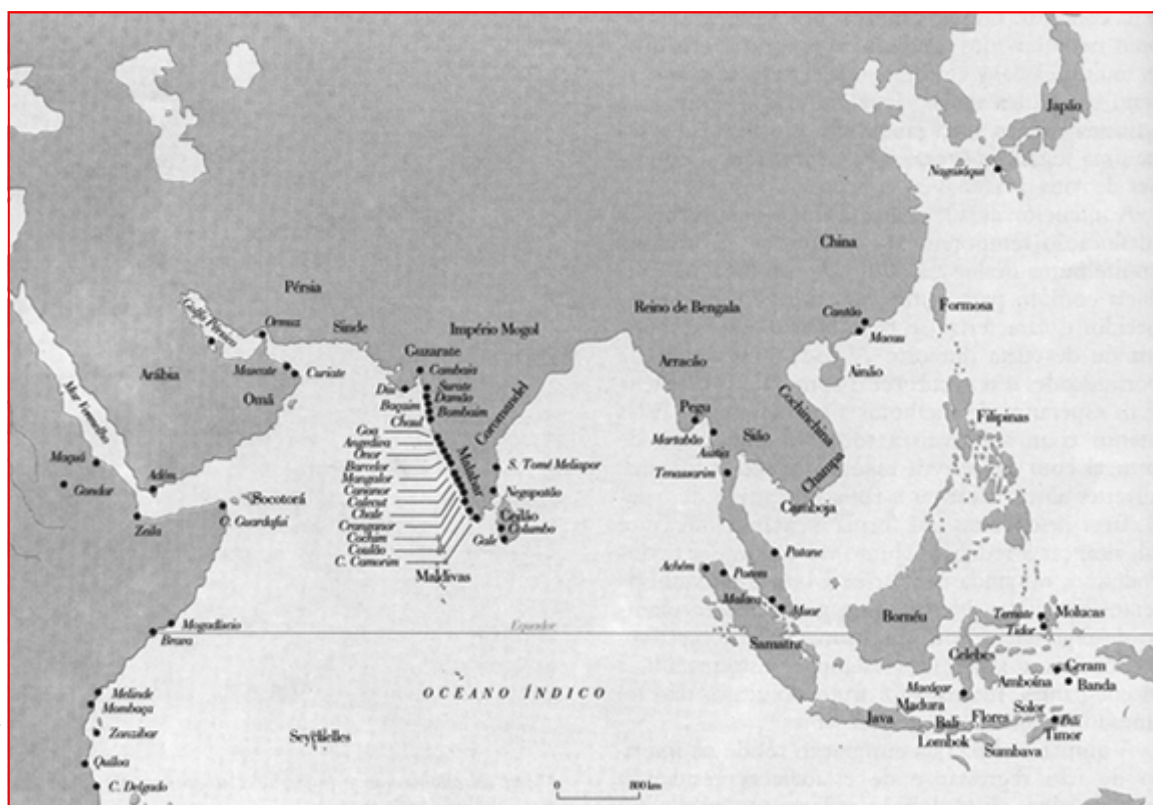
Chegando à Índia diz a “História Genealógica da Casa Real Portuguesa; volume XIV, páginas 241; do Governador Nuno da Cunha refletia que El Rei em Martim Afonso de Sousa lhe mandava não só o Capitão-mor do Mar, mas companheiro, e sucessor no Governo”.

No final do ano de 1534, “...o Governador o meteu de posse, mandando-o sobre a praça de Damão, situada no Reino de Cambaia, com 40 velas e 500 portugueses, que rendeu, sendo mortos quase todos os inimigos, e a Fortaleza foi arrasada. O Rei de Cambaia, temendo maiores perdas, querendo na amizade dos nossos evitá-la, pediu pazes ao Governador do Estado Nuno da Cunha, que foram juradas solenemente com a condição de dar a El Rei de Portugal para sempre Baçaim (Bombaim)”.

Foram duras condições de direitos a pagar, que se vieram a moderar quando se concedeu levantar-se a Fortaleza de Diu, conseguida por negociações intermediadas por Martim Afonso de Sousa, no ano de 1535, quando se achava em Chauí.

Em 1530 Martim Afonso foi mandado à Costa de Malabar “e destruiu e assolou todos os lugares marítimos de Reino do Çamorim que estava com seus aliados todos os príncipes Repelim, que destruíra”.

Estas e outras empresas lhe deram o respeito e temor na Ásia. Voltando para o reino (Portugal) aconteceu a morte do Vice-Rei D. Garcia de Noronha, que foi a 3 de abril de 1548, se abrindo assim a via de sucessão. Desta forma foi nomeado Martim Afonso de Sousa sucessor de D. Estevão da Gama no Governo, muito embora seus parentes o quisessem embargar mas, porém, o Conde de Castanheira, primo Martim



Mapa da presença portuguesa na Ásia até finais do século XVI.

Afonso de Sousa, usando de sua influência no Reino, o fez nomear para Governador da Índia, para onde Martim Afonso partiu em 7 de abril de 1541, levando consigo quatro naus, entre elas a São Francisco Xavier. Entrou em Goa no dia 6 de maio de 1542 e em 1545 sucedeu a Dom João de Castro.

Na volta ao reino, foi senhor de Alcoentre (dono de terras que se situavam ao redor da cidade de Alcoentre) que comprou ao marquês de Vila Real. Instituiu um morgado e foi donatário das capitanias de Santa Ana e São Vicente na costa do Brasil; e do Conselho do Rei D. João III; e Comendador de Mascarenhas na Ordem de Cristo.

Martim Afonso de Sousa teve ainda um papel bastante importante no apaziguamento dos índios no Litoral Norte do Estado de São Paulo, contribuindo para a fundação da Vila de São Vicente, da cidade de Bertioga e abriu as portas para a fundação, por Estácio de Sá, da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Estácio de Sá

Estácio de Sá, foi um militar português, fundador da cidade do Rio de Janeiro e primeiro Governador-Geral da Capitania do Rio de Janeiro, no período colonial. Nasceu na cidade de Santarém (Portugal) no ano de 1520 e faleceu na cidade que ele mesmo fundou, Rio de Janeiro (Brasil), no dia 20 de fevereiro de 1567.

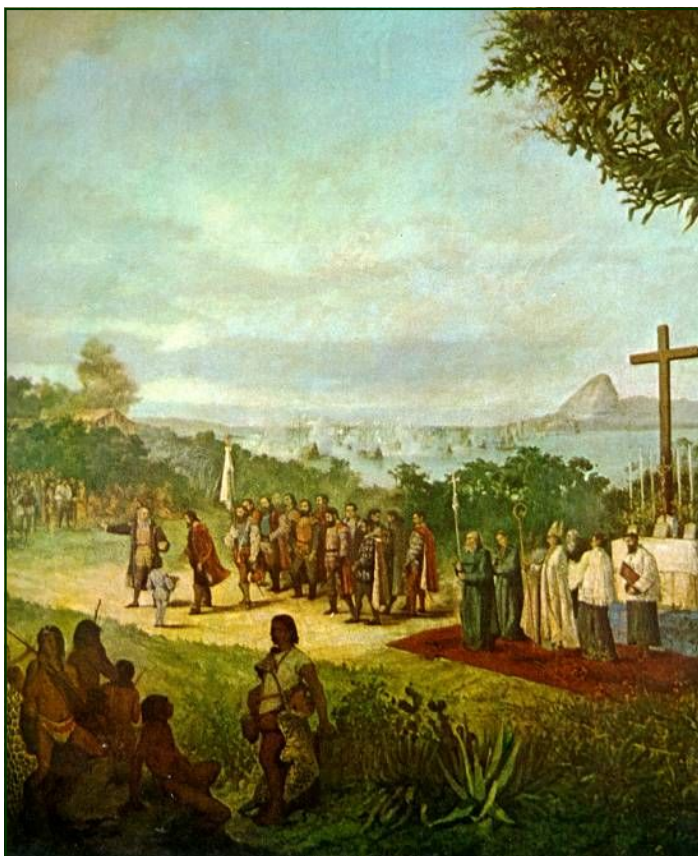
Era seu pai, Gonçalo Correia (1510-Desconhecida) e sua mãe Filipa de Sá (1515-Desconhecida), sua primeira esposa. Da segunda esposa, Maria Rodrigues (1529-desconhecida) Gonçalo Correia teria outros filhos. Eram então seus irmãos Salvador Correia de Sá, nascido em 1540 e Francisco de Sá. Alguns historiadores também citam que Gonçalo Correia teria tido outro filho, Manuel Correia Vasquez. No entanto existem controvérsias e outros historiadores afirmam ser este último filho de Martim Correia de Sá e de D. Maria de Mendonza.

Mas, seja de uma ou de outra forma, o quer vale salientar é que Estácio de Sá era sobrinho de Mem de Sá e chegou à cidade de Salvador na Bahia, no ano de 1563 com a missão de expulsar definitivamente os franceses remanescentes da Bahia de Guanabara e ali fundar uma cidade, que mais tarde veio a se tornar a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Devido às dificuldades do início da colonização, somente em 1565, com reforços bélicos obtidos na então Capitania de São Vicente, onde se destaca a colaboração dos Irmãos Braga, e o apoio dos padres Manoel da Nóbrega e José de Anchieta, conseguiu reunir uma força de ataque para cumprir sua missão; desalojar os franceses da baía de Guanabara, pacificar os índios aliados destes e fundar a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Em 1º. de março de 1565, fundou a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, em terreno plano entre o Morro de Cão e o Morro do Pão de Açúcar, sua base de operações. O objetivo da fundação a ocupação do lugar e assim efetuar a expulsão definitiva dos franceses que já se encontravam na baía de Guanabara, fazia 10 anos.

Combateu os franceses e seus aliados indígenas por mais dois anos. Em 20 de janeiro de 1567, com a chegada da esquadra portuguesa, comandada por Cristóvão de Barros com reforços comandados pessoalmente por seu tio Mem de Sá, mais, o apoio dos índios arregimentados pelos irmãos Braga e os padres Anchieta e Manoel da Nóbrega, vindos de São Vicente, lançou-se ao ataque, travando os com-



Igrejinha de Copacabana - Copacabana Século XVI



Data de fundação da igreja e autor desconhecidos



bates de Uruçumirim (atual praia do Flamengo) e Paranapuã (atual Ilha do Governador).

Estes combates foram bastante sangrentos, causando muitas baixas tanto do lado português, como nos franceses e sobretudo na população indígena tupinambá, que foi quase na sua totalidade dizimada só da morte escapando os índios e franceses que conseguiram fugir e se embrenhar na mata fechada.

Gravemente ferido, Estácio de Sá, por uma flecha indígena que lhe vazou um olho, durante a batalha de Uruçumirim, no dia 20 de janeiro, veio a falecer um mês mais tarde, no dia 20 de fevereiro, de 1567, em virtude de ter sido acometido de septicemia provocada pelo ferimento recebido.

Estácio de Sá foi Governador-Geral e depois de 1565 a 1567 Governador de São Sebastião do Rio de Janeiro. Após seu falecimento foi sucedido por seu Tio Mem de Sá, que ocupou o cargo, como sucessor, de Governador de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Fim

COMPANHIA DE JESUS

A ordem dos Jesuítas nasceu da união de sonhos de seu fundador, Inácio de Loyola e dos esforços aplicados no momento em que a Igreja Católica mais precisava. A possibilidade de expansão do protestantismo acelerou o movimento de reação, exigindo atuação dos Papas Reformistas, do Concílio de Trento.

A vinda dos Jesuítas para Portugal deve-se à iniciativa de D. João III a quem o Doutor Diogo de Gouveia, responsável pelo Colégio de Santa Bárbara em Paris, indicara a existência de um novo grupo de Clérigos que considerava “aptos para converter toda a Índia”. Santo Inácio de Loyola aceitou o convite e enviou para Portugal, no ano de 1540, dois dos seus primeiros companheiros: o Navarro Francisco Xavier e o Português Simão Rodrigues.

O primeiro partiu no ano seguinte (1541) para a Índia, enquanto o segundo ficou na Europa, lançando as bases da Província de Portugal, como primeira Península de toda a Ordem, no ano de 1546.

A Companhia de Jesus tem formado nestes mais de quatro séculos, homens que vêm marcando sua presença na História da Igreja Católica e do mundo. Conta com um número considerável de santos e beatos - mais exatamente, 41 santos (entre eles 27 mártires) e 139 beatos (entre eles 131 mártires).

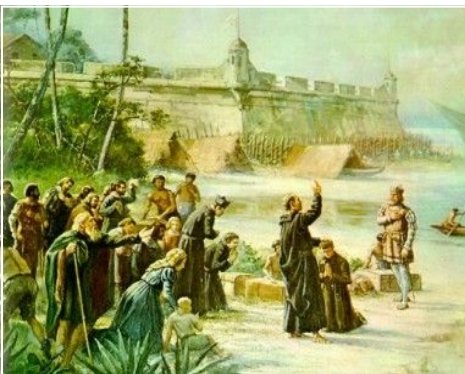
Seu fundador deu-lhes uma organização muito simples: é dirigida por um “Padre Geral” eleito por toda a vida, e dividida em Províncias, cada uma a cargo de um “provincial”.

Importantes ao longo de toda a história brasileira, e absolutamente fundamentais em seu princípio. Os Jesuítas desembarcaram na Bahia, trazidos pelo primeiro Governador Geral Tomé de Souza, em 09 de março de 1549. Apenas nove anos portanto, após a fundação da Companhia e foi seguida por numerosas levadas de missionários.

Muitos foram os homens dinâmicos, como Manoel da Nóbrega, Anchieta, Luiz de Grã, Leonardo Nunes e Cristóvão Gouveia, a se sacrificar na realização de seu trabalho de fé. Estes e tantos outros, como, Antônio Vieira, um dos maiores pregadores que a Companhia teve (um século mais tarde), identificaram-se completamente com os princípios da História do Brasil, sobretudo no capítulo da educação e catequese dos índios.

Esse sistema de educação formado por colégios, missões, catequese e que em muitos lugares era o único disponível, sofreu uma violenta interrupção em 1759, quando os jesuítas foram obrigados pelo Marquês de Pombal, a deixar o Brasil.

A todas as regiões que missionaram, os jesuítas levaram a preocupação pedagógica que os caracterizava. Principalmente no Brasil, fundaram uma rede de colégios, seminários e escolas primárias com ensino gratuito sustentado por explorações agropecuárias e outras propriedades legadas para patrimônio dos centros de ensino.



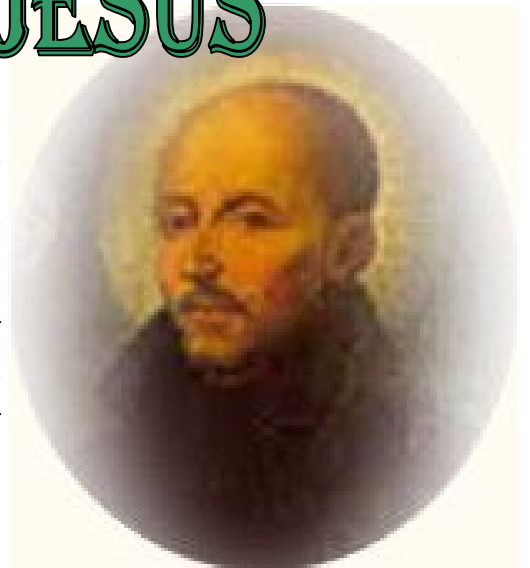
No campo científico, os missionários da Companhia de Jesus efetuaram observações que vieram enriquecer o conhecimento das regiões que percorreram. A lingüística foi outro campo em que se tornaram beneméritos. A preocupação de aprender as línguas dos povos que evangelizavam levou-os a elaborar gramáticas e dicionários e a publicar obras de catequese e outras nas mais variadas línguas e dialetos.

Em dois séculos de apostolado missionário, a Companhia de Jesus, sofreu o martírio de 150 jesuítas portugueses.

As conseqüências desta lacuna no sistema educacional podem ser sentidas até aos dias atuais, apesar do retorno gradativo dos Jesuítas ao país, a partir do início do século passado.

Atualmente, no mundo inteiro, cerca de 10 mil jesuítas, com a colaboração de 100.000 leigos, são responsáveis por estender a ação educacional da Companhia de Jesus a mais de 2.000 Instituições de Ensino, atendendo mais de 1.500.000 jovens e adultos, em 56 países.

[VEJA A SEGUIR “MARQUÊS DE POMBAL” E A EXPULSÃO DOS JESUÍTAS.](#)



PADRE MANOEL DA NÓBREGA

“Não pode minha consciência aprovar as desculpas que se buscam para se capturar os brasis’, porque nunca se achou pai no Brasil que vendesse filho verdadeiro, porque os amam grandiosamente. Os que dizem que se vendem a si mesmos, fazem-no ou porque não entendem que coisa é vender a liberdade, ou são produzidos com meninas e enganos e às vezes com muitos açoites, e assim os pobres, achando-se amaldiçoados, fogem e querem ir morrer por estes matos, antes de sofrer tão grave cativo à mão de tais inimigos”.

Manoel da Nóbrega.

Neste artigo queremos que conheçam a figura de um cristão, de um português com uma alma nobre e senhor de uma vida dedicada ao bem, à proteção dos mais fracos e cujo papel no Brasil foi de grande monta na preservação das nações indígenas e na catequização e preservação das mesmas.

Manoel da Nóbrega

De Olinda, a 14 de Setembro de 1551.



VIDA E OBRA

Nóbrega em Portugal
A Evangelização
Companhia de Jesus
Livros, Colégios e Cidades
O Final da Missão

Ilustrando:

Imagens históricas

INTRODUÇÃO

O Padre Manoel da Nóbrega, um dos primeiros civilizadores desta terra representa papel muito importante na sociedade brasileira e exerceu tanta influência que seu nome será sempre lembrado. Sua fama era geral em todo o Brasil e também aos sertões do Paraguai chegou a fama de seus trabalhos, de suas virtudes.

Todos sabem o que fez em prol da terra que se rasgava aos olhos, e o movimento que imprimiu no Brasil entre os dois povos, o civilizado e o inculto, o invasor e o indígena, foi decerto superior a do Padre José de Anchieta, ainda que este falasse corretamente a língua dos índios, o que não alcançou Nóbrega., provavelmente pelo defeito natural que tinha (gagueira). Tinha o coração generoso, era verdadeiro amigo da Humanidade. Desbastou a terra, ganhou-lhe amor, não temia o encontro de milhares de índios, falando-lhes com toda a energia e desassombro por meio de intérpretes.

CARTAS DE MANOEL DA NÓBREGA:

Nas cartas de Nóbrega encontra-se elementos muito interessantes para a história do povo brasileiro, sob diversos pontos de vista. Entre os feitos que mais prendem a atenção pode-se destacar a luta aguerrida entre cristãos e índios, o ódio dos cristãos e as calamidades que concebiam contra os índios, o desamor dos povoadores à terra, a guerra que sofriam os jesuítas dos sacerdotes, que **“tinham mais ofícios de demônios que de clérigos”**, destaca-se ainda a prejudicial população de degredados (homens condenados no Reino despejados pelas naus nestas terras), a falta de mulheres brancas que eram tão desejadas **“que quaisquer farão muito bem à terra”** **“...ainda que fossem erradas porque casarão todas mui bem, contando que não sejam tais que de todo tenham perdido a vergonha, a Deus e ao mundo”**.

Quanto aos moradores não quererem bem à terra e que só desejavam ordenados (salários) do Estado (1) e tudo usufruíam: **“... De quantos lá vieram nenhum tem amor a esta terra, todos querem fazer o que fazem em seu proveito, ainda que seja à custa da terra porque esperam poder ir embora.”** **“... Não querem bem à terra pois tem sua afeição em Portugal, nem trabalham tanto para favorecer, mas para se aproveitar de qualquer maneira que puderem”**.

Pelo testemunho de Nóbrega vê-se que os índios eram dóceis, mostravam grande desejo de aprender, se relacionar com os brancos, e que eram **“papel branco”**, para se escrever à vontade **“... as virtudes mais necessárias”**.

Também não de ser curiosas as perguntas que os índios muitas vezes faziam a Nóbrega sobre Deus, pois queriam saber se Deus tinha cabeça, mulher e se comia e com o que se vestia, e outras coisas semelhantes...



Manoel da Nóbrega
no final da existência

CONTINUA

ROTEIRO DA PASSAGEM DE NÓBREGA PELO BRASIL:

Chegando à Bahia a 29 de março de 1549, assistiu à fundação da nova cidade e em 1º de novembro foi aos Ilhéus e Porto Seguro, onde ainda se achava em janeiro de 1550. Dali voltou à Bahia e em junho de 1551 dirigiu-se a Pernambuco, tornando de novo à Bahia em 1552. Em fins deste ano, ou começo do seguinte, foi à Capitania de São Vicente, acompanhando a Tomé de Sousa a correr a costa, e aí demorou-se até metade do ano de 1556, quando voltou de novo à Bahia, onde chegou a 30 de junho desse mesmo ano. A 16 de janeiro de 1560 saiu da Bahia com Mem de Sá para a conquista do Rio de Janeiro, onde chegou a 21 de fevereiro. Pouco depois foi do Rio para São Vicente. Desta capitania voltou ao Rio de Janeiro para se encontrar com Estácio de Sá, que iria reconquistar o lugar dos franceses e fundar a cidade do Rio de Janeiro, mas teve que voltar a São Vicente com Estácio de Sá, que não podendo entrar na Bahia de Guanabara, foi ali na busca de novos reforços para a conquista, que levaria à batalha contra os franceses e os índios tupinambás da “Confederação dos Tamoios”.

Nóbrega não voltou depois de 1565 com Estácio de Sá, deixou-se antes ficar em São Vicente para dali melhor socorrer a armada e o povoamento do Rio. Ainda em Junho de 1565, achava-se em São Vicente, depois voltou para o Rio de Janeiro, onde viria a falecer no dia 20 de dezembro de 1570.

Em todos os lugares que percorreu prestou tão bons serviços que ligou seu nome à história geral do país (Brasil). VALLE CABRAL, *Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 1886 (Cartas do Brasil, USP)*.

“ Nóbrega era para com os irmãos muito benigno e piedoso e pelas entranhas do amor com que os amava, sempre conservou a santa sinceridade antiga de Coimbra, falando a todos por vós; e além de lhe ser muito trabalho pronunciar este nome Padre, pelo impedimento da língua, parece que o nome de irmão lhe excitava mais amor e assim aos mesmos Padres falava por estes termos, dizendo: Irmão, vós tal e tal. E posto que os homens de fora cuidavam que tratava com os irmãos asperamente, pelo zelo que nele conheciam, contudo a benignidade passava sempre pela severidade para com eles, assim nas repreensões e pendências como nas práticas espirituais, que fazia amiúdo com muita suavidade e lágrimas”. - Padre José de Anchieta.

BIOGRAFIA:

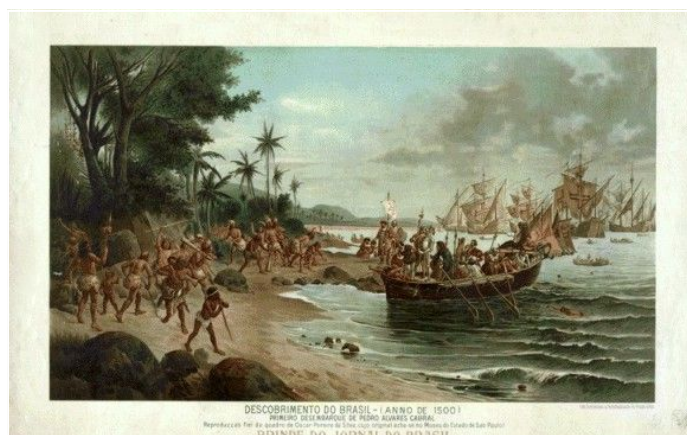
Jesuíta português, nascido em Entre-Douro-e-Minho, em 1517, chefe da primeira missão jesuítica à América, cujas cartas que enviava para sua ordem servem como documentos históricos sobre o Brasil colonial e a ação jesuítica do século XVI. Estudou nas Universidades de Salamanca e Coimbra, bacharelando-se em direito canônico e filosofia pela Universidade de Coimbra em 1541, ordenado pela Companhia de Jesus em 1544, embarcou na armada de Tomé de Sousa em 1549, de quem foi amigo e conselheiro, como também o foi de Mem de Sá a serviço da coroa Portuguesa, com a missão de dedicar-se à catequese dos índios na colonização do Brasil.



Manuel da Nóbrega participou da fundação de Salvador e do Rio de Janeiro e também na luta contra os franceses como conselheiro de Mem de Sá. Na posse portuguesa sobre o novo continente seu maior mérito, além de constantes viagens por toda a costa, de São Vicente a Pernambuco, foi o de estimular a conquista do interior, ultrapassando e penetrando além da Serra do Mar. Foi o primeiro a dar o exemplo, ao subir ao planalto de Piratininga, para fundar a cidade de São Paulo. Juntou-se em 1563 a José de Anchieta e iniciaram o trabalho de pacificação dos Tamoios, que através de um tratado de paz, feito entre os índios e portugueses (o primeiro tratado da América), retiraram seu apoio aos invasores franceses, sendo estes finalmente derrotados. Estácio de Sá encarregado de fundar uma cidade, São Sebastião do Rio de Janeiro, construiu um colégio de jesuítas, do qual ele, Nóbrega, participou.

OS ESCRITOS:

Os escritos do Padre Manoel da Nóbrega formam um marco literário genuinamente produzido no Brasil. Nas cartas de Nóbrega encontra-se o início da história do povo brasileiro, dentro, é claro, do ponto de vista de um catequizador. Está ali, por exemplo a luta entre cristãos e índios, os primeiros consideravam os segundo como “um papel em branco” onde se podia escrever “as virtudes mais necessárias”. Ainda que Nóbrega não tenha a estatura lírica de José de Anchieta, seu Diálogo sobre a conversão do gentio, primeiro texto escrito no Brasil, tem grande valor literário.



OBRAS:

O “Diálogo sobre a Conversão do Gentio” de 1557; o “Caso de Consciências sobre a Liberdade dos Índios” de 1567; o “Informação da Terra do Brasil” de 1549; o “Informações das Coisas da Terra e Necessidade que Há Para Bem Proceder Nela” de 1558 e o “Tratado Contra a Antropofagia” de 1559, são alguns testemunhos de sua vida e de sua obra.

A CIDADE DE SÃO PAULO:

A cidade de São Paulo originou-se de uma pequena aldeia indígena fundada entre os rios Tamanduateí e Anhangabaú, pelo jesuíta Manuel da Nóbrega, em 1554. A sua organização se deu principalmente pelos padres jesuítas Manoel da Nóbrega e José de Anchieta.

Os jesuítas ergueram um barracão que recebeu o nome de Colégio de São Paulo, em homenagem ao Santo de mesmo nome, que prestava-se à catequese dos gentios (índios).

Aos poucos novos índios foram chegando para aprender com os padres e um aldeamento foi-se expandindo, tornando-se uma povoação de índios convertidos. Ai se deu início à grande metrópole que hoje é São Paulo.

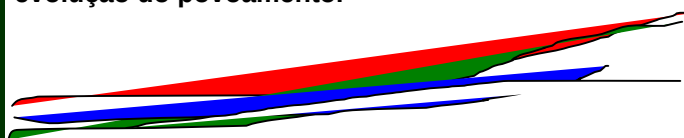
**VISÃO DE ESTADISTA:**

Manuel da Nóbrega nasceu em Portugal, mas foi em Salamanca, na Espanha, que realizou seus estudos superiores. Foi trazido de volta a Coimbra com promessas de conclusão do curso de direito, por um professor que nele reconheceu grande capacidade. Nesta cidade tornou-se sacerdote e mais tarde ingressou na Companhia de Jesus.

Manuel da Nóbrega tinha qualidade de estadista, conseguia ver adiante. Por ele foi fundada a cidade de São Paulo e evitada uma guerra em larga escala entre nativos e colonos. Estava sempre em ação. Várias vezes foi solicitado a interceder junto aos índios para que soltassem determinado refém prestes a ser devorado. Ou então denunciava as arbitrariedades das autoridades colonizadoras contra os índios. Isto, em condições sempre adversas, as quais foram minando sua saúde. Muito doente morreu em 1570 com a tristeza de não ver assegurada aos Brasis o respeito por sua cultura.

No meio da sua colonização, São Paulo recebeu um enorme numero de habitantes, já que em 1560, a população da Vila de Santo André da Borba do Campo, situada no caminho do mar, mudou-se para a povoação do colégio, por ordem de Mem de Sá.

Como ajudante de Nóbrega, se destacou o Padre José de Anchieta, colaborando com a catequese dos índios e na evolução do povoamento.



MANOEL DA NÓBREGA

Portugal

Logo no início do livro “Cartas do Brasil”, seu autor lança um protesto mais que justo. Diz ele: “Não posso deixar de dar principio à vida do padre Manuel da Nóbrega com uma justa queixa contra nossos antepassados; vem a ser que, sendo este padre um tal homem, e tão grande, como se vê na narração de sua vida e virtudes, fundador da nossa Província do Brasil, não nos ficou na memória qual fosse do nosso Portugal o lugar, vila, cidade ou província em que nasceu”.

É um descuido digno de nota, ficando-nos em lembrança muitos indícios de sua nobreza porque seu pai foi desembargador e um seu tio Chanceler-mor do Reino. São honra dos povos os varões santos e também em sua vida as circunstâncias da pátria é das que se tem em conta, pelo gosto que com isso costumam ter os que são nascidos no mesmo torrão e mais, se são parentes de semelhantes heróis. A maior clareza que pude descobrir foi com os livros da matricula da Universidade de Coimbra, fls. 135, onde se diz ser ele filho do desembargador Balthazar de Nóbrega, já falecido. Também se diz nos mesmos livros que tomou grau de bacharel aos 14 de junho de 1541, lhe dado pelo Doutor Martin de Espilcoeta, após provar ter Manoel da Nóbrega 5 anos de Cânones (regras disciplinares e eclesiásticas da Igreja Católica) em Salamanca. No arquivo de Roma se fez também diligência por sua pátria e nada se achou (Cartas do Brasil USP).

Em Coimbra, Manuel da Nóbrega se graduou Bacharel. Por ser gago, não conseguiu o primeiro lugar, posto que o seu Diretor Navarro estava inclinado a dá-lo a outro aluno. Desfez da prova de leitura de Nóbrega, obrigando-o a ler mais pois sabia muito bem de seu problema mas, este refez sua lição com tanto gosto que a todos pareceu ser justo merecedor do primeiro lugar. Mas porque o Reitor estava realmente inclinado a premiar um outro companheiro de Nóbrega, deu a ele esta honra perante o juízo de todos os doutores examinadores.

CONTINUA



Manuel da Nóbrega prosseguiu seus estudos em Coimbra, tomando então ordens de missa. Tentando então a colegiatura do Mosteiro de Santa Cruz e concorrendo com outro candidato, teve a amargura de ser preterido novamente pois que os juizes eram os mesmos religiosos da prova anterior e que preferiram a boa prática do outro, ao saber de Nóbrega, mais ainda por seu problema de gaguez.

Este meio tomou a Providência Divina para o tirar do mundo e fazer dele um de seus grandes servos...

Tristonho, Manuel da Nóbrega considerou consigo como o Mundo o tinha abatido quando dele esperava grandes honras. Então determinou de se vingar desprezando-o. Iria pisar no mundo que o havia pisado.

Assim, pediu para entrar na Companhia de Jesus, nela entrando em 21 de novembro de 1544.

Como naquele momento se lançavam os alicerces da Companhia em Coimbra, havia grande alegria e fervor em todos, e o desejo ardente de procurar a perfeição própria, como a salvação da alma; em ambas as coisas muito se empenhou Manuel da Nóbrega. Exercitava-se tanto em casa quanto fora dela nas práticas da humildade e mortificação, que naqueles primitivos e dourados tempos eram muito naturais e comuns a quase todos. Em uma verificação do padre superior Mestre Simão, escreveu num papel como resposta a questão sobre a que se sentia inclinado na Companhia: "Quisera não saber o que quero, mas em todo o caso somente querer a Jesus Crucificado".

Como voto de obediência, Nóbrega recebeu o encargo de fazer pregação, de ouvir em confissão, de visitar cárceres e hospitais e acudir necessidades corporais e espirituais de particulares e nisso se empenhou com tanto fervor e espírito de caridade que, depois que foi para o Brasil, no tempo em que ainda estava fresca sua memória, não se falava em Coimbra senão de seus favores e virtudes. (Lori M. Santos, Instituto André Luiz, do Livro Cartas do Brasil, USP).

As biografias pesquisadas de Manuel da Nóbrega dão como certo seu nascimento ter ocorrido entre as províncias portuguesas do Douro e do Minho, no dia 18 de outubro de 1517. (nota nossa)



Universidade de Coimbra - Portugal

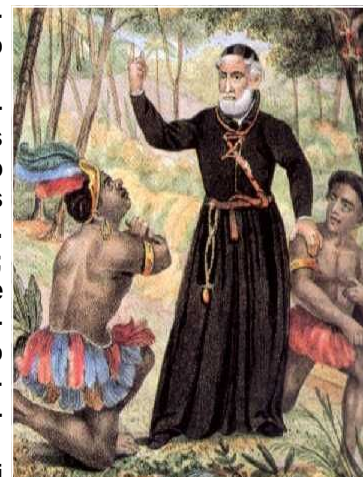
O FIM DA OBRA DA COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL:

Em 1653 chegava ao Maranhão o Padre Antônio Vieira, que teria um papel importante na obra de catequese. Em pouco tempo, o jesuíta sentiu a situação em que viviam os indígenas, explorados pelos colonos e funcionários da coroa. Vieira voltaria no ano seguinte a Lisboa para obter a revogação de uma Lei que permitia a escravização dos Índios naquela região, retornando ao Brasil de posse do título de administrador-geral dos Índios do Estado do Maranhão.

No período de 1655 a 1661, Vieira exerceu a sua atividade mais intensa no Brasil: catequizou pessoalmente os Nheegaíbas da Ilha de Marajó; com a ajuda dos seus auxiliares atuou na região Amazônica, subindo os Rios Tocantins, Xingu e Tapajós, e depois veio descendo pelo sertão do Ceará até à Serra do Ibiapaba. Com o objetivo de instruir os indígenas da região amazônica na doutrina cristã. Vieira compôs um catecismo em suas línguas; intransigente defensor da liberdade dos nativos e não se conformando com a situação a que estavam submetidos, diversas vezes utilizou o púlpito como tribunas das suas idéias, em preciosos sermões que foram incorporados à literatura de língua portuguesa.



Mas, embora fosse homem de confiança do Rei D. João IV, Vieira não conseguiu dominar as campanhas que os colonos da região moveram contra ele.



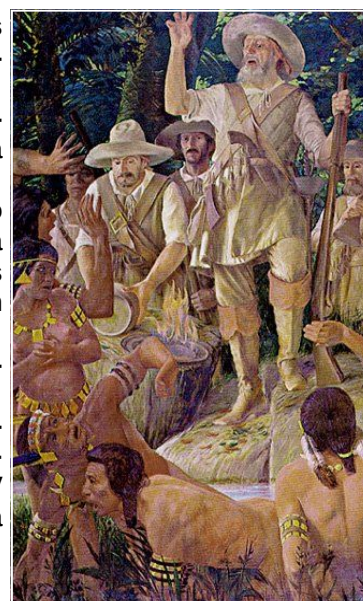
Representando, por sua oposição à escravização indígena, um grande empecilho nos ideais latifundiários de muitos portugueses, estes usavam de todos os meios para impedi-lo de prosseguir a sua obra.

Protestando sempre, conseguiram prender os padres, inclusive Antônio Vieira. De Belém, esses jesuítas foram remetidos para São Luís e de lá repatriados para Lisboa (Portugal).

Apesar de terem sido o alvo mais freqüente das queixas dos colonos, os jesuítas não foram os únicos religiosos a entregar-se à missão de pregar o Evangelho à gentia da terra. Nos séculos XVI e XVII chegaram ao Brasil missionários que pertenciam às mais diversas ordens existentes na Europa. os Franciscanos em 1503, os Carmelitas em 1580, os Beneditinos em 1584, os Mercedários em 1567, etc.

O trabalho dos missionários encontra, a partir de 1750 um inimigo implacável Sebastião José de Carvalho e Mello, Conde de Oeiras, mais tarde, Marquês de Pombal.

Homem de forte personalidade, Pombal, a essa hora já Ministro do Rei, conseguiria dominar todo o período de Governo do Rei D. José I, de 1750 a 1777 e através de um breve em forma de bula "Dominus Ac Redemptor Noster", emitido pelo Papa Clemente XIV de 23 de julho de 1773, conseguiu finalmente o seu objetivo: A extinção da Companhia de Jesus.



FIM

PADRE JOSÉ DE ANCHIETA

(Resumo)

Joseph de Antxeta, nasceu em San Cristóbal de La Laguna, Tenerife, nas Ilhas Canárias, potentado Espanhol, em 19 de março de 1534 e faleceu em Irititaba, no Brasil em junho de 1597. Joseph de Anchieta foi um padre jesuíta espanhol, um dos fundadores de São Paulo e declarado beato pelo papa João Paulo II. É cognominado de Apóstolo do Brasil e adotou neste país o nome de José de Anchieta.

BIOGRAFIA:

Nascido na cidade de San Cristóbal de La Laguna, na Ilha de Tenerife, no arquipélago das Canárias, era filho de Juan López de Antxeta, um revolucionário que tomou parte na revolta dos Comuneros contra o imperador Espanhol Carlos V e um grande devoto da Virgem Maria. Descendia da nobre família basca Antxeta (Anchieta). Sua mãe chamava-se Mência Dias de Clavijo Larena, natural das Ilhas Canárias, filha de Judeus cristão-novos. O avô materno, Sebastião de Larena, era um Judeu convertido do Reino de Castela. Dos doze irmãos, além dele abraçaram o sacerdócio Pedro Núñez e Melchior Antxeta.

JUVENTUDE:

Anchieta viveu com a família até aos catorze anos de idade, quando se mudou para Coimbra, em Portugal, onde foi estudar filosofia no Colégio das Artes, anexo à Universidade de Coimbra. A ascendência judaica foi determinante para que o enviassem para estudar em Portugal, uma vez que na Espanha, à época, a inquisição era mais rigorosa. Ingressou na Companhia de Jesus, no ano de 1551 como irmão.



ATUAÇÃO NO BRASIL:

Tendo o Padre Manuel da Nóbrega, Provincial dos Jesuítas no Brasil, solicitado mais braços para a atividade de Evangelização, no Brasil (mesmo os fracos de engenho e os doentes do corpo), o Provincial da Ordem em Portugal, Simão Rodrigues, indicou, entre outros, José de Anchieta.

Anchieta que parecia de “espinhela caída”, chegou ao Brasil em 13 de junho de 1553, com menos de vinte anos de idade, junto com outros padres como o basco João de Azpilcueta Navarro.

No prosseguimento de sua ação missionária, participou da fundação, no planalto de Piratininga, do Colégio de São Paulo, edificação esta simples e de pau a pique, onde conjuntamente com outros padres da Companhia de Jesus, iniciou a catequização dos gentios. Esta edificação seria o embrião da grande metrópole de hoje, a cidade de São Paulo e sua localização se dava onde hoje

se conhece como Pátio do Colégio. Esta povoação, um aldeamento indígena contava à época com 130 pessoas (gentis) sendo que 36 delas haviam recebido o batismo.

Cuidava não só de catequizar os gentios como também de defendê-los dos abusos dos colonizadores portugueses que os queriam não raro escravizá-los, não tendo escrúpulos inclusive de separar famílias, além de lhes tomar mulher e filhos.

Esteve em Itanhaém e Peruíbe (divisa entre o Litoral Sul e Norte de São Paulo) na quaresma que aconteceu a sua ida à aldeia de Iperoig, juntamente com o padre Manuel da Nóbrega, em missão de preparo para Armistício com os Tupinambás de Ubatuba (Armistício de Iperoig).

Nesse período, intermediou as negociações entre os portugueses e os povos indígenas reunidos na “Confederação dos Tamoios”, oferecendo-se Anchieta como refém dos Tamoios em Iperoig, enquanto o padre Manuel da Nóbrega retornou a São Vicente com Cunhambebe (filho) para ultimar as negociações de paz entre os povos da Confederação e os portugueses, o que originou o primeiro “Tratado de Paz” das Américas, a paz de Iperoig.

Durante este tempo em que passou “prisioneiro” entre os índios compôs o “Poema à Virgem”, que segundo alguns historiadores teria escrito nas areias da praia e memorizado o poema, que mais tarde, já em São Vicente o teria transcrito para o papel. Segundo esses mesmos historiadores e biografistas, foi também nesse tempo que José de Anchieta em tese, teria “levitado” entre os índios, os quais, imbuídos de grande pavor, pensaram tratar-se de um feiticeiro e assim não o querendo mais em seus domínios.

Lutou contra os franceses estabelecidos na baía de Guanabara, onde tencionavam instalar a “França Antártica”, foi companheiro e conselheiro de Estácio de Sá, a quem assistiu espiritualmente em seus últimos momentos, no ano de 1567.

Em 1566 foi enviado à Bahia com o encargo de informar o Governador-mor Mem de Sá do andamento da guerra contra os franceses, fazendo que os portugueses enviassem reforços ao Rio de Janeiro.



CONTINUA

Nesta época, aos 32 anos de idade, foi ordenado sacerdote.

Após a expulsão dos franceses da baía da Guanabara, Anchieta e Manuel da Nóbrega instigaram o Governador-Geral Mem de Sá a prender em 1559 um refugiado “huguenote”, o alfaiate Jacques Le Baleur e a condená-lo à morte, porque a seu ver propagava “heresias protestantes” (Cf. MATOS, Alderi de Souza “A França Antártica e a Confissão de Fé da Guanabara”. Portal Mackenzie). Em 1567, Jacques Le Baleur foi preso (MOREAU, A. Scott, NETLAND, Harold A., ENGEN, Charles Edward Van & BURNETT, David. “Evangelical Dictionary of World Missions”, Backer Book (2000), p. 142), e conduzido ao Rio de Janeiro para ser executado, mas o carrasco recusou-se a executá-lo.

Diante disso, José de Anchieta o teria estrangulado com suas próprias mãos (ROCHA POMBO, José Francisco da. História do Brasil, Rio de Janeiro: W.M. Jackson (1935), vol. 3, p. 514 e REIS, Álvaro.). O episódio é contestado como apócrifo pelo maior biógrafo de An-



chieta, **Obra, Legado e Reconhecimento** o padre jesuíta Helio Abranches Viotti, na obra “Anchieta, o apóstolo do Brasil” com base em documentos que, segundo o autor, contradizem a versão (carece de fontes).

José de Anchieta dirigiu ainda, entre os anos de 1570 e 1573, o “Colégio do Rio de Janeiro”. No ano de 1569, José de Anchieta fundou a povoação de Iritiba ou Reritiba, atual cidade de Anchieta, no Estado do Espírito Santo.

Em 1577 foi nomeado Provincial da Companhia de Jesus no Brasil, função que exerceu por dez anos, sendo substituído em 1587 a seu próprio pedido. Retirou-se para Reritiba, mas teve ainda de dirigir o Colégio dos Jesuítas em Vitória do Espírito Santo. Em 1595 obteve dispensa dessas funções e conseguiu finalmente retirar-se para Reritiba onde veio a falecer, tendo sido sepultado em Vitória do Espírito Santo.

Segundo a “Brasileira da Biblioteca Nacional” (2001) “O Apóstolo do Brasil”, fundador de cidades e missionário incomparável, foi gramático, poeta, teatrólogo e historiador. O apostolado não impediu José de Anchieta de cultivar as letras, compondo seus textos em quatro línguas - português, castelhano, latim e tupi - tanto em prosa como em verso. Duas das suas principais obras foram publicadas ainda durante sua vida:

“**De gentis Mendi de Saa**” (Os Feitos de Mem de Sá) impressa na cidade de Coimbra (Portugal) no ano de 1563, retrata a luta dos portugueses, chefiados pelo Governador-Geral Mem de Sá, para expulsar os franceses da Baía da Guanabara onde Nicolas Durand de Villegagnon intencionava fundar a “França Antártica”. Esta epopéia renascentista, escrita em latim e anterior à edição de “Os Lusíadas”, de Luís Vaz de Camões, é o primeiro poema épico da América, tornando-se assim o primeiro poema brasileiro impresso e, ao mesmo tempo, a primeira obra, de José de Anchieta, publicada.

“**Arte de Gramática da Língua Mais Usada na Costa do Brasil**” obra também impressa na cidade de Coimbra (Portugal), no ano de 1595 por António de Mariz. É a primeira gramática contendo os fundamentos da “**Língua Tupi**”. Apresenta folha de rosto com o emblema da “Companhia de Jesus”. Desta edição conhecem-se apenas sete exemplares, dois dos quais encontram-se no Brasil, na “Biblioteca Nacional do Brasil”; o primeiro pertenceu ao Imperador D. Pedro II (1840-1889) e o outro é oriundo da coleção de José Carlos Rodrigues. Constituindo-se na segunda obra publicada de José de Anchieta, é ainda a segunda obra dedicada aos indígenas, uma vez que, em 1571, já surgira, no México, a “Arte de la língua mexicana y castellana” de frei Afonso de Molina.

LEIA NA PÁGINA SEGUINTE ARTIGO DETALHADO DA VIDA E OBRA DE ANCHIETA

PADRE JOSÉ DE ANCHIETA

(Vida e Obra de Anchieta "Completa" e dos Jesuítas)

Apóstolo do Brasil



Padre José de Anchieta, nasceu em Tenerife (Arquipélago das Canárias - Espanha) em 1534, Filho de pai de origem navarra e mãe de origem judia. Filho de João Lopes de Anchieta, um revolucionário que tomou parte na Revolta dos Comuneros, contra o Imperador Carlos V da Espanha, e um grande devoto da Virgem Maria. Sua mãe chamava-se Mécia Dias de Clavijo y Larena, natural das Ilhas Canárias, filha de ex-judeus. Tinha por parte de pai, a ascendência nobre da família dos Anchieta Bascos do Norte da Espanha, também conhecida como País Basco, e pelo avô materno, Sebastião de Larena, um cristão novo (judeu convertido) do Reino de Castela. Sua ascendência judaica foi determinante para o enviarem para estudar em Portugal, pois na Espanha a Inquisição era muito mais rigorosa. Anchieta viveu com os pais até à idade dos 14 anos, depois mudou-se para Coimbra, em Portugal, onde foi estudar filosofia no Colégio das Artes, anexo à Universidade de Coimbra. A família de treze irmãos teve além dele, mais dois sacerdotes; o padre Pedro Nuñez e Padre Melchior. José de Anchieta viajou para o Brasil no ano de 1553, junto com outros padres que, em oposição à Contra - Reforma, tinham a catequese como objetivo. Este movimento influenciou o teatro e a poesia, e acabou resultando na melhor produção literária do quinhentismo brasileiro. Das suas contribuições culturais para o Brasil, podemos citar as poesias em verso medieval "Poema à Virgem", os autos que misturavam características religiosas e indígenas; a primeira gramática do tupi-guarani (a cartilha dos nativos) além da fundação do Pátio do Colégio.

Aos dezasseis anos foi estudar, foi estudar para a Universidade de Coimbra (Portugal) e aos 19 anos, já era padre da Companhia de Jesus, fundada pelo seu parente "Inácio de Loyola". Embarcou para o Brasil onde dedicou toda a sua vida ao ensino, entre índios Tupi e colonos portugueses, fundando colégios e procurando suavizar conflitos entre colonizados e colonizadores. No âmbito de sua ação catequética, escreveu pequenos textos de teatro em quatro línguas (Português, Espanhol, Latim e Tupi), fazendo acompanhar as peças por música, danças, pinturas, adornos e até instrumentos musicais dos índios. O teatro no Brasil teve início com os jesuítas cerca de 50 anos após o seu descobrimento.

O primeiro grupo de missionários Jesuítas que desembarcou na Bahia era composto de quatro sacerdotes, dentre eles o Padre Manuel da Nóbrega e alguns jovens que ainda não haviam sido ordenados sacerdotes. Poucos anos depois com outro grupo chegando, o Padre José de Anchieta que tinha na época apenas 19 anos.

Enquanto a população portuguesa no Brasil, era composta na sua maioria por Degredados (aventureiros e criminosos) ocupava-se da construção da fortificação e ocupação da costa, os jesuítas ocupavam-se de manter contatos e de catequizar os indígenas. Nesse trabalho enfrentavam não só a desconfiança dos povos indígenas como também a dos próprios portugueses que já haviam se habituado a uma vida desregrada, distante dos preceitos religiosos. Os missionários agrupavam os índios formando aldeias, onde podiam então exercitar a catequese, com maior eficácia, ao mesmo tempo em que tentavam manter os nativos a salvo da usura dos portugueses. Os Jesuítas recebiam em sua ordem ensinamentos de técnicas teatrais que consideravam mais eficientes para a educação religiosa, do que por exemplo os Sermões. Começaram então a misturar os costumes, máscaras, símbolos e elementos do cotidiano indígena aos seus apólogos educativos, o que resultava em espetáculos quase sempre litúrgicos, de cunho iminentemente apostolado nos quais se juntavam anjos e flores nativas, santos e bichos, demônios e guerreiros, além de figuras alegóricas, como o Temor a Deus e o Amor de Deus. Essa função do religioso com o dramático já havia sido feita na China, Índia, México e em outras terras. Porém nesses outros locais, ao contrário do Brasil, já havia uma produção teatral. A Companhia de Jesus impunha aos seus missionários o aprendizado da língua da terra onde estivessem em missão. Assim, em pouco tempo os Jesuítas aprendiam as línguas indígenas e ensinavam aos índios o Português e o Espanhol.

A partir de 1557, começa a haver uma incessante atividade teatral, praticada não só pelos jesuítas e indígenas como também pelos próprios colonos, seduzidos pelas mensagens moralistas e pela beleza dos eventos, que eram realizados em datas festivas e em ocasiões especiais. Inicialmente encenavam-se autos e peças religiosas trazidas de Portugal, porém logo deu-se início a uma produção dramaturgical local. Movida mais pelo espírito missionário do que pelo reconhecimento artístico, boa parte dessas obras não era assinada, e pouco cuidado se dedicava à sua conservação. Por isso, o que nos chegou desse período foram uns poucos manuscritos, atribuídos ao padre José de Anchieta, e duas cartas do padre Fernão Cardim, datadas de 1590. Nessas cartas há descrições detalhadas de inúmeras apresentações teatrais na Bahia, Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro, entre outras localidades, tendo como platéias não só os indígenas e os colonos como também as famílias que no Brasil se iam constituindo, além de autoridades políticas e religiosas. Esses relatos surpreendem por descreverem encenações extremamente sofisticadas para a época e condições em que aconteciam, envolvendo grande número de participantes, cenários, instrumentos musicais, fogos de artifício, etc..

Em um relatório de atividades enviado aos superiores da "Companhia de Jesus", um outro padre narra a grande comoção que essas encenações causavam ao público. Entre textos, cuja autoria é atribuída ao padre José de Anchieta, figuram diversos autos, como o "Auto da Pregação Universal", representado diversas vezes, o "Auto da Crisma", o "Auto das Onze Virgens", e aquele que é tido como sua obra-prima; "Na festa de São Lourenço", composto por cerca de 1.500 versos em tupi (na sua maior parte), espanhol, português e guarani. Paralelamente a esse teatro com finalidades de catequese e de doutrinação, os jesuítas mantinham também uma atividade teatral em latim, praticada pelos estudantes dos colégios da "Companhia de Jesus". Em todos os casos, as peças eram sempre revestidas de valores morais. Raras foram as comédias e tragédias representadas nesse período. Não havia qualquer tipo de alusão ao amor profano, e as personagens femininas (geralmente as Santas) eram sempre interpretadas por homens travestidos, já que as mulheres eram terminantemente proibidas de participarem das encenações, para se evitar excessos de entusiasmo nos jovens.

Como não existiam locais destinados às representações teatrais, estas aconteciam nas praças, nas ruas e dentro dos colégios e igrejas. Algumas encenações foram feitas nas praias, utilizando a própria natureza como cenário. O envolvimento e a paixão dos jesuítas pelo teatro era tamanha que o Bispo Fernandes Sardinha chegou a declarar-se assustado com o que ele chamou de "excessos teatrais" dos missionários, que, além de escrever os textos e coordenar as montagens, não hesitavam em representar, cantar e até dançar.

Por causa desses tais excessos, vários missionários foram censurados publicamente, pelo Bispo, entre eles o Padre Manuel da Nóbrega, algumas de suas poesias, de temática religiosa, e o que de prosa escreveu, em forma de carta, aos Superiores da Companhia, em Portugal, prosa esta repleta de indicações de história, lingüística, problemas pedagógicos, indiferentemente escrita em português, espanhol ou latim. A sua obra literária é vasta e diversificada, dividida em vários blocos:

CONTINUA

“Primeiras Letras”, cartas, informações, Fragmentos Históricos e Sermões; “Arte da Gramática da Língua Mais Usada na Costa do Brasil, de 1595”; “Poema da Bem Aventurada Virgem Mãe de Deus Maria”; “Poesias”; “De Gentis Mendi de Saa”, entre outras.

Um grande escritor esquecido em Portugal

(notícia de 1998 - Fonte: Jornal de Notícias - Pt)

“Congresso Internacional evoca, em Coimbra, a vida e a obra do Padre José de Anchieta, nos 450 anos do Colégio das Artes. A vida e a obra do que é considerado o “pai” da Literatura brasileira, o padre José de Anchieta; estão desde ontem a ser debatidas em Coimbra, num congresso internacional que reúne meio milhão de especialistas de vários países. A iniciativa (do Instituto de Estudos Clássicos e Brasileiros e do Centro de Estudos Clássicos e Humanistas da Faculdade de Letras) prolonga-se até quinta-feira, e assinala um duplo aniversário: os 450 anos da matrícula, em 1548, de Anchieta no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra e da fundação, poucos meses antes, do Colégio (a futura Universidade de Coimbra). Mestre da língua e lingüística, prosador e poeta, dramaturgo e universitário, Anchieta foi aluno do Colégio das Artes dos 14 aos 19 anos. Em Coimbra, a sensibilidade poética do jovem Anchieta tornou-o conhecido entre os companheiros da academia coimbrense pelo apelido de “Canário de Coimbra”.

Nascido em Santa Cruz do Tenerife (Canárias), foi em Coimbra que recebeu a parte mais importante de sua formação clássica, aprendendo o latim e cultura clássica, e aperfeiçoando ainda o português. Aos 17 anos descobriu sua vocação religiosa, tendo ingressado na Companhia de Jesus que o enviou posteriormente, como missionário para o Brasil. A sua vastíssima obra, escrita em quatro línguas (português, Latim - o Latim renascentistas de Anchieta é considerado do melhor da sua época - , castelhano e tupi - que aprendeu com os índios do Brasil) inclui teatro, cartas, sermões, poemas líricos, catolicismo e uma epopéia, a primeira produzida nas Américas.

Anchieta, introduz na literatura brasileira dois traços característicos: interligação entre o tupi e o português. Além da sua importância para as letras, o Padre José de Anchieta é das mais proeminentes figuras da história Luso-Brasileira, refere uma nota da comissão organizadora. Fundador da cidade de São Paulo com o Padre Manuel da Nóbrega, ficou como refém dos índios Tamoios, aliados dos franceses, enquanto era negociada a paz com os portugueses. O seu nome, dado a uma cidade do Estado do Espírito Santo, é um topônimo freqüente em terras brasileiras. “É o primeiro dramaturgo, o primeiro gramático, o primeiro poeta épico do Brasil e poderá vir a ser o seu primeiro santo, uma vez que o seu processo de canonização continua em curso”, adianta a nota. (desatualizado por causa da época da publicação - 1998) (O Papa João Paulo II fez a beatificação de Anchieta em Junho de 1980)

Resgatar do “estranho e injusto esquecimento” a sua obra literária em Portugal é um dos objetivos do congresso, em que participam cerca de 450 estudiosos do Brasil, Portugal, Argentina, Nigéria e Polónia. Ontem intervieram na primeira sessão plenária, além do prof. Sebastião Tavares de Pinho, Presidente do Congresso, os profs.: Francisco Gonzáles Luís (Universidade de Laguna - Tenerife), Américo da Costa Ramalho (Universidade de Coimbra) e Cleonice Bernardine (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

1998 - Jornal de Notícias

(transcrevemos o texto apresentado pela riqueza de detalhes)

Chegou ao Brasil em 1553, na comitiva do governador geral Duarte da Costa, e em 1554, ao lado do Padre Manuel da Nóbrega, fundou a Vila de São Paulo, tendo inclusive participado ativamente da sua defesa, quando da invasão da mesma pelos índios Tamoios, logo após a sua fundação. Participou também da expulsão dos franceses do Rio de Janeiro, em 1567. A fundação de São Paulo insere-se no processo de exploração e ocupação das terras americanas pelos portugueses a partir do século XVI. Inicialmente os portugueses fundaram a Vila de Santo André da Borda do Campo (1533), constantemente ameaçada pelos povos indígenas da região. Nessa época um grupo de padres da Companhia de Jesus, da qual faziam parte José de Anchieta e Manuel da Nóbrega escalaram a serra do mar chegando no planalto de Piratininga, onde encontraram “ares frios e temperados como os da Espanha” e “uma terra mui sadia, fresca e de boas águas”. Do ponto de vista da segurança, a localização topográfica de São Paulo, era perfeita, situava-se numa colina alta e plana, cercada por dois rios o Tamanduateí e o Anhangabaú.

O Jesuíta Manuel da Nóbrega, exaspera-se. Dispõe de apenas cinco auxiliares, para a missão de cristianizar as tribos indígenas, educar os filhos dos colonos e zelar pelo respeito á moral. Precisa de reforços com urgência. Sabe, porém, que o Brasil não desperta o menor interesse da corte numa época em que se vive a “febre das especiarias” (que recebia da Coroa portuguesa mais atenção - Época das Expedições às Índias). Conformado, sem poder exigir muito, roga a seus superiores de Lisboa que lhes enviem quaisquer missionários, nem que sejam “os fracos do engenho e doentes do corpo”. Chega-lhe em 1553 um espanhol de 19 anos que mais parece uma ruína, pronta a tombar. Vítima de deslocamento na espinha dorsal, o jovem sofre de dores agonizantes, só caminha apoiado sobre um bastão e envolve seu tronco em faixas na vã tentativa de disfarçar a corcunda. Seu nome é José de Anchieta.

Quarenta e cinco anos depois quando é apanhado pela morte no Espírito Santo o padre Anchieta deixa atrás de si um enorme legado. Percorrendo a pé e descalço toda a colônia, pacificara tribos revoltosas, fundara São Paulo e Rio de Janeiro, convertera índios e contribuiria para a expulsão dos franceses e coordenara o trabalho jesuíta no país.

“Ocupo-me em ensinar gramática em três classes diferentes. E, às vezes, estando eu dormindo, me vêm despertar para fazerem-me perguntas. E em tudo isso parece que saro. E, assim é, porque me fazendo conta que não estava enfermo, comecei a estar são”, escreve aos superiores. Robustecido, o jovem Anchieta atravessa as noites em claro, copiando várias vezes a mesma lição para suprir a inexistência de livros.

Dedica-se com afinco ao estudo do tupi, a ponto de compor uma gramática do idioma. Maneja a língua nativa para compor canções, poemas e peças teatrais de cunho sacro, isca infalível para atrair os índios ao catolicismo.



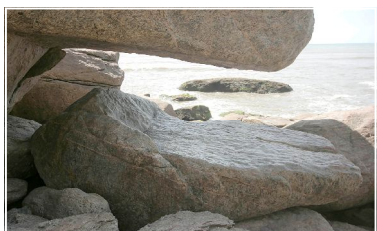
CONTINUAÇÃO (BIOGRAFIA COMPLETA)

No poeta coexiste o aventureiro. Certa ocasião, ele e Nóbrega viajam até à aldeia de Iperoig para negociar a paz com os Tamoios. As discussões se arrastavam por meses. Estando os dois na praia, um grupo se aproxima para matá-los. Com os índios no encalço correm até perder o fôlego. Acabam ajoelhados numa choupana, rezando abraçados. Surpresos com a cena os agressores recuam. Anchieta aproveita a hesitação para, em altos brados, começar uma pregação em tupi. Um dia, um cacique decide sacrificar Anchieta, culpando-o pela falta de caça. Calmamente o religioso diz-lhe que volte a olhar as armadilhas. Os índios obedeceram e encontraram-nas repletas de animais. O jesuíta está salvo. Sete meses depois, a pacificação dos tamoios é finalmente obtida. Anchieta retorna a São Vicente. Senta-se e anota, de um jorro só, 4.172 versos dedicados à Virgem. Havia composto o poema em Iperoig, escrevendo na areia com o bastão o que agora reproduz de memória. Conhecido como “O Grande Pihay” (Supremo pajé branco), José de Anchieta nasceu na Ilha de Tenerife no arquipélago das Canárias, em 1534, iniciou sua caminhada religiosa aos 14 anos, quando foi para o colégio de Coimbra. Sua saúde sempre inspirou cuidados e para evitar tantos padecimentos, seus superiores acharam por bem, enviá-lo para um clima mais ameno: oi das Índias brásílicas.



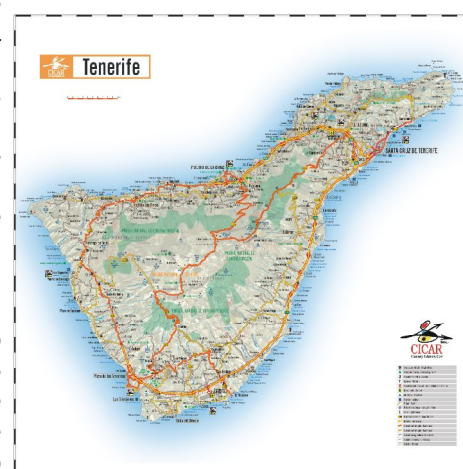
Chegou a Salvador, na Bahia, depois de dois meses de penosa viagem, exatamente em 13 de julho de 1553. Manuel da Nóbrega, Vice-provincial da Capitania de São Vicente, onde se encontrava a aldeia de Piratininga, já o aguardava. Ele tinha conhecimento da sua competência em ler e escrever e os jesuítas necessitavam de tradutores e intérpretes para falar a língua dos índios locais. Para chegar ao seu destino teve que percorrer o “pior caminho do mundo”, picadas em meio à mata Atlântica, trajeto que Anchieta fez muitas vezes a pé. Mas apesar de tanto desconforto ele admirou-se com a abundante beleza da Serra do Mar e escreveu mais tarde um tratado sobre as espécies de animais e vegetais por ele observadas. Um mês depois de sua chegada, em 23 de janeiro de 1554, foi inaugurado o Colégio Jesuíta de Piratininga, data hoje comemorada como a fundação de São Paulo.

Anchieta só dormia de quatro a cinco horas por noite, subia e descia montanhas, catequizava, batizava e crismava. Reza uma lenda que argumentava que ele costumava abrigar-se para dormir em uma pedra, conhecida como “cama de Anchieta” em Itanhaém (no Litoral do Estado de São Paulo).



Quando morreu, em 9 de julho de 1597, aos 63 anos, na aldeia de Reritiba (Hoje cidade Anchieta), no Estado do Espírito Santo, por ele fundada, os índios disputaram com os portugueses a honra de carregar seu corpo até à Igreja de São Tiago. O Jesuíta acaba beatificado pelo Papa João Paulo II em Junho de 1980.

José de Anchieta foi batizado em 07 de abril de 1534 em São Cristóvão da Lagoa, Ilha de Tenerife, que é uma das 13 e a maior das Ilhas, que constituem o arquipélago geográfico africano das Canárias no Mar Atlântico que foram disputadas entre Portugal e Espanha, durante os séculos XIV e XV e foram cedidas definitivamente à Espanha, no ano de 1479, pelo tratado de Alcáçovas. José era o terceiro filho de dez irmãos do segundo matrimônio de sua mãe que tinha mais dois filhos do primeiro matrimônio. Seus pais foram nobres e ricos. O pai de Anchieta era varão natural de Biscaia, descendente da casa dos Anchietas, de parentes maiores em Guipúscua. Desta casa se diz que algum tempo andou encontrada com a dos Loiolas, solar do santo patriarca que mais tarde vieram a unir-se num só espírito de religião; os dos ramos maiorca de tão altas prosápias e descendentes de progênie nobre e rica. Pela parte paterna: os avós Lope (ou Lopes) de Anchieta e Maria Ayala, pais de João Lopez de Anchieta que casou-se em 1531 com a viúva (do Bacharel Nuno Nuñez de Villavicêncio), Dona Mência Dias Clavijo Y Larena, filha de Sebastião de Larena (sobrinho do Capitão D. Fernando de Larena, um dos primeiros fundadores de Tenerife) e de Ana Martim de Castillejo. Por parte de seu avô materno, José de Anchieta, era bisneto de “Cristãos Novos” (isto é Judeus convertidos ao cristianismo) do Reino de Castela (Espanha). Tais antecedentes, justificam sua ida mais tarde para Coimbra. José foi criado na casa de seus pais, realizou seus primeiros estudos na sua terra natal e provavelmente nas escolas dos padres dominicanos. Aos 14 anos, em 1548, depois de saber ler, escrever e alguns princípios de gramática, em companhia de seu irmão mais velho, foi enviado ao Colégio das Artes, anexo à Universidade de Coimbra (Portugal), para se aperfeiçoar na Língua Latina e aprender mais sobre ciências! Aplicado e estudioso, José destacou-se como um dos melhores alunos de sua classe. Com grandes revelações poéticas, foi apelidado pelos colegas como “Canário de Coimbra” apelido também aludido à sua pátria. Ingressou como noviço Jesuíta na Companhia de Jesus em 01 de maio de 1551, versou nas Escolas dos Padres Jesuítas



e cresceu nelas de maneira que em breve tempo, com apenas 17 anos, foi consumado em todo o gênero de humanidades. Passou no curso de filosofia e penetrou com não menor engenho aquelas sutilezas, que foram sempre alvo de habilidades. Ao iniciar-se na Companhia de Jesus, costumava ajudar na igreja, durante as missas, sempre que podia. Geralmente participava de oito missas por dia. No dia 8 de maio de 1553, com dezoito anos de idade, o então missionário Anchieta troca o velho pelo novo mundo. Deixa o Tejo em Lisboa e parte para o Brasil, terra recentemente descoberta pelos portugueses e que carecia de apoios religiosos. Este era o terceiro socorro de missionários que a Companhia de Jesus enviava ao Brasil depois de 1549. Vieram em companhia do segundo Governador



"Escola das Artes" - Coimbra - Pt (1546)

Geral da Colônia, D. Duarte da Costa. A comitiva era chefiada pelo padre Luís de Grã, mais outros seis jesuítas, dois padres e quatro noviços. Um deles, era o irmão José de Anchieta. Após dois meses de viagem, em 13 de junho de 1553, desembarcava José de Anchieta e seus companheiros na cidade de São Salvador na Bahia (á época Capital do Brasil). Lá, a Companhia de Jesus tinha uma simples residência com um sacerdote e dois irmãos.

A maior parte dos religiosos trabalhava em partes muito afastadas, principalmente na Capitania de São Vicente, onde se achava também o Superior de todos, o virtuoso e benemérito Padre Manuel da Nóbrega. Na Bahia de São Salvador, onde permaneceu por quase 3 meses, Anchieta iniciou seus primeiros ensaios de catequese e estudou a "Língua Geral", o idioma falado pelos índios tupis que residiam por toda a costa brasileira de norte a sul. Em princípios de outubro de 1553, partiram da Bahia para o Planalto da Capitania de São Vicente o Irmão José de Anchieta e outros com o Padre Leonardo Nunes que viera buscá-lo nesta localidade, onde hoje se agiganta a Mega Metrópole São Paulo. Passaram por Caravelas, Vitória (hoje Capital do Espírito Santo) e desembarcaram em São Vicente na véspera de natal em 24 de dezembro de 1553.

Nesta época já havia no planalto duas povoações: a Vila de Santo André da Borda do Campo à margens do Guapituba e a Aldeia de Piratininga. Encontram-se com o Padre Manuel de Nóbrega que lhe dá as boas vindas. Nóbrega preparava a fundação de um colégio, designando para este fim 13 religiosos, entre eles o irmão José para Mestre e o Padre Manuel de Paiva para o cargo de superior de todos. Escolheram um local, acomodaram-se e ali rezaram a primeira missa, em 25 de janeiro de 1554, dia de conversão do Sagrado Apóstolo São Paulo (Este local se situa no Pátio do Colégio - Cidade de São Paulo), cujo nome se denominou então a casa e depois a Vila e hoje a Cidade.

José de Anchieta ensinava a língua latina, aprendia a dos índios e atendia o bem das almas. Aqui o seu primeiro abrigo era uma "casinha de palha com uma esteira de caca por porta", dita pelo próprio Anchieta. As camas eram redes típicas que os índios usavam. Os cobertores eram o fogo, para o qual os irmãos pegavam lenha no mato para passarem as noites frias. A roupa era muito pouca e pobre. Faziam alpargatas de cardos bravos, que lhes serviam de sapatos. Era pouco o de comer. Não tinham nada além do que os índios lhe davam, como alguma esmola de família e por vezes, mas raramente, alguns peixinhos do rio e alguma caça do mato. Nesta extremada pobreza se abriu aqui, a segunda classe de gramática que teve o Brasil (Pois a primeira tinha sido na Bahia). No modesto colégio iam-se reunindo pouco a pouco numerosos filhos de portugueses e mamelucos de Santo André e da própria São Paulo de Piratininga, para onde começaram a afluir desde logo os colonos. Este colégio de São Vicente foi fundado pelo Padre Nóbrega, outros jesuítas e o irmão José de Anchieta e ficava numa imponente colina, entre o Rio Tamanduateí e o Riacho do Anhangabaú a meia légua de Piratininga. O colégio media: 14 passos de comprimento por 110 de largura e tinha como dependências; o refeitório, a cozinha, a despensa, a enfermaria e o dormitório. Habitavam usualmente os noviços da Companhia de Jesus, diversos catecúmenos e alguns filhos de colonos. Fizera-se também o Professor José de Anchieta, discípulo de seus discípulos, estudando a língua indígena, que dentro de alguns meses havia composto uma gramática e principiado um vocabulário, além de ter composto não só aqui, mas em várias partes do Brasil, muitas obras poéticas. Ao redor do colégio outras casas foram surgindo e aumentando a população. Habitavam as cercanias do interior de Piratininga, algumas tribos indígenas: Os Tibiriçá, que estabeleciam-se no Anhangabaú, os Caiubí em Tabatinguera, Carijós, Tupia e Guaianazes se encontravam em Jaribatiba, São Miguel, Pinheiros e Ibira-puera ou Santo Amaro.

A partir de São Vicente deu-se então a peregrinação de Anchieta pelas terras brasileiras. Correram os anos de 1556 à 1565, as obras maravilhosas do Padre José de Anchieta e a rebelião dos Tamoios. Foi muito difícil o trabalho dos jesuítas com os índios (aliados dos franceses). Anchieta presenciou, em princípios de março de 1565, a fundação do Rio de Janeiro e como testemunha, acompanhou grande parte destes acontecimentos com seus conselhos, exortações e trabalhos.

Em janeiro de 1567 volta ao Rio de Janeiro e vê os combates finais de Mem de Sá aos franceses. Anchieta retorna à São Vicente e exerce por seis anos a reitoria do Colégio São Paulo e por lá permanece de 1568 a 1577, percorrendo toda a Capitania.

De 1577 à 1587, foi superior dos jesuítas no Brasil Provincial. Deslocava-se assiduamente ao longo da costa no pequeno navio o "Santa Úrsula", visitando as casas da Ordem de Pernambuco a São Vicente. Em 1586 Anchieta foi residir no Colégio do Rio de Janeiro. Poucos eram os padres e muitos os trabalhos na cidade, como nas aldeias. Adoeceu, mas não podendo suportar a aflição de seus irmãos, disse a alguns deles: "ninguém se entristeça no colégio, porque eu não morrerei desta vez, nem nesta cidade. No Espírito Santo me esperam meus últimos dias". Em 1587, Anchieta foi para a Capitania do Espírito Santo e fez residência em uma das aldeias chamada Reritiba, onde viveu parte final de sua vida e mausoléu derradeiro de sua morte.

Reritiba tinha na época como Fundador e senhorio Vasco Fernandes Coutinho, fidalgo de muito valor e nobreza e um dos mais ilustres e antigos solares de Portugal.

Nesta aldeia, começou a ajudar o padre Diogo Fernandes na doutrinação índios, com os quais se dava melhor do que com os portugueses. Desta aldeia escreveu várias cartas que mostraram bem os quilates de seu grande espírito.

Em 1592, foi chamado a assistir à Congregação Provincial da Bahia e pouco depois foi convidado pelo Padre Marçal Belliarte à visitar as Casas do Rio de Janeiro e de São Vicente.

Recolheu-se finalmente, em 1594, na Capitania do Espírito Santo na Aldeia de Reritiba, onde era tão fértil de trabalhos, como de índios que eram milhares, reduzidos a quatro aldeias; Reritiba, Guarapará, São João e Reis Magos, que estavam sujeitas ao superior da vila, além dos portugueses que haveriam de ser doutrinados.

Em 1596, atendendo ao chamado do Superior do Colégio do Espírito Santo, dirigiu-se a Guarapará e em seguida para Vitória, onde o Padre Provincial foi nomeado Superior da Casa até que chegasse o Padre Soares, destinado para este cargo. Depois de cinco ou seis meses, tendo o padre entregue o governo da casa ao novo superior, retornou para Reritiba e foi recebido com alegria pelos índios vindos do sertão.

Comoveu-se o bom padre que sabia ter chegado a sua última hora.

Nada fazia enfraquecer o Padre José de Anchieta. Nos trabalhos e mais trabalhos, apenas as forças do corpo que gemiam, à vista dos horrores dos caminhos difíceis. Agravaram-se tanto os sofrimentos que se viu obrigado a deitar-se. Durante a enfermidade foi necessário fazer-se um remédio para outro enfermo. Não havia quem o soubesse preparar com acerto e o padre, que mal podia ter-se em pé, foi à cozinha, mas tão fraco estava que lhe sobreveio um desmaio.

Dali o levaram de novo para a cama, com poucas esperanças de vida. Tornando a si, começou a suspirar pela morte e com palavras muito devotas e enternecedoras abraçava as imagens de Jesus Cristo e da Santíssima Virgem.

Como se sentisse que perdia as forças, pediu e recebeu o Santo e Extrema Unção; entrou logo em artigo de morte, assistido por cinco religiosos da Companhia de Jesus que residiam nas aldeias dos índios.

Esteve agonizando por cerca de meia hora, com tanta paz e quietação, como se estivesse rezando, e ao mesmo tempo agradecendo com os olhos aos que procuravam dispô-lo para se apresentar diante de Deus.

Finalmente, pronunciando os dulcíssimos nomes de Jesus e Maria, adormeceu placidamente no Senhor, em um domingo, 9 de Junho de 1597, aos 63 anos de idade.

Quarenta e quatro anos antes, ao desembarcar no Brasil, encontrara apenas uns vinte religiosos da Companhia de Jesus, trabalhando e missionando dispersos desde Pernambuco até São Vicente.

Já no fim de seu provincialato, graças, em grande parte aos seus esforços, aos seus exemplos e à benção que do céu lhe atraía tantas virtudes, via o apóstolo 140 jesuítas, dos quais 68 sacerdotes, 37 estudantes e 35 irmãos coadjutores, divididos pelos três colégios de Pernambuco, da Bahia e do Rio de Janeiro e pelas cinco residências de Ilhéus, Porto Seguro, Espírito Santo, São Vicente e Piratininga.

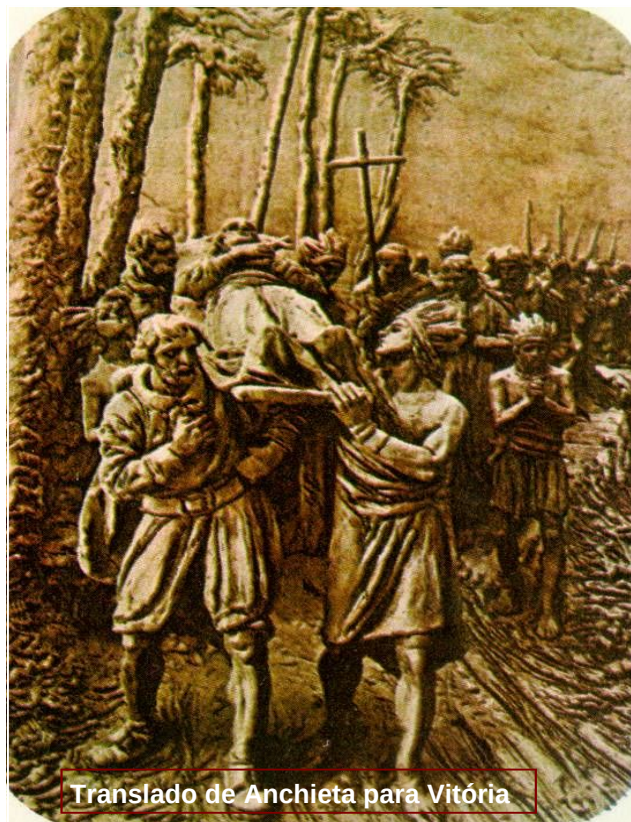
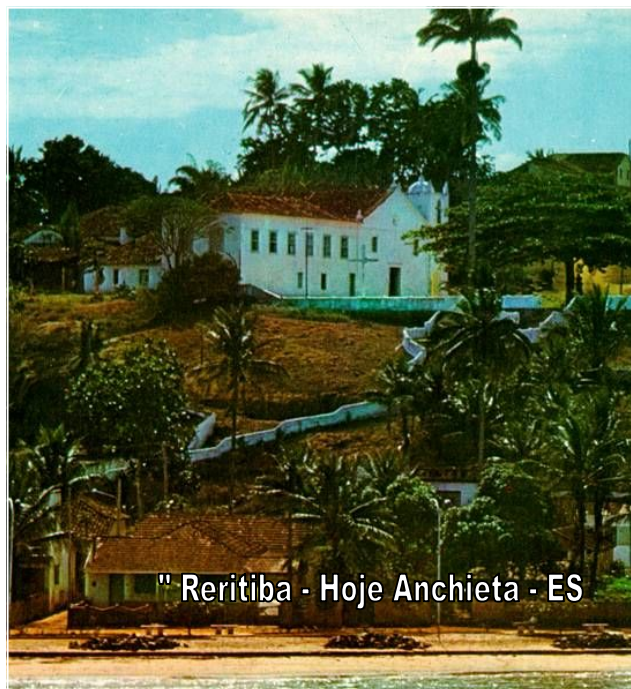
Anchieta foi sepultado na Capela de São Tiago, igreja do Colégio do Espírito Santo, onde permaneceram os santos despojos até ao ano de 1611. Por ordem do Padre Geral Cláudio Acquaviva, os despojos foram em parte, transportados para o Colégio da Bahia (nesta mesma ocasião se enviaram a Roma um fêmur e alguns ossos).

Na sacristia da Bahia estiveram até ao ano de 1704, quando o Padre Provincial João Pereira os mandou recolher ao quarto dos provinciais. O mesmo padre levou deles um osso, que se conservou no quarto dos Reitores de Coimbra.

Consta que em 1759, alguns ossos foram remetidos da Bahia ao Marquês de Pombal, com duas túnicas do Venerável Padre Anchieta. Que fim lhes deu o perseguidor de jesuítas, nunca se soube.

No fim do século passado, conservava-se ainda no Palácio do Governo do Espírito Santo (antigo Colégio da Companhia de Jesus), uma caixa com um osso. Parte foi dada a S.M.I.D. Pedro II e outro fragmento para o Dr. Barbosa Rodrigues, que depois foi roubado.

Finalmente a ultima parte foi, em 1888, entregue a alguns irmãos de Anchieta que por ali passaram e hoje a conservam na cela do Padre Anchieta, na antiga Aldeia de Reritiba, a atual cidade de Anchieta.



Em 1913, por época da demolição da antiga Igreja de São Tiago, acharam debaixo da lápide de Anchieta alguns ossos, vértebras e falsas costelas, que foram transportados todos, juntamente com a lousa sepulcral, para o monumento que ali perto se levantou. Com a morte do apóstolo taumaturgo não cessaram os prodígios; continuaram e continuam até nossos dias os favores celestiais que ele obtinha em vida aos que recorriam e recorrem à sua intercessão.

O Padre José de Anchieta tinha estatura medíocre, diminuto em carnes, testa larga, narz comprido, barba rala, mas no semblante inteiro era alegre e amável.

Em 1617, com pedidos feitos pelos Jesuítas do Brasil, foram iniciados os processos de beatificação e canonização.

Em 1730, os escritos de Anchieta são remetidos a Roma para serem examinados.

No dia 10 de Agosto de 1786, o papa Clemente XII declarou o Padre Anchieta "Venerável",

Em 1760, quatro ossos de Anchieta são remetidos ao Marquês de Pombal, em Lisboa.

Em 1773, com a supressão da Ordem dos Jesuítas, por ordem do Papa Clemente XIV, foram também suspensos os processos de beatificação e canonização dos Jesuítas, falecidos em conceito de santidade.

Os séculos passaram. A Companhia de Jesus foi expulsa do Brasil, extinta no Mundo, exceto na Rússia, posteriormente ressurgiu e hoje estão em toda a parte do mundo, educando e cuidando da moral de milhões de cidadãos.

Em 22 de Junho de 1980, aconteceu a beatificação do Padre José de Anchieta, celebrada pelo Papa João Paulo II, tornando-se assim o primeiro beato brasileiro.

O Padre Anchieta é o maior vulto da literatura brasileira (dito por Sílvio Romero) e seus títulos são a Gramática, O Dicionário e o Catecismo na língua TUPI dos Miramomis, o Poema à Virgem nas praias de Iperoig (hoje Ubatuba) e os seus numerosos e devotos contos.

Anchieta é também o primeiro poeta e dramaturgo do Brasil

Anchieta o escritor minucioso e fiel de extensas informações e de numerosas cartas, é o biógrafo dos seus companheiros de luta e de apostolado, e historiador da fundação de São Paulo e do Rio de Janeiro, da Confederação dos Tamoios, do Armistício de Iperoig, de Tibiriçá, de Pindobussu e de Ararigbóia.

Por Varnhagen e St. Hilário pode ser contado entre os homens ainda extraordinários do seu tempo.

O Venerável Padre José de Anchieta, foi um homem que viveu um universo heróico, pelos sacrifícios a que se submeteu, pelo ideal de luta representando a fé que o alimentou e iluminou.

BIBLIOGRAFIA:

- A Ordem - Órgão do Centro D. Vital - numero 50 - abril de 1934.
- Vida do Vulnerável Padre Anchieta S. J. - Apóstolo do Brasil - por Pd. José da Frota Gentil, S.J. 1962 - IV Ed.
- Anchieta o Apóstolo do Brasil - por Padre Hélio Abranches Viotti, S.J. - 2ª Edição - 1980.
- José de Anchieta - Seu Perfil e Sua Vida - por Roque Schneider - 3ª Edição 1994.
- Dados extraídos do arquivo da Biblioteca Nacional.
- Informações prestadas pelo Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.

Autor: Carlos Leite Ribeiro - Marinha Grande - Portugal

Diagramação e montagem: Filipe de Sousa



(Colégio de Vitória "jesuítas" e Igreja de São Tiago nova)



Casa onde nasceu José de Anchieta - Tenerife - Ilhas Canárias



Estátua a José de Anchieta
Praça da Sé - São Paulo - BR

PADRE LEONARDO NUNES



Jesuíta português, nasceu em Vila de S. Vicente da Beira, diocese e freguesia da Guarda (Região Norte de Portugal), em data ignorada.

Ingressou na Companhia de Jesus, no Colégio de Coimbra (Hoje Universidade de Coimbra), no dia 6 de fevereiro de 1548. É provável que fosse um dos sacerdotes convertidos e levado à Ordem por Manuel da Nóbrega, em sua passagem por Coimbra.

Destacado para missionar no Brasil, em 1549, foi trazido junto na esquadra de Tomé de Souza, juntamente com outros religiosos, entre os quais o próprio Manuel da Nóbrega, diretor da Missão a se estabelecer na colônia. Exerceu o apostolado primeiramente na Bahia, sendo depois enviado por Manuel da Nóbrega a São Vicente, em companhia do Irmão Diogo Jacome, a fim de iniciar catequese dos Índios, e, ao mesmo tempo, chamar de novo à religião o heterogêneo elemento branco da povoação., que naquela fase de conquista procedia com mais selvageria do que os próprios nativos. Como em São Vicente não houvesse missionário, o padre Leonardo Nunes organizou um grupo de pessoas que estivessem aptas a ajudá-lo na catequização.

Instalou logo um seminário, que foi o primeiro colégio da povoação, e onde, além das normas eclesiásticas e do catecismo, ensinava Latim e português. Aprendeu a falar o idioma tupi, para melhor se poder comunicar com a população indígena.

Converteu ao cristianismo numerosos índios e reconduziu a observância da religião a muitos colonos que se haviam transviado. Conquistou à causa da Igreja o antigo caçador de índios “Pedro Correia”, o qual chegou a ingressar na “Companhia de Jesus”, tendo morrido mais tarde martirizado.

Auxiliou na construção da Igreja de São João Batista nas terras doadas de Pedro Correia e conseguiu a colaboração ativa de elementos influentes, como Manuel de Chaves, Leonardo do Vale e Gaspar Lourenço.

Um de seus feitos notáveis foi o salvamento com a ajuda de Pedro Correia, de algumas mulheres portuguesas que haviam sido raptadas pelos Tamoios. Tão grande era sua atividade, que num mesmo dia era capaz de visitar vários aldeamentos, às vezes distantes muitos quilômetros uns dos outros, além de contar com a adversidade dos caminhos e da sinuosidade do local.

Certa ocasião chegou a ir até à Lagoa dos Patos, para conseguir a liberdade de algumas famílias de fidalgos espanhóis em viagem para o Rio da Prata.

Esta faculdade excepcional de locomover-se rápida e prontamente, no meio primitivo e inóspito, fez com que os índios o apelidassem de “ abarebebê”, que em Tupi significa “Padre Voador”.

Leonardo Nunes era o espírito apostólico resoluto e incansável. Teve papel preponderante na libertação dos Índios escravizados pelos portugueses, especialmente recompondo famílias indígenas, separadas pela fome escravagista dos colonos portugueses.

Os colonos da aldeia de Conceição de Itanhaém estavam revoltados com a libertação que provocava o padre Leonardo Nunes, causando problemas à agricultura canavieira que começava a florescer às margens dos Rios Itanhaém e Peruíbe, nas feitorias de João Castelhamo Rodrigues e Pêro Corrêa.

Em 1553, Manuel da Nóbrega, que então já se achava no Sul, enviou-o para o Norte, a fim de trazer dali mais missionários para São Vicente e povoações vizinhas, cuja população crescia rapidamente.

Depois de retornar foi indicado para informar ao responsável geral pela Companhia de Jesus (Santo Inácio de Loiola) , do estado em que se achavam as missões brasileiras.

Embarcando em Santos, em Junho de 1554, uma tempestade fortíssima abateu-se sobre a nau em que se encontrava Padre Leonardo Nunes, dois ou três dias após zarpar âncora, no dia 30 de junho de 1554. Mas mais uma vez seu espírito heróico foi visto, tendo ajudado a salvar alguns naufragos, acabando por afogar-se. Antes de morrer, ergueu a cruz em uma das mãos e exausto deixou se afundar. Do triste naufrágio muitos se salvaram, que testemunharam os últimos instantes de Abarebebê.

Marquês de Pombal



A expulsão dos Jesuítas



Durante muito tempo o ouro Brasileiro, sustentou o luxo e o esbanjamento da corte de D. João V. construíram-se Igrejas, Conventos e Palácios e Nobreza Portuguesa vivia como se este ouro nunca fosse acabar.

Quando, em 1750, o Rei D. João V morreu, Portugal encontrava-se em meio a grave crise econômica. Era uma País atrasado em relação às duas grandes potências européias, a França e a Inglaterra. Além disso encontrava-se em profunda dependência da Inglaterra, que em decorrência do tratado de Methuen, de 1703, havia praticamente impedido o desenvolvimento da indústria manufatureira em Portugal, pois que por esse tratado, Portugal se obrigava a comprar quase tudo o que consumia da Inglaterra. Assim, a maior parte dos lucros obtidos na Colônia (Brasil) era transferida para os cofres ingleses.

Perante tal crise, o novo Rei, Dom José I (1750-1777), nomeou como primeiro ministro Sebastião de Carvalho e Melo, que mais tarde se tornaria a figura do Marquês de Pombal, que durante 27 anos comandou a política e a economia portuguesa. Ele reorganizou o Estado, protegeu os grandes empresários, criando as companhias monopolistas de comércio, com o fim específico de melhor poder controlar a arrecadação de impostos e ao mesmo tempo fomentar o crescimento das mesmas.

Combateu tanto os nobres quanto o clero e reprimiu igualmente as manifestações populares, como na revolta contra a Companhia das Vinhas, no Porto (Norte de Portugal), no ano de 1757.

A colônia era peça importante na política econômica de Pombal. Além da criação das companhias de comércio, que, privilegiadas pelo monopólio, tinham liberdade de taxar os preços de compra e venda dos produtos, houve o aumento da cobrança de impostos, na região das Minas (Minas Gerais), onde então foram criadas as Casas de Fundição e fixadas quotas anuais de exploração de ouro.

Em conformidade com a política de consolidação de domínio português no Brasil, Pombal consolidou o tratado de Madrid, que ampliava as fronteiras, tanto no Norte quanto no Sul, do Brasil, entrando em confronto direto com as missões jesuíticas. Na Amazônia, as ordens religiosas mantinham o monopólio da comercialização das “Drogas do Sertão”, coletadas pelos índios que viviam nas suas missões.

Pombal, acusando os jesuítas de conspirar contra o Estado, expulsou-os de Portugal e de seus domínios em 1759, confiscando seus bens. A França, a Espanha e os demais países europeus adotaram a mesma medida, e o próprio Vaticano extinguiu a ordem em 1773.

O controle das missões passou para os funcionários do governo. As capelas tornaram-se paróquias, com vigários nomeados pelo Rei; os indígenas deveriam deixar de ter “nomes bárbaros”, passando a ter nomes portugueses; as línguas nativas foram proibidas e a língua portuguesa tornou-se obrigatória. Os caciques viraram capitães e juizes, e as lideranças passaram a ser vereadores municipais.

Todos os indígenas, a partir daquele momento, se tornariam cidadãos portugueses.

Na visão de Portugal, este seria o fim do “atraso” no Brasil, mas na realidade foi um grande prejuízo para os povos indígenas e para a preservação da memória nativa brasileira.

Todos os índios entre treze e sessenta anos, tinham de trabalhar metade do ano quase de graça para os colonos, e cada aldeia devia ter soldados portugueses para “manter a ordem”. O que os índios produziam devia ser vendido, mas quase sempre eram roubados pelos comerciantes desonestos.

A educação, que no Brasil era quase inteiramente de responsabilidade dos jesuítas, sofreu um grande recuo. Vinte anos após a expulsão, em todo o Estado da Bahia, não havia mais que dois professores. Várias escolas foram fechadas e as bibliotecas dos conventos foram abandonadas ou destruídas.

No sul situava-se outro foco de desentendimento entre o Marquês de Pombal e a Companhia de Jesus. Ali os jesuítas espanhóis eram acusados de fomentar a rebelião indígena contra os portugueses.

Marquês de Pombal conseguiu reerguer a economia portuguesa, conseguiu reconstruir Lisboa, arrasada por um terremoto mas, infringiu duros golpes no Brasil, em sua cultura e em sua história.

Até aos dias de hoje, se notam as conseqüências, especialmente no que diz respeito à Educação.

Marquês de Pombal reconstruiu a cidade de Lisboa (Portugal) após o terremoto de 1755 que destruiu 50% de toda a cidade.

Filipe de Sousa



Praça Marquês de Pombal - Lisboa - Pt

Fotos e Fatos



Natureza Viva & Águas Cristalinas

--

--

--

--

Rede Vale Comunicações

Quer Editar seu livro, seu jornal escolar ou da sua empresa ? - acesse: www.redevalecomunicacoes.com

--

--

***“Sabedoria de dizer o que sente por um simples olhar é
como chorar sem lágrimas,
pois a sabedoria foi eleita por todos como um
dom de poucos e
vontade de muitos”***

Nilde Sanches

Litoral Norte Paulista

Mar, Sol e Natureza



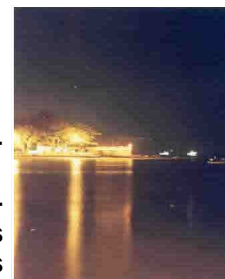
O Litoral Norte Paulista, além de ser rico em história e em personalidades, de ter contribuído e muito para o desenvolvimento de Nosso Cone Leste Paulista, nos presenteia com uma natureza deslumbrante. Associando todo um ecossistema, Montanhas, Serras, Picos, Praias e Ilhas, de um lado com o maravilhoso Oceano Atlântico, com inúmeros lugares propícios a pesca submarina, ilhas e praias somente acessíveis por ele, navegando em águas calmas e por vezes turbulentas, propiciando aos amantes da pesca e da navegação marítima momentos inesquecíveis. Por outro lado, uma maravilhosa Serra do Mar, com a presença do maior pedaço remanescente da Mata Atlântica, como por exemplo na Ilha Bela, que nos oferece 85% dessa maravilha no total dos seus território. Também, na Serra do Mar podemos usufruir de maravilhosas trilhas e refrescantes cachoeiras, além de uma maravilhosa fauna e flora que vai desde jardins de bromelinas à simplicidade do canto de um bem te vi. Oportunidades de esportes são totais, desde a prática de Asa Delta propiciada pelos inúmeros picos e lages para saltos, até ao surf na cidade de Ubatuba, considerada a Capital do Surf, além da prática do mergulho nos arquipélagos de Alcatrazes e Ilhabela.

Para conhecermos melhor todas estas maravilhas e até porque estudar é preciso mas nos divertirmos também, passamos a apresentar o que cada uma das Cidades Balneárias do Litoral Norte Paulista, nos apresenta de melhor. Começamos então onde nasceu o Litoral Norte Paulista, onde os descobridores fundaram nossa primeira cidade.

Bertioga

Quanto à localização de Bertioga e dados estatísticos nós já vimos anteriormente, agora vamos falar de suas praias e o que ela de melhor tem para nos oferecer.

Bertioga tem 33.100 metros de praias próprias para prática de vários esportes e com excelentes condições de balneabilidade, nos apresentando águas claras e limpas, onde em alguns lugares chegam a ser recomendadas para crianças em virtude de sua quietude em em outros ótima para a prática de surf e vela.



PRAIAS:



Praia da Enseada

PRAIA DA ENSEADA: Com 12 quilômetros é a mais movimentada. Começa no centro da cidade, no encontro com o Canal de Bertioga, seguindo até ao Bairro de INDÁIA, com a praia que muito embora faça parte da Praia da Enseada passa a receber o nome de Praia do Indaiá.

Possui larga faixa de areias claras e duras e um mar aberto ótimo para a prática de pesca de arremesso e banhos. Em um trecho próximo ao hotel Marazul e na Colônia do SESC, encontramos um trecho apropriado para a prática do SURF. Já no trecho de Indaiá, o mar



Praia de Indaiá



tem águas claras, com poucas ondas próprio para crianças e prática de esportes náuticos, além de mergulhos. A natureza e o ar puro, aliado a uma brisa refrescante é sem dúvida uma ótima fonte de reposição de energias e de alívio para o stress acumulado no dia a dia de nossas atividades na cidade grande.



Praia de São Lourenço

PRAIA DE SÃO LOURENÇO: São 4,5 quilômetros de praia, de mar aberto que abrange desde o empreendimento "Riviera de São Lourenço", de alto luxo, onde encontramos ótimas opções culinárias e de diversão, até ao Jardim São Lourenço. No "pér" são realizados diversos campeonatos de surf.



Riviera de São Lourenço

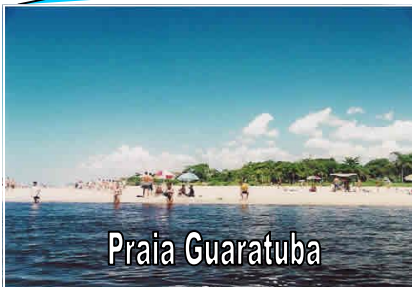


Praia de Itaguapé

PRAIA DE ITAGUAPÉ: Com acesso pelo Jardim São Lourenço, é um dos locais mais procurados pelos surfistas. São 3,5 quilômetros de praia, de mar aberto com areias claras, duras e larga, sendo que uma das suas extremidades se encontra com o Rio do mesmo nome. É ótima para banhos, com locais apropriados para crianças, pesca de arremesso e uma natureza deslumbrante e rica. Considerada a única praia virgem da região. Com acesso também pela Estrada Rio-Santos, sentido Bertioga - São Sebastião, onde também teremos entrada para a Barra de Itaguapé.

No local podemos também alugar canoas e caiaques para passeios pelo Rio Itaguapé, onde podemos ter um contato direto e conhecer uma natureza preservada e virgem.

CONTINUA



Praia Guaratuba

PRAIA DE GUARATUBA: São 8 quilômetros de praias com águas limpas, mar aberto e área de condomínios com casas de veraneio.

Na ponta norte fica a Barra do Rio Guaratuba, ideal para reunir a família, apresentando águas claras e límpidas, próprias para os amantes da pesca amadora.

As areias claras se misturam à Barra do Rio Guaratuba e ao mar, garantindo muita diversão e banhos aprazíveis.

Ótimo lugar para pique-niq, no entanto, nunca esqueçamos de guardar o lixo em sacos apropriados e levá-lo para depois o depositar no lugar certo. Preservando, nosso filhos e netos, poderão usufruir, do que ora nos foi dado e usufruímos.

PRAIA DA BORACÉIA: São 7 quilômetros de uma faixa larga de areias e mar aberto até à divisa com São Sebastião. No local há toda uma infra-estrutura com quiosques, restaurantes e área para "Camping" onde é possível fazer refeições e se hospedar com

muita comodidade e simplicidade.

Nesta praia acontece, anualmente, o tradicional Torneio de Pesca, promovido pelo Clube Armação, da Cidade de Santo André, no planalto paulista.



Rio Guaratuba e a Foz no Oceano



Praia Buracéia

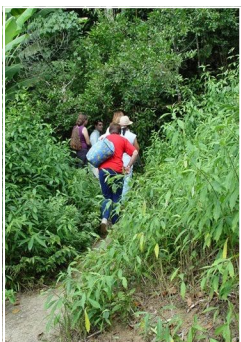


Praia Boracéia

BERTIOGA/TRILHAS E NATUREZA VIVA

Bertioga, além de suas maravilhosas praias também nos presenteia com uma natureza viva e preservada, que pode ser apreciada percorrendo suas maravilhosas e reconfortantes trilhas, onde pelo caminho encontraremos uma fauna e uma flora características da Mata Atlântica e refrescantes e belas cachoeiras e piscinas naturais. Vamos conhecer?

TRILHA DO CANHAMBORA:



O passeio começa pela travessia da histórica ponte da banana (1929), no Rio Jaguareguava, que nada mais era que o lugar de escoamento da produção de banana do município para o Porto de Santos.

A trilha nos leva por uma natureza viva preservada e maravilhosa, a cachoeiras e piscinas naturais, com vista e ecossistemas de restinga e mata de encosta (embrónia).

Percurso de 10 (dez) quilômetros (ida e volta).

Duração: 5 (cinco) horas.

Grau de dificuldade: médio.



TRILHA DA ÁGUA:



Após a travessia do Rio Itapanhaú começa uma trilha de 70 metros por uma trilha seca no meio do mangue, passando pelas matas paludosa, de restinga, ambrófila e de encosta.

Aqui pode-se apreciar um bom banho no Rio Guachinduva, com águas claras e límpidas. Após um refrescante banho podemos recomençar a caminhada pela água, a caminhada a partir daqui se dá em terras da colônia de férias do Sesc-Bertioga, por onde passa sua tubulação de abastecimento de água e termina em uma piscina natural.

Percurso de 5 (cinco) quilômetros (ida e volta).

Duração: 4 (quatro) horas.

Grau de dificuldade: Leve.



BERTIOGA/TRILHAS E NATUREZA VIVATRILHA HISTÓRICA:

O Passeio começa com a travessia do Canal de Bertioga, continuando por um caminho que o acompanha paralelamente, cercado de um lado pelo canal e de outro pela mata, até às ruínas da Ermida de Santo Antônio do Guaibe, capela quinhentista (1550) construída a pedido do Padre Jesuíta José de Anchieta. A trilha segue pelas ruínas de Armação das Baleias de Bertioga, local onde se fazia a extração do óleo de Baleia para uso na iluminação pública e para conjuntamente com o barro, fazia o material de ligamento das pedras, na construção civil quinhentista. Algumas destas construções ainda se encontram habitáveis e poderão ser admiradas.

TRILHA DO RIO JAGUAREGUAVA:

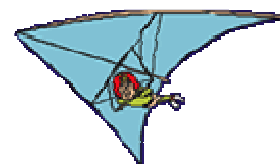
Partida do Rio Itapanhaú visitando o manguezal, conhecido como berçário do mar e sua vegetação e árvores características, de ramos e raízes entrelaçadas, segue-se de barco até encontrarmos o Rio Jagareguava, com águas cristalinas e suas árvores que formam maravilhosos túneis de ramos e folhagens entrelaçados durante quase todo o trajeto. Em determinado trecho da trilha aquática é possível descer do barco, nas águas rasas que formam praias e piscinas naturais que nos maravilham e nos convidam a molhar os pés. Duração: 4,30 (quatro horas e trinta minutos) Dificuldade: Leve

Maiores informações e agendamentos: Secretaria de Turismo de Bertioga

Fone: 0 xx 12 - 3319-8048

A seguir a Bertioga iremos encontrar a cidade de:

São Sebastião



Outra Estância Balneária do Litoral Norte Paulista, nos apresenta uma maravilhosa costa oceânica repleta de praias, bacias recortes de continente acolhedores, propiciando ao visitante um convívio não só com o mar de cores e tonalidades que vão do verde ao azul cristalino, como uma mata de encosta e remanescentes da Mata Atlântica, onde podemos encontrar em suas trilhas uma fauna e flora diversificadas.

Vamos conhecer algumas de suas praias:

PRAIAS:PRAIA DA ENSEADA:

Praia rasa, com uma maré se apresentando sempre baixa, boa para a pesca de camarões e mariscos.

Fazendo parte dela temos ainda a Prainha das Gaivotas, a Praia da Figueira e a Praia do Ventura.

Lugar agradável, com a natureza da encosta quase se encontrando com as águas do Oceano Atlântico.

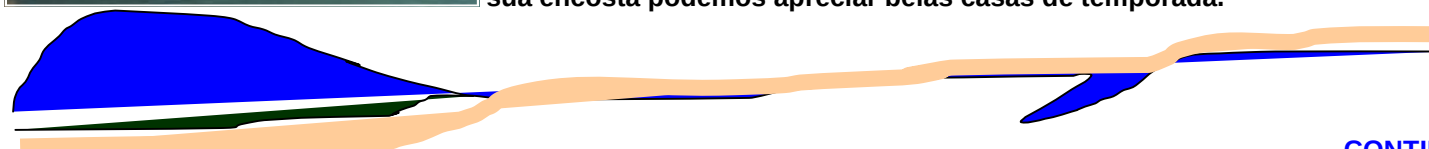
Areias claras e águas calmas.

PRAIA DAS CIGARRAS:

Praia limpa e ecologicamente correta, com rede coletora de esgotos da Sabesp, sem poluição, em forma de bacia, bem abrigada de ventos e uma faixa de areia suficientemente larga.

Praia de águas calmas muito freqüentada em época de férias, boa para banhos de mar.

Esta praia também é conhecida por a elegância de seus freqüentadores e na sua encosta podemos apreciar belas casas de temporada.



SÃO SEBASTIÃO / PRAIAS

PRAIA SÃO FRANCISCO DA PRATA:



Unindo balneabilidade a história, nos apresenta o antigo Convento de Nossa Senhora do Amparo (século XVII), com seu acervo de imagens antigas; ruínas da conhecida Fazenda Padre Faustino, atrás da Serra. Na Avenida São Pedro, encontraremos as ruínas da Casa de Beneficiamento de ouro, das Minas de São Pedro, onde o Rio de mesmo nome passa a seu lado, onde se fazia o beneficiamento dos minérios afim de serem enviados para a Europa.

Praia calma de pescadores artesanais e artesãos, que trabalham com a arte da cerâmica de panelas, potes e filtros de água.

Bairro residencial com toda a infra-estrutura e melhorias urbanas.

PRAIAS DA OLARIA E ARRASTÃO:



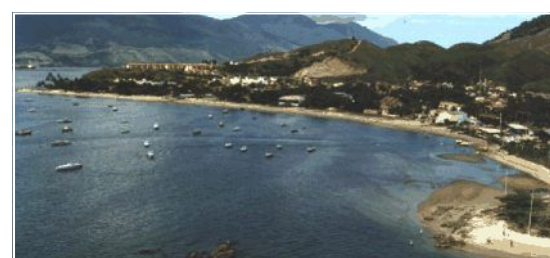
Núcleo residencial dotado de boa praia, de areias brancas, firmes e limpas. Ponto de grande badalação e de encontro da juventude local.

Mar calmo e em alguns lugares das praias, recantos bem acolhedores e bem abrigados de ventos.

Na época de carnaval é notada a agitação do preparo dos festejos. Durante o Carnaval acontece a apoteose das embarcações que participam do carnaval marítimo que adotou o nome de Carnamar.

Ótimo lugar para quem quer encontrar agito, diversão e balneabilidade.

PRAIA DO PONTAL DA CRUZ:



Núcleo residencial bem formado com um bom comércio, uma colônia de Férias bem freqüentada, hotéis e bons restaurantes.

Boa praia pra passear, tomar banhos de mar e namorar. No seu canto sul iremos encontrar uma pedra, que deu origem à "Lenda dos Amores".

Em como todo Litoral Norte encontraremos sempre algum caçara pronto a nos contar causos típicos e lendas. Pela história e origem seus habitantes são receptivos e hospitaleiros.

PRAIA DESERTA:



Praia calma e de boa faixa de areias claras. Não tão deserta como diz seu nome mas, tranqüila. Pontilhada de luxuosas residências e um ótimo local para quem quer a tranqüilidade que somente o mar e a natureza nos sabem oferecer,

Ótima praia para banhos de mar e pesca de arremesso (linha).

PRAIA GRANDE:



Praia localizada bem próximo à entrada da cidade. Recém construída a "Praça da Veia" oferece boas condições para a prática de esportes náuticos e local de encontro de velejadores que participam de campeonatos náuticos.

Em um dos cantos da praia se localiza um rancho de pescadores, onde podemos encontrar peixes frescos e bater gostosos papos.

É nesse local também que está instalado o escritório da Petrobrás.

Praia de faixa larga de areias brancas e poucas ondas.

PRAIA DO CENTRO:



Esta praia é margeada pela Avenida Guarda Mor Lobo Viana. Nela encontraremos os Bairros Vila Amélia e Bom Princípio, redes bancárias, comércio e escritórios. Na direção do centro da cidade deparamos com a Igreja Matriz (Século XVI). Na mesma praça encontraremos o prédio colonial da Câmara Municipal e outros do mesmo estilo em vários quarteirões preservados e tombados pelo "condephaat", dentre eles a Capela de São Gonçalo, o prédio da antiga cadeia (Quartel da Polícia Militar). Na rua da Praia encontraremos belos sobrados e casas coloniais entre eles "Casa Esperança".

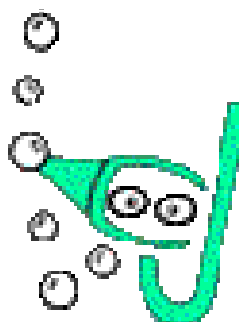
Praia e história, será o que encontraremos nesta nossa visita.

PRAIAS / SÃO SEBASTIÃO

São Sebastião possui um litoral bastante privilegiado com, muitas praias, entre as atrás mencionadas temos também as praias:



Maresias



Baleia



Berequeçaba



Barra do Say



Barra do Una



Boiçucanga



Praia Brava



Praia Calhetas



Praia Camburi



Toque-Toque Grande



Toque-Toque Pequeno



Praia da Boraceia



Praia de Guaeca



Praia da Jureia



Praia do Jaqueí



Praia das Pitangueiras



Praia do Porto Grande

PRAIAS / SÃO SEBASTIÃO

Praia Preta - Centro



Praia Preta - Sul



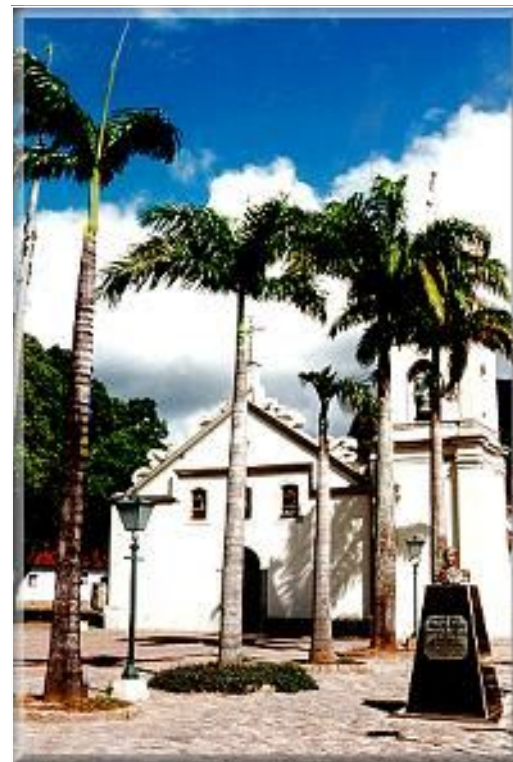
Praia de Santiago

Visitações e Turismo histórico:

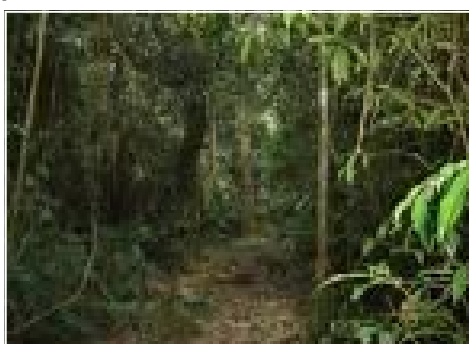
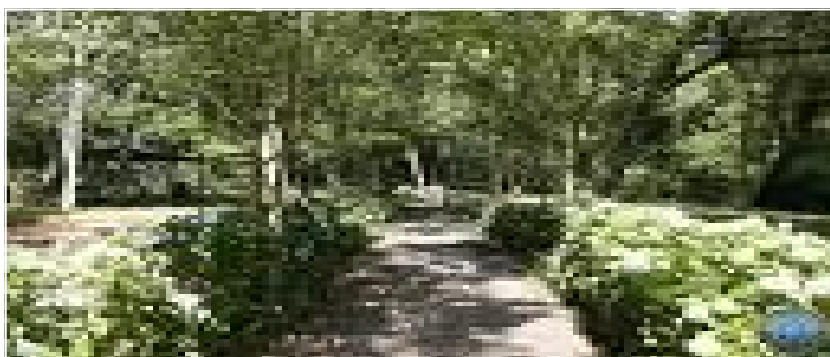
- IGREJA MATRIZ
- CASA DÓRIA
- CASA DAS JANELAS
- CASA DA CÂMARA
- CASA DA CADEIA
- CASA ESPERANÇA
- CAPELA DE SÃO GONÇALO
- SOBRADO DA "PRAÇA DO CONCRETO".

Bens Isolados

- CONVENTO NOSSA SENHORA DO AMPARO
- FAZENDA SANT'ANA
- CAPELAS CAIÇARAS
 - 1 - Capela da Enseada
 - 2 - Capela do Cemitério Municipal
 - 3 - Capela Toque Toque Grande
 - 4 - Capela Toque Toque Pequeno
 - 5 - Capela da Paúba
 - 6 - Capela de Maresias
 - 7 - Capela do Cemitério de Maresias
 - 8 - Capela da Imaculada Conceição - Boiçucanga
 - 9 - Capela do Sagrado - Boiçucanga
 - 10 - Capela de São Roque - Camburi
 - 11 - Capela da Barra do Say

TRILHAS ORGANIZADAS (Obrigatória a contratação de Guia/Monitor Local)

- TRILHA RIBEIRÃO DO ITÚ
 Extensão: 8,2 quilômetros
 Duração: 6 Horas
 Altitude: 580 metros
- TRILHA PRAIA BRAVA
 Extensão: 2,0 quilômetros
 Duração: 3 Horas
 Altitude: _____
- TRILHA LIMEIRA (OFF-ROAD)
 Extensão: 31 km + 18,7 km voltando pela estrada Rio Pardo/Porto Novo
 Duração: 3 horas
 Altitude: 827 metros
- TRILHA CENTRO/GUAECA
 Extensão: 6,0 quilômetros
 Duração: 3 Horas
 Altitude: 256 metros
- TRILHA SITIO ARQUEOLÓGICO
 Extensão: 700 metros
 Duração: 45 minutos
 Altitude: 260 metros



Fonte: Denis Ferreira Netto

Ilhabela

Em São Sebastião, pegando a balsa que atravessa o Canal de Bertioga, podemos alcançar a “Ilhabela” cuja beleza não está só no nome. Beleza, Ecologia, Preservação, Praias Limpas entre elas algumas virgens, vamos conhecer um pouco mais deste arquipélago.

Separada do continente pelo canal do Toque-Toque, a ILHA DE SÃO SEBASTIÃO abriga a ESTÂNCIA BALNEÁRIA DE ILHABELO, onde a Mata Atlântica domina 85% de seu território.

Praias, cachoeiras, trilhas e o “Parque Estadual de Ilhabela”, são mais que atrações turísticas são verdadeira terapia para o stress e para umas boas férias ou somente, um bom final de semana. A seguir mostramos suas praias, trilhas e demais informações úteis.

A partir do dia 19 de março de 2008, Ilhabela passou a recolher uma taxa de “Proteção Ambiental” e a controlar a entrada de veículos na Ilha. Serão cobrados na entrada da Ilha a quantia de R\$.: 2,00 (dois reais) para carros e motos, R\$.: 3,00 (três reais) para camionetes, R\$.: 100,00 (cem reais) para vans, R\$.: 200,00 (duzentos reais) para microônibus e R\$.: 300,00 (trezentos reais) para caminhões. (fonte: Prefeitura Municipal de Ilhabela) Conheça esta maravilha.



PRAIAS



Praia Areado

PRAIA DO AREADO:

Na verdade não é bem uma praia é uma baía de mar aberto, uma região com muitas pedras, não possuindo faixa de areia.

É nela também onde desemboca a cachoeira do mesmo nome “Cachoeira do Areado”.

Local perfeito para a prática de “surf” com ventos fortes de Leste.



Praia da Armação

PRAIA DA ARMAÇÃO:

Praia tranqüila, acessada por uma pequena trilha ao lado do Farol da Ponta das Canas, bastante freqüentada por velejadores, iatistas e praticantes de Kitesurf.

Nesta praia iremos encontrar ainda uma pequena colônia de pescadores e uma igreja.



Praia do Bonete

PRAIA DO BONETE:

o Acesso se dá por mar ou então por uma trilha cujo percurso demora aproximadamente 4 (quatro) horas.

Demora mas, encontrará o visitante uma das praias mais belas do mundo. A comunidade que vive nessa praia, vive isolada do resto da ilha, não tem acesso a Luz elétrica, utilizando um gerador próprio para suprir suas mínimas necessidades.

Praia própria para a prática de “Surf” e ainda nos presenteia com um pequeno rio, cachoeira e muito verde.



PRAIA DOS CASTELHANOS:

Antigamente utilizada como refúgio de **Piratas**, seus 2 km de extensão apresentam mar agitado e longa faixa de areia clara. Conta ainda com dois riachos de águas cristalinas, além de uma enorme cachoeira, o que transforma esse lugar em um cenário magnífico.

Não esqueça sua filmadora. Se esquecer irá se arrepender.



PRAIA DA VILA:

Com “Pear” para pesca, essa praia fica na entrada da Vila, a mais freqüentada por turistas, em virtude de sua facilidade de acesso..

Nas horas de maré baixa, as pedras e sua faixa de areia, emolduradas pelos coqueiros, oferecem um cenário maravilhoso e aconchegante.

PRAIAS DE ILHABELA / CONTINUAÇÃOPRAIA DO JABAQUARA:

A praia do Jabaquara se situa depois da ultima curva da Estrada Principal de Ilhabela, cujo acesso á esquerda de trilha, após passar um pequeno riacho de pedras pequenas, nos dá acesso a essa maravilha do atlântico.

Logo na chegada, é possível deslumbrar uma das mais belas vistas da Ilha. A praia bastante preservada é cortada por dois riachos, um de cada lado de suas extremidades. Excelente para banho de mar, com águas limpas e claras. Em um de seus cantos se situa um amontoado de pedras repletas de mariscos, ótimo local para a pesca submarina e artesanal de arremesso.

Uma das características dessa praia são suas mangueiras (coquinho) cujos frutos são deliciosos de doces e fartos, na época.

PRAIA DE INDAIATUBA:

Uma bacia com apenas uma faixa de areia de 100 metros de extensão, acolhedora e apresentando uma maravilhosa flora, em suas laterais nos apresenta diversos pontos que convidam a quem gosta do lazer da pesca amadora de arremesso.

Um paraíso dentro do paraíso que já é Ilhabela.

Em suas extremidades, na Ponta da Sepituba e na Ponta do Boi já ocorreram diversos naufrágios.

PRAIA PEREQUÊ:

É nesta praia que ocorrem diversos eventos na alta temporada. Uma das maiores praias da ilha, seu mar é azul e suas areias são claras e firmes, além de nos deliciar com a sombra de seus coqueiros que ocupam toda a sua extensão.

Com boa infra-estrutura, seus quiosques, bares, restaurantes e hotéis, por tudo isso é um dos pontos favoritos dos veranistas.

Mar aberto e calmo.

PRAIA DO PORTINHO:

Esta é a típica praia caíçara, uma comunidade de pescadores, com casinhas simples, canoas de madeira e um calor humano que nos convida a voltar.

Lá também se encontra a antiga capela de Santo Antônio.

A Pracinha, seus quiosques são um convite à descontração unindo natureza a prazer. Praia aconchegante, tranqüila e bem freqüentada, apresentando-nos ainda de um lado a costa da praia da Feiticeira e de outro uma costeira de pedras convidativas para a pesca de arremesso.

PRAIA DO SACO DO SOMBRIO:

Local perfeito para mergulho e pesca. Local de muitas “Lendas” sobre possíveis tesouros escondidos por piratas, nos séculos XV e XVI.

Praia de águas claras e calmas, protegida dos ventos, embora não possua faixa de areia.

Seus morros, que a margeiam são cobertos de uma farta e extensa de mata nativa.

Estas são algumas das praias de Ilhabela, no entanto, ela tem muito mas muito mais a nos oferecer, vamos dar mais uma espiada?

PRAIAS DE ILHABELA / CONTINUAÇÃO.



Praia do Barreiros



Praia da Caveira



Praia do Curral



Praia do Engenho D'Água



Praia do Eustáquio



Praia da Feiticeira



Praia da Figueira



Praia do Sino



Praia do Gato



Praia Grande



Praia Guanxuma



Praia de Indaiaúba



Praia do Itaguassu



Praia do Julião



Praia Mansa

Mais... muito mais...



Praia Mercedes



Praia do Oscar



Praia da Pacuíba



Praia das Pedras Miúdas



Praia do Pinto



Praia do Poço



Praia do Pequeá



Praia do Saco da Capela



Praia Santa Tereza



Praia da Serraria



Praia de Siriúba



Praia do Veloso



Praia Vermelha



Praia Viana



Ilhas do Arquipélago

Cachoeiras, Trilhas & Picos



1 - CAHCOEIRA DA ESCADA:

O curso d'água vai deslizando pelas pedras e vegetação da mata, em seu balé natural, em seu movimento preguiçoso e relaxante, nos apresentando em suas piscinas naturais ótimos locais para uma confortável relaxamento.

Esta cachoeira pode ser acessada de carro até o [Parque Estadual de Ilhabela](#), onde existe estacionamento e água natural para se refrescar e beber, assim como um banheiro público.

Não esqueça, o repelente, máquina fotográfica e um bom par de tênis.



2 - CACHOEIRA DA LAGE:

O curso do rio vai em seu percurso formando várias quedas d'água, tobogãs naturais e piscinas, que nos proporcionam um bom relaxamento. Uma caminhada de 40 minutos, pela [Trilha do Bonete](#) é o caminho para a aventura e o prazer. Vale a pena descer a cachoeira até seu encontro com o Oceano Atlântico, onde, na maré baixa, poderemos observar os destroços de um naufrágio ocorrido no local. Nível de dificuldade baixo e médio, se aconselhando, fazer-se acompanhar de um guia.

Também é bom levar um lanche para degustar no caminho.



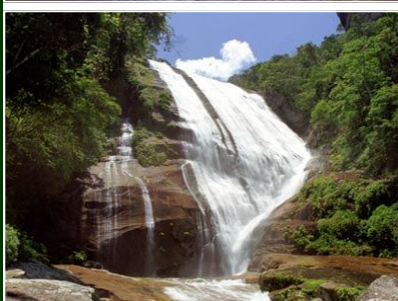
3 - CACHOEIRA DA TOCA:

Duchas naturais, trilha histórica, ecoturismo e camping; ruínas de piratas. tobogãs naturais e a possibilidade de prática de surf na pedra. A Cachoeira da Toca é tudo isso e muito mais, por isso é um dos locais mais visitados de Ilhabela.

Seus tobogãs nos levam a piscinas naturais de águas cristalinas e refrescantes, garantido muita adrenalina e emoção.

No percurso também encontraremos um "Alambique", onde poderá ser degustada a verdadeira pinga caiçara.

Lá é cobrado ingresso, informações: (12) 8113-5390



4 - CACHOEIRA DO GATO:

Reconhecida mundialmente por sua queda de água, opulenta durante todas as estações do ano, se situa em meio à Mata Atlântica. Sua queda de aproximadamente 70 metros de altura é um espetáculo de rara beleza. Em seu percurso nos oferece refrescantes duchas e maravilhosas piscinas naturais de águas cristalinas. A trilha de acesso é considerada de média dificuldade e demora aproximadamente 45 minutos, sendo imperdível pela rara beleza com que nos presenteia, sendo uma das cachoeiras mais visitadas da Ilha. Pode ser alcançada através da trilha situada no lado esquerdo da Praia dos Castelhanos, sendo aconselhável a presença de um guia.



5 - CACHOEIRA DO VELOSO:

Esta cachoeira é acessada através de uma propriedade particular. Partindo da Praia do Veloso, por uma trilha de 40 minutos, o turista se depara com um local de beleza rara, uma queda de água de 70 metros de altura pulando de pedra em pedra, até formar piscinas naturais, convidativas a um bom mergulho. Mas, o presente está na volta da trilha, onde em alguns de seus pontos se pode ter uma vista privilegiada do Canal, nos proporcionando belas imagens, inesquecíveis certamente.

Não esqueça a máquina fotográfica e um bom repelente.



6 - CACHOEIRA DOS TRÊS TOMBOS:

Localizada próximo à Praia da Feiticeira, três quedas de água se nos apresentam, mostrando toda a beleza explícita da natureza.

A maior de suas quedas de água despenca de uma altura de 20 metros. Esta queda de água não é tão exuberante quanto outras mas, a, suas piscinas naturais de águas cristalinas e calmas nos convidam a uma pausa refrescante.

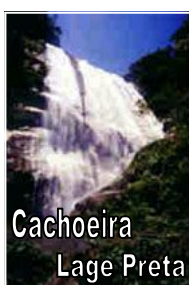
Sua trilha é considerada de baixa dificuldade e é convidativa para um passeio em família. No entanto, aconselhamos sempre a presença de um guia.



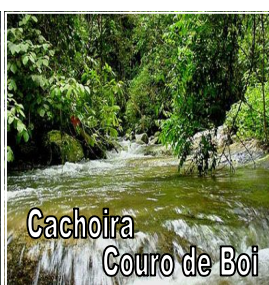
Cachoeira Aerado



Cachoeira
Água Branca



Cachoeira
Lage Preta



Cachoeira
Couro de Boi



Cachoeira
da Friagem



Antes de começarmos nossa viagem, gostaríamos de deixar algumas dicas de como adentrar na Mata Atlântica, de forma segura e responsável.

- 1 - Não retirar do local plantas, flores, mudas, etc..., nem danificar o meio ambiente;
- 2 - Não maltratar, assustar, de forma nenhuma caçar ou alimentar animais silvestres;
- 3 - Recolher todo o lixo produzido na caminhada, em um saco plástico que deverá fazer parte de seu equipamento;
- 4 - Não poluir ou contaminar as águas de nascentes, lagos, rios ou cachoeiras;
- 5 - Não fumar, nem produzir qualquer espécie de fogo (só se acompanhado por guia, que saberá acerar devidamente o local);
- 6 - Evitar colocar a mão em locais cheios de folhas e buracos, afinal o ambiente é um ambiente natural e alguns répteis podem se ocultar nesses locais.
- 7 - As trilhas originais às vezes podem ser alteradas por caçadores nativos, assim, sempre aconselhamos a presença e o acompanhamento de um guia local, que conheça bem o percurso. Afinal de contas imprevistos sempre poderão acontecer, é bom não arriscar empreender o passeio sozinho ou sem o guia.
- 8 - Também devemos comunicar esse passeio a familiares e a autoridades locais, especificando aproximadamente a hora do início e se informando sobre a durabilidade máxima do mesmo.
- 9 - Se possível leva um ou mais celulares, usando somente um de cada vez, mantendo sempre os outros desligados para reserva no caso de algum imprevisto. Os números de celulares deverão ser divulgados para autoridades e familiares, por ordem de uso, ou seja numerar a ordem em que cada um deles será ligado, no caso de algum imprevisto.
- 10 - Usar traje adequado e levar pouco peso na mochila; aconselhamos somente como precaução levar um cobertor acrílico pequeno ou um saco de nylon de dormir;
- 11 - Respeitar as comunidades locais e sobretudo conquistar sua simpatia, nunca saberemos o que virá pela frente.
- 12 - **IMPORTANTE:** Nunca esqueça de levar um **KIT de primeiros socorros** e repelentes contra insetos.
- 13 - Importante também levar sempre algum suplementos alimentares fibrosos, lanche e sucos.
- 14 - Não se aconselha o uso de celular para fotos, pois a carga desperdiçada poderá fazer falta no caso de algum contratempo. Use uma só máquina fotográfica, que deverá ser comum a todos os participantes.

Há em Ilhabela, **17** opções de trilhas, sendo que a maioria delas apresenta boas referências para quem não possui experiência ou conhecimento da localidade.

No entanto, sempre se aconselha o acompanhamento de um Guia Profissional, conhecedor do percurso, em virtude de que, alguns caçadores, fazem desvios para se embrenharem na mata, (muito embora a prática seja absolutamente proibida) fazendo com que, ao se deparar o incauto aventureiro, com esses desvios, facilmente a dúvida prevalecerá e com isso, a possibilidade de se perder na mata fechada, se apresenta bem acentuada.

As trilhas de Ilhabela levam a cachoeiras desconhecidas, lugares de difícil acesso, alguns dos quais absolutamente virgens. Enfim, situadas em uma floresta de mata atlântica, cuja preservação é ponto de partida das autoridades e do povo caiçara, sua natureza nos permite desfrutar de um verdadeiro paraíso.

Ilhabela é um verdadeiro paraíso para a prática de “trekking” em trilhas.

Uma caminhada em grupo será de bastante valia, para valorizar a amizade e desfrutar do contato direto com a flora e a fauna, onde poderemos ser recepcionados por bem-te-vis, tucanos, papagaios, periquitos, sabiás, entre outros e animais mamíferos.

Todas as trilhas ficam dentro do Parque Estadual de Ilhabela, local de preservação nacional.



Roteiros:

1 - PICO DO BAEPI:

Imprescindível a contratação de guia local.

De grande dificuldade, exige bom preparo físico para superar uma caminhada de aproximadamente três horas até se atingir o cume, cuja altitude é de 1.058 metros, de onde se avista todo o complexo de ilhas do arquipélago de Ilhabela, montanhas e o canal de São Sebastião, bem como de ter uma idéia geral da presença da Mata Atlântica.

O pico com rochas eruptivas pode ser alcançado a partir do condomínio do Engenho d'Água.

Em uma parte do percurso encontraremos um terreno íngreme pontilhado de pedras, raízes e arbustos. O esforço é grande, mas altamente recompensador. No caminho poderemos nos deparar com mamíferos, tais como Jaguatiricas, pacas, capivaras (estes dois últimos em extinção), caxinguelê (esquilo), entre outros, além de aves como Macuco e Jacutinga (ambas também em extinção), tucanos, aracari-banana, entre outras.

À medida que vamos embrenhando a mata, nos deparamos com árvores de 25 a 30 metros de altura, assim como as bromélias e orquídeas de todos os tipos vão decorando a caminhada, nos dando o verdadeiro significado da necessidade de preservação; uma mata rica na reserva da biosfera.

CONTINUA



2 - TRILHA DA ÁGUA BRANCA:

Com acesso pela estrada do Castelhanos, na altura do km 0,5, é a única trilha com infra-estrutura implantada pelo Parques Estadual de Ilhabela. Ao longo de todo o seu trajeto, a Polícia Florestal, instalou lixeiras, identificação e informações sobre as árvores encontradas ao longo do trajeto, além de locais para descanso e pausas na caminhada.

Fácil de ser percorrida, [aconselhável para passeios em família](#), tem como atrações as quedas de água; Queda da Escada, Cachoeira da Ducha, e outras todas com piscinas naturais de águas cristalinas, convidativas a um bom banho.

Ela começa ao lado da guarita do Parque Estadual de Ilhabela, construída com recursos do Banco Alemão KFW, que até ao final do ano de 1999 disponibilizou verbas para a preservação do Parque, através da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo. Nesse quiosque se disponibilizam banheiros públicos, água potável e vigias do parque que se encontram aptos a fornecer todas as informações sobre a trilha e a responder a todas as dúvidas ou curiosidades.

Nesta trilha a possibilidade de alguém se perder é remotíssima: Em todo o seu percurso serão vistas placas indicativas e informativas da direção de cada atração. Também como passeio de estudo e pesquisa existem à disponibilidade do turistas. informações sobre as principais árvores e plantas características da Mata Atlântica, encontradas ao longo do percurso.

Esta trilha tem aproximadamente 2.500 metros de extensão sob uma Mata Atlântica fechada, que repentinamente se abre perante os olhos, mostrando cachoeiras e trilhas de baixa dificuldade de acesso, com escadas e corrimões de apoio nos maiores desníveis. A trilha da Água Branca é uma vitrine do Parque Estadual de Ilhabela, [tendo sido preparada para que se dispense o acompanhamento de guia profissional](#).

3 - TRILHA DA CACHOEIRA DA LAGE DA PEDRA:

Conhecida também por Véu de Noiva e Laje Preta esta cachoeira fica a lesta de Ilhabela, em Castelhanos. Por ser uma trilha de difícil acesso é aconselhada sempre a contratação de um guia profissional ou a companhia de um morador local com prática e conhecedor de todo o trajeto que nos levará até ao final da cachoeira. A caminhada dura cerca de 2 horas até que possamos atingir a finalidade.

4 - TRILHA DE CASTELHANOS E SERRARIA:

Esta trilha possui um percurso de 22 km que constitui a estrada que corta o Parque Nacional de Ilha Bela. Pode ser percorrida a pé, em uma ótima caminhada, de bicicleta e até de automóvel, dependendo das condições da estrada.

Ao longo de seu percurso encontraremos riachos, nascentes e morros onde podemos tomar contato com a beleza da Mata Local. Este percurso, percorrido a pé, consome cerca de 6 horas, até encontrarmos a Praia de Castelhanos.

5 - TRILHA DA CACHOEIRA DO GATO:

Castelhanos é mais uma partida para quem quer na realidade conhecer profundamente as entranhas da Mata Atlântica, no Parque Estadual de Ilhabela. Encarar 25 minutos de caminhada por esta trilha até à Cachoeira do Gato, ficar sobre a maior cachoeira da Ilha com sua queda de 80 metros de altitude, sob um paredão rochoso, é uma experiência inesquecível.

O percurso começa no canto esquerdo dessa maravilhosa praia de Castelhanos, a mata se apresenta fechada e a trilha com uma pequena inclinação. Aos poucos o caminho vai-se tornando mais íngreme e uma umidade natural vai-se acentuando na mesma forma em que a mata se vai tornando cada vez mais cerrada. Árvores centenárias formam um canal de onde é impossível se visualizar o céu, vinte e cinco minutos após o início, as pedras por onde circunda a queda d'água já podem ser visualizadas. Trilha de fácil e média dificuldade, no entanto, como sempre, recomendamos a companhia de um guia ou morador local.

6 - TRILHA PARA A PRAIA DO BONETE:

Na trilha que liga a Ponta da Sepituba à praia do Bonete, encontraremos duas das principais cachoeiras da Ilha, a Cachoeira do Lago e a Cachoeira do Areado. Esta trilha, outrora foi uma estrada, com um percurso de 15 km construída para ligação do Bonete à Sepituba. Construída de forma apressada no início dos anos 80, com um projeto adequado à topografia acidentada, à vegetação e ao clima chuvoso da região, a estrada foi ao longo do tempo devorada pela Mata Atlântica e pela erosão. A força da natureza transformou o erro humano numa trilha bem interessante. Ela nos permite apreciar o diálogo entre a explosão dos ecossistemas presentes e característicos na Mata Atlântica, com o mar azul a seus pés e aberto no horizonte.

Hoje restou da estrada u longo caminho entre árvores, com uma pequena picada ao centro, onde o vai e vem dos habitantes do Bonete e dos visitantes das duas cachoeiras, faz com que a vegetação rasteira seja rarefeita. Mas, não nos iludamos pois isso em nada torna a trilha de mais fácil percurso. Em alguns trechos se nos apresentam ladeiras mais fortes, cuja formação se deve à mal sucedida construção da antiga estrada feita sobre aterros de terra e pedras que a ação opulenta da natureza, sob a forma de chuva, levou embora o que levou a cicatrizes profundas, deixando erosões significativas, dificultando com isso, verdadeiramente, a caminhada. Bicicleta aqui, só nas costas. Outros trechos desta trilha sofrem maior grau de dificuldade nas épocas de chuvas mais intensas, tornando o piso muito escorregadio.

A caminhada começa no ponto onde a estrada acaba, um pouco antes da Ponta da Sepituba. Lá podemos deixar e estacionar o carro sem maiores problemas. Uns 15 minutos depois do começo da caminhada, deparamos com um imensa subida, que após ser superada, ao olharmos para trás nos depararemos com uma bela vista da Ponta da Sepituba.

Cerca de 40 minutos depois de começar a caminhada, a trilha cruza o Ribeirão do Lago. Aqui meus amigos, duvido que resistirão a não molhar os pés e é preciso ter cuidado, para evitar um inevitável escorregão nas pedras limosas desse rio.



Trilhas ilhabela

CONTINUAÇÃO

Após a travessia do rio, tomemos a picada à direita para que possamos chegar à queda principal da Cachoeira da Laje. Ai poderemos aproveitar para fazer uma pausa; logo após podemos continuar na mesma trilha que nos levará até à Cachoeira do Areado. Assim, uma hora após havermos saído da Cachoeira da Laje, somando-se quase duas horas de caminhada ininterrupta a partir da Ponta da Sepituba, a trilha corta o Rio Areado. Neste ponto temos que entrar à esquerda e ir escalando as pedras para que possamos alcançar a Cachoeira do Areado.

Para atingirmos a praia do Bonete, se torna necessário mais uma hora de caminhada. No total, levando-se em conta seu percurso total, da Ponta da Sepituba até à praia do Bonete, esta trilha normalmente leva de 3,30 a 4,00 horas.

Outras Trilhas de Ilhabela

7 - TRILHA DO ESTEVÃO:

Esta trilha sai da metade do caminho que nos leva a Castelhanos e atinge a comunidade isolada do Bonete. Esta trilha se encontra fora de uso já faz muitos anos e é evitada até por quem está habituado à Mata e pelas comunidades, inclusive por aqueles que transitam constantemente pela mata. Não aconselhamos nem indicamos esta aventura duvidosa.



8 - TRILHA DO BONETE E ANCHOVAS:

No extremo sul de Ilhabela, existe uma comunidade de pescadores, constituída de 250 pessoas, que moram em um local desprovido das mais elementares necessidades, tais como luz elétrica mas, cheia de uma calor humano e de um aconchego cativante e convidativo ao conhecimento da alma e do natural.

Local indicado e propício à prática do camping e da vida natural, tomar banho de cachoeira, nadar e surfar no mar onde ondas moderadas de aproximadamente 1 metro de altura.

Esta trilha foi outrora uma estrada cujo acesso máximo se situa na Ponta da Sepituba. Esta trilha é de grande dificuldade exigindo bom preparo físico para encarar subidas e terreno acidentado, durante as quatro a cinco horas de seu percurso.

9 - TRILHA DAS PRAIAS MANSA, VERMELHA E FIGUEIRA:

Partindo também de Castelhanos podemos alcançar estas três praias através de uma trilha situada no lado sul da baía. São 30 minutos até alcançarmos a primeira praia, onde vale a pena parar; através da mata e seguindo por aproximadamente mais 45 minutos atingiremos a Praia Vermelha. A cerca de mais duas horas, encontraremos a Praia da Figueira, todas elas com seus encantos e suas belezas, habitat natural da fauna e flora características da Mata Atlântica, convivendo harmonicamente com as gentes caiçaras que vivem da pesca artesanal e do artesanato caiçara.

10 - TRILHA DA CACHOEIRA DOS VELOSOS:

Localizada no lado Sul da Ilha, a caminhada leva o visitante a interagir com a Mata Atlântica, e seu principal atrativo é a queda d'água com aproximadamente 50 metros de altura e um poço com uma área de 70 metros quadrados e uma profundidade média de 1,70 metros.

Tempo de duração da caminhada 40 minutos.

Este percurso é feito via propriedade particular, devendo-se consultar sua disponibilidade.

Informações: Parque Estadual de Ilhabela, Fone: (12) 3896-2660.

11 - TRILHA DO PICO DESÃO SEBASTIÃO:

Localizada ao sul de Ilhabela esta trilha nos conduz ao pico mais alto do arquipélago, atingindo uma altura de 1.370 metros. Várias trilhas de caçadores tornam a orientação muito difícil, apenas "Guias Experientes" percorrem com segurança esta parte da Ilha.

Uma pedra em formato de papagaio justifica o seu nome.

12 - TRILHA DA CACHOEIRA DOS TRÊS TOMBOS:

Trilha de fácil percurso e acesso, se constitui entre as pequenas trilhas, esta com menos de quinhentos metros, na entrada do Bairro da Feiticeira, a partir dela teremos acesso a três quedas d'água de uma beleza singular, que são parte integrante da Cachoeira dos Três Tombos.

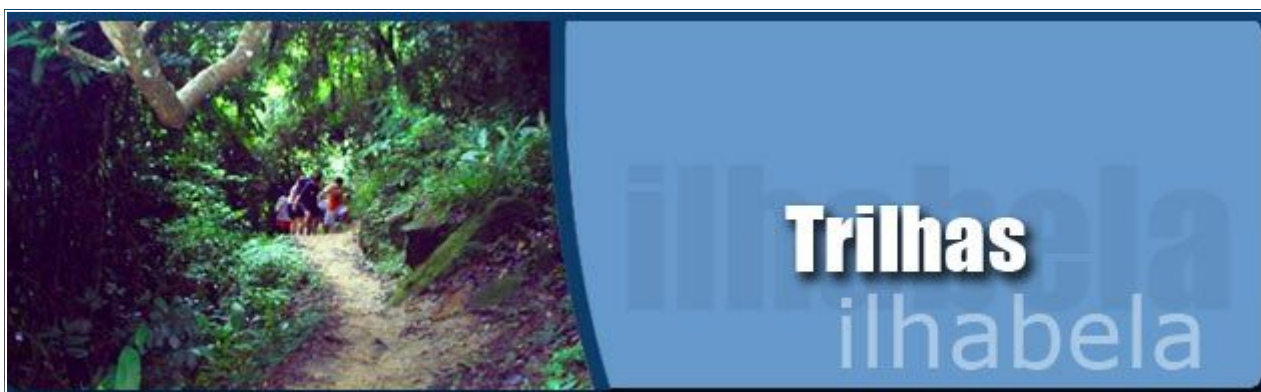
13 - TRILHA DA TOCA DAS FURNAS:

Situada e com saída do Bairro do mesmo nome, poderemos conhecer algumas das Cavernas Naturais que constituem a Toca das Furnas, no entanto, dada a sua localização se torna indispensável um Guia Local para que possam ser localizadas.

14 - TRILHA DA CACHOEIRA DA LAJE:

Seguindo-se em direção ao sul até onde a Estrada Principal alcançar encontraremos uma trilha e adentrando nela, muito próximo, encontraremos a Cachoeira da Laje. Cerca de uma hora de uma caminhada após o estacionamento da Ponta da Sepituba, pela mesma trilha que leva ao Bonete, chega-se a uma grande piscina com tobogãs naturais que nos encantarão.

CONTINUA

**15 - TRILHA DO POÇO:**

Esta trilha fica no final da estrada ao norte da Ilha. Após a Praia do Jabaquara, seguindo por 4 (quatro) horas uma trilha próxima à costeira atinge-se a Praia do Poço, onde uma cascata de águas claras e cristalinas despenca nas areias dessa maravilhosa praia, formando uma piscina de água doce.

16 - TRILHA DA SERRARIA, GUANXUMAS E EUSTÁQUIO:

Serraria é composta de uma comunidade tradicional simples e pequena, composta por pescadores e artesãos. Partindo-se dessa comunidade, por um percurso de aproximadamente 1 hora, encontraremos a praia da Caveira, praia deserta e não habitada mas, de uma beleza rara e apaixonante.

Continuando e caminhando por mais ou menos 40 minutos encontraremos a Praia de Guanxumas, esta já povoada por uma pequena e simples comunidade de pescadores e, por fim, atingiremos a Praia do Eustáquio, após uma caminhada de mais ou menos 20 minutos. Esta última já com uma boa infra-estrutura turística, nos oferece bons bares e restaurantes.

Praia muito bem freqüentada é indicada para a prática do mergulho.

17 - TRILHA DO BANANAL:

Localizada na parte central da Ilha, esta trilha chama a atenção pelo fato de passar por dentro de um antigo Bananal, onde é comum a presença abundante da fauna nativa.

Também nesta trilha encontraremos enormes e antigas árvores, característica da Mata Atlântica.

Como recompensa nos apresenta uma bela Cachoeira, onde poderemos desfrutar de um delicioso banho.

Tempo do percurso : 1 (uma) hora.

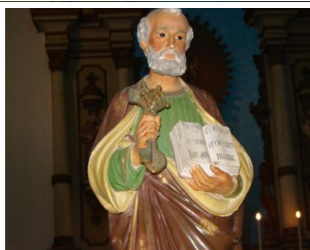
Festas e Tradições Caiçaras



Festa: CONGADA DE SÃO SEBASTIÃO
3º. Domingo do mês de Maio



Festa: SANTA VERÔNICA
Santa Padroeira do Bonete



Festa: SÃO PEDRO
Padroeiro do Bairro São Pedro-Sul



Festa: PADROEIRA DE ILHABELA
Nossa Senhora D'Ajuda e Bom Sucesso



Fim da Matéria de Ilha Bela



Caraguatatuba

Continuando nosso passeio por esta maravilha da costa Atlântica Brasileira, encontramos Caraguatatuba, que carinhosamente é chamada de “Caraguá” e que a partir de agora passaremos assim a denominá-la. Acessamos esta “Estância Turística” pela estrada “Rio-Santos”, que liga Santos, no Litoral Sul de São Paulo à cidade do Rio de Janeiro, em nosso vizinho Estado.

Nesta cidade encontraremos muita história, lendas, aventura, praias maravilhosas, muito agito e atrações que prenderão nossa atenção e com certeza levaremos na lembrança.

Atrações Turísticas



ILHA DO TAMANDUÁ:

É a maior Ilha de Caraguá e seu acesso é feito por barcos que saem das praias de Mococa, Cocanha e Tabatinga. A Ilha encanta pela natureza intocada e preservada, sendo indicada para prática do mergulho.

Os visitantes devem recolher todo o lixo que produzirem afim de preservarem esse verdadeiro paraíso ecológico.

Também se solicita que nada seja retirado do seu local original.



ILHOTE DA COCANHA:

Passeios turísticos, ecológicos de pesquisa e de descoberta. Tudo isso pode ser vivido neste ilhote localizado em frente da praia da cocanha.

Local de fácil acesso, pode ser visitado de barco, barco este alugado e à disposição do turista na Praia da Cocanha.

Vale a pena conhecer.



LAGOA AZUL:

A paradisíaca *Lagoa Azul* é um dos pontos turísticos mais visitados de Caraguá. Situada na Praia do Capricórnio, tranqüila, a Lagoa de água doce, contrasta com as fortes ondas e o mar aberto da praia que lhe dá guarida, separada deste por bancos de areia branca.



MIRANTE:

Os encantos de Caraguá começam na Rodovia dos Tamoios, estrada que liga o Vale do Paraíba ao Litoral Norte Paulista. Ali encontraremos o mirante que nos propiciará uma maravilhosa vista de toda a Caraguá, de seus relevos cobertos pela Mata Atlântica, á sua planície que recebe um mar de cor bem azul, com locais de fortes e grandes ondas e o Oceano Atlântico se juntando com o céu no horizonte.



MORRO DE SANTO ANTÔNIO:

Quem aprecia a natureza uma boa dica é visitar o Mirante de Santo Antônio. A caminhada até ao Morro Santo Antônio deve ser feita em grupos.

Chegando lá a vista que se nos apresenta é um belo cartão postal.

De lá avistaremos toda a enseada de Caraguá e São Sebastião, tendo como fundo o Oceano Atlântico e a maravilhosa Ilhabela.

A vista é maravilhosa e mostra uma Caraguá, urbanizada, organizada e linda.

CONTINUA

CARAGUATATUBA / PONTOS TURÍSTICOS



PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO MAR:

Este parque foi instituído pelo Governo do Estado com a finalidade de preservar uma área remanescente na Serra do Mar, da Mata Atlântica e de Encosta bem como o todo de sua biodiversidade.

Ali ainda podemos tomar contato, através de suas inúmeras trilhas, com a fauna e a flora características destes biomas.

Ali também nos deparamos com a necessidade de preservarmos estes cartões postais para que as gerações futuras possam deles também desfrutar.

Percorrendo suas trilhas encontraremos, rios, riachos, cachoeiras, que de certo nos propiciarão momentos de muito prazer.

Conhecer é tornar-se mais um cidadão na conscientização popular das políticas ambientais..



PEDRA DA FREIRA:

Na praia do Garcez podemos admirar uma formação rochosa que lembra uma Freira ajoelhada olhando o mar, numa prece silenciosa.

As lendas a respeito desta formação rochosa são muitas e, num papo divertido com alguns caiçaras, podemos conhecer a beleza dessas maravilhas do folclore regional.



PEDRA DO JACARÉ:

Uma bela escultura da natureza. Uma pequena trilha leva o visitante a esta maravilha que atrai turistas e visitantes de todas as idades. Da areia podemos avistar esta formação rochosa que se assemelha a um Jacaré e por isso leva seu nome.



PRAÇA CÂNDIDO MOTA:

Uma praça arborizada e tranqüila é uma ótima opção para passeios em família. Ouvir uma música calma, um chorinho, ou então MPB ou Bossa Nova já é tradição dos moradores locais e turistas nos finais de semana. A Igreja Matriz de Santo Antônio, a fonte luminosa e o relógio de sol, monumento que representa o marco zero da cidade, compõem todo este cenário de confraternização e de descontração.



PRAIA BRAVA:

Agreste e maravilhosa. Praia pouco freqüentada em virtude de seu difícil acesso. Em formato de concha, como que abraçando a encosta recoberta pela mata atlântica. Não tem residências ou quiosques.

Praia indicada para a prática do surf, em virtude de suas ondas, sendo que o seu canto esquerdo é o preferido pelos amantes do esporte. Praia de tombo e correntes fortes. Acesso pela praia Martin de Sá.



PRAIA DA COCANHA:

Esta praia localiza-se entre as Praias Mococa e Massaguaçu, após o rio Cocanha. Com águas rasas, calmas e cristalinas é ideal para o banho de mar de crianças e idosos e, para andar de caiaque. O Ilhote da Cocanha é indicado para mergulho de observação.

Praia que tem em toda a sua extensão muitas residências de veraneio, possui toda a infraestrutura necessária para o conforto dos visitantes.



PRAIA DA MOCOCA:

Praia próxima à foz do Rio Mococa, entre as praias Cocanha e Tabatinga, abriga vários quiosques em sua orla, sendo no entanto, ainda considerada agreste e tranqüila, além de uma das mais limpas do litoral. A costeira próximo ao rio, é perfeita para pequenos mergulhos e também o melhor local para acessar a Ilha do Tamanduá, localizada bem à sua frente. Suas areias são de areia monazítica, contém Tório e Urânio, e é considerada de muita valia no tratamento de atrites, inflamações e dores reumáticas e de males articulares. Sua areia, espalhada pelo corpo, estimula a circulação favorecendo o fluxo sanguíneo.

CARAGUATATUBA / PONTOS TURÍSTICOS



PRAIA DA TABATINGA:

Localizada a 18 km do centro, faz divisa com a cidade de Ubatuba. É apreciada pelas crianças, com boa balneabilidade e águas rasas, normalmente calmas. Tranquilidade e sossego. Ao norte do rio Tabatinga, fica mais movimentada, com intenso tráfego de lanchas, jet-ski, caiaques, esquis-aquáticos, windsurfe e parasails. O nome tabatinga vem do Tupi e significa areia branca e fina. Nela também se pode conhecer uma Vila de Pescadores com suas canoas.



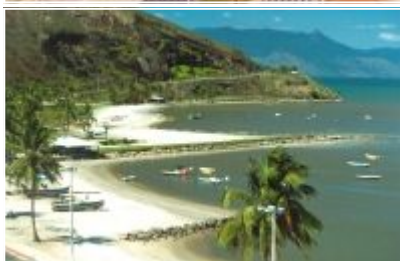
PRAIA DAS FLECHEIRAS:

Nela está localizado o Terminal Turístico para onde se dirigem os ônibus de excursões e turismo de um dia. É ideal para banho de mar e caminhadas. Tem quiosques ao longo de toda a sua orla, sendo que alguns podemos desfrutar de uma boa música, tocada ao vivo.



PRAIA DAS PALMEIRAS:

Bela praia de águas calmas, conhecida como a praia dos esportes oficiais. Nela frequentemente são realizados campeonatos oficiais de pesca. Por suas águas calmas é ideal para a prática de diversos esportes.



PRAIA DO CAMAROEIRO:

É o ponto de encontro dos pescadores de Caraguatatuba, onde podemos desfrutar de um belo cenário de pesca, com barcos e o "afair" característico. Também lá fica localizado o Entrepasto de Pesca Artesanal, local onde se pode adquirir pescado direto dos pescadores. Neste local também é realizado o Festival do Camarão. Praia próxima às Praias do Centro e Prainha.



PRAIA DO CAPRICÓRNIO:

Praia limpa, de areia grossa, próximo ao tombo com fortes ondas em mar aberto. Praia com cerca de 4 km de extensão, divide com a Praia de Massaguaçu o título de uma das mais longas de Caraguatatuba. Sua costeira é própria para pesca de linha. Ao sul nos oferece seu maior segredo "A Lagoa Azul", na foz do rio Jetuba. A lagoa fica separada do mar apenas por bancos de areia branca que no contraste com o céu azul, lhe deram o nome.



PRAIA DO CENTRO:

Ocupa toda a orla do centro de Caraguatatuba até ao Rio Santo Antônio, que a separa da praia de Indaiá. Praia freqüentada por famílias, oferecendo condições perfeitas para a prática de esportes, caminhadas e banhos de mar. Nela está localizado o Parque de diversões, o Centro de Diversões Aquáticas e a Praça de Eventos que abriga grandes shows musicais e eventos de grande porte como o Caraguá Biks Week, que atrai motocicletas de todo o Brasil e países vizinhos. Nela também se encontra a pista oficial de Skate, a Praça Ton Ferreira e as outras opções de diversão como os quiosques cm musica ao vivo. O Agito de Caraguá, está aqui.



PRAIA DO GEREZ ou FREIRA:

Esta praia se situa bem ao lado da Praia do Camaroeiro e seu acesso se dá por pequena trilha situada no Morro da Pedreira. Nessa praia se localiza um dos pontos turísticos mais visitados de Caraguá, a pedra da Freira. As lendas a respeito dessa rocha encantam os visitantes. Local indicado também para boas pescarias.

CARAGAUTATAUBA / PONTOS TURÍSTICOS



PRAIA DE INDAIÁ:

Praia belíssima e concorrida. Praia de paisagem exuberante, apresentando uma faixa de areia bastante larga, ideal para a frequência de crianças, em virtudes de suas águas calmas e tranquilas.

Nesta praia encontra-se ainda a Pista Oficial de Bicicross e a Pista de pouso para Ultraleves.

O local nos oferece ainda uma maravilhosa vista para o norte de Ilhabela e para as Ilhas Búzios e Vitória.



PRAIA DE MASSAGUAÇU:

Ao sul se funde com a praia do Capricórnio. Ao longo de sua orla, temos uma belíssima vista de Ilhabela. O nome desta praia vem também do tupi e significa "grande massa de água" ou praia de ondas fortes. Ela é considerada a melhor praia do Litoral Paulista, para a prática da pesca de arremesso. Praia de tombo em toda a sua extensão, necessita de bastante cuidado, em virtude das correntes marítimas fortes que passam em toda a sua orla. Praia indicada para a prática de surf, sendo bastante limpa.

Em seu canto norte, abriga uma Vila de Pescadores, onde ainda se fabricam canoas e os caiçaras confeccionam seu artesanato. Tem vários quiosques ao longo da via.

A praia sedia os maiores torneios de pesca da região.



PRAIA DO PORTO NOVO:

Praia caracterizada essencialmente por suas águas tranquilas, que tem bem perto toda a beleza da mata de encosta que faz parte do bioma da Serra do Mar. Lá poderão se observar a presença de algumas aves marinhas como Garças e Atobás.

Nesta praia desemboca também o rio Juqueriquerê.



PRAINHA:

Praia charmosa e que faz a ligação entre a Praia do Camaroeiro e a Praia Martin de Sá. Muito freqüentada por famílias que têm crianças, pois além de seu charme possui águas limpas, calmas e rasas, além de uma ótima estrutura de apoio como quiosques e outros serviços. Em seu canto direito, andando com cuidado sobre uma trilha entre as pedras, pode-se alcançar a praia do Garcez. No canto esquerdo se situa também a famosa pedra do Jacaré.

Por sua beleza e pelos atrativos recomendamos ter em mãos uma máquina fotográfica.



PRAIA DO ROMANCE:

Ideal para banhos de mar e uma boa caminhada ao longo de sua orla. Talvez por isso o seu nome é uma praia tranquila e de poucos visitantes.

Quem sabe aí não possa também começar o seu grande romance.

Não custa tentar e levar seu possível grande amor para conhecer...



PRAIA MARTIN DE SÁ:

Localizada na Av. Dr. Aldino Shiavi é uma das mais movimentadas e badaladas de Caraguatatuba. Top e ponto de encontro de jovens, que freqüentam a cidade nos finais de semana, feriados prolongados e temporada de férias. Barzinhos e quiosques, na sua maioria com música ao vivo, disputam a freqüesia. Graças a um grande projeto urbanístico, afastando dela o trânsito de veículos e provindo-a de ciclovia, linda urbanização e a integração da Praça Antônio Fachini à praia, alargou o espaço físico tornando o local mais agradável. Ótima balneabilidade e posto de Salva - Vidas, garantem a segurança dos banhistas, necessária para uma praia de tombo no seu recanto mais ao sul e mais calma no seu recanto norte. Sua orla de 1,5 km é considerada extensa para o restante das praias de Caraguá.

Praia de muita urbanização e construções verticais.



PRAIA PAN BRASIL:

A Praia antes somente acessada pela areia da orla balneária ganhou nova passagem com a duplicação da Avenida da Praia, além de ciclovias e um novo paisagismo. Em sua orla existem muitos quiosques em virtude da grande afluência de turistas.

CARAGUATATUBA / PONTOS TURÍSTICOS



PEDRA DO JACARÉ:

Esta bela escultura natural em formato de um Jacaré, fica na Prainha. Uma pequena trilha leva o visitante até o local. Local muito fotografo e apreciado por adultos e crianças. Vale a pena conhecer.



RELÓGIO DE SOL:

Este relógio pode ser apreciado e fotografado na Praça Cândido Mota e tem gravado em sua placa um texto em latim que diz: "só marco horas serenas...". Este relógio foi construído em homenagem ao centenário da cidade, representando também o marco zero da cidade.



RIO JUQUERIKERÊ:

Localizado na região sul de Caraguatatuba, é um marco histórico, pois foi o divisor das Capitânias de Santo Amaro e São Vicente, no início da colonização.

É também um importante rio do Litoral Norte, podendo-se percorrer de barco e de jet-ski, admirando-se as suas margens que abrigam grande variedade da fauna e flora características da região. Em suas margens abriga um riquíssimo ecossistema, podendo-se tomar contato com o mangue, o cerrado e reminiscências da mata atlântica.



TORNEIRA CENTRAL:

Esta torneira localiza-se na Praça Cândido Mota. O seu primeiro registro é datado no ano de 1906, no entanto, sua inauguração só aconteceu muito depois, cerca do ano de 1957. Esta torneira foi utilizada para o abastecimento de água potável de toda a população da cidade, em tempos remotos.

Mais informações sobre turismo e história:
Prefeitura Municipal de Caraguatatuba
Rua Luis Passos Junior, 50 - Centro - Cep.: 11660-900
Fone: (12) 3897-8100

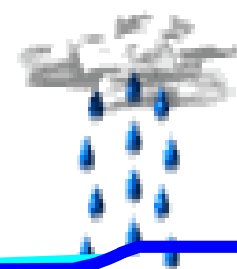
Ubatuba



MAPA DE LOCALIZAÇÃO

“ O azul acontece. Perco a linha da paisagem, o verde escuro da Mata Atlântica, e tudo isto se me afigura uma larga concha azul, formada por este mar maravilhoso e este sol azul anil, com uma borda de areal onde a história ainda se faz presente, maltratada eu sei, mas ainda história do Brasil “.

Filipe de Sousa



Toda a orla é azul, azul-cinza por vezes. Logo o mar prolonga a paisagem e, de repente, nada mais que isso, de repente se torna cinza e se mistura com o azul escuro do céu para depois se separarem e voltar a aparecer o azul anil do céu e o esverdeado das águas de Ubatuba. Ubatuba é assim uma mistura de azul anil, de cinza de verde mar e do verde da Mata Atlântica suportada por restingas da Mata de Encosta.

Ubatuba é isso, tudo isso, toda uma natureza vibrante e explosiva, que por seu verde na sua abundância de matas, torna-a a mais tropical das cidades do Litoral Norte Paulista.

Ubatuba, Ubachuva, Capital do Surf, rainha do Litoral Norte Brasileiro, todos esses nomes faz jus, por suas praias, mais de 84 em seus mais de cem quilômetros de costa marítima, com suas ilhas, divinas cachoeiras, lagoas e recantos que tornam seus domínios paradisíacos.

Vamos conhecer primeiro, suas praias, depois, suas cachoeiras, depois suas ilhas e finalmente seus picos, o Parque Estadual da Serra do Mar e o projeto TAMAR (Tartarugas Marinhas). Vamos começar o passeio apresentando algumas de suas praias mais procuradas. Neste trabalho tentamos disponibilizar o maior número de informações e na falta de maiores detalhes tentamos complementar com nomes e fotos, vamos conhecer?

Praias de Ubatuba



MARANDUBA:

Praia extensa com orla estreita e bastante urbanizada. Considerada a região como o centro comercial do sul, apresenta uma variada rede de serviços e de apoio ao turista, contando com hotéis, pousadas, restaurantes e quiosques à beira mar. Praia que nos apresenta diversas possibilidades de lazer, tais como bons banhos de mar, prática da pesca de linha e outros esportes aquáticos.



LAGOINHA:

Às margens da Rodovia Rio - Santos possui em sua orla uma areia firme e compacta e um mar de águas calmas. A Praia em forma de enseada é bem extensa, possui uma boa infra-estrutura de apoio ao visitante e a natureza verde da encosta se funde com as suas areias brancas. Nas suas cercanias também existe história; as ruínas da Fazenda Bom Retiro, cuja fundação data do século XVIII e também as ruínas da primeira fábrica de vidros do Brasil.

CONTINUA



UBATUBA / PRAIAS:



LÁZARO:

Praia de areia fina e clara, com mar calmo e boa sombra, proporcionada pela mata atlântica que cobre suas encostas.

Praia com uma boa estrutura de apoio ao turista.

Suas águas mansas proporcionam um bom banho de mar com segurança, para crianças e idosos.

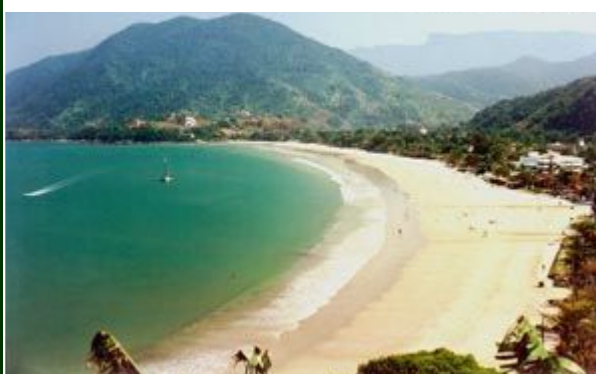
Praia indicada também para a prática de vela, além de ser um ótimo ancoradouro para embarcações de médio e pequeno porte.



SACO DA RIBEIRA:

Sinônimo de atividade aquática é um ancoradouro natural e um porto seguro, com movimentadas marinas que abrigam veleiros de toda a parte do Mundo. É um bairro costeiro voltado para as atividades Oceânicas. Possui clubes, garagens náuticas e lojas de artigos para manutenção e apoio a embarcações.

Ponto de partida de embarcações para passeios náuticos e visitas às Ilhas Anchieta, Couves, Cabras, entre outras.



ENSEADA:

Um dos principais centros hoteleiros e gastronômicos do Litoral Norte Paulista, localizado em uma enseada de águas calmas e serenas.

Um paraíso dentro do paraíso que é Ubatuba.

Praia de areias limpas, águas calmas, indicada para banhos de mar e esportes náuticos.



TONINHAS:

Uma praia inclinada para o mar, com um desnível bastante acentuado que aliado à sua situação na costa, proporciona ondas fortes com diversos níveis de arrebentação. Suas areias são amareladas e grossas.

Local altamente desenvolvido, com um excelente serviço de apoio ao turista, com hotéis, restaurantes e quiosques ao longo de toda a sua orla.

No início do verão, época de acasalamento das Toninhas (Golfinhos), elas poderão ser vistas bem perto da praia.



GRANDE:

Praia de areias brancas e apesar de suas ondas fortes é uma das mais frequentadas de Ubatuba.

Possui completa infra-estrutura de apoio, como sanitários, estacionamentos e um posto de salva vidas.

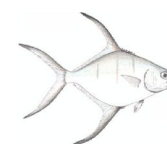
Praia de média a longa extensão, sendo que no seu canto esquerdo possui boa sombra propiciada por árvores de restinga de encosta.

UBATUBA / PRAIAS**TENÓRIO:**

Praia de areias brancas macias ao longo de toda a orla. Orla bastante arborizada, mar calmo em seu canto esquerdo. Seu acesso poderá ser feito pelo Bairro de Itaguá ou pela praia Grande.

Devido à sua proximidade com o centro da cidade é uma praia bastante freqüentada.

Diversos quiosques oferecem bebidas e petiscos ao longo de sua orla e na praia conta com um posto de salva-vidas.

**VERMELHA CENTRO:**

Praia tipicamente de tombo, com ondas e correntes fortes, de areia grossa e de tom avermelhado é cercada por abricós.

Por ter um fundo muito irregular e correntes muito fortes na sua área de arrebatção não é considerada nem indicada para banhos de mar. No entanto, é uma praia muito freqüentada por surfistas e pescadores.

**ITAGUÁ:**

Praia que tem início na foz do rio Acaraú se estende até à foz do rio Lagoa, apresenta-nos uma areia firme com características monazíticas. Localiza-se no Centro de Ubatuba, margeada pela Av. Leovigildio Dias Vieira.

Ao longo da orla urbanizada encontram-se restaurantes, hotéis, pousadas, shopping e quiosques em sua orla marítima.

Local de saída de escunas para passeios ao longo da costa, visitaçao a ilhas, etc..

**CRUZEIRO ou IPEROIG:**

Praia também localizada no centro da cidade de Ubatuba, que começa na foz do Rio Lagoa e vai até à foz do Rio Grande, passando pelo aeroporto da cidade.

É marginada pela Av. Iperoig e, possui ao longo de sua orla um calçadão, cuja vida noturna é bastante agitada, com bares, restaurantes, feira de artesanatos, etc.

Praia própria para o esporte de pesca.

Aqui o Padre Anchieta escreveu o célebre poema à Virgem.

**PEREQUÊ - AÇU:**

Praia de areias soltas, fofas e escuras, estando entre uma das mais freqüentadas de Ubatuba.

Possui completa infra-estrutura de apoio, composta por sanitários, estacionamentos, um Terminal Turístico e um posto de salva vidas.

Praia com alguma arborização de mata de encosta ao longo de sua costa.

UBATUBA / PRAIASVERMELHA DO NORTE:

Praia de areia grossa de cor avermelhada e de ondas fortes, sendo mais apropriada para a prática do surf do que para banhos de mar. Por suas condições naturais e situação na costa, também é indicada para a prática da pesca e da atividade de mergulho de costeira.

ITAMAMBUCA:

Localizada na região norte de Ubatuba, é uma praia extensa de areias claras e soltas.

Destaca-se por sua natureza exuberante com muito verde e por nela fazerem sua foz, três rios de águas límpidas, sendo que dois desses rios que, deságuam no seu lado direito formam um grande lago onde se fazem atividades recreativas.

Praia própria para surf, mergulho e atividade náutica.

FÉLIX:

Praia tipicamente classificada como de tombo, ondas fortes, principalmente no seu lado esquerdo, indicada para a prática de surf.

No seu lado direito já o mar se apresenta mais calmo e com a proximidade do bioma de mata de encosta, nos proporciona boas sombras, local este apropriado também para a pesca da garoupa.

Próximo à entrada e atrás do posto da Polícia Rodoviária existe um mirante de onde podemos avistar as belezas da Praia do Félix e das Ilhas da redondeza.

ALMADA:

Pequenas praias situadas no lado norte da baía de Ubatumirim, separadas por rochedos, ainda conservam suas características originais de Vila de Pescadores. Bastante freqüentada, excelente para a pesca, devido à sua localização, é também uma praia com características peculiares.

Todo o ano também é nesta praia que é realizado o "Festival do Camarão", que já faz parte do calendário turístico de Ubatuba.

PICINGUABA:

Picinguaba em tupi - guarani quer dizer refúgio de peixes.

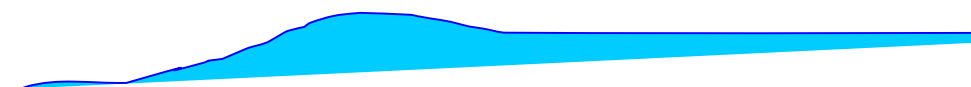
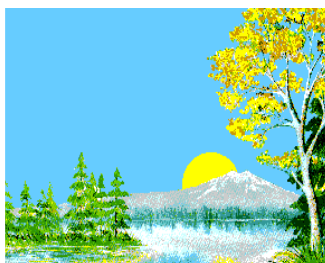
Vila tombada pelo Patrimônio Histórico. Muito embora, possua uma ótima infra-estrutura ligada ao turismo com ótimos restaurantes, pousadas e todos os outros itens de apoio.

Lá também podem ser programados passeios de escuna pelas ilhas próximas.

Praia de areia clara e firme de águas calmas e de uma cor esverdeada que completam a maravilha do local.

Também de lá podem ser programadas caminhadas pelas trilhas da Floresta e do Mergulho.

UBATUBA / PRAIAS *As mais de 90 maravilhas do Litoral Norte estão aqui.*



Como atrás falamos UBATUBA tem ao longo de seus mais de 100 quilômetros de costa mais de oitenta praias, sem contar com as praias de suas ilhas e ilhotas. Atrás apresentamos algumas das mais conhecidas, a seguir indicaremos algumas outras e disponibilizaremos algumas fotos:



- **Figueira**, localizada em frente à Ilha do Tamanduá, ótima para a atividade de mergulho e náutica;
- **Ponta Aguda**, local de difícil acesso, no entanto, muito procurada por aficionados da pesca e náutica;
- **Lagoa**, Um local de beleza incomum no entanto, de difícil acesso por terra;
- **Brava do Frade**, estreita faixa de areia acessado somente por trilhas e por mar;
- **Caçandoquinha**, Praia ponto de partida para uma trilha ecológica, maravilhosa;
- **Caçandoca**, antiga fazenda que outrora explorou a pecuária no local;
- **Pulso**, aqui se encontra um condomínio que monopolizou quase a totalidade da praia;
- **Bonete e Grande do Bonete**, um dos roteiros mais fascinantes do Litoral Norte Paulista;
- **Fortaleza**, pedras imensas compõem um cenário de rara beleza, formando grutas e passagens em sua costa;
- **Brava da Fortaleza**, verdadeiro paraíso cercado pela mata atlântica;
- **Praia Dura**, praia extensa e de mar calmo, cuja palavra somente cabe no nome;
- **Domingas Dias**, praia de águas tranquilas de um azul fascinante;
- **Sununga**, abriga em seus domínios a "Gruta que chora", lendária e fascinante (ver [lenda da Sununga](#));
- **Sete Fontes**, Praia paradisíaca, cuja areia de tão fina "canta" ao ser chutada com a sola do pé;
- **Flamengo e Flamenguinho**, famosas por abrigarem os "Capitães do Flamengo";
- **Praia do Presídio**, praia situada na [Ilha Anchieta](#), ponto de chegada de escunas e de partida para passeios;
- **Praia do Sul**, também situada na Ilha Anchieta, de beleza inigualável;
- **Praia do Lambert**, abriga um dos mais importantes sítios de pesquisa "[Instituto Oceanográfico da USP](#)";
- **Perequê Mirim**, praia de águas calmas, excelente para crianças idosos e famílias;
- **Santa Rita**, igual à praia de Perequê Mirim, águas calmas e tranquilas;
- **Cais do Porto**, antigo porto de desembarque de pescados, desativado;
- **Prainha do Matarazzo**, pequena faixa de areia que abriga a casa de verão da família Matarazzo;
- **Prumirim**, Um condomínio sofisticado domina a praia, em frente a uma ilha selvagem e preservada;
- **Ubatumirim**, Uma das mais belas paisagens vistas da Rodovia Rio - Santos;
- **Engenho**, Esta praia pode ser acessada por mar, a nado, separada por um rochedo da praia da Almada;
- **Brava da Almada**, cenário paradisíaco provido de uma natureza exuberante;
- **Fazenda**, praia que abriga a sede administrativa do "[Núcleo Picinguaba](#)".



Outras praias:

- *Praia do Grosa, Praia do Camburi, Praia Brava do Camburi, Praia das Bicas, Praia Brava do Norte, Praia da Justa, Praia do Puruba, Praia do Melo, Praia do Léo, Praia das Conchas, Prainha do Félix, Praia Brava da Itamambuca, Praia do Alto, Saco da Mãe Maria, Praia da Barra Seca, Praia do Itaguá, Praia do Cedro, Praia do Godoy, Praia Itapecerica, Prainha de Fora, Praia de Fora, Praia da Ribeira, Praia Dionísia, Praia da Barra, Praia do Costa, Praia do Cedro, Praia do Deserto, Praia do Peres, Praia do Oeste, Praia da Lagoinha, Praia do Sapé, Praia da Raposa, Praia Saco das Bananas (local de saída para trilhas ecológicas maravilhosas), Praia Brava do Frade, Praia Marisa, Praia das Galhetas, entre outras mais.*



Ubatuba é sim um prodígio da natureza...

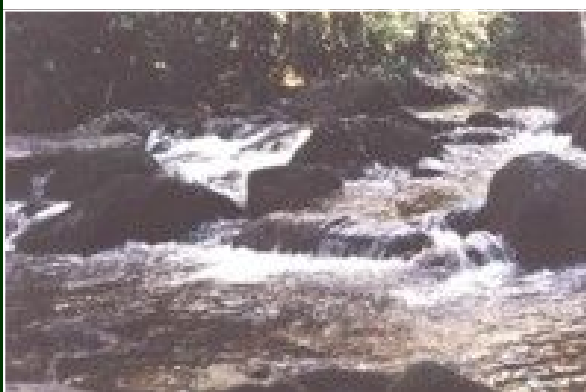
A seguir vamos conhecer, suas [CACHOEIRAS](#), [CASCATAS](#), [trilhas](#), [ilhas](#), [ilhotas](#), [picos](#) e [rios](#)....

CONTINUA



**UBATUBA / CACHOEIRAS****CACHOEIRA DO PÉ DA SERRA:**

Distante 8 km do centro de Ubatuba, situada na Rodovia Oswaldo Cruz (SP 125 - Ubatuba/Taubaté), esta cachoeira, cercada pela Mata Atlântica, forma uma piscina natural, ideal para banhos.

**CACHOEIRA DOS MACACOS:**

No Horto Florestal, a 7 km do centro de Ubatuba, na Rodovia SP 125 (Oswaldo Cruz) que liga Taubaté a Ubatuba, antes da estação experimental, no sentido Ubatuba - Taubaté, existe uma entrada à esquerda. É um pequeno caminho de 2 km que nos leva até esta maravilha, ela é conhecida entre os moradores também pelo nome de "Poço Verde". Cachoeira de águas cristalinas, cercada de natureza exuberante por todos os lados.

**CACHOEIRA DO IPIRANGUINHA:**

A 5 km do centro, no Bairro do Ipiranguinha, na SP 125 (Ubatuba-Taubaté), encontrara o turista uma pequena placa à direita sinalizando a entrada à esquerda da estrada. Siga a rua até seu final, por um percurso aproximado de 2 km.

Esta cachoeira possui uma queda de água de mais ou menos 7 metros que forma uma lago natural, onde podemos nos refrescar em suas águas límpidas e transparentes. Cenário maravilhoso, indicado para famílias e crianças.

**CACHOEIRA DA ESCADA:**

Fica no km 1 da Rio - Santos (BR 101) perto da cidade de Paraty. É uma das melhores e mais procuradas cachoeiras do município.

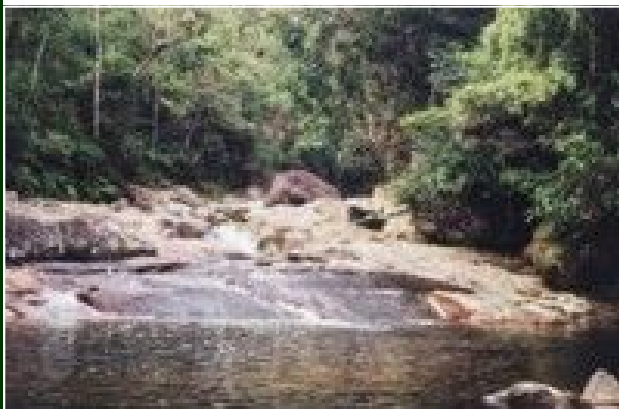
Suas águas correm em degraus (escada) rochosos, de forma abundante. Além de ficar muito perto de Paraty é uma oportunidade de se conhecer a parte Norte de Ubatuba, que nos apresenta uma beleza rara em matéria de natureza, considerada uma das mais belas paisagens do Brasil. Possui um pequeno Bar no local.

**CACHOEIRA DO ESPELHO:**

É uma das mais interessantes de Ubatuba. No seu lago existe uma pedra, com uma pequena camada de água por cima; quando os raios do sol batem em sua superfície, tem-se a impressão de estarmos diante de um imenso espelho, entre as árvores e arbustos do local. O acesso é feito por Trilha, trilha esta que sai do km 20 da BR 101, conhecida como Caminho do Sertão do Cambucá. Como em toda a trilha, recomendamos o acompanhamento por um guia local.

CONTINUA

UBATUBA - CACHOEIRAS

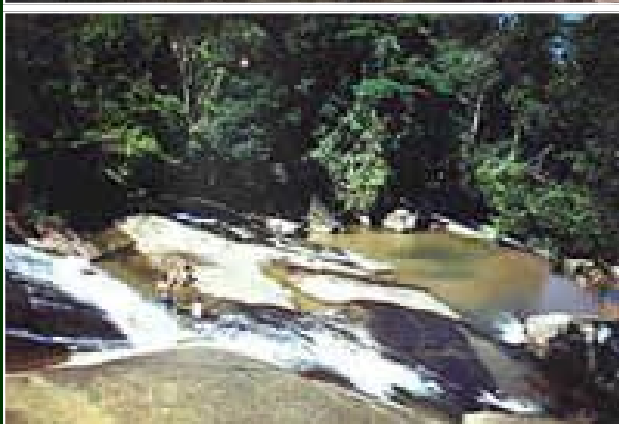


CACHOEIRA DA RENATA:

Situada ao sul de Ubatuba, no Bairro Sertão da Quina, acesso pela Praia da Maranduba, por uma estradinha que parte da SP-55 (Caraguatatuba-Ubatuba).

Local de queda d'água suave com um acalma piscina natural, de águas claras e refrescantes.

Dadas as suas características e o cenário do local, é também muito procurada por moradores locais e turistas.



CACHOEIRA DO PRUMIRIM:

Acesso pela Rodovia SP-101, em direção ao norte (sentido Paraty - Rio de Janeiro), a 19 km do centro de Ubatuba, iremos encontrar a ponte do Rio Prumirim.

Do lado, iremos encontrar, diversas quedas de água, que formam pequenos lagos, próprios para banhos.

Cercada de uma mata atlântica exuberante, local para aproveitar tirar fotos e fazer belos filmes.

Assim como Ubatuba é privilegiada em número de praias e como seus rios e riachos todos nascem na Serra do Mar pelos declives também é muito rica em Cachoeiras, pequenas quedas de água e outras mais importantes, cujos nomes e fotos das mais significativas, passaremos a apresentar.



Cachoeira do Figo



Cachoeira Água Branca



Cachoeira dos Correias



Cachoeira da Bacia



Cachoeira do Chafariz



Cachoeira do Cristóvão



Cachoeira do Indaiá



Cascata do Ipiranguinha



Cachoeira do Tombador

UBATUBA / CACHOEIRAS



Cachoeira Sete Quedas



Cachoeira Poço Verde



Cachoeira do Corrêa



Cachoeira do Zé



Cachoeira da Divisa



Cachoeira da Boa Vista



FUNDAÇÃO
S.O.S. MATA ATLÂNTICA



Cachoeira da Lage

Trilhas & Caminhos



Ubatuba

EEcológismo hoje em dia é moda. Assim, o interesse por Trilhas e Caminhos , aproveitando antigas “picadas” (trilhas) caiçaras, seja beirando o litoral ou entrando mais, dentro das matas ou reservas florestais, tem-se tornado uma atração com alguns acidentes. Os acidentes geralmente se dão porque as trilhas por vezes apresentam diversas opções de sub-trilhas. ou até mesmo novas trilhas, abertas a partir da principal por caçadores. Trilhas são caminhos que se tornam atrações ou porque levam a cachoeiras, picos ou minas ou simplesmente para fazer uma caminhada em meio a um ambiente totalmente natural.

Percorrer trilhas, se misturam o prazer, o lazer, o esporte e a aventura, sendo uma das atividades que mais adeptos ganha a cada ano.

No entanto, devemos tomar alguns cuidados e algumas precauções:

- 1 - Sempre respeitar o meio ambiente;
- 2 - Nunca jogar lixo sob hipótese alguma, para isso devemos nos fazer portadores de uma sacola para esse fim;
- 3 - Não molestar, assustar nem tentar capturar animais, aves ou plantas silvestres;
- 4 - Respeitar os espaços das trilhas que muitas vezes atravessam propriedades particulares;
- 5 - Use roupas leves, como moletom, camiseta, roupa de banho, tênis, meia grossa e boné.
- 6 - Leve sempre repelente e um recipiente para água e objetos de uso pessoal apropriados;
- 7 - Quando houver pernoite ou mesmo a trilha seja muito longa é bom levar cobertas ou saco de dormir;
- 8 - Quando o pernoite for programado levar saco de dormir; estojo de 1ºs. socorros e sempre um ou dois celulares.
- 9 - **Nunca se aventure, seja em grupo ou sozinho, em trilhas que não conheça muito bem.**
- 10 - **Caso sejam trilhas desconhecidas se faça sempre acompanhar de um Guia Especializado.**



CONTINUAÇÃO

UBATUBA - TRILHAS & CAMINHOS



TRILHA da ÁGUA BRANCA:

Nível de dificuldade: **DIFÍCIL**

Com duração de aproximadamente 5 (cinco) horas e passando pelas Cachoeiras do Sertão da Quina, Corrêa, Renata e Poço Verde; trilha esta localizada no extremo sul de Ubatuba.

Esta caminhada, totalmente feita em meio à Mata Virgem da Serra do Mar, é de uma beleza rara, onde a fauna e a flora características se nos apresentam a cada passo dado.

São quatro Cachoeiras no caminho e a última a Cachoeira da Água Branca que nos espera para um mergulho em suas águas cristalinas e frescas.

TRILHA do SACO das BANANAS:

Nível de dificuldade: **FÁCIL**

Esta trilha de fácil acesso, começa no Caçandoca, no final da Estrada da Praia do Pulso. Passa pela Praia da Raposa e pela Praia Brava do Frade. Outra opção é partindo da Tabatinga, passando pela Praia da Barra da Lagoa. Esta trilha junta história e ecologia. Existem no percurso umas ruínas da época colonial e no Vilarinho Caiçara pode-se encontrar descendentes de escravos que trabalhavam nas fazendas da região.

Para se ter acesso a essas ruínas é necessária permissão, já que se encontram em propriedade particular.



TRILHA DO BONETE:

Nível de dificuldade: **MÉDIO**

Em menos de duas horas, pela trilha do Bonete chegaremos à Vila de Pescadores mais típica e pitoresca de Ubatuba. Pela costeira da Mata Atlântica os trilheiros saem da Praia da Lagoinha e passam nas Praias do Perez, Prainha, Bonete e Grande Bonete.

O primeiro percurso e o mais fácil se faz em menos de uma hora o mais complicado é o trajeto que se segue e nos leva até à Praia da Fortaleza, para o Bonete, passando pela Praia do Deserto, caminhada esta que facilmente leva mais de duas horas.

TRILHA do CORCOVADO:

Nível de dificuldade: **DIFÍCIL**

A trilha do lendário Corcovado ([ver Lenda do Corcovado e a Lenda Mina de Ouro nas ultimas páginas deste compêndio](#)), é uma trilha de muito difícil acesso. Para se chegar a seu cume a cerca de 1.150 metros de altitude um grupo de trilheiros leva aproximadamente 8 horas. Existem duas possibilidades de se efetuar o percurso: A primeira é iniciar a subida pelo **lado sul**, partindo da Praia Dura, passando pelo Sertão do Corcovado, que na realidade é a mais dura, quase uma escalada; A segunda é se iniciar a trilha pelo **lado Norte**, saindo da Cachoeira dos Macacos, próximo ao Horto Florestal, cujo o percurso é bem mais fácil que o outro, porém, mais longo.



TRILHA das SETE FONTES:

Nível de dificuldade: **FÁCIL**

Por picadas abertas por George Sísia, a Praia das Sete Fontes possui cerca de 450 metros de extensão e uma das suas atrações é o Espaço "Stoatoa". Somente acessível por mar ou por essa trilha, o passeio sai do Saco da Ribeira, passa pela Praia do Flamengo e segue pela picada (trilha) aberta na Mata Virgem da Serra do Mar, onde no caminho encontraremos uma gruta de aproximadamente 50 metros, uma das poucas da região.

Praia de areias limpas e de águas claras e mansas.

CONTINUA

UBATUBA - TRILHAS & CAMINHOS



TRILHA PRAIA DO SUL:

Nível de dificuldade: **FÁCIL**

Esta trilha está situada na Ilha Anchieta, dentro do PEIA (Parque Estadual da Ilha Anchieta) e sujeita a suas regras e fiscalização. Esta trilha é demarcada e exige a presença de um monitor credenciado pelo PEIA.

Quem quiser cruzar a Praia do Presídio até à Praia do Sul, pode usar o caminho que os presos percorriam durante as suas atividades, antes do fechamento do presídio ocorrido na década de 1950.

Outra trilha leva ao costão Leste da Ilha, passando pelo antigo Quartel. O início do passeio se dá no Saco da Ribeira e ou da Praia do Itaguá, onde embarcações (escunas). especializadas levam o aventureiro até à Ilha Anchieta.

TRILHA PONTA GROSSA:

Nível de dificuldade: **FÁCIL**

Para se alcançar o Farol da Ponta Grossa, pela Estradinha que começa na Praia do Tenório e passa pela Praia Vermelha do Centro e a Praia do Cedro, o trilheiro, sempre em grupo, demora aproximadamente 90 minutos (uma hora e meia).

Mas a viagem é fascinante e o tempo do percurso insignificante. Passando entre praias e Mata de Encosta, as belezas se sucedem e ao chegar ganhamos o maior prêmio.

De lá se avista grande parte do centro da cidade de Ubatuba e um grande número de outras praias.



TRILHA do MONTE VALÉRIO:

Nível de dificuldade: **FÁCIL**

Dentro do “Parque Municipal” do mesmo nome, essa trilha pode ser feita tanto a pé, de bicicleta como de moto ou até mesmo de carro.

É uma alternativa de acesso para a região Sul de Ubatuba, para quem quer evitar o congestionamento da Praia Grande, em época de temporada de férias.

Trilha & Caminho com uma boa paisagem, onde a natureza se faz presente e que nos oferece uma vista panorâmica da Praia do Perequê - Açú e de parte do Centro da cidade de Ubatuba.

TRILHA DO CORISCO:

Nível de dificuldade: **DIFÍCIL**

O tempo de duração desta trilha é de aproximadamente três horas e se exige a presença de um Guia Especializado, bem como a adoção dos itens de segurança expostos no início desta matéria. Ao longo do caminho encontraremos a “Casa da Farinha”, situada na antiga Fazenda do Coronel, hoje abandonada, onde no local podem ser vistos alguns animais e aves nativas, uma cachoeira de águas cristalinas e uma Figueira centenária.

O início desta trilha se dá pelo lado Norte de Ubatuba, no Núcleo Picinguaba.



TRILHA DA PRAIA DE FORA:

Nível de dificuldade: **MUITO FÁCIL**

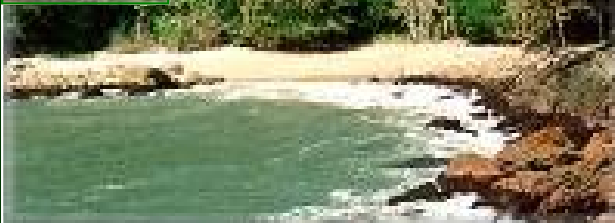
Apenas 35 minutos de caminhada em meio a muito verde onde as aves e alguns animais silvestres nos maravilham com suas pacatas aparições e o canto dos pássaros nos envolve verdadeiramente.

Trilha de fácil percurso indicado para famílias e crianças, onde é bom programar um piquenique familiar.

O início desta trilha se dá pelo Lado Esquerdo da Praia da Enseada, passando pela Ponta da Espia, na Baía do Flamengo.

CONTINUA

UBATUBA - TRILHAS & CAMINHOS



TRILHA da ALDEIA GUARANI:

Nível de dificuldade: MÉDIO

A “Aldeia de Índios Guaranis” localiza-se no Sertão do Prumirim. Os índios Guaranis oriundo do sul do país estão parcialmente integrados à civilização. No entanto, ainda conservam sua cultura, artesanato, crenças e festas religiosas, costumes e falam o idioma Tupi-Guarani.

A trilha até à aldeia, com a duração de caminhada de 2 (duas) horas, é feita através da Mata Atlântica, em um cenário de rara beleza, ornamentado pelos animais e pelas aves silvestres que com seu canto completam o passeio.

Recomenda-se o acompanhamento de um Guia profissional.

Na aldeia para se adentrar é paga uma pequena taxa.

O Lendário "Pico do Corcovado"

Silencioso... solitário... lá está o Corcovado, com seus 1.180 metros de altitude é considerado o mais imponente da região. Misterioso, guarda histórias que somente quem se atreve a explorar poderá conferir; tesouros enterrados protegidos por espíritos encantados, ([Lenda do Corcovado](#)) e ([A Mina de Ouro](#)), ou quem sabe, aguarda a chegada do Frei Bartolomeu na pedra da Igrejainha...

Para quem gosta de aventura ([trilha somente acessível na companhia de um Guia Profissional](#)), as estações de Outono e Inverno são as mais indicadas, pois o índice de chuvas é pequeno, proporcionando à trilha uma terra firme e menos escorregadia.

A Trilha para o “Pico do Corcovado” é considerada de nível difícil/pesado, sendo sua trilha de acesso ao Pico, íngreme e leva de sete a oito horas, podendo variar de acordo com o nível do grupo e as paradas consideradas obrigatórias.

([Neste roteiro devem ser consideradas as indicações sobre segurança, mencionadas no início deste artigo](#)).

Durante o trajeto, a beleza das bromélias, espécies raras da fauna e da flora, são o conforto para o cansaço. Na alma você aventureiro guardará para sempre, a certeza da glória ao chegar no cume, do Corcovado, escalando seus 70 metros de paredão rochoso; guardará ainda na memória e em sua máquina fotográfica (que nunca deverá esquecer) a vista de todo o Litoral Norte Paulista e Sul Fluminense, além das Serras do Mar, Bocaina e Mantiqueira.

Você que tiver a felicidade de sentir estas emoções, quando estiver lá em cima, próximo às estrelas, dentro do coração da Mata Atlântica e dono de todas as maravilhas que se lhe deparam, não deverá esquecer, jamais, que também como humano, faz parte deste maravilhoso mundo que poucos tiveram o privilégio de desfrutar.



A Seguir vamos conhecer as Ilhas e Ilhotas de Ubatuba

Ilhas e Ilhotas de Ubatuba



DISCRICÃO: (As mais próximas e acessíveis)

Ilhas

- 01 - Ilha Comprida
- 02 - **Ilha das Couves**
- 03 - Ilha da Pesca
- 04 - Ilha da Selinha
- 05 - Ilha da Pedra
- 06 - Ilha dos Porcos
- 07 - Ilha Redonda
- 08 - Ilha Rapada
- 09 - Ilha do Negro
- 10 - Ilha Pequena
- 11 - Ilha do Prumirim
- 12 - Ilha das Palmas
- 13 - **Ilha Anchieta**
- 14 - Ilha do Mar Virado
- 15 - Ilha da Ponta
- 16 - Ilha da Maranduba

Ilhotas

- A - Ilhota da Carapuça
- B - Ilhota da Comprida
- C - Ilhota das Couves
- D - Ilhota das Cabras
- E - Ilhota do Sul
- F - Ilhota de Fora
- G - Ilhota de Dentro

Lajes

- a - Laje Mofina
- b - Laje Pequena
- c - Laje Grande
- d - Laje Feia
- e - Laje das Palmas
- f - Laje do Forno
- g - Laje Grande do Perequê



Ilha Vitória

Ilha de Mar Aberto, fazendo parte do sistema oceanográfico de Ubatuba. A algumas milhas da costa está a Ilha Vitória. Em uma de suas pontas destaca-se um “**farol**” cuja finalidade é orientar as embarcações que navegam na região especialmente no período noturno, especialmente em noites de tempestades. Devido à sua localização, já em Mar Aberto, ela e seu farol são ponto de referência na rota de navios de pequeno, médio e grande porte que cruzam o trajeto Rio de Janeiro - São Sebastião.

A Ilha oferece a pureza íntima do planeta, o cheiro da maresia nos embriaga a alma, misturando-se a uma doce sensação de liberdade.

Ilha procurada por mergulhadores de toda a parte do mundo, é sem dúvida um dos melhores pontos de mergulho de todo o LITORAL PAULISTA. A transparência de suas águas proporcionam uma incrível visibilidade, que varia de 3 a 30 metros, independentemente das condições climáticas.

Por sua beleza e importância é a escolhida seja para mergulhos de pesquisa ou de observação. Seus mais indicados e procurados pontos de mergulho são:

Saco da Praia: Destaca-se por abrigar resquícios de dois pequenos **naufrágios**. As ruínas que fazem das profundezas da Ilha são de uma escuna e de uma lancha. O lugar é ideal para o mergulho amador e de recreio. A visibilidade varia entre 18 e 40 metros e o lugar é composto por grandes rochas, formando assim diversas tocas, onde se abrigam **inúmeras espécies de animais marinhos**;

Saco da Professora: Sua costeira e seu areão, com visibilidade variando de 6 a 20 metros é o local mais indicado para o mergulhador de primeira viagem. O local também é porto seguro em dias de tempestades, seu abrigo natural protege com segurança as embarcações;

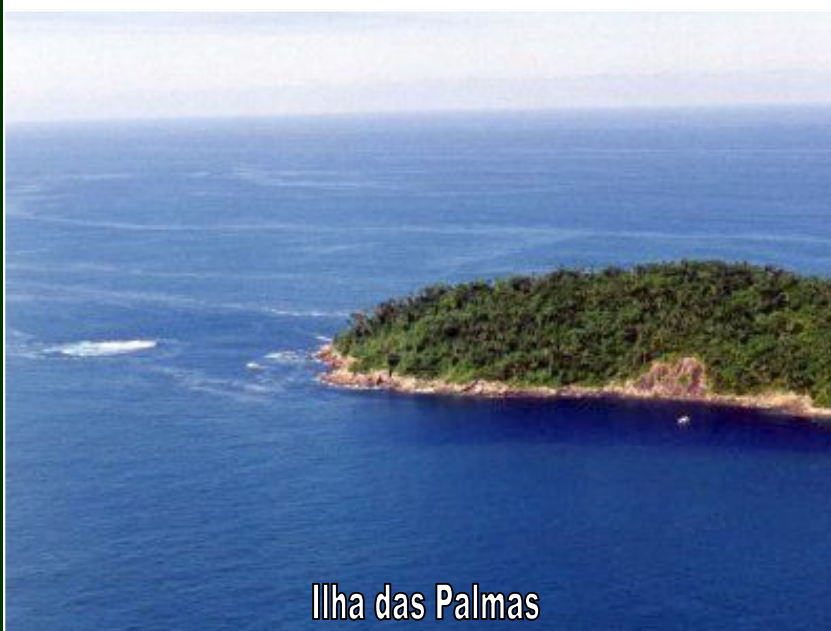
Saco do Ilhote da Cagadinha: Formado apenas por rochas, destaca-se pela predominância da cor branca, causada pelos excrementos das aves que habitam a Ilha. Neste local a visibilidade é de 12 a 50 metros de profundidade. É ideal para mergulhos técnicos e mais avançados. Mas o que fascina é a vida marinha, onde estrelas do mar gigantes, arraiais, peixes lua e tantas outras espécies vivem livremente. Neste único lugar é possível encontrarem os pescadores mais afoitos o peixe mais raro e cobiçado “O Marlim”. Este peixe quando fígado chega a resistir até 4 horas antes de se entregar.



CONTINUA



UBATUBA - ILHAS & ILHOTAS

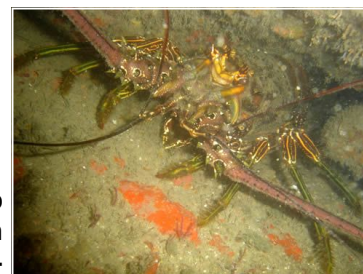


Ilha das Palmas

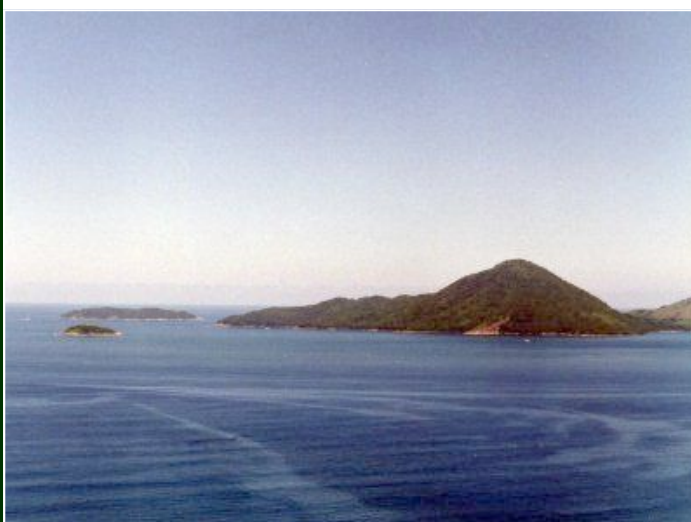
para mergulhadores e pesquisadores, se destacando o chamado meio à formação rochosa, encontram-se pequenas cavernas. Em nível, para mergulhadores mais experientes, adentrar. A Ilha proporciona uma profundidade variável de oi a trinta e cinco metros, com uma visibilidade média de 12 metros e uma temperatura média da água de 18° a 28° centígrados. Mas o que fascina os amantes do mar é a rica vida marinha onde nesse imenso aquário natural poderemos encontrar facilmente, lagostas, arraia, baleias, lulas, parambijús, moréias, ouriços gigantes, garoupas, peixes-palhaço, entre muitas outras espécies. Quando o inverno é mais rigoroso nas Ilhas Malvinas, as correntes marítimas, proporcionam avistarem-se Leões-Marinhas, Pingüins, dentro outros visitantes. No verão é a vez dos golfinhos e botos, que atraídos pelas ondas sonoras dos motores, acompanham as embarcações.

Ilha das Palmas

Ubatuba é na realidade, toda ela um presente da natureza, seja por suas praias continentais ou, suas Ilhas, Ilhotas, Lajes e sua Praias selvagens. Em seu litoral encontramos como parte integrante do "Parque Estadual da Serra do Mar", entre outras, a **Ilha Anchieta** e a pequena **Ilha das Palmas**, santuários protegidos pelo Polígono da Pesca, onde a mesma é proibida em todas as imediações. A Ilha das Palmas, em especial é protegida pelo Decreto Federal nº. 94.656 de 20 de Julho de 1987, onde é determinada a pena de um a dois anos de cadeia para quem se atrever a violá-la.



Por toda esta preservação se tornou um dos pontos favoritos PAREDÃO, onde em algumas delas é pos-



Ilha Anchieta

A Ilha Anchieta, é uma das principais atrações de Ubatuba e do LITORAL PAULISTA. Com uma área de 828 hectares, e um dos poucos Parques Insulares com terras totalmente de domínio público.

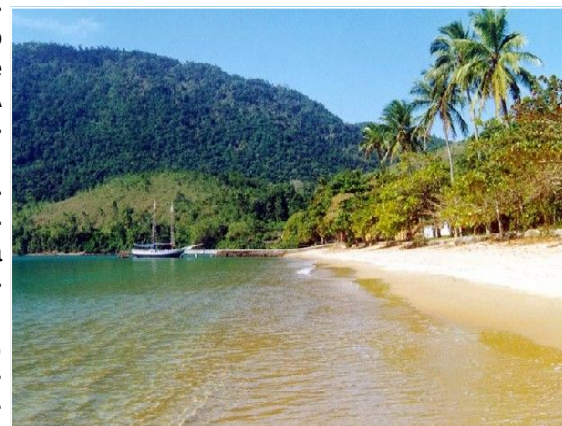
Abriga ruínas de um antigo presídio estadual, construído no início do século XX e desativado no ano de 1952, cuja história tivemos a oportunidade de contar no início deste compêndio.

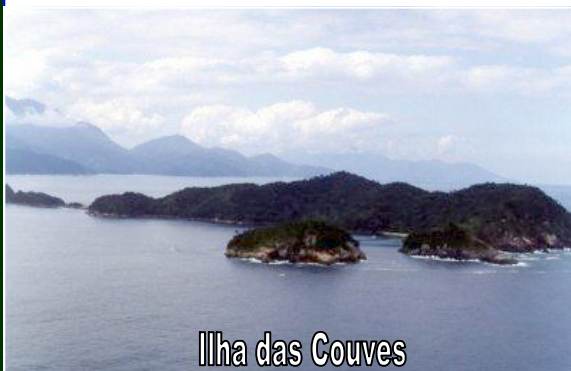
Esta Ilha preservada por Lei Federal (ver acima), é um santuário ecológico, provido de um rico bioma, onde se pode encontrar A

Mata Atlântica a Mata de Encosta, toda uma grande gama da fauna e flora, além de praias e cachoeiras paradisíacas.

Numa trilha já demarcada, o visitante poderá encontrar animais que fizeram parte de um programa de repovoamento feito pelo Governo do Estado de São Paulo. A pesca, a caça, assim como a depredação da flora (retirada de mudas, flores ou quaisquer outras espécies) é absolutamente proibida e severamente punida em caso de desrespeito.

Passeios de escuna podem ser programados a partir da Praia do Lázaro, Saco da Ribeira, Enseada e Itaguá, em Ubatuba. O Parque Estadual geralmente desenvolve atividades de educação ambiental e dispõe de alojamento para pesquisadores e hospedagem para grupos organizados.



**UBATUBA - ILHAS & IHLHOTAS**

Ilha das Couves

ILHA DAS COUVES:

Por sua beleza, a Ilha das Couves, disputa com a Ilha Anchieta a preferência pelos turistas para a sua visitação.

Passeios de escuna podem ser agendados ou contratados nas Praias do Lázaro, Saco da Ribeira, Enseada e Itaguá, em Ubatuba.

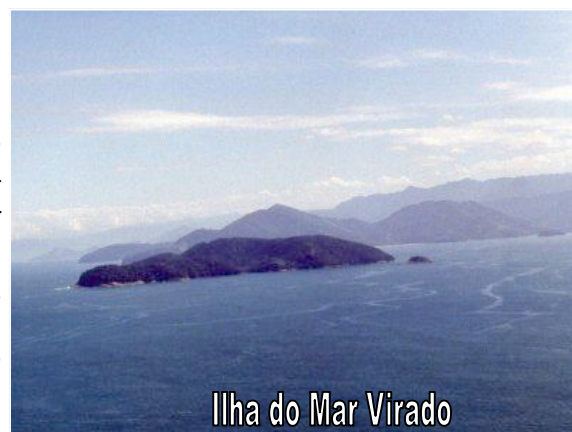
Vale a pena conhecer e não esqueça nunca a máquina fotográfica.

Respeite a natureza e assim a conservar nosso maravilhoso litoral, de cuja preservação se orgulha estar entre os primeiros no Mundo, o Litoral Norte Paulista.

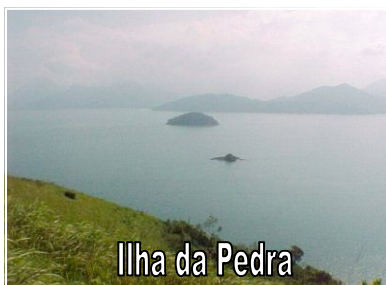
ILHA DO MAR VIRADO:

a Ilha do Mar Virado abriga um *sítio arqueológico pré-histórico*. Pesquisas feitas, por técnicos e cientistas do MUSEU DE ARQUIOLOGIA da USP (Universidade São Paulo) comprovaram, que a Ilha foi habitada por um grupo denominado “ *coletores - pescadores da pré-história* “ que não conhecia a escrita nem a cerâmica. Sua alimentação se baseava na caça de pequeno e médio porte, peixes, mariscos, moluscos, e mamíferos marinhos.

No local, em escavações feitas foram encontrados; esqueletos humanos, lascas de pedra e alimentação variada com conchas, esqueletos de peixes e de mamíferos, entre outros achados.



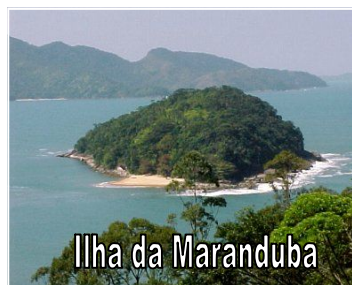
Ilha do Mar Virado

Outras Ilhas, Ilhotas e Lajes

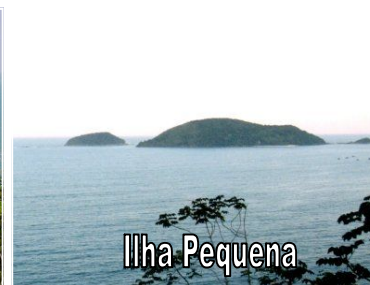
Ilha da Pedra



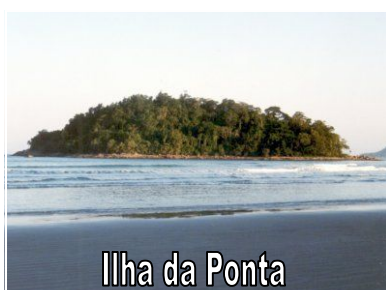
Ilha Comprida



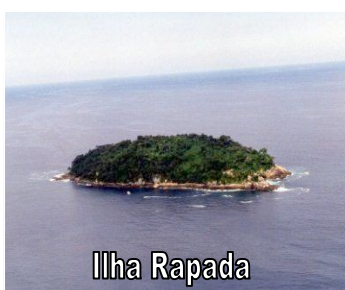
Ilha da Maranduba



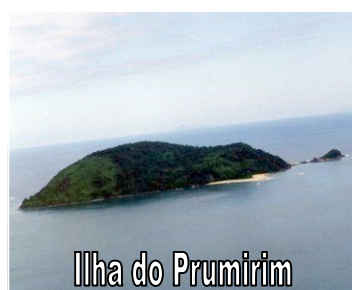
Ilha Pequena



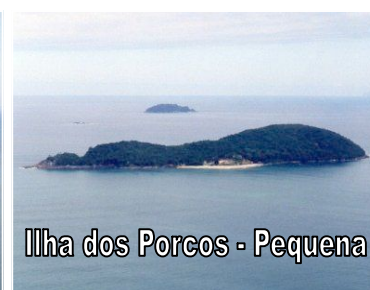
Ilha da Ponta



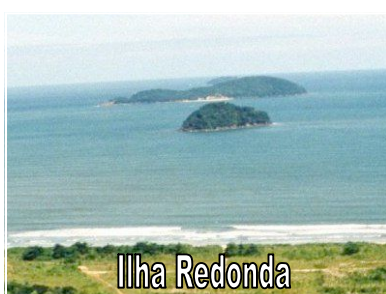
Ilha Rapada



Ilha do Prumirim



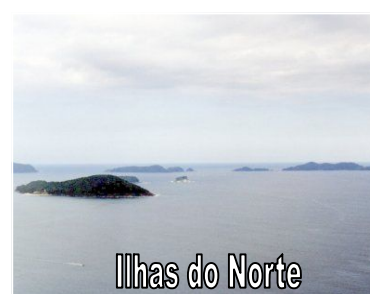
Ilha dos Porcos - Pequena



Ilha Redonda



" UBATUBA " A Capital do Surf



Ilhas do Norte

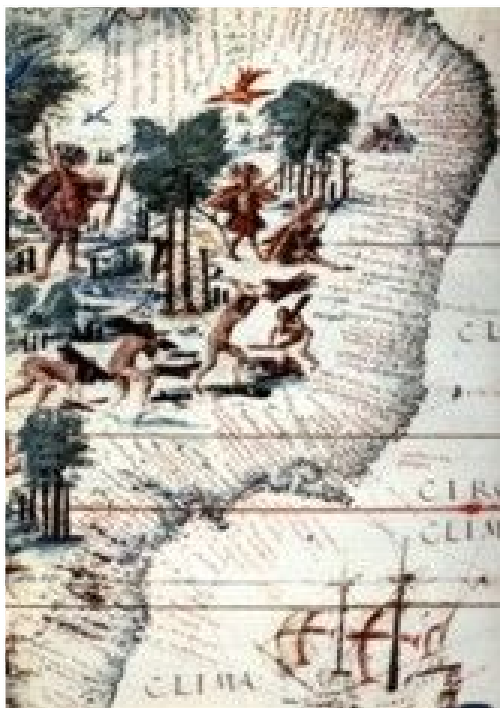


A Seguir:
Colinária Caiçara | Lendas | Tradições



Litoral Norte

Tradição - Costumes Culinária - Lendas



As atividades extrativistas são, em grande parte, exercidas pelos pequenos produtores rurais, coletores/pescadores e comunidades conhecidas como tradicionais, pois têm seu modo de vida, em grande parte, associado ao uso e manejo dos recursos naturais exercidos ao longo de sua permanência histórica nas regiões litorâneas, do Litoral Norte Paulista.

O Caiçara, entenda-se por essa designação, aquelas comunidades formadas pela mescla da contribuição étnico-cultural, dos indígenas, dos colonizadores Portugueses e, em menor grau, dos escravos africanos. Os caiçaras apresentam um modo de vida baseado em atividades agrícolas itinerantes, de pesca, do extrativismo vegetal, e do artesanato.

Essa cultura desenvolveu-se primeiramente nas áreas litorâneas e costeiras dos atuais Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, para depois se estenderem para os Estados do Paraná e Norte do Estado de Santa Catarina.

Segundo a maioria dos historiadores, as comunidades caiçaras se formaram nos interstícios dos grandes ciclos econômicos do período colonial, a saber: Ciclo do Ouro e posteriormente Ciclo do Café, que teve seu principal foco, no caso do ciclo do Ouro, como caminho, através do Litoral Norte Paulista, rumo às Minas Gerais e vice-versa. Esse caminho, por ser o melhor acesso, do porto de embarque Paraty e Angra dos Reis às minas de Minas Gerais, passando pelo Vale do Paraíba.

Este caminho, no início do ciclo do café, também utilizado pelos tropeiros, foi de grande movimento e de forte influência, na fixação e colonização dos povos da orla marítima.

Com a decadência dessas atividades exportadoras, ou seja com o fim do Ciclo do Ouro e depois com a inauguração da Estrada de Ferro "Rio de Janeiro - São Paulo, já no Ciclo do Café; as atividades agrícolas, incentivaram a fixação de colonos, aliadas às facilidades da coleta e da pesca em ambientes aquáticos, no Litoral Norte Paulista. Essa atividade facilitou e fez surgir as cidades do nosso hoje Litoral Norte Paulista, ou seja: Ubatuba, Ilhabela, São Sebastião e depois Caraguatatuba, que em vários momentos da história colonial foram de relevante importância como centros e intercâmbio econômicos e sociais. Assim, as comunidades locais que se formaram e aglomeraram, dependiam dessas cidades para o aprovisionamento de bens não produzidos nos sítios e nas praias. Esse contato se manteve por via terrestre (caminhos), fluvial e marítima, tendo-se destacado no século XIX até às primeiras décadas do século XX, como por exemplo, as chamadas "canoas de voga", onde eram transportados produtos agrícolas, peixe seco, aguardente, etc...

A maioria desses centros e áreas rurais, litorâneas correspondentes entrou em decadência, no final do século XIX, principalmente com o fim da escravatura, levando ao declínio determinadas atividades agrícolas de exportação, como o arroz, o café, o açúcar, etc.. Assim, as comunidades caiçaras mantiveram sua forma tradicional, de vida, até à década de 1960, quando as primeiras estradas de rodagem interligaram as áreas do Litoral Norte, com o Vale do Paraíba, ocasionando o início do fluxo migratório.

Hoje, essas comunidades caiçaras passaram a receber por parte das autoridades, especial atenção, em virtude de seus conhecimentos e sobretudo a contribuição histórica, que essas coletividades têm dado à conservação da biodiversidade, por seus entendimentos próximos com a fauna, a flora e os sistemas tradicionais de manejo dos recursos naturais de que dispõem.

Hoje essa tradicionalidade caiçara encontra-se bastante ameaçada com o avanço da especulação imobiliária, iniciada já nas décadas de 1950 e 1960, sobretudo com a construção de grandes condomínios de luxo ao longo de todo o litoral. A especulação imobiliária, privou uma grande parte do povo caiçara de suas posses nas praias, obrigando-os tanto a trabalhar como caseiros, pedreiros, quanto a mudar suas casas para longe de seu local de trabalho, dificultando as atividades pesqueiras. Além disso, o turismo de massa, sobretudo no nosso Litoral Norte, contribuiu para a desorganização das atividades tradicionais, criando uma nova estação ou safra, nos meses de verão, quando muitos caiçaras se tornam meros prestadores de serviço.



Flagrante da devastação em UBATUBA - SP

Outro processo responsável pela desorganização da cultura caiçara é o fato de que grande parte do seu território, terem-se transformado em áreas de proteção ambiental. Essa transformação de seu espaço de reprodução material e social em parques e reservas resultou em grandes limitações a suas atividades tradicionais de agricultura itinerante, caça, pesca e extrativismo, levando a sérios conflitos e deslocando a população caiçara para favelas em áreas urbanas, levando toda essa população ao desemprego e a sub-emprego.

No entanto, com todos esses entraves, o povo caiçara não consegue se desligar de suas raízes, ainda preservando culturas e sua dependência das atividades agrícolas familiares e da pesca.

Também sua cultura, tradições, culinária e lendas, ainda são bem presentes nestas populações.

CONTINUA



Os Caiçaras

Hábitos alimentares

Historicamente, os Caiçaras e Viajantes do Litoral Norte Paulista, levavam sua própria comida nas longas viagens a pé ou de canoa, quando a região ainda não contava com a infra-estrutura hoteleira dos dias de hoje.

Os viajantes eram recebidos com café, banana e muito carinhosamente.

Todos se conheciam, de Bertioga a Paraty. Nas viagens de canoa, nos tempos remotos, antes das estradas de rodagem e do turismo, alguém sempre era o filho de dona fulana, o primo de seu sicrano, enfim a convivência era sempre familiar.



No mundo pequeno mas difícil de ser viajado, no Litoral Norte Antigo, honravam-se os preceitos ancestrais da hospitalidade, transmitidos de geração em geração até desembocar no atendimento cordial da atualidade. Esse atendimento vem se profissionalizando, em virtude da necessidade de grandes investimentos na área do turismo, hoje a principal atividade econômica da região.

Como tradicionalmente o caiçara sempre teve em seu comportamento, atitudes simples e de resguardo, nunca gostou de dar trabalho em suas deslocações assim, levava consigo a comida de que necessitasse para a viagem.

Sem geladeira, usava o sal como principal conservante do peixe, item básico da alimentação, ao lado da banana e da farinha de mandioca ou milho. Esta mistura deu origem a um dos pratos mais típicos de Ubatuba "O Azulão".

Sua cozinha mistura hábitos portugueses, indígenas, com muito pouca influência inicial, dos negros.

Com o início do ciclo da Cana de Açúcar, vieram a pinga e os escravos africanos com sua culinária de origem. Paraty, em virtude de seus alambiques, virou sinônimo de Cachaça.

"Na festa da Princesa Isabel, foi o conde d'Eu quem disse: Farinha de Suruí, pinga de Paraty, fumo de Baependi, é comê, bebê, pitá e cai", escreveu o poeta Oswald de Andrade.

Comida de branco

Na época dos descobrimentos, os descobridores, afim de cativar os índios, os levavam a provar suas especialidades culinárias. No entanto, segundo relatos de Pero Vaz de Caminha, dois tupis foram levados à nau capitania, e recebidos pelo próprio Pedro Álvares Cabral. Provaram peixe cozido, confeito, farteis (um doce delicado, envolvido em capa de massa de trigo), mel e figos secos. No entanto, não gostaram; não comeram quase nada. Quando provavam algo, logo cuspiam enojados. Nem o vinho português eles apreciaram.

Em compensação os Portugueses gostaram dos camarões, que já conheciam, mas não do tamanho dos encontrados no Litoral Norte Brasileiro.

Os hábitos alimentares mudaram com o turismo, que tiveram que se especializar nas mais isoladas, os A mudança de costumes eliminou pelos avós dos caiçaras, a tanajura iguaria, dizendo: "O içá torrado é o sia".

No entanto, os pratos tradicionais caiçaras mais antigos e nos bons lugares em comidas típicas. Peixe

Ubatuba; camarões à paulistinha, caldeiradas e afogados, são os it's da culinária preferida por turistas e visitantes. Além dos pratos salgados, doces de banana, sorvetes de frutas silvestres e outras tradicionais do Litoral Norte, ainda podem ser vistas servidas em ótimos restaurantes, ao longo de toda a orla marítima de nosso Litoral Norte.



muito, com o advento das Estradas de rodagem, porém na maioria das comunidades, mesmos ainda estão muito vivos.

também uma das iguarias mais desejadas ou içá. Monteiro Lobato, brincava com esta que no Olimpo grego tinha o nome de ambrosia

ainda podem ser apreciados nas casas de restaurantes de nosso Litoral Norte, especialmente com banana, o famoso "Azul-Marinho" de

Os "Mariscos" no Litoral Norte

O filão de moluscos engloba caranguejos, ostras, mariscos ou mexilhões, e até Lulas e polvos, embora os dois últimos não pertençam à mesma categoria dos anteriores. Em Ubatuba, graças ao Instituto da Pesca, está se conseguindo recuperar a fauna marinha originária. Baseando suas pesquisas nos criadouros espanhóis da Grécia, biólogos desenvolveram uma tecnologia viável. Para darem sustentação ao consumo destes moluscos, existem hoje produtores, nas praias do Pulso, Enseada e Ubatumirim, entre outras, na cidade de Ubatuba.

Hoje já se constata o crescimento das populações, repondo-se o mexilhão no cardápio local, recuperando a tradição de consumo deste alimento saudável, saboroso e muito procurado, ao mesmo tempo que se recompõe a fauna natural do mesmo em seu ambiente aquático, grudado das pedras das praias de Ubatuba.

Consumir com responsabilidade, usar a tecnologia para reposição dos biomas e ao mesmo tempo conservar a tradição alimentar; eis aqui um exemplo de consumo sustentável.

CONTINUA



Nosso Litoral Norte é rico em estórias e lendas. O próprio caiçara adora contar seus “causos” e é comum em rodas de conversa se verem descritas histórias que contam um pouco das crenças e da história deste Litoral, cheio de história e importância no desenvolvimento do Estado de São Paulo.

Em suas Lendas se misturam mitos e crenças, devaneios, o mar, sua imensidão e os rochedos e montanhas de sua costa. A riqueza do folclore, dos detalhes são nos contados por muitos prosadores, dentro os quais “[Washington de Oliveira](#)” (“[seo](#)”[Filhinho](#)), nos conta em seu livro “[Ubatuba - Lendas & outras Estórias](#)” um pouco dessas prosas e das quais escolhemos algumas que passamos a levar ao leitor.

Lenda do Corcovado

A estória que vou contar nada tem absolutamente com o famoso pico que orna o belíssimo pano de fundo do maravilhoso cenário que é a Baía da Guanabara. O Corcovado em questão é o que se encontra próximo desta cidade (Ubatuba), para as bandas do sudoeste.

É um formidável corcunda de pedra que se eleva da silhueta da Serra do Mar, da qual é, nestas redondezas, o ponto mais elevado, fazendo realçar essa giba desde Picinguaba até a ponta de Martim de Sá, já nas proximidades de Caraguatatuba.

Aqui o corcovado não tem a airocidade e o prestígio do seu colega do Rio de Janeiro, não recendo visitas de turistas deslumbrados. Não recebe, mesmo porque as rejeita. Castiga severamente quem ousa mergulhar no mistério em que vive.

Ouçamos:

Pouco depois de Jordão Homem da Costa vir com sua família povoar a antiga aldeia de Iperoig, já então com o nome de Ubatuba, aventureiros daquele tempo quiseram ir ao topo do Corcovado. Os primeiros que isso tentaram foram dois rapazes, jovens ainda, Pablo e Juan, filhos de um fidalgo espanhol, proprietário aqui de uma vasta sesmaria.

Partiram aos primeiros clarões de uma fresca madrugada de abril, confiantes no êxito dessa aventura. Mas, passaram-se dias sem que voltassem, começando aí a inquietação da família dos moços. Julgou-se que eles se haviam perdido, mas, ao certo, não se conseguiu saber por que não regressavam.

Um escravo do espanhol, favorito de Pablo, prometeu ao seu amo ir buscar notícias do “Sinhô Moço” no cimo do gigante de pedra. Seus companheiros, ao pé da escarpa, viram-no subir agilmente agarrando-se aos cipós e às saliências da pedra e depois sumir lá no alto entre moitas de samambaias.

Esperaram-no até ao dia seguinte. Nada. Voltaram outros dias à sua procura, mas, como os desventurados Pablo e Juan, nunca mais o preto apareceu.

Em 1697, quando ao primeiro centenário da morte de “José de Anchieta”, veio a São Vicente rezar missa na Capelinha de Ubatuba por intenção da alma do grande catequizador, Frei Bartolomeu, da Ordem dos Franciscanos. Esse Frade permaneceu mais alguns dias nesta vila e, ouvindo dos habitantes a narrativa do fato acima relatado, e de outros que se sucederam, declarou decididamente que iria ao topo do Corcovado, onde, para provar a ascensão, colocaria uma grande bandeira vermelha, perceptível, aos que o acompanhassem até ao pé, da aterrorizadora escarpa. E se bem o disse melhor o fez. A grande comitiva que nesse lugar ficou postada viu, horas depois, bem lá no alto, o desfraldar da sanguinolenta bandeira que Frei Bartolomeu levava consigo.

Um frêmito de alegria espalhou-se por todos aqueles observadores, ansiosos pela volta do padre que, de regresso por certo desvendaria o porquê misterioso do Corcovado. Esperaram-no debalde. Alguns homens dos mais corajosos dispuseram-se a ficar durante a noite à espera do missionário. Mas era por demais apreensiva a situação daqueles homens. O silêncio parecia estrangular a Natureza que, de instante a instante, num arranco horrível, gemia agonizantemente pela garganta de um pássaro noturno.

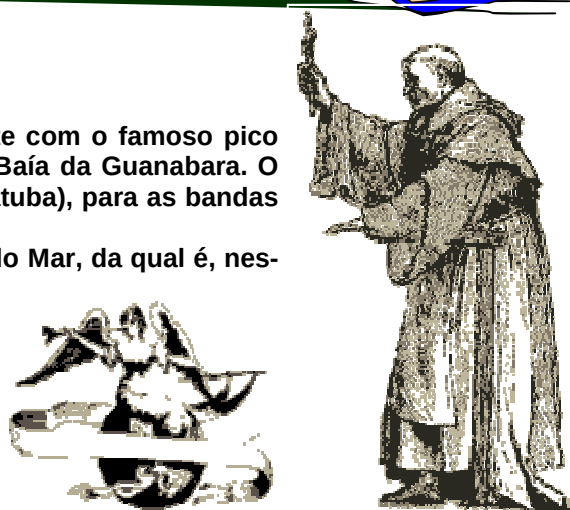
Meia noite! Seria meia noite, quando uma exclamação quase de alívio partiu daqueles peitos ofegantes:

- Ei-lo !

De fato, pela rocha nua, lentamente, arrastava-se frei Bartolomeu, pelo mesmo trajeto pelo qual havia subido. Devia estar cansado. De vez em quando parava arrumando o hábito marrom, sustendo na cintura o frouxo cordão branco, e parecendo levar por vezes aos lábios o níveo crucifixo de marfim que lhe pendia ao peito. Um vago clarão de lua jorrou sobre a monástica figura denunciando um livor funéreo em suas faces tristes e descarnadas. Correram todos para recebê-lo, mas...

- Onde está frei Bartolomeu ? ! , perguntaram-se com os olhos. Não mais o viram. Esperaram-no mais algum tempo, mas o Frade não desceu. Um deles gritou e o eco respondeu lá no fundo, nas gargantas sombrias da cordilheira.

CONTINUA





CONTINUAÇÃO

Logo depois um gemido horrível partiu, não sabem de onde, envolvendo a floresta inteira ! Um frio de morte, uma sensação ignota agitou as carnes daqueles homens. Sem articular palavra, lívidos, completamente desorientados, abandonaram em disparada aquele sitio maldito, ouvindo o eco sumir longe, muito longe, na imensidão da noite !



Hoje, ainda, quem se for postar ao pé , da misteriosa elevação verá a figura do vulnerável frei Bartolomeu descer lentamente pela rocha nua, sem nunca, porém, chegar à base.



Dizem que o CORCOVADO é encantado, ocultando uma rica **mina de ouro** pertencente a um gênio que a defende dos homens. Ouro lá existe e vou provar com outro fato verdadeiro, como verdadeiro é o fato que acabo de contar.

A Mina de Ouro

Em vista dos misteriosos fatos contidos em minha narrativa anterior, ninguém mais se atrevia aproximar-se do “Pico Encantado”. Muitos anos depois do desaparecimento de frei Bartolomeu, o capitão Manoel Fernandes Corrêa instalou uma belíssima fazenda na Praia Dura.



Um dia, Alice, filha única do capitão Corrêa, saiu à caça nas proximidades. Vendo-se só, longa da vista severa do pai, admirando o cenário belíssimo que se deparava em seus olhos virgens de tanta maravilha, embrenhou-se incautamente pela mata. Súbito, um medo vago e inexplicável percorreu aquele corpo misto de anjo e de mulher. Quis voltar mas compreendeu que estava perdida. Correu, gritou, sentiu faltarem-lhe as forças, e espinhos aduncos rasgaram-lhe as carnes alabastrinas. Um último esforço e caiu desfalecida.

Ao cair da noite, quando o sino melancólico da fazenda chamava do oito os escravos para a ceia, era indescritível o desespero do capitão pelo desaparecimento da filha. Mandou reunir a turba negra e, pela primeira vez suplicante e dócil, o impiedoso senhor proclamou que daria liberdade imediata ao servo que lhe trouxesse, com a maior rapidez possível, sua querida Alice.

Nenhum, crédito deram os escravos àquelas palavras. brotadas de um coração empedernido, momentaneamente compungido com o desaparecimento da filha, mas a adoração que dedicavam a Alice - angelical e bondosa criatura - fez daqueles homens exaustos umas feras bravas.

Sem tomar alimento algum, cada qual partiu para um lado, sem esperança de recompensa, mas querendo ser o primeiro a beijar a mão da “Nina Alice”. PEDRO, um escravo robusto, forte, parou repentinamente na corrida em que ia. Sua idéia embrutecida vagueou procurando recordar-se da companheira amada e de uma filhinha de dois anos de idade, que o impiedoso capitão vendera, por castigo !

Quis esconder-se e voltar no dia seguinte “sem notícias da Nina Alice”, mas... - Alice ! - esse nome repelia a idéia de vingança que fervia em seu cérebro inculto, porém, compreensivo. Odiava o pai mas adorava a filha. A adoração venceu. Enxugou as lágrimas que lhe corriam pelas faces e reencetou a busca interrompida há pouco.

Cansado, parou. Sentou-se um pouco para reanimar-se, mas foi logo atraído por um farfalhar de folhas secas acompanhado de um gemido surdo e prolongado, partindo de pouca distância. Aproximando-se cautelosamente percebeu estendido no chão um vulto alvo de mulher, mal distinguido na escuridão da noite.

- Nina Alice! - exclamou o preto com sua voz fanhosa e forte.
- Oh, salve-me ! Tira-me daqui... Quem é ? Meu Pai ? Luz... Quero luz...

Horas depois, nos robustos e retintos braços de Pedro, Alice subia os degraus da “Casa Grande”.

Horrores da escravidão ! No dia seguinte, Pedro exausto pelo esforço despendido durante a noite, gemia sob açoites, no tronco, porque não podia trabalhar.

Alice, sabendo do que se passava com o seu salvador, exigiu do pai o que na véspera prometera espontaneamente. Liberto, Pedro beijou as mãos da “Nina Santa” e partiu sem destino, para os lados do Corcovado, e lá instalou sua choça, ao lado de uma cascatinha murmurante, próxima, bem próxima da escarpa misteriosa.

Corria de boca em boca a aventura de “Pai Pedro”. O preto vinha sempre a Ubatuba com pequenos canudos de bambu cheios de grânulos auríferos, que trocava por fumo, cachaça e alguns gêneros com os quais assegurava sua subsistência.

CONTINUA



CONTINUAÇÃO

Essa notícia foi bater também na Fazenda do capitão Corrêa que duvidava do que lhe diziam, mas, um dia, ele mesmo viu na vila as negociações que eram propaladas. Cheio de inveja e cobiça, pensou logo em se apoderar do tesouro do preto. Certa noite, em companhia de um grupo armado, foi à choça de Pedro, capturando seu ex-escravo e levando-o para sua fazenda. Ali chegando, sem mais delonga, Pedro era premido a contar como descobrira aquele fabuloso tesouro.

- Sinhô, Pedro num pode cuntá, prueque...

Uma violenta chibatada estalou nas faces já rugosas do mártir, cortando-lhe a frase. Depois, novas torturas, imprecções, terríveis ameaças, até que Pedro resolveu iniciar a narrativa, na linguagem carregada e fanhosa, toda peculiar aos pretos africanos.

Disse que foi morar no sítio solitário onde o encontraram, bendizendo sempre o nome de Alice, até que um dia, na vila, veio a saber da morte da moça, sua libertadora. De volta à choça, um profundo pesar oprimia-o todo.

Parou para disfarçar um soluço e enxugar uma lágrima, ao que o capitão esbravejou: -Continua bandido !

E Pedro continuava, trêmulo, acovardado.

À noite não conseguira dormir, parecendo-lhe ouvir ao longe a voz cristalina da moça numa canção de amor. De repente a porta do casebre tremeu e escancarou-se, penetrando por ela um vulto diáfano de mulher. Era Alice ! Ele a reconheceu.

Como que agarrado por mãos invisíveis, não se pôde mover no lugar em que se achava, mas ouviu perfeitamente a visão dizer:

- Pedro, tu foste um dia o meu salvador. Dei-te a liberdade, mas sei que sofres, neste exílio onde te arrojou a impiedade de meu pai. Não te assustes e ouve-me .

Não muito longe daqui, oculto nas entranhas da terra, existe uma mina de ouro. Ela será tua sob a única condição de nunca revelares a outrem esse lugar cobiçado. Se isso tentares, a vingança do gênio protetor da mina cairá sob tua cabeça, ouvistes? Cuidado, pois, e segue os meus passos.

- Negro maldito ! - Gritou o capitão - não retardes a revelação. Onde está o tesouro ?

- Sinhô... tá lá pra banda do ...

E o surdo ruído do baque de um corpo ecoou na sala da “Casa Grande”. Pedro caía morto, fulminado, antes de revelar o sítio misterioso de tão cobiçado tesouro, que até hoje jaz nas proximidades do Corcovado.

Pedro bem dizia: - Negro num pode cuntá...



O Corpo Seco

- Truco !
- Toma seis, que três é pouco.
- Ganhe, maldito !

Esse jogo, cada vez mais animado, era cena comum todas as noites no botequim do Moreno, na esquina do Largo da Campina, naquele tempo bastante diferente da topografia de hoje Praça 13 de Maio.



Bernardino de Campos - Dinico, como todos o conheciam - era infalível. Podemos dizer até que as “sessões” eram abertas por ele e por ele encerradas. Rapaz de costumes e vícios abomináveis, causava ao mesmo tempo compaixão e repulsa.

- É sorte - diziam alguns, vendo o belo rapaz, nos seus vinte anos primaveris caminhar sinuosamente sob efeitos de álcool, pelas ruas da cidade.

- Miserável - bradavam outros -, quando suas nefandas aventuras eram propaladas, deixando com os interlocutores a nauseante repugnância que tais fatos lhes causavam.

Conselhos, mesmo os lacrimosos de seus velhos pais, não o demoviam do seu propósito, e se a polícia o conduzia, assegurando a tranquilidade pública, o cínico rapaz repelia os conhecidos que ia encontrando pela rua:

- Tá vendo ? Pra hoje arranjei cama e comida ! A cadeia foi feita pra cachorro...

CONTINUA



CONTINUAÇÃO

Seus pais viviam na mais profunda miséria, numa casinha em ruínas, lá para os lados do Jundiaquara, não se conhecendo ao certo o lugar preciso dessa habitação. José, o filho mais velho, empregando-se em Santos, era o protetor daquele lar infeliz. Emília, a menina que tanta cobiça despertava aos rapazes daquele tempo, casou-se com o Neguinho Alves e foi morar na região do Perequê-açu. Dinico era o único filho que ficou para martirizar impiedosamente aquele casal de velhinhos.

O velho Crispim piorava dia a dia. A velhice, as necessidades, as agruras provindas do procedimento do filho arrasavam-no a largos passos para a sepultura. Ao anoitecer de um sábado, Maria Rosa, percebendo o estado agonizante de seu companheiro, chamou carinhosamente o filho:

- Dinico, teu pai vai morrer ! Leva estas últimas moedas, procura um remédio que o conforte no seu ultimo momento e traze uma vela para, depois, acende-la junto ao seu cadáver. Vai, meu filho... É para teu pai !

E a pobre velhinha afogou-se num turbilhão de lágrimas. Dinico arrebatou as moedas e saiu com um sorriso sarcástico nos lábios. Quem sabia os pensamentos que lhe assaltavam o cérebro?

Advinham-se logo.

Ao entrar na cidade encontrou-se com Chico Bento e o Manduquinha, que o convidaram para uma "trucada".

- Vamos. Eu sempre sô companheiro, respondeu.

- Lançou para longe a lembrança da enfermidade do pai, com a mesma naturalidade com que atirou a um lado a ponta de cigarro que trazia presa nos lábios, e caminhou para o antro do Moreno, a fim de jogar as moedas recebidas de sua mãe.



Um vício cujo fim é a miséria...

Alta noite, alguém ali chegando, não pôde conter a exclamação:

- Dinico, teu pai morreu...

- Meu pai ? Ora ... Truco ! Morreu ? Morrê por morrê, morra ele que é mais velho ...

Estas palavras, embora proferidas no antro de degenerados, causaram sensível constrangimento e profundo silêncio pairou sobre o ambiente.

Dinico espantou-se, e rompeu o silêncio:

- Não quê ? Truco outra veis !

Pareceu, então, que a irreverência do desalmado agiu como surdo furacão dissipando a nuvem tétrica, pesada no ambiente envolvido pelo fantasma da morte. O barulho recomeçou. Mais álcool, mais miséria ...

No dia seguinte, quando voltava para casa, vociferando, cambaleando, encontrou a rede que transportava os despojos do autor de seus dias. E chegando em casa, não encontrando com que saciar a fome corrosiva que trazia no estômago, espancou a velha mãe em inominável atitude de violência e crueldade. Mas é forçoso relatar que assim procedia, sempre que a velha Maria Rosa recebia dinheiro do bom filho José e negava-se a entregá-lo ao miserável, com os olhos fitos na sua regeneração.

Aí, o braço forte do filho algoz caía, impiedoso, sobre a mártir e indefesa mãe. Esta não demorou em tombar no mesmo leito em que expirara o velho Crispim, ali gemendo abandonada, parálitica, recebendo apenas o espaçado conforto de um ou outro vizinho compassivo, porque Dinico continuava na mesma vida desregrada.

Quadro horrível ! Uma noite entrou inopinadamente pelo casebre a figura horripilante do ébrio inveterado. Maria Rosa, coitada, quase em agonia, implorou:

- Filho das minhas entranhas ... Eu morro ... Mas, antes, quero ver-te no bom caminho ... Eu morro, filho ! Tenho sede ! Dá-me um pouco de água ...

- Tens sede ? Por que não morres ? Toma, mata tua sede.

E assim dizendo passou rapidamente o pé, no braseiro que crepitava a um canto, lançando brasas sobre a velha moribunda. Depois, caminhou apressadamente para a porta, mas uma força estranha tolheu-lhe os passos, parece para fazê-lo ouvir sua mãe dizer:

- Miserável ! Vai ! A minha maldição te perseguirá sempre ! Não terás sossego em tua vida nem paz depois de morto ! Bandido ! A própria terra te rejeitará ... Vai !

Dinico espumou numa risada de ódio e de sarcasmo. Como um touro bravio abandonou aquela casa onde nunca mais voltou.

Morrendo-lhe a mãe, a maldição desta não se fez esperar.

O rapaz viu-se na miséria, abandonado, sem amigos, sem uma palavra de consolação. Tudo o rejeitava. Dizem que as árvores negavam-lhe sombra, deixando atravessar entre as ramagens os raios escaldantes do sol. As fontes fervia, se o desgraçado ia beber.

Suicidou-se. Encontraram-no enforcado no ramo de uma árvore, pendente sobre o Rio Lagoa, conhecido por Barra da Lagoa. Tratou-se do seu enterro entre os diversos comentários da população, mas o fato começou a ser mal encarado, quando, no dia seguinte de seu sepultamento, o coveiro deparou com o cadáver de Dinico sobre a sepultura.

CONTINUA



CONTINUAÇÃO

Assombrado com esse fato inédito, tratou de enterrá-lo novamente, mas de novo o cadáver emergiu à flor da terra.

Alguns parentes do morto, alta noite, transportaram aquele corpo mumificado para a costeira do Caruçumirim (Prainha - Ubatuba), lá para os “lados de fora”, mas, desde então começou o tormento dos pescadores. Nas horas caladas, gritos medonhos partiam da costeira. O praguejado rogava a sua mudança daquele sítio, pedia que o levassem para a Barra da Lagoa, talvez porque tivesse morrido lá.

Contavam, depois, que certa noite espectros macabros foram vistos transportando dali um vulto qualquer, mal divido à luz funérea de ossadas fosforescentes. O fato é que na costeira da Prainha não mais se ouviram os lancinantes gritos do fantasma.

Véspera de natal. Dezenas de presépios estavam sendo armados por toda a vila. Um vaivém de pessoas preocupadas nesse mister via-se nos arredores da vila, colhendo líquens e parasitas para o adorno natural da cena de Belém. Chiquinha Bastos e Clarita Pinto, duas moças peritas no assunto, foram explorar as margens do Rio Lagoa. Juntavam-se aqui, distanciavam-se ali, quando Chiquinha encontrou u cepo disforme, coberto de belíssimas parasitas. Sofregamente pôs-se a catar aquelas preciosidades, para apresentar melhor colheita que a amiga. Depois de limpá-lo todo, passou-lhe um olhar de observação e, maquinalmente, a meia voz, falou:

- Pronto, acabou ...

Já se retirava, quando ouviu uma voz dizer:

- Moça, aqui tem mais.

Voltou-se. Soltou um grito agudo e caiu sem sentidos. O cepo que há pouco lhe fornecera delicadas plantas, mudava de posição, deixando transparecer perfeitamente as formas de um corpo humano, ressequido e corroído pela ação do tempo.

Dizem que até hoje ali está o corpo do degenerado que a terra não quis receber, atendendo aos rogos da velha Maria Rosa.



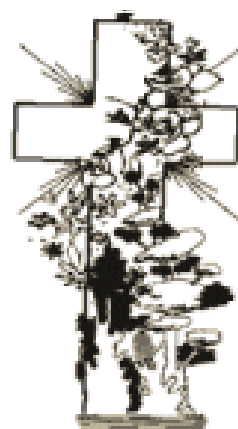
A Cruz de Ferro

No mais alto da serra, junto à estrada,
no ermo sertão, na paz silenciosa,
por crentes mãos, um dia ali pintada,
a Cruz de Ferro se ergue majestosa.

E cansado de longa caminhada,
ante a cruz solitária e misteriosa,
o viandante, ao passar, susta a jornada,
orando aos céus, em prece fervorosa.

E a grande Cruz de Ferro,
negra e muda, insensível aos tempos,
a ação ruda serena,
sempre a mesma olhando o mar...

E - milagre ! - em abril, contam viajores,
se lhe enroscam nos braços rubras flores,
como fossem rosas a sangrar ...



Vai todo o soneto de “Cesídio Ambrogio” como título de nossa estória. Apossamo-nos dele para um prefácio luminoso, que nunca nos seria dado produzir.

Foi em CUNHA, no Vale do Paraíba. Pouco distante daquela cidade, para os lados de Campos Novos, morava o Juca Mineiro, com sua adorável companheira, preocupado unicamente com o desenvolvimento do sítio. Enquanto isso,

CONTINUA



CONTINUAÇÃO

murmurava-se algo pelos arredores, sobre a graça e a beleza de Mariazinha que, alheia a tudo o que ocorria, avivava cada vez mais aquela paixão cabocla no íntimo do moço quer a foi buscar na casa de sua madrinha nos arredores de Alfenas, numa noite de luar.



Mariazinha foi a primeira que notou a freqüente passagem de Basílio de Campos pelo sítio: ora, para ver o cafezal; ora para pedir uma caneca de água; e muitas-quantas ! sem nenhum pretexto plausível, razoável. Notou, logo depois, o modo penetrante e interessado como era encarada pelo forasteiro, e pensamentos atordoantes passaram a povoar-lhe o cérebro até então casto e indiferente.

A má fama de Basílio era comentada, não só em Cunha como em toda a região do Vale do Paraíba, onde assinalava com proezas várias a sua passagem.

Isso veio oprimir ainda mais o coração da caboclinha amante e fiel ao companheiro. Por vezes abraçou Gregório, ou melhor, Gorinho. Beijava-lhe as faces acetinadas, vendo naquela criança o fruto de sua paixão pelo Juca. E quantas vezes este não a surpreendeu naquelas carícias, notando a mágoa que a pungia e o embaraço com que respondia às suas perguntas.

Um dia o mineiro voltou do campo e procurou Mariazinha por toda a casa. Entrou em indagações e espalhou emissários. Nada ! Dias depois, um tropeiro vindo de Guaratinguetá informou ao inconsolável Juca que a vira cavalgando na garupa de tordilho de Basílio.

Pobre Juca ! Daqueles tempos ditosos em que sua alma selvagem extasiava-se ante as carícias ingênuas da morena ingrata, nada mais lhe restava senão Gorinho, a lembrança querida a amargurar-lhe o coração ferido. Com o filho nos braços chorou, e depois procurou disfarçar sua dor., voltando-se atento e carinhoso à criança querida e ignorante. Sim, ignorante. Juca fez tudo para que Gorinho nunca viesse a saber quem fora sua mãe e como esta procedera.



De fato, aos doze anos, de sua mãe Gorinho sabia apenas que “tinha morrido”, sem saber como e quando. Não a tinha conhecido, portanto não sentia sua falta, mas à sua morte atribuía a profunda tristeza que dominava seu pai. Este, numa romaria à Basílica de Aparecida, deparou com a execrável presença de Basílio, que nele veio esbarrar, em nítida atitude de provocação. Levou a mão à cintura procurando a lâmina afiada que ali trazia, mas tremeu. A seu lado estava o filho querido. Se desferisse o golpe, daí em diante Gorinho seria apontado ao mesmo tempo, como filho de uma adúltera e de um assassino. Não ! Gorinho havia de ignorar tudo !

Resolveu mudar-se para Ubatuba. Veio aqui, adquiriu um sítio. Voltou a Cunha, vendeu o de lá e partiu em companhia do filho. à beira-mar - pensou - viveria mais despreocupado, sem temer encontrar-se com Basílio, ou com algum indiscreto que revelasse a Gorinho o que este devia ignorar por toda a vida.

Ao chegar ao alto da serra, falou:

- Gorinho, vês aquele verde azulado lá em baixo ? É o mar. Lá, às margens do oceano é que vamos morar. Lança um ultimo olhar para estas regiões de Serra - acima e jura a teu pai que nunca mais passarás por este caminho. Juras ?
- Mas, por que, meu pai ?
- Não indagues, filho. Prometes que não mais transporás esta serra?
- Prometo, pai.

Juca Mineiro deu rédeas ao animal e começaram a descer silenciosamente. Em dado momento, cortando as conjeturas de Gorinho, surgiu entre densas ramagens, numa curva do caminho, a figura de um homem irado, que bradou fortemente:

- Juca, você precisa morrer, desgraçado ...

E, sem mais demora, desfechou-lhe a pequena distância um tiro de garrucha. Um grito doloroso e agudo partiu do coração de Gorinho, enquanto o miserável desaparecia no matagal da serra. Juca, ferido de morte, levou a mão crispada ao peito ensangüentado, tombando pesadamente do animal que cavalgava. Gorinho, lívio, alucinado, correu para o pai, não compreendendo o que se passava.

- Meu filho ... um dia ... vingará teu pai ... Deus te abençoe ...

E expirou.

Gorinho plantou ali uma cruz Tosca que depois foi substituída pela “grande Cruz de Ferro, negra e muda”. Assinalou assim o lugar onde um dia viria trazer o testemunho de sua vingança.

Onze anos são passados. Gorinho é um belo rapaz de vinte e três anos, delicadamente moreno, cabelos pretos e ondulados, forte, alto, mas sempre cingido por uma nuvem de tristeza. A todo o instante seu comportamento denunciava profundíssimo pesar.

CONTINUA



CONTINUAÇÃO

Certo dia, numa fresca manhã de abril, deparando a figura odiada de Basílio, num dos armazéns comerciais da Praia, a idéia da vingança prometida ferveu-lhe no peito. Célere, partiu pela Estrada do Mato Dentro, levando nos lábios um sorriso contrafeito. Ia vingar o pai ! Vingar !

Pouco antes da Cachoeira Grande, no pé da serra, sentou-se numa pedra para descansar um pouco. Basílio, no armazém, pedira pressa, para viajar ainda naquele dia, portanto não deveria demorar-se.

Gorinho, a qualquer rumor, escondia-se no denso matagal que beirava a estrada, espreitando, até que, na curva do caminho, surgiram algumas bestas trotando em direção a Serra - acima. Logo atrás vinha Basílio montado num cavalo baio, fumando despreocupadamente, esquecido talvez do hediondo crime que praticara, onze anos antes, um pouco mais adiante.

Gorinho estremeceu. Sacou de um punhal, saltou na estrada e gritou:

- Pára miserável ! Salta do cavalo !
- Que queres ? Eu não trago dinheiro. Levo apenas minhas bestas, respondeu Basílio, deixando com moleza a sela, não reconhecendo o "ladrão" o filho de suas vítimas.
- Lembras-te da minha mãe ?
- Tua mãe ? Não sei, não. Quem era tua mãe ?
- Tens razão, eu nunca tive mãe ... Lembras-te da desgraçada que roubaste de meu pai ?
- Ah ! És tu, Gorinho ? Mariazinha ...

Basílio ainda quis falar mas uma lâmina fria varou-lhe o coração.



Gorinho, imperturbável, olhou o céu numa atitude de suplica e, lançando-se sobre o cadáver, com violência arrancou farrapos da camisa ensangüentada, montou no cavalo da própria vítima e partiu em disparada para a serra. Ao transpor a Volta Grande, avistou a "cruz solitária e misteriosa". De um salto deixou a alimária e, correndo em sua direção, com os olhos rasos de lágrimas, falou baixinho:

- Pai ! Estás vingado ! Eis aqui ainda quente o sangue de quem te fez desgraçado ...

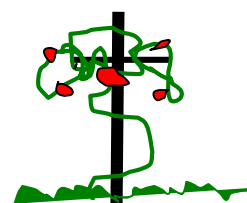
E, como no cumprimento de um dever, depôs nos braços da Cruz de Ferro os farrapos ensangüentados. Osculou-a e ia retirar-se, quando observou viandantes que desciam, vencendo a longa caminhada, parecendo extasiados, na contemplação do maravilhoso cenário que dali se descortina. O rapaz tremeu.

Estavam já a poucos passos. Rápido, volveu os olhos para a cruz onde pusera os farrapos ensangüentados.

Milagre ! Viam-se agora nos braços corroídos o enroscado caprichoso de uma planta silvestre e balouçando à fresca aragem da tarde rubras corolas de flores perfumadas !

É por isso que tão bem disse Cesídio Ambrogi:

É milagre - em abril, contam viajores,
se lhe enroscam nos braços rubras flores,
como se fossem rosas a sangrar...



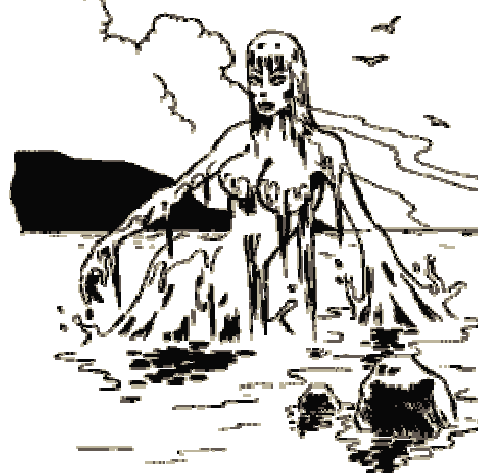
Os Marinheiros

Barbaridade !

Há mais de três meses não chovia, numa estiada jamais verificada nestas redondezas. Aqui a chuva é uma constante no decorrer do ano e assim, uma seca como aquela exasperava a população, mormente a gente dos bairros que, se dependia da pesca, muito mais dependia da lavoura para garantir a própria sobrevivência.

De chuva, nem sinal ! O céu mantinha uma limpidez imaculada, um azul puríssimo, sem um mínimo resquício de nuvem que pudesse dar a esperança de um próximo aguaceiro ! O ar, parado ! Nem uma brisa, nem uma aragem para refrescar um pouco, fazendo balançar a ressequida galharia das árvores desnudas, murchas, desfolhadas...

Toda a região sofria por igual os efeitos daninhos da seca, mas os moradores da Praia das Toninhas, inconformados, afirmavam que lá era pior, que lá a areia da praia era mais quente que a das outras, chegando a tostar-lhe a planta dos pés se não a evitassem,



CONTINUA



CONTINUAÇÃO

precisando caminhar por cima, por sobre o emaranhado dos “jundus”. Lá, diziam, dava pena olhar as roças, onde a plantação amarelecia esturricada sob a ação escaldante dos raios solares ! Até a cachoeirinha que, sempre farta descia murmurante a encosta pedregosa, estava agora reduzida a um minguado filete de água, torturando o mulhério que amanhecia aglomerado ao pé da bica, na angustiante espera de encher o vasilhame ! - Seca tirana aquela !



E a pesca ? Também falhara. Se todo santo dia, logo cedo, os pescadores saiam mar afora em busca do básico alimento para o seu sustento, retornavam alto dia, desanimados, com rebotalhos, trazendo aquilo que até há pouco desprezavam na praia à acirrada disputa dos famintos urubus. - “É - dizia Tonico Honorato, patriarca da Toninhas, por isso mesmo acatado e respeitado... *Já não há mais respeito, não há mais recato ! Ninguém mais tem palavra ! As igrejas vazias ... Pra essa gente parece que Deus já não existe e seus mandamentos não valem mais nada ... Isso é castigo !* “

Na Toninhas o que Tonico Honorato dizia era sagrado. Se ele disse que aquela provação era castigo, outra coisa não cabia senão rezar. Enquanto os crédulos rezavam, aguardando o milagre da chuva redentora, Julio e Camilo, dois inseparáveis do bairro passaram a observar o procedimento estranho de Marino, também amigo e companheiro, mas agora arredio, evitando-os com desculpas descabidas e alegações inconcebíveis.

A principio não deram importância, mas num dado momento, como que acordando, ficaram intrigados com tal procedimento. Ainda mais porque, se a pesca fracassava para todos, por que para Marino era diferente ? Ele não saía com os outros pela madrugada, mar afora, sangrando as ondas. Ficava em casa entretendo-se em pequenos afazeres ou indo à roça em desnecessárias vistorias às ressequidas plantas que teimavam vegetar nos aceiros. À tarde, porém, viam-no caminhar pela costeira com petrechos de pesca, saltando de pedra em pedra, indo ponta afora, para o costão do Itapecericuçu, onde se demorava até o fim do dia, quando regressava com o balaio transbordando de peixes, bastante para o consumo da família e com sobras até para mimosear generosamente a vizinhança carente.

Para Julio e Camilo - pensaram - desvendava-se o mistério: o bom pescqueiro estava para o lado do Itapecericuçu, portanto, bastaria ir lá. Mas, não querendo melindrar o arredio amigo, para lá se dirigiram várias vezes, cautelosos, a fim de não serem percebidos: umas, pela manhã, bem cedo, outras, alta noite, bem tarde.

Interessante, se lá permaneciam horas inteiras, o resultado era sempre o mesmo: apenas dois ou três peixinhos de pouco mais de um palmo, daqueles sem condições de serem *postejados*...

Por quê? -intrigavam-se - por que eles também bons pescadores, pescando no mesmo ponto, não conseguiam resultado igual ao de seu esquivo amigo?

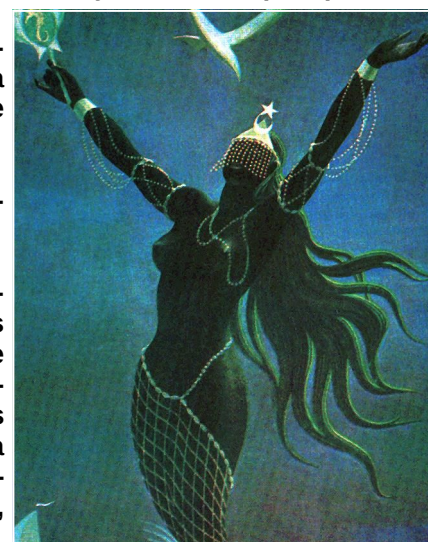
Convencidos de que um segredo maior havia e que era preciso desvendar, certa noite foram mais cedo e ocultaram-se entre moitas de samambaias, esperando a chegada de Marino.

Após longa espera, viram-no chegar e encaminhar-se ao declive de extensa laje, quase plana, que descia em rampa suave aprofundando-se no mar. Viram-no depois de acomodar seus petrechos de pesca, descer vagarosamente o declive e parar, absorto, olhando o mar, cujas ondas subiam mansamente, uma a uma, beijando-lhe os pés, para voltarem depois, borbulhantes e alvacentas, rendilhadas de espumas.

Num dado momento um farfalhar mais forte agitou as águas próximas e dali emergiu uma encantadora mulher, inteiramente nua, que, com desembaraço galgou a penedia, mal disfarçando a total nudez com basta cabeleira entremeada de algas e de espumas !

Surpresos, viram Marino correr ao seu encontro, enlaçando-a nos braços, e ali permanecerem em doce e prolongado idílio !

Que mulher era aquela - indagaram-se - , jovem, encantadoramente bela, que emergia das águas, gesticulando como se fosse muda e vinha entregar-se em arroubos de amor a uma criatura humana ? Não era por certo uma sereia, misto de peixe e de mulher que, com o enlevo de seus cânticos, em noite enlustradas atraía traiçoeiramente incautos navegantes e pélagos profundos, para a satisfação de voluptuosos desígnios de amor ! Não ! Aquela mulher era perfeita, de corpo escultural e beleza fascinante que ali permaneceu por longo tempo em arroubos de amor até que, vencendo a relutância de Marino, que tentava retê-la junto a ele, desgarrou-se dele e, rápida, solerte, atirou-se ao mar, desaparecendo no verde esmeraldino das águas.



Marino, então, pôs-se a pescar e em poucos momentos, como fazia todos os dias, regressou com farta provisão de peixes de grande porte - garoupas, sargos e badejos.

Julio e Camilo, atônitos com o que viram, voltaram outras vezes aquele pesqueiro, na esperança de desvendar o mistério de que eram testemunhas. Um dia a enamorada tardou a aparecer. O crepúsculo já se aproximava quando,

CONTINUA



CONTINUAÇÃO

emergindo airosa e bela, subiu apressadamente a inclinação da laje para entregar-se aos braços de Marino. Entretanto, ao contrário de outras vezes, demonstrava ansiedade em voltar ao mar e fazendo entender o seu intento, encontrava oposição de seu amante, que a prendia nos braços sem querer desgarrar-se dela. Parecia resolvido a mantê-la para sempre junto dele.

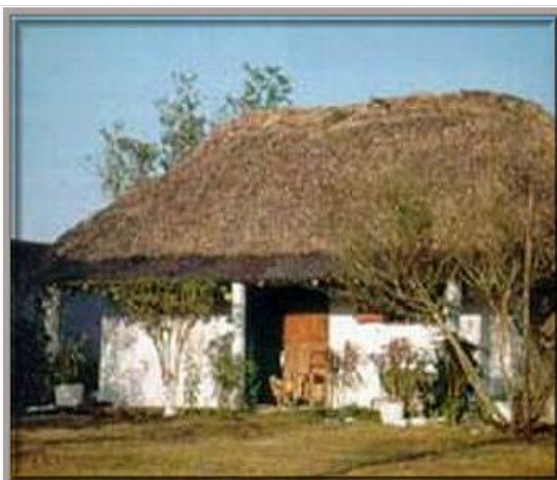
Compreendendo a situação em que se achava, a jovem passou a debater-se desesperadamente, querendo gritar mas sem conseguir desprender a voz, nem emitir um gemido sequer !

Na luta que se desenvolveu Marino percebeu-lhe, na boca exageradamente aberta, a garganta obstruída por enorme guelra vermelha, que nos peixes funciona como órgão respiratório. Instintivamente, sem vacilar um instante, introduzindo-lhe dois dedos na boca e num gesto rápido, volteando-os, estripou, esponjosa e sanguinolenta, a guelra que a impedia de falar, mas que lhe dava condições de viver mergulhada nas águas do oceano.

Foi então que de seu esconderijo os dois rapazes ouviram a jovem falar e perceberam que, trocando juras de amor, perfeito entendimento se estabeleceu entre eles: ela seria Ondina, filha das ondas e, casada com Marino, formariam, os dois, o venturoso lar dos Marinhos.

Logo mais, protegidos pela sombra da noite que descia alcoviteiramente, o jovem par encaminhou-se à Toninhas, à casinha nova coberta de sapé com beirais rendilhados de róseas trepadeiras - que Marino havia construído há pouco - e lá, como em todas as estórias, a família Marinho cresceu, multiplicou-se e viveu muitos e muitos anos, alegre e feliz.

Não posso afirmar, mas dizem que ainda há muitos Marinhos por aí ...



A Lenda de Sununga

Graciosa jovem de tez suavemente morena, olhos cinza esverdeados, farta cabeleira negra e ondulada, porte esbelto e curvas caprichosamente delineadas, **Marcelina**, até então alegre, forte e viva, de repente pareceu aniquilar-se, alimentando-se mal, perdendo as cores, visivelmente tímida, quase sem ânimo para as tarefas costumeiras e, de moda sumamente estranho, muitas vezes permanecia acomodada até alto dia, necessitando que alguém fosse alertá-la para que deixasse o leito.



Remédios já os havia tomado em grande quantidade, desde "vinho-composto" a chás de várias ervas, e até banhos de cozimento de folhas e flores já lhe haviam sido ministrados, mas nada resolvia. **Sinhá Anália** confienciava seus temores às amigas mais íntimas e estas procuravam afastar-lhe as preocupações: " Ah ! não é nada ... É da idade..., quantos anos ela tem ? Então tá aí, é da idade ! " Mas isso não tranqüilizava a apreensiva mãe que, interpelando a filha, revelando seus temores e fazendo indagações, recebia sempre respostas como esta:

- Que é isso mãe ? Estou boa, não sinto nada. A senhora está com medo só porque eu estou levantando um pouco mais tarde ? Só porque ando com pouca fome ? - e fingindo um sorriso - Se eu comesse muito aí a senhora ia achar ruim, é ou não é ?

Dias se passaram, tristes e apreensivos, até que certa madrugada, ao raiar do dia, Sinhá Anália, que passava noites inteiras quase em vigília, ouvindo soluços provenientes do quarto da filha para lá se dirigiu, encontrando-a abraçada ao travesseiro, abafando o pranto e murmurando palavras desconexas que pareciam ser: - Não ! Não vá... Não quero... espere...

A desolada mãe, atordoada com aquelas palavras sem sentido algum, não alertou a filha. Acomodou-se aos pés da cama e se pôs a rezar, pedindo a Deus que lhe desvendasse o mistério que aniquilava a filha.

De repente Marcelina começou a mover-se. Mui lentamente levou as mãos aos olhos como que procurando dissipar uma lágrima e depois, vendo a mãe ali postada, com voz entrecortada começou a falar:

"Que é isso, mãe? A senhora está aí? Está chorando? Ah, me perdoe... Eu sei... Eu estou fazendo a senhora sofrer... Mas... Não chore... Eu vou contar o que tá se passando comigo ! A senhora sabe a estória daquele bicho, daquele dragão que mora na Toca da Sununga, não é? Sabe, sim, porque todo o mundo sabe. Por que é que toda a gente deixou de passar por lá? Porque basta alguém chegar lá perto para o mar ficar bravo, chegando a jogar as ondas até

CONTINUA



CONTINUAÇÃO

na boca da toca, arrastando tudo, seja lá o que for que estiver por perto ! Pescador, esse então nem se fala, esse navega lá de longe, para mais de duzentas braças da praia e aí dele se chegar mais para perto ! Somem ele, a canoa, os apetrechos, some tudo, como já tem acontecido, é ou não é ? Todo o mundo sabe disso, todo o mundo fala, mas até hoje ninguém disse que viu o tal dragão.

Isto é, ninguém disse, não, porque o “seu” Antero viu, viu e me contou. Ele me disse que numa noite tava chegando de viagem e como era muito tarde pra chegar na casa dele, na praia das Sete Fontes, resolveu cortar caminho. Então foi andando por cima do morro, por trás daquela bruta pedra da toca. Mas aí, quando foi chegando perto, ouviu um rugido tão grande que se arrepiou todo ! Quis correr mais não pôde, parecia que estava grudado no chão ! Aí foi que ele viu o bicho que estava saindo da toca e andando pro lado dele ! Era um bicho horroroso ! De meio corpo para cima era que nem aquele dragão que a agente vê nos quadros de São Jorge, onde o santo está segurando uma lança ! o resto do corpo era que nem cobra, roliço, sem pernas, se arrastando no chão ! Aí, a lua que tava clara, limpa, iluminando tudo, se escondeu por trás de uma nuvem deixando tudo escuro que nem breu ! “Pronto, vou morrer !” - pensou ele. Fez o sinal da cruz, ajoelhou-se e começou a rezar o “Cremos Padre”. O bicho parou e foi se enrolando devagarinho, devagarinho, que nem cobra quando vai dar o bote, mas não fez isso, não. Ao contrário, fez a volta e foi sumindo no meio das árvores, pros lados da toca. Aí “seu” Antero me disse que pôde se desgarrar do chão e deu pra correr até chegar em casa, mais morto que vivo ! Lembra-se, mãe, daquele dia que o “seu” Antero me levou até à Maranduba pra assistir o casamento da Justina ? Pois foi naquele dia, no caminho - conversa vai, conversa vem - , que ele me contou essa estória do dragão de Sununga.



Mas não sei, mãe, não sei porque aquele homem me contou isso. Não sei... Desde aquele dia nunca mais me esqueci daquele dragão, me parecendo estar vendo ele em toda a parte, grande, gosmento, se arrastando no chão... Pra mim me parecia que ele tava na bica onde a gente lava a roupa... no caminho que vai pra venda do “seu” Galdino... no acero da roça... até no rancho de guardar as canoas, me parecia que ele tava lá ! Mas não tava, não ! Era bobagem, mãe... Mas sabe que eu não tinha medo ? Sabe que eu até tinha vontade de ver o tal dragão? Tinha mesmo ... Juro que tinha ... Pois uma noite - não foi sonho - eu tava acordada, tava acordada e vi quando ele veio sem fazer barulho, sem abrir a porta e entrou devagarinho aqui no meu quarto. Era o dragão, igualzinho, do mesmo jeito como o “seu” Antero me contou. Aí eu quis gritar pra senhora me acudir, mas quem diz que eu podia falar ? Quem diz que eu podia me mexer ? Aí o bicho foi chegando, chegando e ficando pequeno, tão pequeno que coube ali naquele canto da janela. Não demorou ele foi se enrolando, foi ficando do jeito de um tipiti bem grande e daí a pouco, mãe, aquilo foi virando gente e ficou do jeito de um moço, mas um moço bonito que Deus me perdoe - perdi o medo.



O moço ficou bastante tempo ali, de pé, me olhando com uns olhos azuis da cor do céu ! E se riu para mim ... Aí eu me ri pra ele e ele veio vindo, veio vindo, chegou perto de mim, passou a mão nos meus cabelos ... Depois sentou-se aqui na cama ... Depois... Depois ficou comigo ! Ou, mãe, ele foi embora só de manhãzinha, depois que o galo cantou três vezes ... E eu fiquei com tanta pena ... Tive até vontade de chorar ... E chorei, não tenho vergonha de contar, chorei mesmo ! Agora, mãe, não tenho vontade de trabalhar, nem de comer, nem de conversar, nem de nada. Minha vontade é de ficar aqui no quarto, de porta fechada esperando que a noite chegue e o bicho venha e se vire no moço bonito, pra ficar comigo até de manhãzinha.

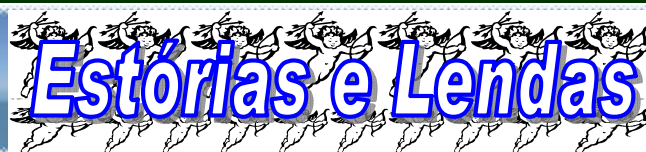
Ainda há pouco, mãe, eu tava chorando. Tava chorando porque ele tava indo embora sem querer me ouvir. Eu tava pedindo pra ele ficar, mas ele nem ligou ... Toda a vez que vem aqui, vai embora antes do dia clarear. Não adianta pedir, não adianta chorar, ele não liga e vai embora. Então, é como já disse, eu fico aqui sozinha, pensando nele, até que volte outra vez pra ficar comigo ...

Esta revelação Sinhá Anália ouviu-a no auge do desespero, quase arrastada às raías da loucura. Mas, que fazer? A quem apelar ? Nada mais lhe restava senão rezar e pedir a parentes e amigos que fizessem o mesmo, a fim de que um milagre a livrasse de tão iníqua provação.

Passava o tempo, quando certo dia bateu-lhe à porta um trôpego velhinho - Talvez um monge, envolvido num manto andrajoso - que, com voz sumida e rouca pediu-lhe alguma coisa para comer, bastava um pedaço de pão com que pudessem mitigar a fome que lhe corroia as entranhas. Sinhá Anália, amargurada mãe que sofria tanto, ainda encontrou fibras sensíveis em seu coração para se compadecer do misero viandante, faminto, maltrapilho e exausto. Fazendo-o entrar, agasalhou-o, deu-lhe de comer e depois de reanimá-lo, atendendo às suas indagações, relatou todo o infortúnio, toda a razão da tristeza que consternava aquela casa.



CONTINUA



CONTINUAÇÃO

O velhinho ouviu-a, imoto, impassível, como em prece, como que absorto em pensamentos distantes. Finda a narrativa, fez sinhá Anália sentar-se junto dele e revelou-lhe que, há muito, bem longe dali, em sua peregrinação, já ouviu falar do monstro satânico que atormentava a população daquele bairro. Justamente por isso é que ali viera, por inspiração divina, a fim de libertá-la da opressão que lhe infringia o Espírito do Mal.

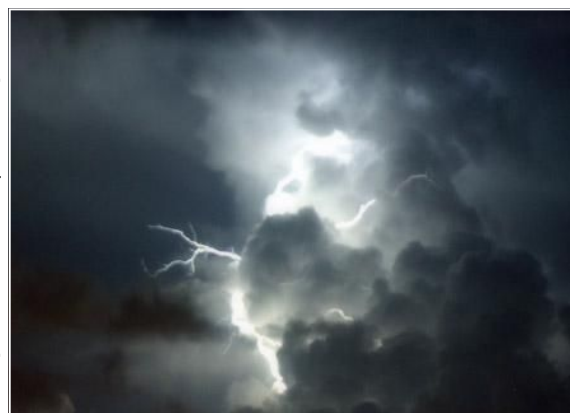
Essa revelação ocorreu célere pela redondeza, reunindo considerável multidão que, certo dia, sem temor acompanhou o venerável ancião na caminhada que fez em direção à toca que abrigava o dragão de sununga.

Caminhavam todos trôpegos, arfando, escalando a encosta pedregosa até atingir o cimo do íngreme penedo que recobre a desmedida gruta. Ali chegando, o monge ergueu os braços num largo e lento gesto do sinal da cruz, e ao murmúrio de piedosa prece, espargiu por sobre a pedra a água que levava num pequenino púcaro.

Naquele instante um trovão violento fez estremecer a terra, atordoando a multidão em prece ! O mar, rugindo em doidas convulsões, projetou-se violento contra a impassibilidade das rochas, para retroceder, abrindo-se ao meio, bem em frente à toca, dando passagem ao monstro apocalíptico que por ali avançou rugindo, sumindo ao longe, na profundidade das águas !



Nunca mais se teve notícia do dragão de Sununga. De Marcelina, sabemos que embora arredia, taciturna, ainda viveu por longo tempo, conservando traços da rapariga que fora “de tez suavemente morena e olhos cinza esverdeados, farta cabeleira negra e ondulada”, e mantendo o “porte esbelto e curvas caprichosamente delineadas”.



Hoje, quem se postar no interior da lendária gruta, perceberá cair lá de cima, das ranhuras da pedra, uma seqüência de pequeninas gotas que se infiltram na areia branca e fina que alcatifa o chão.

Dizem alguns, que são remanescentes gotas de água benta espargida pelo monge, que ainda caem, a fim de que o dragão jamais possa voltar.

Outros, porém, afirmam que são lágrimas de Marcelina, que lá voltou muitas vezes, na esperança de que o dragão, feito moço bonito, ainda voltasse, para ficar com ela a noite inteira, até os primeiros alvares da manhã !

Um outro escritor nos presenteia com duas lendas maravilhosas “Júlio César Mendes”

Lenda: O Boi de Concha

Filho do boi Marujo com a vaca Sereia; nascera no dia 29 de Junho, dia de São Pedro Pescador.

Ao ver Cipriano, o bichinho deu um mugido parecendo som de ratambufe. - Ratambufe * !

- Isso mesmo, você vai se chamar Ratambufe ! Esse mugido tá parecendo o ratambufe do Domingos Anagro, batendo em dia de carnaval.

- Você é forte, bonito e tem jeito de ser um bom carreador !

- Você nasceu no dia de São Pedro Pescador, não é ? Vou levá-lo para conhecer o mar ! - Você vai ver que beleza que é o mar !

- Está ouvindo Ratambufe ?

O recém nascido bezerro, parecendo que entender, fitava a promessa do velho Cipriano.

Ratambufe era um boizinho quase que inteiramente branco, apenas o rabo era preto, e destacava-se uma mancha preta na testa com formato de concha. Cipriano era um tropeiro do Bairro de São Luiz do Paraitinga que comercializava em Ubatuba. Descia e subia a serra semanalmente, trazendo produtos como: queijo, farinha de milho, carne seca, carne de porco e também comercializava animais como cavalo, boi, galinha, pato, cabrito e porco. Dos produtos que levava, de Ubatuba, era a farinha de mandioca, banana e principalmente o peixe seco.

Ratambufe foi crescendo e ouvindo as promessas de seu dono que iria lhe mostrar o mar. O que seria o mar ? O que seria as gaivotas, as conchas, os peixes, os Guaroçás... que Cipriano sempre falava ? Ratambufe cresceu ouvindo falar do mar e das coisas do mar... Para Ratambufe o mar seria o céu, o paraíso.

Dois anos se passaram e era o mais lindo animal de Cipriano, era um boi forte, robusto, inteligente e o que mais importava era seu peso.



CONTINUA



CONTINUAÇÃO

Cipriano, como bom comerciante que era, tinha na verdade outras intenções; desceria a serra com o boi, indo diretamente para o matadouro, venderia sua carne e ganharia um bom dinheiro.

O matadouro ficava no final da Rua Cel. Ernesto de Oliveira e final também da Rua Alfredo de Araújo, no mais tardar o boi chegaria às nove horas da manhã.

- É amanhã, Ratambufe ! Amanhã você vai conhecer o mar !

Assim aconteceu. No mirante da serra, no descanso do [Tuniquinho](#), pela primeira vez Ratambufe viu o mar. Lá de cima da serra avistou aquela imensidão de águas azuis.

- Tá vendo Ratambufe ? Lá é o mar, lá estão os peixes, as conchas e as sereias, é lá que mora São Pedro Pescador ! Falava Cipriano ao seu animal.

Ratambufe parecia entender e completamente hipnotizado não tirava os olhos daquela imensidão de águas azuis que brilhava com os raios do sol.

- Caaaalma Ratambufe, você vai ver o mar de perto ! Caaaalma ! Fez, Cipriano, mais essa promessa a seu boi.

A descida da serra foi tranqüila, por entre grotas e cachoeiras, sob as sombras de manacás e brecuíbas, ao som de arapongas e tangerás, ... coisas que Ratambufe, em seus dois anos de vida, nunca tinha apreciado.

O animal parecia ansioso, está chegando, o Mar não vai fugir ! Alertava Cipriano.

... Cipriano se arrependeu, e se arrependeu muito ...

- Olha Malvina ! Eu vi, eu juro que vi !

- Você está ficando doido, Lindolfo ! Você bebeu ? Onde já se viu um boi sair de dentro do mar !

- Você sabe que eu não bebo, Malvina ! Eu vi ! Vi com esses olhos que a terra há de comer ! Eu estava tocando minha viola em baixo da amendoeira do cruzeiro, quando apareceu aquele vulto branco vindo lá da Prainha do Matarazzo. Eu pensava que era um barco, mas não era. O bicho veio ao som da minha viola, veio vindo, veio vindo e ficou diante de meus olhos, no lagamar. Eu vi ! O bicho era todinho branco, todinho coberto com conchas, tinha uma mancha preta na testa e o rabo preto. Brilhava com a ardência, parecia um ser encantado; vinha acompanhado por tudo o que é peixe do mar, botos e cavalos marinhos ! Foi a coisa mais bonita que já vi em toda a minha vida, Malvina !

- Olha Lindolfo, você bebeu ou a pimenta daquele pirão que você comeu de noite não lhe fez bem ! Onde já se viu uma estória dessas, homem ? Você está ficando louco !

Não tinha como fazer com que Vovó Malvina acreditasse naquela estória ... E vovô continuava.

- Olha Malvina ! Coisa de um mês atrás, o compadre Zé Capão me veio com essa mesma estória, de que viu sair do mar um boizinho coberto de conchas; não teve como eu acreditar, e ainda falei para o compadre que ele está bêbado !!! Pois é Malvina, agora o bicho me apareceu ! Acredite se você quiser !

- Não dá para acreditar, Lindolfo ! Não dá !!!

- Puxe um pouco pela memória, Malvina ! Você lembra daquele caso que aconteceu com o Cipriano ? Você lembra daquele boi branco que ele trouxe do Bairro Alto, para matar no matadouro ? Você lembra o que aconteceu com o boi ?

- Ouvi dizer que o boi tomou a dianteira e foi para a praia, entrou no mar e morreu afogado !

- Foi justamente isso Malvina; ao chegar perto do mar, o boi travou as pernas e ficou olhando para o horizonte do mar, de vez em quando balançava a cabeça, parecia que estava ouvindo um som, algum canto diferente, de repente o boi caminhou e entrou no mar, e o que se sabe é que o bicho nunca mais apareceu. Não se sabe se morreu ou se viveu, pois nunca acharam uma parte sequer do bicho; nem couro, nem pêlo, nem chifre ! Dizia o Cipriano que ele vivia falando para o boi da beleza que era o mar e de tudo que tinha no mar... Essa estória de mar era papo de Cipriano... O boi sabia disso ! Quando o bicho viu o mar e sentiu a maresia, ficou alucinado, deu uma loucura que o bicho desapareceu mar adentro; nunca mais apareceu. Pescadores do local falaram que foi um chamado de São Pedro, outros diziam que era o canto das Sereias. Foi São Pedro o Pescador ! Foi o canto das Sereias !

Malvina agora mostrava interesse pelo fato e já fazia ligação das estórias.

- Será Lindolfo, que o boi que você viu aparecer é o boi do Cipriano que sumiu no mar ?

- Olha Malvina ! Não só eu, mas também o compadre Zé Capão está achando !

- É Lindolfo! Veio-me agora uma lembrança. Eu lembro muito bem que, quando você, juntamente com seu irmão e demais amigos se reuniam na campina para fazerem suas serestas, nas noites de luar ou de garoa fina, os animais dos tropeiros (cavalos, bois, cabritos) que pastavam ao redor, vinham se aconchegar junto à cerca para ouvir as músicas tocadas pelos seresteiros, dando-lhes descanso e conforto.

- É Malvina, isso é comprovado !!!

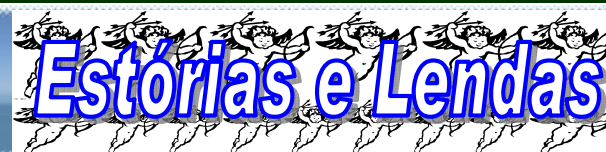
O BOI DE CONCHAS, foi uma aparição aos olhos de Zé Capão e de vovô Lindolfo.

Para Zé Capão o boi aparecia em suas pescarias de robalos, na boca da barra do rio Grande, e, para o vovô Lindolfo, o boi aparecia toda a vez que ele dedilhava sua viola aos pés da amendoeira da praia do Cruzeiro.

Fica aqui registrado, a LENDA DO BOI DE CONCHAS, que vovô contava quando eu era criança; uma lenda que eu agora levo a público, e que fique fazendo parte das demais lendas da cultura da cidade de Ubatuba, que já não são levadas às crianças e muito menos ensinadas nas escolas.

Júlio César Mendes

A SEGUIR “A Lenda Do “Boi de Conchas” II



Lenda: "O Boi de Conchas II"

- Ratambufe !
- Isso mesmo, você vai se chamar Ratambufe !

Esse mugido tá parecendo o som de um ratambufe. Você nasceu no dia de São Pedro Pescador, não é ? Vou levá-lo para conhecer o mar ! Você vai ver que beleza que é o mar. Está ouvindo Ratambufe ?

O recém nascido bezerro fitava a promessa do Velho Cipriano. Ratambufe era um bozinho quase que inteiramente branco. Cipriano era um tropeiro do Bairro Alto de São Luiz do Paraitinga que comercializava em Ubatuba. Descia e subia a serra semanalmente, trazendo e levando mercadorias.

Ratambufe foi crescendo e ouvindo as promessas de seu dono que iria lhe mostrar o mar. O que seria o mar ? O que seria as gaivotas, os peixes, os guaroás... que Cipriano falava? Ratambufe cresceu ouvindo falar do mar ...

- É amanhã, Ratambufe ! Amanhã você vai conhecer o mar !

Essa história de MAR era conversa para boi dormir; Cipriano, como bom comerciante que era, levaria o boi para o matadouro. E no fundo o boi sentia sua morte num matadouro.

A descida da serra foi tranqüila, por entre grotas e cachoeiras, sob as sombras de breuibas e manacás, ao som de arapongas e tangarás...

O animal, fascinado e ansioso fazia a tropa acelerar os passos.

- Caaaalma Ratambufe, está chegando ! Alertava Cipriano.

... Cipriano se arrependeu, e se arrependeu muito ...

- Olha, Malvina ! Eu vi, eu juro que eu vi !

- Você está ficando doido, Lindolfo ! Onde já se viu um boi sair de dentro do mar ?

- Você sabe que eu não bebo, Malvina ! Eu vi ! Eu estava tocando minha viola na beira da praia quando apareceu aquele vulto branco. O bicho veio ao som da minha viola , veio vindo e ficou diante de meus olhos, no lagamar. Eu vi ! O bicho era todinho coberto com conchas. Brilhava com a florescência da ardentia.

- Olha Lindolfo, não dá para acreditar. Não dá !!!

- Puxe um pouco pela memória, Malvina ! Você lembra daquele boi branco que o Cipriano trouxe do Bairro Alto ? Você lembra o que aconteceu com o boi ?

- Ouvi falar que o boi entrou no mar e morreu afogado !

- Foi justamente isso Malvina. O boi vinha para o matadouro, mas foi direto para a praia; ao chegar perto do mar o boi travou as pernas e ficou olhando para o horizonte do mar, parecia que estava ouvindo um som, algum canto diferente, de repente, o boi caminhou e entrou no mar, e o que se sabe é que o bicho nunca mais apareceu. Dizia o Cipriano que ele vivia falando para o boi a beleza que era o mar ... Quando o bicho viu o mar de perto e sentiu a maresia, ficou alucinado, deu uma loucura que o bicho desapareceu mar adentro; nunca mais apareceu.

Pescadores diziam que era o canto das Sereias. O boi foi atraído pelo canto das Sereias !!!

- É Malvina, isso é fato comprovado !!!
- O BOI DE CONCHAS foi uma aparição aos olhos do vovô Lindolfo e a muitos outros pescadores. Para o vovô Lindolfo, o boi aparecia toda a vez que ele dedilhava a viola aos pés da amendoeira da praia do Cruzeiro.

Fica aí registrado, a Lenda do Boi de Conchas, que vovô me contava quando eu era criança. Acredite ou não, o boi aparecerá, saindo do mar toda a vez que se fizer ouvir o som de viola, pandeiro, ratambufe, ...

(*) RATAMBUFE: Instrumento tipicamente Ubatubano, inventado pelo Caiçara Domingos Anagro, nos carnavais da década de 1940. Instrumento meio de percussão, meio de fricção; constituído de um pau de madeira roliça, onde na parte superior prendem-se chocalhos de conchas. Amarrado ao pau, estica-se um arame que passa pela boca de uma lata pregada ao mesmo pau. O som era produzido por um reco-reco de bambu que era esfregado no arame. Esse instrumento produz um som parecendo berro de bezerro com rolar de conchas em beira de lagamar.



Muitas são as lendas, caiçaras se reúnem, e sempre causos e estórias rolam, nas animadas conversas de fins de tarde. Nossa intenção ao estar publicando-as não é mais do que, podermos levar de uma forma direta e clara aos alunos de nossas escolas, a nossa crianças, estórias e causos genuinamente brasileiros; assim, incutindo em seus espíritos o valor das coisas da nossa terra no desenvolvimento da cidadania brasileira.

A seguir mais algumas estórias e lendas do nosso Litoral Norte, que como sugestão literária, poderão ser matéria de discussão em sala de aula e tema para redações.

CONTINUA



São Sebastião

Estórias e Lendas

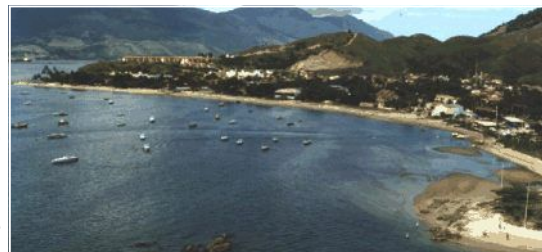
São Sebastião também nos presenteia com estórias e lendas maravilhosas. A seguir iremos descrever algumas delas, em sintaxes para que sirvam de tema para o desenvolvimento de trabalhos escolares.

A Lenda do Pontal da Cruz

Conta-se que morava na praia do Pontal da Cruz um pescador, com a família. Sua filha namorava um caçara de ilhabela. Todos os dias ele atravessava o canal de São Sebastião em seu pequeno barco e do outro lado de lá, ambos ficavam horas, sobre as pedras a conversar.

Certa vez apareceu um nobre da corte e seduziu a jovem. No dia seguinte o namorado não a encontrou no local de costume; se informou, soube do acontecido e retornou muito triste para Ilhabela, tendo, deixado a frágil canoa á deriva. Armou-se um temporal e o pobre caçara naufragou e as ondas levaram seu corpo de encontro às pedras, onde ali havia trocado juras de amor com sua amada.

Como os habitantes gostavam muito dele, pessoa bem afeiçãoada e honesta, ali armaram uma cruz em sua homenagem. Logo depois teriam nascido ali dois abricoeiros entrelaçados na cruz, que segundo contam seriam os dois jovens; a moça iludida e o moço apaixonado.



A Lenda do Santo que pecou...

Em São Sebastião morava um homem que se chamava Benedito Lopes. Homem bravo, este caçara era temido por todos, nas redondezas, especialmente quando bebia. Ficava agressivo, brigava com todo o mundo, xingava e pior, sempre que passava em frente à Igreja Matriz ele insultava São Sebastião, com palavrões.

O padre, preocupado, dava constantes conselhos a Benedito Lopes, explicava-lhe que além de ser feio, um dia São Sebastião, santo paciente e perdoador, um dia poderia perder a paciência e castigá-lo. Mas não adiantava, sempre que passava em frente à Igreja as ofensas e os palavrões saíam abundantemente e sem temor. Não adiantava o padre o aconselhar que ele não o ouvia.

Certo dia Benedito Lopes foi encontrado morto na frente da igreja.

Quem poderia ter feito isso com o Benedito ? ... Corre o boato; será que foi o santo ?

Bem dito e bem feito, o Santo foi acusado pelo povo por ter assassinado o Benedito e foi a julgamento.

Depois de dois dias de julgamento e de prestar depoimento, o Santo, foi condenado a cinco anos de prisão.

Durante cinco anos o Santo ficou preso na cadeia local e só saía para as procissões e, assim mesmo, escoltado por policiais.

Após ter cumprido os cinco anos de prisão, o Santo foi solto e então pôde voltar a seu altar, livre e em paz, na Capela de São Gonçalo.



A Lenda do Amor

(Segunda versão da Lenda da Praia do Pontal da Cruz)

Vivia na Praia do Pontal da Cruz uma linda moça. Todos por aqueles lugares a admiravam, pois por sua beleza, bondade e educação, era grande sua fama em toda a São Sebastião.

Um dia, ela se enamorou de um belo rapaz.

Ele morava em Ilhabela. Moço bem aparentado, forte, responsável e corajoso.

Entre os dois foi nascendo um amor muito bonito. Todas as tardes o rapaz pegava sua canoa e atravessava o canal e se encontrava com a moça em um rochedo que ainda pode ser visto na Praia do Pontal da Cruz, onde permaneciam por longo tempo, olhando o mar e trocando juras de amor, vivendo todos os momentos intensamente; eram muito felizes.

Um certo dia apareceu pelas redondezas um moço da corte, muito rico e que logo se apaixonou por aquela linda e formosa moça de beleza, educação e bondade, incomparáveis.

O moço da corte lhe prometeu casamento, riqueza, amor e felicidade.

Ingênua como era mas, honesta e bondosa e sobretudo educada, ficou dividida entre as amabilidades do moço da corte e o seu amor, o rapaz simples mas amoroso da Ilhabela.

Esta dúvida levou-a a adoecer.

Desesperado, vendo sua amanhã piorar e definhar a cada dia, o rapaz da Ilha, depois de muito procurar remédios, tomou sua decisão.

Em um dia de forte ventania, o rapaz pegou sua canoa e remou até ao centro do canal e se deixou ficar à deriva. - Se sua doença é motivada pela dúvida, sem mim, minha amada ficará livre para decidir e ser feliz...

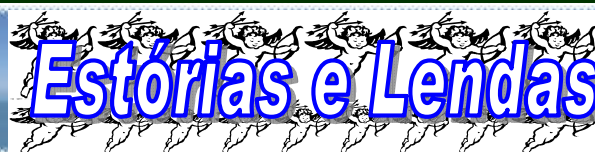
Passaram-se dois dias e ninguém tinha notícias do rapaz da Ilha. Continuaram-se as buscas e dias depois foi encontrado morto nos rochedos do Pontal da Cruz.

A moça já debilitada, não agüentou a notícia e veio a falecer dois dias depois.

No rochedo, local de muito amor, alguém construiu uma cruz. Em torno dessa cruz cresceram dois abricoeiros entrelaçados que simbolizam o amor desses dois apaixonados.



CONTINUA



A Lenda das bruxas

Antigamente dizia-se que as bruxas, à noite, saíam à procura de crianças recém-nascidas para se alimentarem com seu sangue. As mães, com medo, colocavam debaixo do travesseiro onde a criança dormia, uma tesoura aberta. Acreditavam que assim espantavam as bruxas. Diziam também que se, por um acaso, a bruxa conseguisse chupar o sangue de alguma criança, esta era encontrada, de manhã, só pele e osso.

Numa praia de São Sebastião morava um senhor que tinha muitos filhos. Ele, era encarregado de cuidar de um rancho que tinha uma canoa muito grande e bonita. Todo o dia de manhã, bem cedo, ele ia ao rancho. Certo dia, de manhã, ele encontrou a canoa, que fazia questão de sempre estar bem limpa, toda suja de areia e melada de sal. Preocupado, perguntou aos filhos se tinham saído à noite para pescar. Os meninos, intrigados, disseram que não.

Uma semana se passou e, o senhor, todo o dia de manhã, encontrava a canoa suja e molhada. Preocupado, resolveu, ficar na tocaia afim de descobrir o que acontecia com a canoa.

Certa noite ele se escondeu na canoa, cobrindo-se com uma lona, ficando de vigília, esperando em silêncio. Quando estava quase pegando no sono, sentiu a canoa estremecer, cair na água e sair mar a fora.

Curioso, ele levantou um pouquinho a lona e viu quatro mulheres muito feias, vestidas de negro, de cabelos longos ao vento. - Onde estariam indo?

Depois de um certo tempo, sentiu a canoa encalhar numa praia. Escondido e sem se fazer sentir, viu as mulheres se apearem da canoa e sumirem na praia.

Após umas duas ou três horas e, quando retornaram, vinham conversando, coisa que até então não tinha acontecido, pois durante a travessia e sua saída do barco, eles se tinham mantido em silêncio absoluto.

Rindo, uma perguntou à outra, qual a quantidade de crianças que ela havia conseguido chupar o umbigo. A outra, respondeu, também rindo, que havia conseguido deixar umas duas ou três crianças em pele e osso.

Ouvindo esta conversa, descobriu que as bruxas usavam sua canoa, para saírem à noite e praticarem seus perversos hábitos de chupar crianças.

Com medo, ele se escondeu mais, em seu esconderijo, na canoa.

Quando chegaram ao rancho, as mulheres saíram da canoa e partiram; Ao se certificar que estava fora de perigo, saiu de seu esconderijo, na canoa e se dirigiu para casa em grande correria, afim de contar tudo para sua família.

Em virtude de tal fato, o senhor e sua família, resolveram amarrar a canoa a uma grande árvore que ficava na lagoa, com uma grossa corrente e um forte cadeado, afim de que as bruxas não mais pudessem utilizar em seus atos tão macabros.

A Lenda do Mau Agouro

O povo do Litoral acredita que se uma pessoa ficar falando constantemente uma palavra infeliz ou praguejando, atraí para si e para com consigo está, energias negativas. Muitas são as palavras negativas, entre elas, as mais faladas são: desgracia, maldito, inferno, azar, etc...

No Bairro de São Francisco, na cidade de São Sebastião, existia um homem, de nome Zé Bastos, que constantemente praguejava. Era um pescador muito corajoso, trabalhador e não tinha medo de nada. Toda a madrugada era chamado por seu amigo Constantino para pescar. Amigos inseparáveis, no trabalho e nos longos papos, das horas vagas.

Era costume de Constantino, todas as noites, chamar seus colegas, pescadores, de casa em casa, para saírem para o mar, buscando o alimento para suas famílias.

Certa noite de Lua Cheia, indo chamar o Zé Bastos, que era mestre de rede, apareceu à sua frente, um homem estranho. Por mais que Constantino andasse e se esforça-se para alcançar o homem, todo de negro vestido, não conseguia alcançá-lo. Estranho !

Saindo da rua principal, dobrando a esquina, o homem de preto, ia na mesma direção de Constantino, estavam na Rua do Fogo, perto da casa de Zé Bastos. Mal Constantino chegou perto da casa de Zé Bastos, o homem de negro desapareceu. - Melhor assim, pensou.

Zé Bastos gostava de ser chamado delicadamente, assim não perdia o bom humor. Sabendo disto, Constantino, olhou primeiro por um buraco existente na parede de barro, para depois chamá-lo em voz baixa e pausada.

Meu Deus ! O que é isso ??? - No quarto de Zé Bastos estava o homem de negro, com os dedos espetados no nariz de seu amigo, parecendo querer sufocá-lo.

CONTINUA





Assustado, Constantino, começou a gritar o nome do amigo, em alto e bom som, alertando-o. Zé Bastos, deu um pulo da cama, preparado para a briga, meio dormindo, meio acordado, não entendendo absolutamente nada, do que se estava passando.

De repente, não mais que de repente o homem de negro, havia sumido.

Contam, os antigos, que o homem de negro, nada mais era que a “desgraça” que tinha vindo buscar Zé Bastos, pois este vivia chamando-a, para que esta o levasse para o outro mundo.

Nesta noite, assim como pedira, ela havia vindo buscá-lo para a morte. No entanto, foi impedida por seu amigo, homem de boa índole e trabalhador e temente a Deus.

A Lenda da Procissão

O Povo de São Sebastião sempre teve em si, muita fé e devoção a seus Santos. Dias Santos geralmente eram comemorados, com procissões, festas, missas e quermesses.

No Bairro de São Francisco, morava uma mulher, que em uma noite de muito calor, não conseguia dormir e por isso resolveu, levantar-se e ir até à janela, tomar um pouco de ar fresco, uma pequena aragem fresca vinha do mar. Ali postada, com sono mas confortável pela brisa que se fazia sentir, fixou seu olhar no céu, maravilhosamente estrelado e lindo.

Certa hora, ouviu uma cantoria. Era uma procissão, que vinha se aproximando. Todos cantavam e seguravam em suas mãos uma vela acesa.

Estranho ! - Era muito tarde da noite, para uma procissão e pelo que sabia não era nenhuma data especial.

Intrigada, a mulher ficou esperando a procissão passar em frente a sua janela. Quando a procissão chegou mais perto, uma sombra ela viu sair do meio do povo, que se deslocou até ela e lhe entregou uma vela.

Nossa ! Estava maravilhada, esta procissão e a mais bela, que já havia visto em toda a sua vida.

A procissão foi-se afastando, indo embora e, a mulher, sonhadora e sonolenta, olhou para a vela que estava em suas mãos. Só ai, exclamou !!!: Meu Deus !!! Nossa não é uma vela... Era uma canela de defunto.

O fato, logo correu de boca em boca. Depois deste fato, o povo passou a se recolher cedo e a sentir receio de sair de casa altas horas da noite.



A Gruta do Bicho

Guaecá é uma das mais belas praias de São Sebastião.

Nesta praia existe uma grande gruta. Sua entrada é bem ampla, mas ao se ir penetrando nela, ela vai se estreitando até ficar tão pequena que nada, nem ninguém mais consegue prosseguir. Das entranhas dessa gruta gotejam constantemente frias gotas de água.

Contam, que ali, há muito tempo atrás, habitava uma enorme serpente. Segundo contam, esta serpente atraía para ali, as embarcações para depois devorar toda a sua tripulação. Dado isto, as embarcações, procuravam navegar bem distantes desse lugar.

Neste período o Padre José de Anchieta, ao viajar de Bertioga para Ubatuba, ficou sabendo deste aterrador fato e da existência dessa serpente, através da tripulação da Caravela, que o trazia nesse percurso.

Intrigado, o Padre José de Anchieta, resolveu a veracidade dessa informação. Desembarcou em Barequeçaba, subiu o morro das sete voltas e ficou esperando, para ver a enorme serpente, de que lhe haviam falado antes.

Após algum tempo de espera, o monstro saiu da gruta. Era feio, enorme, horrorosa de meter medo. O Padre José de Anchieta, homem de fé e certo que de Deus estava a seu lado, não se intimidou.

Fez uma oração e espargiu água benta, que carregava junto a si, no corpo da horrorosa serpente. Ao ser atingida por essa água milagrosa, a serpente soltou um urro tenebroso e começou a vomitar o sangue dos naufragos que havia devorado nessa noite.

Padre José de Anchieta, continuou orando e espargindo água benta na serpente. A serpente não agüentou e numa atitude desesperada, acabou de sair da gruta e, se jogou no mar revolto. Dizem que nunca mais foi vista e também que nunca mais nenhuma embarcação foi atacada.

Fala-se em São Sebastião, que as gotas que caem dessa gruta, são milagrosas, resquícios da água benta jogada por José de Anchieta, que continua viva, protegendo o local, para que a serpente jamais volte a importunar os navegantes das praias de São Sebastião.

Segundo falam os moradores, a gruta é segura e pode ser visitada pois está sob a proteção de José de Anchieta.



CONTINUA



A Lenda do Boi que falou

Contam os antigos que há muito mas, muito tempo atrás, existia uma fazenda de cana-de-açúcar, nos arredores da cidade de São Sebastião, cujo proprietário era senhor de muitos escravos. No tempo certo, fazia-se necessário arar a terra para prepará-la para novo plantio.

Preocupado, pois já estava se fazendo tarde, resolveu trabalhar no dia de sexta-feira da paixão. Mandou chamar um de seus escravos, um negrinho muito mirrado e, ordenou que este fosse preparar o boi para o arado.

Assustado, o escravo falou para seu senhor, que aquele dia era santo e que nele não se podia trabalhar. o senhor, ameaçou mandar o negrinho para o pau de arara para que fosse açoitado.

Não restou ao pobre escravo, que aceder às ordens de seu dono e lá se foi ele colocar a carga no boi. Mas, o boi estava muito preguiçoso, não queria levantar de jeito nenhum mesmo que o neguinho tenha feito de tudo, ele teimava em sair do lugar. De repente, o neguinho, escutou uma voz que dizia: “[O boi de Salinas também cansa!](#)”

Saiu correndo da cocheira em direção à Casa Grande, afim de contar a seu amo que o boi havia falado. Do mesmo jeito que chegou, voltou para a cocheira, sob a ameaça, de receber no lombo cinquenta chibatadas, já que não deram crédito a suas palavras.

Nova tentativa de fazer o boi levantar e nada. Pior ainda, além de não levantar, falou “[Até hoje?](#)”. Dessa vez, foi demais para o neguinho que sentenciou: Se o sinhô quiser trabalhar no dia santo, então ele que fosse fazer o boi se levantar. Correu de novo até à Casa Grande e contou o novo caso.

O senhor do engenho, muito bravo, resolveu ele mesmo ir até ao curral, verificar a situação, e ele mesmo levantar o boi. Ao chegar na cocheira, de forma rude, instigou o boi a se levantar. Como já havia ocorrido com o fiel escravo, o boi não deu qualquer sinal de que tencionava se levantar, e voltou a dizer “[Até hoje?](#)”

Assustado, boquiaberto, o senhor do engenho, fez por diversas vezes o sinal da cruz e resolveu que, nunca mais tentaria trabalhar em dia santo.



A Lenda da Criança

Muito tempo atrás, a vida no Litoral Norte era precária, as casas eram rústicas, o atendimento médico era inexistente, o deslocamento das pessoas mais difícil ainda, em virtude do mesmo se ter que dar ou por mar ou então por trilhas, mato adentro, dada a inexistência de estradas. Por esses motivos, muitas pessoas morriam por falta de atendimento médico. Assim, em cada povoado, existia uma parteira. As parteiras eram pessoas que se dispunham através de métodos rústicos, a ajudar a trazer ao mundo a maioria das crianças. Trabalho este feito com muito amor e devoção muitas das vezes sem esperar nada em troca, senão a alegria de ajudar na chegada de uma nova vida.

Por falta de condições básicas, a mortalidade infantil era muito grande. Às vezes umas sobreviviam e outras não. Sendo que aquelas que faleciam, na maioria das vezes não recebiam qualquer tipo de assistência espiritual.

No Bairro de São Francisco, na cidade de São Sebastião, morava uma família, conhecida nas redondezas por sua felicidade e sua união. O casal tinha tido o seu primeiro filho, que havia nascido forte, com muita saúde e com uma beleza singular. Dom Maria, a mãe desta família, tratava esse filho com muito cuidado e o cercava de muito carinho.

Certa noite o menino chorava. D. Maria se levantou para ver o que acontecia e percebeu que a criança estava com a fralda encharcada. Acalmada, a criança, ao ser pega no colo, parou de chorar; enquanto D. Maria trocava a fralda de seu filho, um choro de criança se fez ouvir. Olhou para o filho e viu que ele estava tranquilo. - Estranho !

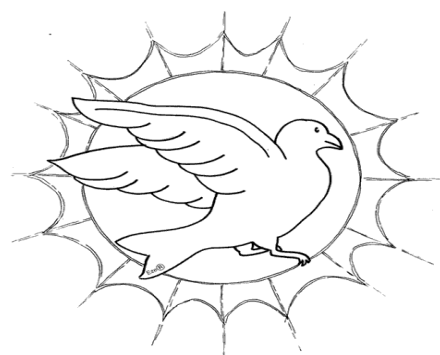
De onde vinha aquele choro de criança ? Não demorou muito e percebeu que ele vinha da rua.

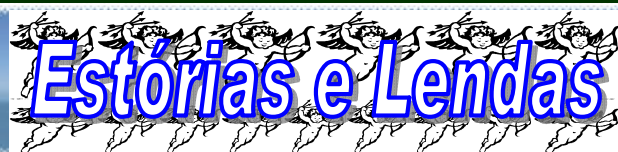
Preocupada, resolveu ir até sua janela para ver o porquê daquele choro. Por incrível que possa parecer D. Maria foi acometida de tão grande susto que, não conseguia se mover do lugar onde se encontrava; e pior, começou a se sentir enorme e muito pesada.

Este mal-estar perdurou até ao momento em que o choro cessou e deixou de ser ouvido.

Nessa noite, D. Maria não mais conseguiu dormir. Ficou esperando amanhecer, para perguntar a sua mãe o acontecido. Sua mãe, senhora de avançada idade, ouviu com serenidade o relato da filha.

A mulher, muito sábia, lhe explicou, que aquilo nada mais era, do que o lamento de uma criança, falecida e, que não havia recebido o batismo. Segundo a lenda, a criança morta só encontraria tranquilidade, quando alguém conseguisse batizá-la escutando seu lamento.





O Lobisomem

Na costa marítima de São Sebastião existem várias Ilhas, aliás um arquipélago, e dentre essas ilhas, quase que totalmente desabitadas, algumas são habitadas por poucos pescadores que sobrevivem basicamente da pesca.

Há muitos anos atrás, um pescador vivia da Ilha dos Gatos, solitário, com seu cachorro. Um cachorrinho vira-lata, companheiro, danado para latir e competente na guarda de sua casa. Qualquer coisinha, lá estava ele latindo... latindo... chamando a atenção de seu dono.

Certa noite, o pescador jantou **mexilhão**, única coisa, que havia conseguido pescar nesse dia. Após o jantar, jogou atrás da casa as cascas do mexilhão que havia jantado mais alguns restos que sobram. A noite estava quente e uma lua cheia, linda, mansa ornamentava o céu. Nessas noites era difícil dormir. Assim, o pescador ficou na janela observando a lua e o mar. De repente, seu cachorrinho co-



meçou a latir sem parar. E latia, latia, olhando para o mar e em seguida para seu dono. O pescador

procurou, se esforçando, ver na praia, algo ou alguém estranho. Mas, nada viu, no entanto, deu para descortinar lá no mar, uma canoa que se aproximava. - Quem será ? - Pensou o pescador...

A canoa encalhou-se na praia e dela saltou um cachorro enorme.

Cachorro não rema !!! Meu Deus ! Deve ser Lobisomem !!!

Com isto, assustado, imediatamente fechou a janela e se escondeu dentro de sua casa, ficando bem quieto.

Ouviu o cachorro se aproximar, ouviu ruídos ao redor de sua casa, juntamente com os latidos de seu cachorrinho. No entanto, com o ouvido bem atento, deu para perceber que o cachorrão estava comendo os restos que havia jogado de mexilhão. Espreitou pela fresta da janela e percebeu que

não era um cachorrão não, era sim o lobisomem, que devagar ia-se afastando de sua casa. Seu cachorrinho o acompanhou, latindo e pelo visto já se encontrava longe, o lobisomem, dado que os latidos do vira-lata cada vez se tornavam mais distantes.

Saiu bem devagarinho, sem fazer ruído e percebeu que a canoa ainda se encontrava na praia. Ficou na espreita e percebeu, algum tempo, depois, um vulto com o aspeto humano, entrar na canoa e remar em direção à Barra do Say. Depois de um certo tempo, intrigado, o pescador resolveu pegar sua canoa e seguir aquela criatura, pois queria se certificar quem era o infeliz.

Já era de manhã, quando finalmente chegou à Barra do Say. Desembarcou de sua canoa e entrou em uma vendinha.

Conversa vai, conversa vem, no balcão da venda, entre uma pinga e outra, o pescador puxou conversa sobre lobisomens. No entanto, um dos homens que estava bebendo, ao ouvir a conversa saiu zangado da venda.

Todos ficaram meio desconfiados e mais, ficou certo que o pescador havia chegado de canoa, logo atrás desse homem. Assim, todo o mundo ficou desconfiado que esse era o lobisomem que o havia importunado naquela noite em seu casebre.

No entanto, ficou na cabeça dos caiçaras a dúvida: Será que esse homem seria o tal lobisomem?

BIBLIOGRAFIA SOBRE A CIDADE DE SÃO SEBASTIÃO:

- Causos e Retratos de São Sebastião

Álvaro Dória, São José dos Campos, 1997

- Corrente Liberta, Tronco da terra, alforria na mão - Um estudo sobre a escravidão na Cidade de São Sebastião

Rosângela Dias da Ressurreição - Lorena - IEV nº. 91. abril, 1997

- Crônicas de Quarteirão

Fernando Palumbo (organizador) - São Sebastião, DEC/DPHC, 1993

- Famílias Antigas de São Sebastião e Vila Bela

João Gabriel Sant'Ana - São Paulo, RAM, v. CXXII, 1949

- Memória Histórica de São Sebastião

Antônio Paulino de Almeida - São Paulo, Revista de História, 1969

- Museu de Arte Sacra de São Sebastião

São Paulo, Condephaat/SEC, 1991

- Genealogia Sebastianense

João Gabriel Sant'Ana - São Paulo - Gráfica Sangirardi, 1976





Piratas - Corsários ou Contrabandistas ?

Como julgamos ser interesse o conhecimento de todas as opiniões, bem como análises e estudos, achamos por bem transcrever o artigo de Leandro Domingues Duran, mestre em história econômica pela FFLCH/USP. Maiores detalhes e outras informações:
<http://historiaehistoria.com.br>.

O propósito deste artigo é fornecer uma breve reflexão sobre a temática da “pirataria” e sua relação com os recessos de produção do conhecimento histórico sobre o que se convencionou chamar de “Brasil Colonial”. Nossa intenção, aqui, é a de contribuir para uma melhor compreensão desse fenômeno histórico que, como veremos, vem sendo muito mal interpretado pela grande maioria dos historiadores. Nesse sentido, o que propomos é o desenvolvimento de uma reflexão sobre a pretensa presença de “piratas” em Santos, tão apregoada pela historiografia e fortemente arraigada no imaginário e na memória coletiva de seus habitantes. Para isso, escolhemos três episódios históricos que costumam ser apontados como exemplos dessa política criminal, a saber: a viagem de Edward Fenton em 1583, o saque perpetrado por Cavendish em 1591 e o ataque de Spilbergen em 1615.

Piratas, historiadores e cronistas:

A questão da “pirataria” em Santos insere-se dentro de uma problemática maior que é a do tratamento dado pela historiografia às ações de caráter hostil envolvendo os conquistadores portugueses e indivíduos ditos “estrangeiros”. De um modo geral, o que poderemos dizer sobre essa historiografia é que ela peca por uma inconsistência na forma de tratamento da “pirataria”.

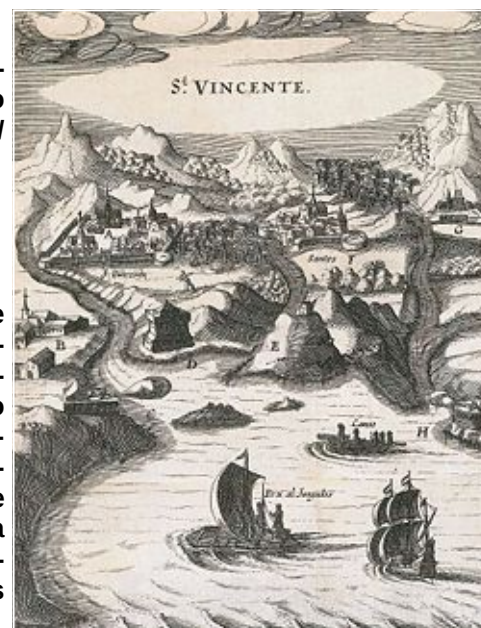
Condutas bem diferenciadas quanto à natureza da ação, a origem do sujeito que a praticava e principalmente, às circunstâncias em que a ação foi praticada, foram (e são) classificadas indistintamente, por ela, como atos de pirataria. Além disso, categorias diferentes como: piratas, corsários, traficantes, contrabandistas e comerciantes são constantemente associadas entre si, revelando claramente uma imprecisão ou inadequação no emprego das terminologias, bem como uma tendência para incentivar sua identificação com aspectos do senso comum. Para **José Honório Rodrigues**, por exemplo, em sua *“História da História do Brasil”*: “O contrabando francês do pau-brasil alimentara suas incursões ao território brasílico ... Eram navios corsários de aventureiros que faziam sem método e sem plano a exploração mercantil de pau-brasil” (2). O historiador **Sérgio Buarque de Holanda**, por sua vez, na *“História Geral da Civilização Brasileira”*, afirma em seu sub tópico “Comerciantes e corsários franceses” que : “... Já se sabe como vários comerciantes e também corsários franceses freqüentavam assiduamente águas brasileiras. Já em 1504 são assinaladas suas incursões...” (3); e, mais adiante: “Já se assinalou ... que o início da colonização portuguesa no Brasil foi em grande parte determinado pelo empenho da Coroa lusitana em sustar a atividade dos entrelopos e corsários da Bretanha e da Normandia, prejudiciais a seu monopólio. Acontecendo tanto aos ingleses quanto aos holandeses em suas investidas sobre o nosso litoral, não se limitando eles, como os primeiros, à prática de pirataria e do contrabando” (4).

O que temos então são corsários que traficam pau-brasil, comerciantes que são identificados como corsários, corsários que praticam pirataria, piratas contrabandistas, corsários que são piratas, etc... Não podemos colocar em um mesmo nível, como faz essa historiografia, experiências tão diversificadas como o saque do Recife por Lancaster (1594) e a viagem comercial do capitão Paulmier de Gonneville (1505). Este último, aliás, foi identificado pelo professor Sérgio Buarque de Holanda, tanto como um comerciante como um corsário.

Entendemos então que esta historiografia não estava (nem está) preocupada com as características que deveriam regular o enquadramento da ação como um ato de “pirataria”. O “pirata”, aqui, se dilui no meio de tantas outras classificações, o que faz com que ele perca sua identificação enquanto categoria e se transforma em uma terminologia cujo uso pode ser feito sem grandes ou maiores cuidados.

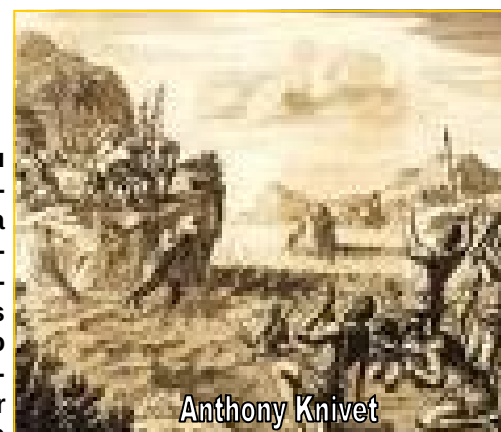
Desta forma o que percebemos nessa historiografia é que esse qualificativo acaba sendo empregado, algumas vezes, em situações que poderiam ser classificadas como “comerciais” e não para ações de “saque” e “pilhagem”, função prioritária da atividade pirática, onde a violência e a agressão eram os meios de sua realização. Sobre este particular o jurista Azcárraga y de Bustamante nos fala: “A pirataria supõe, em primeiro lugar, a existência de um barco no qual sua tripulação ou seus passageiros realizam atos de violência criminal sobre bens e pessoas, tais

CONTINUA



CAPITANIA DE SÃO VICENTE
Baixada Santista

Piratas - Corsários ou Contrabandistas ?



como ataques a barcos, raptos ou assassinatos, roubo total ou parcial de seu carregamento... O suposto pirata deve se armar e se prover de meios ofensivos..." (5). Se recorrermos ao próprio Sérgio Buarque de Holanda na História Geral da Civilização Brasileira, podemos observar que: "... não faltaram, é certo em nossos portos, ocasiões de combate a naus holandesas, mas há poucos indícios de que tais barcos trouxessem intuitos agressivos. Nos próprios relatos portugueses consta, por mais de vez, que foram eles atacados quando vinham fazer aguada. Ou então ... pretendiam simplesmente vender mercadorias, segundo o antigo uso, quando os saltaram" (6). Ainda que o autor mencione apenas os holandeses em sua argumentação, esta é uma situação que pode (e foi) estendida a todas as demais nacionalidades que, em determinado momento ou outro, pleitearam ou pretendiam pleitear "sua" parte no quinhão da exploração colonial em terra *brasílica*. Apesar dessa percepção, tais situações continuaram (e continuam) a ser classificadas indistintamente, pelo grosso da historiografia, sob a égide da pirataria.

Além disso, esses historiadores parecem não perceber ou simplesmente ignoram as implicações do uso indiscriminado do termo "pirataria". Não podemos nos esquecer que tal classificação carrega consigo uma depreciação moral muito intensa e, principalmente, garante àquele assim classificado, a punição através da pena capital. Ao "pirata", apenas a força ! Isso o distancia, por exemplo, da figura do corsário que, atuando sob as ordens ou com a autorização de um determinado estado, jamais poderia ser punido com a morte, devendo ser tratado como um elemento beligerante oficial. "Como vemos, a diferença de classificação representa uma total mudança nas consequências práticas das ações em questão; uma mudança que pode representar a diferença entre a vida e a morte.

O maior motivo desta conduta por parte da historiografia parece ser os seus vínculos estabelecidos com uma tradição portuguesa de legitimação da colonização e do seu direito de posse em relação às terras *brasílicas*. Assim, tomando as palavras de Gonçalves Dias na introdução da edição de 1849 da obra de Bernardo Pereira Barreto, "*Anais Históricos*", para essa historiografia, "O que é estrangeiro é vil e infame. Assim vê, nos Índios, bárbaros; nos Franceses, piratas; nos Holandeses, heréticos e sacrílegos ..." (7). Seja de forma deliberada, ou mesmo por simples omissão ou desconhecimento, o que esses cronistas e historiadores fizeram (e ainda fazem) foi transformar essa terminologia "pirata" em uma espécie de arma ideológica cujo principal papel era (e é) o de tornar ilegítima a história das pretensões e investidas dos demais Estados europeus dentro dos limites dos impérios marítimos ibéricos. Nas palavras de um cronista inglês do século XVI, Richard Hakluyt: "Mas, qualquer um está familiarizado, ao ler os autores portugueses e espanhóis das Índias Ocidentais, que eles consideram todas as outras nações como piratas, vagabundos e ladrões, quando visitam qualquer local que eles tenham navegado ou avistado." (8)

A identificação desses indivíduos "estrangeiros" como "piratas", garantia uma dupla possibilidade de ação para portugueses e espanhóis. por um lado, abria espaço para o estabelecimento de uma "política de terror" com a imediata condenação à morte desses empreendedores concorrentes. Por outro, instituía o risco sobre as mercadorias comercializadas por esses indivíduos, uma vez que para a doutrina jurídica da época, o "pirata", enquanto criminoso comum e inimigo de todas as nações, não possuía o direito de alterar títulos de propriedade. Isso quer dizer que toda e qualquer mercadoria adquirida desses indivíduos poderia, a qualquer momento, ser reclamada por seu dono original, recaindo o prejuízo sobre aquele que havia adquirido o produto.

Na citação feita acima, o inconformismo de Hakluyt com a forma de tratamento que era habitualmente dispensada por portugueses e espanhóis, aos súditos ingleses, encontra justificativa no fato de que o que estava realmente em jogo naquele momento eram visões diferenciadas quanto ao direito de posse de terras e mares desse novo mundo. A partilha do mundo feita entre Portugal e a Espanha, através do famoso "Tratado de Tordesilhas", era contestada pelas demais nações européias tanto no campo teórico quanto na prática. Nesse sentido, aqueles navegantes "estrangeiros" que desafiavam as pretensões ibéricas não aceitavam tal rotulação e atuavam embasados na crença de que suas ações eram respaldadas legalmente. Para esses indivíduos, as ações ibéricas é que deveriam ser entendidas como criminais na medida em que privavam, de forma incondicional, os homens comuns de direitos tidos como básicos e inalienáveis, principalmente, o direito de navegar e contatar livremente outros povos, e de estabelecer pacíficas e proveitosas relações comerciais.

FENTON, CAVENDISH e SPILBERGEN:

É nesse contexto histórico e historiográfico que se inserem os três episódios santistas mencionados no início deste artigo; todos eles devem sua classificação como atos de "pirataria" a esse processo descrito anteriormente, e não por causa de suas ações propriamente ditas. Tanto FENTON como SPILBERGEN, por exemplo, enquadram-se perfeitamente dentro daquele movimento identificado por Sérgio Buarque quando se refere aos navegantes holandeses que vinham em busca de refresco e comércio, quando foram atacados. Em nenhum momento essas expedições tiveram como objetivo primário o saque ou mesmo o ataque à cidade de Santos. Suas presenças se justificavam pela simples necessidade de reabastecimento ou, como se costumava chamar, de "aguada, antes do esforço final em direção ao

Piratas - Corsários ou Contrabandistas ?

Estreito de Magalhães. Os contatos iniciais dessas tripulações foram marcados por condutas amistosas, que nem sempre tiveram sua contrapartida do lado dos portugueses e espanhóis. É importante frisarmos que em ambos os casos, o que percebemos é que as atitudes hostis partiram inicialmente dos elementos ibéricos, cabendo a esses “visitantes” a autodefesa; no caso de FENTON, quando foi atacado pelos navios da frota de Diogo Flores de Valdéz, e no caso de Spilbergen, quando da sua primeira parada na Ilha Grande. É certo que existe uma diferença entre essas duas expedições na medida em que Fenton limitou-se ao revide das agressões, retirando-se do porto, enquanto que Spilbergen levou a situação a um outro patamar ao assumir a primazia do ataque, desembarcando tropas e pilhando o que achava necessário e economicamente atraente. Sabemos, através de relatos de ingleses participantes da viagem, que Fenton chegou também a cogitar o uso da força para garantir o reabastecimento de seus navios, o que, entretanto, acabou não se efetivando. O principal argumento utilizado, então, foi o de que os expedicionários não podiam usar de força para realizar suas pretensões comerciais, principalmente por conta das boas relações estabelecidas por viagens anteriores, como a do navio MINION, de Londres, em 1581. Aqui, mais uma vez temos a comprovação de que esta não era uma empresa “pirata”.



Mas o que dizer então da postura de Spilbergen ? Nossa posição é de que também ela não pode ser enquadrada como um ato de “pirataria”. O motivo para isso reside no fato de que as antigas tradições e códigos jurídicos marítimos medievais, que ainda respondiam, durante o período moderno, por boa parte da normalização de condutas nesse ambiente, permitiam que tripulantes necessitados se apropriassem, desde que com o devido pagamento, de víveres ou equipamentos náuticos vitais para a garantia de sua sobrevivência ou da continuidade da sua viagem (9). Esse era um costume previsto, por exemplo, nos textos ingleses dos Estatutos de Ofensas no mar de 1535 e 36 (10), e que também foi mencionado por Jean de Léry, em seu “Viagem à Terra do Brasil”: “Em verdade alegam os marinheiros, ao fazer com que os navios mercantes arriem velas, que lhes cabe o direito de ser supridos de víveres mediante pagamento, por se acharem necessitados em vista de andarem muito tempo sem tomar porto” (11). Impedidos de fazer valer tais direitos através de realizações comerciais amistosas, esses marinheiros se viram “autorizados” ao uso da força. Isso complica ainda mais a situação uma vez que, segundo essas mesmas tradições e códigos marítimos, a necessidade da conquista pelas armas gerava também, um direito de reparação, uma espécie de recompensa pelos perigos e possíveis perdas sofridas. Nas palavras de Richard Hawkins, um navegador inglês do século XVI que transitou por estas paragens e sofreu o mesmo tipo de associação com a “pirataria”: “ A pilhagem também só é permitida quando um navio é dominado pelo tilintar das espadas ... Se o navio só se der por vencido depois de uma abordagem à bala, o sangue derramado deve ser recompensado...” (12). Como se não bastasse, devemos lembrar que Spilbergen era holandês e desde 1581, as províncias do norte levavam a cabo uma luta de libertação frente ao domínio espanhol que, entre 1580 e 1640, também controlava Portugal e Brasil, graças ao processo de unificação Ibérico realizado por Felipe II. Talvez este tenha sido o fator determinante para Spilbergen, diferentemente de Fenton, optar pela intervenção armada a Santos.

Dos três episódios aqui abordados, a viagem de Cavendish é, certamente a que mais fortemente é associada com a prática de um ato de “pirataria”. Isso se deve basicamente ao fato de que, diferentemente das demais, essa expedição sempre pretendeu empreender o assalto e a conquista da Vila de Santos. Sua estratégia de aproximação, com a ultrapassagem da barra, que já se encontrava defendida por uma fortificação, na calada da noite, já revelaram suas reais intenções. Da mesma forma, ao contrário dos episódios anteriormente mencionados, a iniciativa de ataque sempre estava do lado dos ingleses. Além do reabastecimento, esses invasores procuravam também compensações econômicas, como fica evidente nos relatos dos marinheiros ingleses que lamentaram a falta de uma maior coordenação de ataque que impedisse a retirada da vila, por parte dos santistas, de boa parte das riquezas.

Apesar de todos esses ingredientes, o ataque perpetrado por Cavendish também não pode ser tido como um ato de “pirataria” por um motivo muito simples: a existência de uma guerra declarada entre Espanha, que nesse período dominava Portugal e todas as suas possessões coloniais, e Inglaterra.

Como bem observou o famoso navegador Inglês do século XVI, Richard Hawkins : “ Na Inglaterra... Uma vez proclamada a guerra, qualquer cidadão tem a liberdade de lutar com seus próprios barcos. Tem, entretanto, de armá-los e mantê-los sem auxílio pecuniário da coroa ... Os impostos só são pagos na volta e calculados em proporção ao lucro. Esta lei permite ao navegante se apossar do que quiser, entregando um quinto das riquezas conquistadas aos cofres da Marinha ... Também capacita ao comandante do navio ou frota a tratar como bem entender as coisas e os homens apreendidos... O livre empreendedor inglês não é um pirata sem escrúpulos ... ” (13). Desse modo, Cavendish deve ser visto como um “corsário”, e não como um “pirata”. Suas ações estão isentas do conteúdo criminal que se lhe quis imputar.

A título de conclusão, podemos dizer que esses não são exemplos isolados na historiografia confusa e pouco versada na questão da pirataria.

Piratas - Corsários ou Contrabandistas ?

De uma forma geral, o que percebemos é que a grande maioria dos casos que compõem a tradição histórica da pirataria colonial no Brasil não se sustenta a uma análise mais detalhada. Precisamos para com essa presunção de que apenas aqueles eventos relacionados com tentativas de uma efetiva ocupação territorial nos moldes colonizadores é que podem e devem ser tratados fora do âmbito criminal. Essa é uma visão que ainda vê na posse e uso da terra, a principal função e objetivo da sociedade do período moderno.

Esquecem-se, aqueles que assim o fazem, que essa foi uma sociedade essencialmente dominada pelas questões marítimas, cujo sucesso ou fracasso estava em grande medida atrelado ao seu desempenho nesse novo ambiente.



Assim sendo, a cultura marítima não pode ser relegada a um papel secundário, como vem ocorrendo, devendo estar presente de uma forma mais ativa nos estudos e preocupações de toda a historiografia que se propõe a analisar os complexos contextos da história colonial brasileira. Seus meandros, sua dinâmica funcional e seus princípios estruturais, aos quais pertence a "pirataria" (quando não determinantes) dentro dos processos histórico - culturais que marcam a "descoberta", a conquista e a formação de nossa sociedade.

BIBLIOGRAFIA:

AZCÁRRAGA Y DE BUSTAMANTE, José Luis de El corso marítimo - Cocepto, justificación e historia, Madrid: Instituto Francisco de Vitoria, 1950. (Col. de Estudos de Derecho Internacional Marítimo - Monografias, 01).

DURAN, Leandro Domingues. A construção da pirataria: o processo de formação do conceito de "pirata" durante o período moderno. São Paulo, 2000 (Mestrado - FFLCH-USP)

HAKLUYT, Richard (1589) The principal navigations, voyages, traffiques and discoveries of the English Nation. Cambridge: Hakluyt Society, (1965).

HOLANDA, Sérgio. As primeiras expedições. In: **HOLANDA, Sérgio Buarque de** (Dir.) História Geral da Civilização Brasileira, pp.89-95, São Paulo: Difusão Européia do Livro (Tomo 1).

HOLANDA, Sérgio; PANTALEÃO, Olga, Franceses, Holandeses e Ingleses no Brasil Quinhentista, In: **HOLANDA, Sérgio Buarque de** (Dir.) História Geral da Civilização Brasileira. pp. 147-175. São Paulo: Difusão Européia do Livro. (Tomo 1).

LÁRY, Jean de. Viagem à terra do Brasil (1578), Belo Horizonte: Ed.: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980. (Reconquista do Brasil v. 10).

RODRIGUES, José Honório. História da História do Brasil - Historiografia colonial. 2ª. Edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979. (Col. Brasiliana, v. 21).

RUBIN, Alfred P. - The law of piracy. Newport: Naval War College Press, 1988.

SAN MARTIN, E. (Ed.) (1603-1604). A viagem do pirata Richard Hawkins

(1590-1594) -História autêntica da Era dos Descobrimentos - Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

(1) - Doutorando em arqueologia subaquática do MAE/USP; Bolsista FAPESP; Mestre em História econômica pela FFLCH/USP, com a dissertação: "A construção da Pirataria: o processo de formação de conceito de "pirata no período moderno" (2000).

(2) - Rodrigues, p. 39.

(3) - Holanda, Sérgio, p. 91.

(4) - Holanda, Sérgio; Pantaleão, Olga. p. 147.

(5) - Azcárraga y de Bustamante, p. 127. Tradução nossa.

(6) - Holanda, Sérgio; Pantaleão, Olga, p. 168.

(7) - APUHD, Rodrigues, José Honório, p. 93.

(8) - Hakluyt, p. 03. Tradução nossa.

(9) - Sobre esse assunto, veja Duram. p. 87.

(10) - Rubin, Appendices, p. 360.

(11) - Lery, p. 60.

(12) - San Martin, p. 262.

(13) - Ibid., pp. 404-405.



Baía de Santos

NOTA NOSSA:

Educar é mostrar todas as frentes de apreciação de um assunto. Assim, achamos por bem colocar este artigo antes de começarmos o artigo sobre "PIRATAS NO LITORAL NORTE PAULISTA".

Filipe de Sousa

Histórias e Biografias sobre "Piratas", "Navegadores" e "Corsários" que visitaram o litoral Norte Paulista.

" Viagem a Paraty "

Anthony Knivet (1596)

O Inglês Anthony Knivet era membro de uma expedição de Thomas Cavendish (ou Candish), em sua segunda viagem de circunavegação para o Mar do Sul, no ano de 1591. Ao passar pelo Brasil, adoeceu e, por ser considerado desenganado, foi abandonado na praia de São Sebastião, onde, por milagre, sobreviveu e acabou sendo capturado e feito escravo por Martim Correia de Sá, com quem veio a participar de diversas expedições. Numa delas, passou por Paraty e subiu pela trilha dos goianas, futuro caminho do Ouro. Em 1625, seu relato foi publicado na Inglaterra por Samuel Purchas sendo este o primeiro texto conhecido em que Paraty (que ele chama de Paratec) é mencionado. Cita também o lugar como sendo habitado pelos goianas e bom para se comprar peles de diversos animais selvagens e âmbar.

Relato de Knivet:

" ... foram os guaianazes provocados pela tribo dos tamoios. Aqueles mantinham tráfico e amizade com os portugueses, sendo justamente os mais encarniçados inimigos que os lusos tinham em toda a América estes tamoios. Os guaianazes tendo perdido grande número de homens numa batalha, e incapazes por si só de enfrentar o inimigo de novo, pediram, mais uma vez socorro aos portugueses. O meu amo, governador da cidade, despachou seu filho Martim de Sá com setecentos portugueses e dois mil índios. Os guaianazes haviam assegurado que o máximo que se levaria para chegar aos tamoios seria um mês.

Assim, no dia 14 de outubro de 1597, partimos por mar com seis canoas, da distância de umas trinta milhas do Rio de Janeiro para um porto chamado Parati. No primeiro dia de viagem desabou uma grande tempestade, e julgamos parecer todos afogados, mas quis Deus salvar-nos a vida, embora com perda total de tudo o que tínhamos. As canoas viraram de borco com o temporal; agarrando-nos ao fundo delas fomos arrastados à praia com grande risco da própria existência. Do lugar onde fomos lançados à costa, ao Rio de Janeiro em busca de canoas; ao terceiro dia fomos a um sítio da Ilha Grande chamado Ipuá, onde moravam dois ou três portugueses. Aí havia grande quantidade de batatas e bananas para se comer. Nesse sítio permanecemos cinco dias à espera de quinhentos índios que deveriam vir de uma ilha chamada Jaguarapipo. Quando estes nativos chegaram, partimos em canoas para o deserto porto de Parati.

Perseguindo viagem durante a noite atravessamos uma grande baía, onde uma baleia revirou uma das canoas; não obstante, apanhamos os homens que haviam caído ao mar e continuamos para o mencionado porto. No dia seguinte, o capitão ordenou que todas as canoas fossem retiradas da água, recobertas por completo por galhos, resolvendo que se partisse imediatamente por terra.

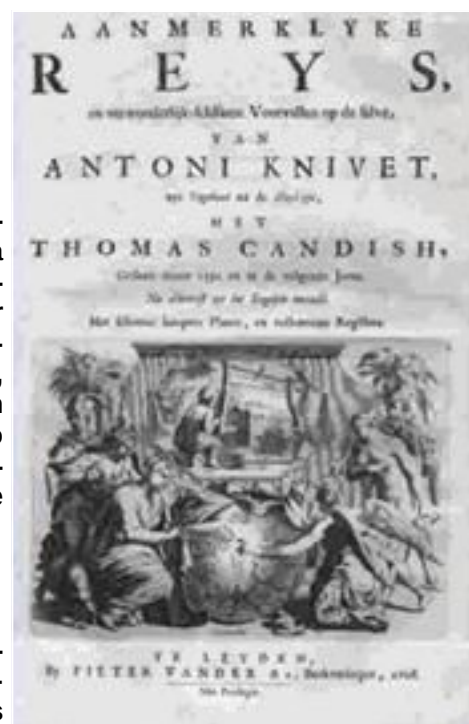
Na noite em que chegamos a Parati, veio-nos um selvagem de nome Aleixo, de uma aldeia chamada Juqueriqueré; tal aldeia fica á beira-mar, bem em frente à Ilha de São Sebastião. Este índio trouxera oitenta arqueiros consigo, oferecendo-se com toda a sua gente para acompanhar o nosso capitão. No dia seguinte continuamos a viagem através de serras: à noite o capitão vendo Aleixo, o bugre, deitado no chão, tirou a rede que eu tinha para deitar-me e deu-a ao canibal, tendo eu sido forçado a deitar-me na terra. Queixei-me a alguns portugueses da maldade que me fizera o capitão; responderam que se meu pai me mandara nesta viagem unicamente no intuito de fazer-me desaparecer: respondi que seria feita a vontade de Deus.

Depois de termos viajado durante três dias, arribamos ao sopé de enorme montanha, chamada pelos índios de **Paranapiacaba**, que quer dizer em nossa língua "Mar à Vista"; esta montanha é tão alta que levamos três dias de escalada e três de descida. Dois dias depois da descida encontramos um belo campo, semelhante a um prado de relva crescido com grande quantidade de pinheiros; aí acampamos durante a noite no vale, onde matamos cerca de seiscentas cabras. Foi providência divina que somente um índio chamado Jerônimo fosse picado, e ninguém mais: este índio inchou todo, o sangue jorrou-lhe dos olhos e das unhas e assim morreu.

Depois disto voltamos a percorrer serras durante cerca de quarenta dias, chegando afinal a um grande **rio chamado Paraibuna**, que se atravessou numa peça feita de bambus ligados com cipós, peça eu os portugueses chamam jangada. levamos quatro dias a passar sobre este rio. Tão grande era e tão rápida a sua corrente."

Fonte do relato: KNIVET, Anthony, *Varia Fortuna e Estranhos Fados de Anthony Knivet*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1947, pp. 61 a 65.

<http://www.valeparaibana.com>



Capa da edição holandesa de 1706 do livro de Anthony Knivet.

Tratado de Tordesilhas

Em termos de relações internacionais, a assinatura deste tratado ocorreu num momento de transição entre a hegemonia Papal, poder até então universalista, e a afirmação do poder singular e secular dos monarcas dos países iminentes. Esta foi uma, entre as muitas facetas de transição da Idade Média para a Idade Moderna.

Conforme o historiador brasileiro Delgado de Carvalho, transcrevendo Oliveira Lima:

“subsistia ainda a tradição medieval da supremacia política da Santa Sé, que reconhecia a Roma o direito de dispor das terras e dos povos: Adriano IV, papa inglês (1154-59) havia dado a Irlanda ao rei da Inglaterra e Sisto IV, as Canárias ao rei de Castela (1471-84). Baseava-se isso, em parte, sobre o fato de um Édito de Constantino ter conferido ao papa Silvestre a soberania sobre todas as ilhas do globo; ora, isso porque as terras a descobrir eram todas, então, supostas serem exclusivamente Ilhas”

O “Tratado de Tordesilhas”, assim é denominado, em virtude de ter sido celebrado em uma povoação castelhana (Espanha), de nome Tordesilhas. Castela era uma Província, á época separada da coroa Espanhola.

Este tratado foi assinado no dia 7 de Junho de 1494, entre Portugal e Castela, definindo-se com ele a partilha do chamado Novo Mundo, entre as duas iminentes potências Mundiais, da época, Portugal e Castela. Este tratado se deu, um ano e meio após Cristóvão Colombo ter reclamado oficialmente a América para a Rainha Isabel de Castela, a Católica.

“Dom Fernando e d. Isabel, por graça de Deus rei e rainha de Castela, de Leão, de Aragão, da Sicília, de Granada, de Toledo, de Valência, de Galiza, de Maiorca, de Sevilha, da Sardenha, Córdova, da Córsega, de Múrcia, de Jaém, do Algarve, de Algeciras, de Gibraltar, das Ilhas de Canária, conde e condessa de Barcelona, senhores de Biscaia e de Molina, duques de Atenas e de Neopatria, condes de Russilhão e da Sardenha, marqueses de Oristán e de Gociano, juntamente com o príncipe D. João, nosso mui caro e mui amado filho primogênito, herdeiro dos nossos ditos reinos e senhorios. Em fé do qual, por d. Henrique Henriques, nosso mordomo-mor e d. Gutierre de Cárdenas, comissário-mor de Leão, nosso contador-mor e o doutor Rodrigo Maldonado, todos do nosso Conselho, foi tratado, assentado e aceito por nós e em nosso nome e em virtude de nosso poder, com o sereníssimo d. João, pela Graça de Deus Rei de Portugal e dos Algarves e d'Além-mar, em África, senhor da Guiné, nosso mui caro e mui amado irmão, e com Rui de Sousa, senhor de Sagres e Beringel e D. João de Sousa, seu filho, almotacel-mor do dito sereníssimo rei nosso irmão, e Arias de Almadana, corretor dos feitos civis de sua corte e de seu foro, todos do conselho do dito sereníssimo rei nosso irmão, em seu e em virtude de seu poder, seus embaixadores que a nós vieram, sobre a demanda que nós e ao dito sereníssimo rei nosso irmão pertence, do que até sete dias deste mês de Junho, em que estamos, da assinatura desta escritura está por descobrir no mar Oceano, na qual dito acordo dos nossos ditos procuradores, entre outras coisas, prometeram que dentro de certo prazo nela estabelecido, nós outorgaríamos, confirmaríamos, juraríamos, ratificaríamos e aprovaríamos a dita aceitação por nossas pessoas; e nós, desejando cumprir e cumprindo tudo o que assim em nosso nome foi assentado, e aceito, e outorgado acerca do supradito, mandamos trazer diante de nós a dita escritura da dita convenção e assento para vê-la e examiná-la, e ter dela de verbo ad verbum é este que se segue:”

O início da expansão marítima portuguesa, sob a égide do Infante D. Henrique, levou as caravelas portuguesas pelo Oceano Atlântico, rumo ao Sul, contornando a costa Africana. Com a descoberta da Costa da Mina (depois Costa do Marfim), iniciando-se o comércio de marfim, ouro e escravos, a atenção de Castela foi despertada, iniciando-se uma séria de escaramuças no mar, envolvendo embarcações das coroas “portuguesa e de Castela”.

CONTINUA



Manuscrito do Tratado de Tordesilhas



Linha imaginária do tratado

Tratado de Tordesilhas

Portugal, buscando proteger o seu investimento, negociou com Castela o Tratado de Alcáçovas (1479), obtendo, posteriormente, do papa Inocêncio VII em 1481 a bula “*Aeterni regis*”, que dividia as terras descobertas e a descobrir por um paralelo na altura das Ilhas Canárias, dividindo o Mundo em dois hemisférios; a norte, para a Coroa de Castela; e a sul, para a Coroa de Portugal. Somando-se a duas outras duas bulas anteriores de 1452 e 1454, de Papa Nicolau V e do Papa Sisto IV, Portugal e a Ordem de Cristo haviam recebido todas as terras conquistadas e a conquistar ao sul do Cabo Bojador e da Gran Canária (Hoje Ilhas Canárias).

Com estes acordos, se definiram e se preservaram, os interesses das duas coroas, cujo conflito, não era de interesse do papado, em virtude de alianças e de uma afinidade estreita que existia entre este e as Coroas de Castela e de Portugal. Com isto ficaram definidos os dois ciclos da expansão: o chamado ciclo oriental, pelo qual a Coroa portuguesa garantia o seu progresso para o sul e para o oriente, contornando a costa africana; e o que se denominou posteriormente o ciclo ocidental, pelo qual Castela se aventurou no Oceano Atlântico, para Oeste. Como resultado, desse esforço Castelhano, Cristóvão Colombo alcançou terras americanas, no ano de 1492. A Coroa Portuguesa, ciente da descoberta de Colombo, mediante as coordenadas geográficas fornecidas pelo navegador, os cosmógrafos portugueses, argumentaram que a descoberta, efetivamente, se encontrava, em terras portuguesas.

Dessa forma, a diplomacia da Coroa Castelhana apressou-se a obter junto ao Papa Alexandre VI, castelhano, uma nova petição de terras. Assim, em 3 de maio de 1493, a “*Bula Inter Coetera*” estabelecia uma nova linha de marcação, um meridiano que separaria as terras de Portugal e de Castela.

Os termos desta nova Bula, não agradaram ao Rei de Portugal, D. João II, que se achava com direitos adquiridos, cuja bula vinha a ferir. Além disso, os termos em que foram redigidos, eram confusos, pois um meridiano vinha a anular o que um paralelo já havia estabelecido. Complementarmente, a execução dos termos da Bula era impossibilitada de se cumprir, por sua imprecisão e pela imperfeição dos meios científicos disponíveis à época para a fixação do meridiano, cuja Bula indicava. Assim sendo, D. João II de Aragão e Isabel I de Castela, para mover a linha mais para Oeste, argumentando que o meridiano em questão se estendia por todo o globo; Esta atitude levou à limitação das pretensões castelhanas na Ásia. Então, D. João II, propôs, por uma missão diplomática, enviada aos Reis de Castela, estabelecer um paralelo das Ilhas Canárias como substituto ao meridiano que o Papa havia estabelecido nesta nova Bula. Os Castelhanos recusaram a proposta mas, se propuseram, a discutir o proposto, para o que foi convocada uma reunião, reunião essa que deu origem ao “Tratado de Tordesilhas”.

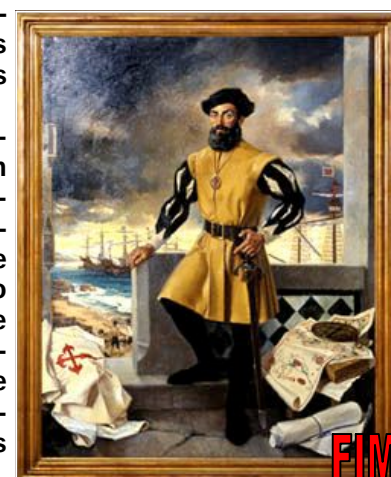
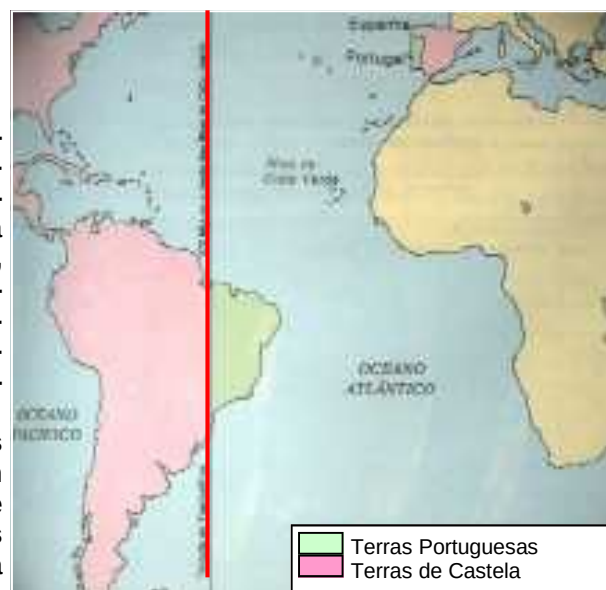
Consequências do Tratado de Tordesilhas:

Em princípio, o tratado resolvia os conflitos que se seguiram à descoberta do Novo Mundo, por Cristóvão Colombo. Muito pouco se sabia das novas terras, que passaram a ser exploradas por Castela. De imediato, o tratado garantia a Portugal o domínio das águas do Atlântico Sul, essencial para a manobra náutica então conhecida como “*volta do mar*”. Esta manobra era empregada para evitar as correntes marítimas que empurravam para Norte as embarcações que navegassem junto à costa Sudoeste africana, e permitindo a ultrapassagem do Cabo da Boa Esperança, local de muitos ventos e de fortes correntes. Esta bula permitiu ao navegador português Pedro Álvares Cabral, a descoberta da Índia (1497-1499).

Com a expedição de Pedro Álvares Cabral à Índia, a costa do Brasil foi descoberta (Abril de 1500). Mais tarde esta descoberta viria a ser polemizada pela história, sobre o “acaso” ou a “intencionalidade” da descoberta. Deve-se no entanto notar, que uma das testemunhas que assinaram o Tratado de Tordesilhas, por Portugal, foi Duarte Pacheco Pereira, um dos nomes ligados a um suposto descobrimento do Brasil, pré-cabraliano.

Com o retorno financeiro da exploração americana (o **Ouro** Castelhana e o **Pau-Brasil** Português), outras potências marítimas européias (França, Inglaterra, Países Baixos) passaram a questionar a exclusividade da partilha do Mundo entre as nações Ibéricas. Note-se que esses questionamentos só foram feitos, após terem tomado conhecimento de que o investimento feito pelos povos Ibéricos tinha sido compensador, dado que, antes, em nada haviam contestado os tratados assinados, por falta de interesse e de vontade de investir.

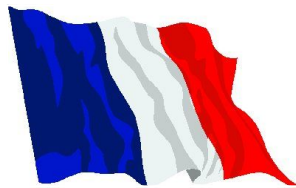
Assim, desde cedo, começaram a aparecer na costa do Brasil embarcações que promoviam o comércio clandestino, estabelecendo contatos comerciais com índios e fomentando alianças entre eles, contra os exploradores portugueses. Floresceram nesta data, o corso, a pirataria e o contrabando. Aqui nós encontramos os fundamentos que em parte anulam as considerações anteriores (Página 125 a 128) sobre “PIRATARIA” dado que a exploração comercial das terras estavam asseguradas pelo PAPADO (à época gerenciador do Mundo) às potências marítimas de Portugal e de Castela, que, tanto na época, como nos dias atuais, se garante ao descobridor, o direito de exploração comercial da descoberta. Concluída a volta do Mundo por Fernão de Magalhães (1517-1521) novos conflitos vieram a se estabelecer entre as nações Ibéricas, no entanto, novo tratado foi assinado, culminando com a troca das Ilhas Molucas e Filipinas, antes situadas em terras portuguesas, pela posse definitiva do Brasil.



Fernão de Magalhães

FIM

Invasões Francesas Ao: BRASIL



Batalha dos Guararapes

Como atrás referenciamos, as nações européias descontentes com as descobertas dos países Ibéricos, sabedoras das riquezas em elas contidas, as invasões passaram a ser frequentes, não só ao Brasil como a todos os países descobertos pelas Coroas de Portugal e de Castela. Os Países que mais contrabandeavam e saqueavam à época eram a França, a Inglaterra e a Holanda.

As invasões Francesas ao Brasil registram-se desde os primeiros tempos da colonização portuguesa, chegando até final do século XIX.

Inicialmente dentro da contestação de Francisco I da França ao “Tratado de Tordesilhas”, ao argüir o paradeiro do “*testamento de Adão*” e incentivar a prática do corso para o escambo do pau-brasil (*Caesalpinia echinata*) ainda no século XVI evoluiu para o apoio às tentativas de colonização no Litoral do Rio de Janeiro (1555) e na Costa do Maranhão (1594).

A França Antártica

Em 1555, uma expedição com cerca de cem homens, distribuídos em dois navios, comandada por Nicolas Durand de Villegagnon, dirigiu-se à Baía da Guanabara, visando a estabelecer um núcleo de colonização. Inicialmente aportaram à Isle (Ilha) Rattier (atual Forte Tamandaré da Laje), tentando erguer uma bateria defensiva, tendo sido expulsos pela alta da maré. Dirigiram-se, então, em seguida, à Ilha de Sergipe (atual Ilha de Villegagnon), onde se estabeleceram definitivamente, erguendo o “Forte Coligny”. A denominada “França Antártica” abrigava colonos protestantes, calvinistas e elementos católicos que procuravam evitar as guerras religiosas que então dividiam a Europa.

Em 1558 Villegagnon retornou à França, após incidentes causados pela indisciplina de alguns colonos, que procuravam as Índigenas locais, e pelas rixas entre católicos e protestantes. Condenou à morte e executou vários colonos, expulsando os calvinistas para as margens da baía.

A Campanhas Portuguesas de 1560-1565-1567



França Antártica

Esta tentativa de colonização foi erradicada militarmente pelo então Governador Geral do Brasil, Mem de Sá (1560), que, com informações sobre o forte, fornecidas pelos dissidentes franceses Jean de Cointa e Jacques Le Balleur, e com os reforços vindos da Capitania de São Vicente, a 15 de Março desse ano, abriu fogo das naus contra as defesas da Ilha. Em seguida, através de um plano estratégico, logrou o desembarque de seus homens e da artilharia, na Ilha, conquistada no dia seguinte. No dia 17 foi celebrada uma Missa Solene em ação de graças pela vitória. Os remanescentes franceses que se refugiaram junto às trilhas indígenas na região, foram posteriormente liquidados por Estácio de Sá numa campanha que se estendeu de 1565 a 1567, quando foi fundada a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (1 de março de 1565), no sopé do Morro Cara de Cão (atual Pão de Açúcar). Após a derrota dos franceses e seus aliados indígenas, nas batalhas da Praia da Glória (hoje desaparecida) e da atual Ilha do Governador (1567), a cidade foi transferida para o alto do morro do Descanso, posteriormente denominado como Alto da Sé, depois Alto de São Sebastião, depois Morro de São Januário e, finalmente para o Morro do Castelo, desmontado em 1922.

Invasões Francesas ao Brasil

CONTINUAÇÃO

FRANÇA EQUINOCIAL:

A segunda tentativa se registrou na Ilha de São Luis, no Maranhão, a partir de 1594, tendo perdurado até à sua erradicação por tropas portuguesas e nativas, no ano de 1615.



Spix e Martius, *Santa Maria de Belém do Grão Pará, Viagem pelo Brasil*,

OS FRANCESES EM CABO FRIO:

Mesmo diante do fracasso dessas intromissões, a presença Francesa foi expressiva em outros trechos do Litoral, onde mantiveram feitorias, como por exemplo a “Maison de Pierre” no Litoral de Cabo Frio, entre outras.

PIRATAS & CORSÁRIOS

Até final do século XVIII, era comum piratas e corsários de diversas nacionalidades pilharem povoados e engenhos em todo o Litoral Brasileiro. Com a descoberta do Ouro no sertão das Minas Gerais, a cobiça desses elementos, os atraiu para o Sudeste do Litoral Brasileiro, mais precisamente para o hoje, Litoral Norte Paulista.

Entre os assaltos mais famosos, registram-se, em Agosto de 1710, o do Corsário Jean-François Duclerc (1671-1711), e, em Setembro de 1711, o do René Duguay-Trouin, ambos no Rio de Janeiro.



René Duguay-Trouin

A Invasão de Duclerc (1710)

No contexto das hostilidades entre a França e a Inglaterra, o rei Luis XIV da França autorizou o corso (ataque de navios piratas - dicionário Ruth Rocha) aos domínios ultramarinos de Portugal, tradicionalmente aliado dos Britânicos. Por essa razão, em meados do mês de Agosto de 1710, Jean François Duclerc, no comando de seis navios e cerca de 1.200 homens, surgiu na barra da baía de Guanabara hasteando pavilhões Ingleses como disfarce. As autoridades do Rio de Janeiro, alertadas pela Metrópole, já aguardavam a vinda do corsário Francês, razão pela qual o fogo combinado da Fortaleza de Santa Cruz da Barra e da Fortaleza de São João repeliu a frota que tentava adentrar na barra, no dia 16 de agosto de 1710.

Os franceses navegaram pelo Litoral para o Sudeste, rumo à baía da Ilha Grande, saqueando fazendas e engenhos. Lá, aportaram à barra de Guaratiba, onde desembarcaram, marchando por terra rumo à cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

No percurso passaram pelo Camorim, por Jacarepaguá, pelo Engenho Novo e pelo Engenho Velho dos Padres da Companhia de Jesus, acampando e descansando, neste último. No dia seguinte, prosseguiram seu caminho rumo ao Rio de Janeiro, pela região do Mangue, alcançando o sopé do Morro de Santa Teresa (depois rua de Mata-Cavalos, atual rua do Riachuelo), até ao Morro de Santo Antônio, que contornaram até à Lagoa do Boqueirão. Pela Rua da Ajuda (atual Melvin Jones) e de São José, alcançaram o Largo do Carmo (atual Praça XV de Novembro), onde finalmente encontraram a resistência dos habitantes em armas, tendo se destacado a ação dos estudantes do Colégio dos Jesuítas, que desceram o morro do Castelo. Nesta escaramuça, afirma-se que os franceses perderam 400 homens. Duclerc, que os comandava, foi detido em prisão domiciliar à atual Rua da Quitanda, vindo a ser assassinado, em condições até hoje não apuradas, por um grupo de encapuzados, alguns meses mais tarde, no dia 18 de março de 1711. Segundo alguns autores os motivos deste assassinato foram passionais.

A Invasão de Duguay-Trouin (1711)

A iniciativa de Duclerc, seguiu-se a outra, maior e mais bem equipada, no ano seguinte. Em Setembro de 1711, coberta pelo nevoeiro da manhã, aproveitando um vento favorável, uma esquadra de 18 navios, artilhada com 740 canhões e 10 morteiros e um efetivo de 5.764 homens, sob o comando do corsário francês René Duguay-Trouin, ousadamente, entrou em linha pela barra da baía da Guanabara, furtando-se ao fogo das fortalezas, desguarnecidas três dias antes, graças a uma notícia recebida pelo então Governador da Capitania do Rio de Janeiro, Francisco de Castro Morais que dava como falsas a notícia da chegada desta esquadra francesa.

O sucesso do corsário custou caro à cidade, que necessitou pagar um valioso resgate pela sua liberdade (novembro 1711); 610.000 cruzados em moeda, 100 caixas de açúcar e 200 cabeças de gado bovino.

Posteriormente, outros conflitos teriam lugar devido à ambição dos franceses que não desistiam de nos invadir, como por exemplo a invasão Francesa no desenvolvimento histórico da chamada Questão do Amapá.





Thomas Cavendish



THOMAS CAVENDISH, nasceu no ano de 1555, em Trimley St. Martin, perto de Ipswich, Suffolk, na Inglaterra e faleceu em em Fevereiro de 1592, na Ilha Ascensão, no Oceano Atlântico.

Um dos mais destemidos corsários foi Thomas Cavendish - considerado o terceiro circunavegador do globo - que deixou a Inglaterra comandando uma frota e saiu navegando como aventureiro pelos mares, em busca de riquezas, uma vez que fora armado cavaleiro em 1588, pela Rainha Isabel.

Apesar de atacar suas presas sem piedade, sabia ser galante e até cavalheiro, tanto é que o historiador "Rocha Pombo" observa na sua história do Brasil que ele era: "... o tipo do franco-ladrão dos mares, que sabia dar às suas façanhas e depredações uma cor de elegância cavalheiresca, tornando-se popular, e sendo aplaudido, em vez de renegado pela própria aristocracia européia".

Em 1588 e 1591, o famoso corsário inglês apareceu no Litoral Paulista por duas vezes e, numa dessas investidas, invadiu e saqueou o povoado de Santos, além de queimar os engenhos encontrados pelo caminho, que empreendeu até São Vicente.

Depois de uma incursão devastadora pela América Espanhola, Cavendish rumou para a América do Sul e, depois de muitas manobras de rapina, aportou em Cabo Frio, onde se aposou de um navio português, aprisionando o seu comandante, que ficou a bordo da nau capitânia da esquadra corsária, servindo de prático e piloto em nossas águas.

De Cabo frio seguiu para o Canal de São Sebastião (Toque-Toque), já no Litoral Norte Paulista e, guiado por esse comandante português Gaspar Jorge, que havia aprisionado, veio a aparecer em Santos, onde efetuou um ataque surpresa, na noite de 25 de Dezembro de 1588, quando se comemorava o Natal com a realização de uma missa (Missa do Galo) na Igreja Matriz. Esse ataque na noite de Natal foi descrito, posteriormente, por um dos tripulantes da frota de Cavendish, de nome Anthony Knivet, cuja obra foi publicada em Inglês e traduzida em vários idiomas.

Noite de Natal - Foi depois de uma reunião com o seu Estado-Maior (Capitães e mestres dos navios, de sua esquadra) que o corsário inglês decidiu atacar a Vila de Santos com uma chalupa e batéis grandes através do canal (provavelmente o de Bertioga), encarregando o seu lugar-tenente Capitão Concke para o desempenho de tal missão. Ao chegarem silenciosamente ao porto, os piratas ouviram o som de uma sineta proveniente de uma missa que estava sendo celebrada na antiga Igreja da Misericórdia, junto ao Colégio dos Jesuítas, que servia de Matriz, e onde se encontravam reunidos cerca de trezentos homens, sem contar com as mulheres e crianças.

Assim, durante aquela santa celebração de Natal, a igreja foi cercada e invadida pelos piratas, que tudo saquearam e prenderam os mais importantes homens da Vila (Braz Cubas, José Adorno, Jerônimo leitão, entre outros), que ficaram encarcerados como reféns. Da Igreja Matriz, que se situava nas imediações do local onde hoje se encontra a estátua de Braz Cubas, os homens de Cavendish levaram a cabo uma série de depredações na Vila, provocando a fuga de inúmeros moradores, sendo que, durante o saque, além de ouro e muitas jóias, conseguiram juntar grande provisão de viveres.

No dia seguinte, 26 de dezembro, Thomas Cavendish, aportou com sua esquadra, fazendo desembarcar duzentos homens para reforçar o efetivo de terra. Também mandou saquear e queimar todos os navios que se encontravam no porto, e, prosseguindo na sua operação de pilhagem e destruição, o esquadrão pirata foi por terra até São Vicente, saqueando e queimando todos os engenhos que encontrava pela frente, pilhando e incendiando igualmente o vizinho povoado, deixando atrás de si um rastro de ódio e pavor.

Sobre este triste episódio e que contradiz alguns autores sobre as boas intenções desses corsários, o monge historiador Frei Gaspar da Madre de Deus, fez a seguinte referência: "Os Ingleses quando saquearam a Vila do porto de Santos lançaram ao mar a imagem de Santa Catarina padroeira da dita Igreja - a qual veio a terra, casualmente, em uma rede com que estavam pescando os escravos dos Jesuítas. Era nesse tempo reitor do Colégio de Santos - 1709 - o padre Alexandre Gusmão ... Ele colocou a Santa noutra Capela maior, que, com esmolas dos fiéis, mandou levantar em cima do Outeiro. A Santa Imagem ainda conservava algumas cascas de ostras, que nela se geraram, quando estava no mar, e admira a circunstância de não a terem despedaçado aqueles Iconodastas, acostumados a dilacerarem as imagens dos santos".

Segunda vez - Depois de dois meses da estada em nosso porto, e não tendo mais nada o que levar ou depredar, o corsário Cavendish tomou rumo ao Sul.



Casa do Trem e ao fundo a antiga capela de Santa Catarina, ali construída após o ataque de Cavendish.

CONTINUA

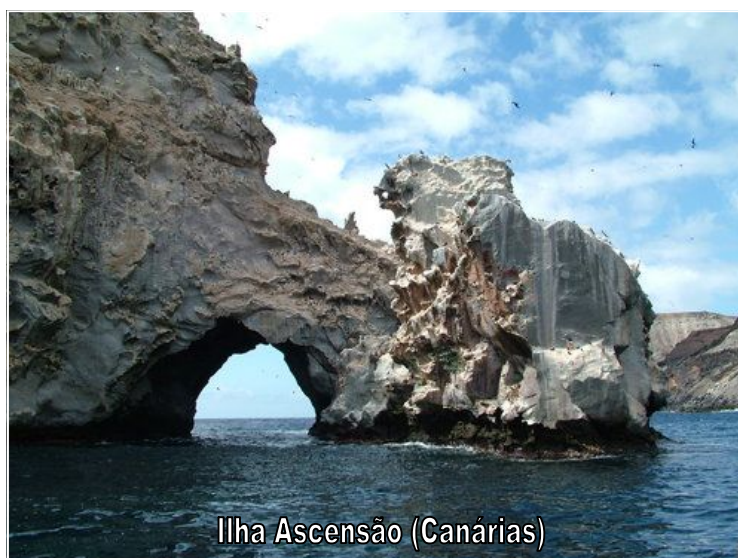
Thomas Cavendish

CONTINUAÇÃO

De outra feita, quando se encontrava ferido no braço por uma flecha envenenada, coberto de chagas, sofrendo acessos e tremores febris, e temendo pela vida, o terrível corsário tentou, mais uma vez, entrar na Barra de Santos e assim poder buscar socorro no Hospital de Misericórdia da Vila.

Alertada e preparada para enfrentar os piratas, com uma resistência organizada, a população Santista, através de seus homens de combate, rechaçou a frota de Cavendish, que foi obrigada a retroceder.

Seramente doente, o corsário pensou em voltar para a Inglaterra, afim de ali procurar tratamento. No entanto, veio a morrer a caminho dessa sua intenção, perto da Ilha Ascensão, no Oceano Atlântico.



Ilha Ascensão (Canárias)

Braz Cubas

Fortificações - Além de ter se empenhado na criação de um hospital de misericórdia, o **Capitão-mor Braz Cubas** também procurou fortificar a vila de Santos contra os ataques de piratas, construindo a Fortaleza de São Felipe, em 1552. Logo surgiu uma linha de fortificações marítimas, estendidas ao longo da Costa Norte de Santos, “para proteger a vila e defender o interior da emergência terrível de alguns desembarques de tropas beligerantes ou investidas de corsários”, segundo assinala o historiador Alberto Sousa (Os Andradas).

Com o correr do tempo, foram edificadas outras fortificações, à entrada da barra e em outros pontos do canal, transformando a então Vila de Santos num verdadeiro porto fortificado. Mas, apesar de todas essas providências, em 1583, o corsário Inglês **Edward Fenton** entrou no ancoradouro santista com dois galeões e duas pinças fortemente artilhados, quando foi surpreendido pelo comandante André Hygino, que fazia parte da armada de Castela, chefiada pelo Capitão-General D. Diogo Flores Valdéz, que navegava à altura de nosso Litoral, e com o qual trocou fogo de artilharia.



Fortaleza de Santo Amaro



Braz Cubas

Este episódio serviu de alerta para mostrar o perigo a que ainda estava exposta a Vila de Santos, sem defesa segura contra as incursões piratas. Diante de tais ameaças, dos inimigos da Espanha, e como prevenção contra novas investidas marítimas, El-Rei D. Felipe II determinou que fosse levantada uma fortaleza na entrada da barra, ao lado da Ilha do Sol (atual Santo Amaro), onde foi levantado o Forte de Santo Amaro ou Fortaleza da Barra Grande, cuja construção se estendeu até 1590.

É válido ressaltar que, em fins do século XVI, foram marcantes as incursões dos corsários Jacques Riffault e Charles de Vaux, no Estado do Maranhão; James Lancaster e John Venner, no

Recife; Robert Withring, na Bahia, sendo que, O Litoral Paulista, esteve igualmente no roteiro de vários piratas, como, por exemplo, o citado ataque de **Edward Fenton**, em 1583.



Francis Drake

Sir Francis Drake, nasceu em Tavistock, Devonshire, no ano de 1545 e faleceu em Puerto Bello, no Panamá, no dia 26 de Janeiro de 1596. Drake, foi um corsário, explorador e saqueador Almirante Inglês. Ficou conhecido mundialmente por sua luta obstinada contra o Rei Felipe II da Espanha e por ter sido o primeiro dos nomes mais significativos da Marinha Inglesa. Liderou a esquadra Inglesa que derrotou a invencível Armada Espanhola, tida como a maior força naval da Europa da época, com desvantagem numérica e poucos mantimentos, assegurando a supremacia naval britânica.

Fez pirataria nas Caraíbas contra navios e possessões espanholas, navegou ao longo da América do Sul e foi o primeiro Comandante Inglês a circunavegar o Mundo.

CRONOLOGIA: Drake foi comandante de navio desde a idade de 22 anos. Lutou primeiro contra os espanhóis no mar das Antilhas; de 1482 a 1547, efetuou, com o apoio da Rainha Elizabeth I, a segunda viagem à volta do mundo, atravessou o estreito de Magalhães, devastou os territórios e possessões espanholas das costas ocidentais da América, tomou posse da Califórnia, a qual chamou Nova Albion, e regressou à Europa pelas Índias Ocidentais e pelo Cabo da Boa Esperança.

Em 1519, apoderou-se de várias praças e de imensas riquezas em Santo Domingo, em Cartagena, e no caminho de regresso deitou fogo à frota espanhola no porto de Cádiz (1587), cujo feito lhe rendeu o posto de vice-almirante, dado pela Rainha Elizabeth I.

Em 1588, afundou 23 barcos da "Imensa Armada" (Espanhola); Em 1595 conseguiu novas vitórias na América Espanhola, mas, falhou no ataque ao Panamá, e morreu, segundo consta de disenteria. Reza a lenda que foi sepultado no mar trajando uma armadura de ouro 18 quilates, conjuntamente com sua espada, também de ouro.

O que conta a historiografia: (ressalvem-se algumas contradições)

Corsário e traficante de escravos inglês, nascido em Devonshire, terror das colônias espanholas e um dos primeiros navegantes Ingleses a dar a volta ao Mundo. Desde criança, vivendo como grumete num pequeno barco, optou pela vida de corsário por vingança, após os 25 anos. Trabalhando no tráfico de escravos, quando a frota que trabalhava atravessava o atlântico, foi atacada e dizimada pelos espanhóis, que proibiam o comércio a todo o navegante estrangeiro, tendo ele se salvado, milagrosamente. Sua carreira iniciou-se com o beneplácito da rainha Elizabeth I da Inglaterra, quando com dois pequenos navios, atacou e saqueou Nombre de Dios, Panamá, e Cartagena de Índias, na futura Colômbia, apoderando-se e saqueando grandes riquezas, no ano de 1572.

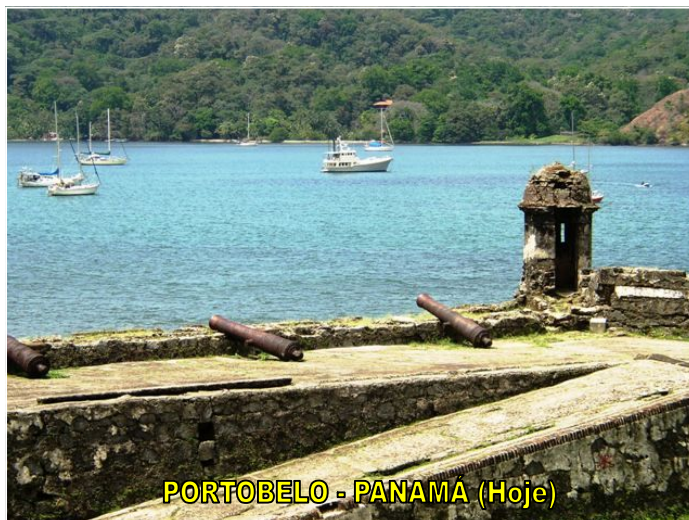
No ano de 1577 empreendeu sua mais famosa viagem, quando, no comando de cinco navios, zarpuo rumo ao Rio da Prata, de onde passou ao estreito de Magalhães, atingindo as costas americanas do Pacífico, adquirindo valiosíssimos butins. Alcançou a Califórnia, que chamou de Nova Albion, e dali retornou à Inglaterra, no ano de 1580, complementando a circunavegação pelo Globo.

Em virtude destes feitos, foi sagrado cavaleiro, pela Rainha Elizabeth I, apesar dos protestos diplomáticos por parte da Coroa Espanhola.

Assumindo o comando de uma frota composta por 25 navios, no ano de 1585, recebeu a missão de saquear as possessões Espanholas nas Ilhas Ocidentais. Cidades como Cartagena de Índias e São Domingos sofreram os ataques do temido corsário Inglês, que obteve um butim tão considerável de ouro e prata que as finanças espanholas se viram ameaçadas.

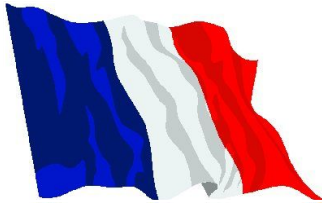
Em nova incursão aos portos espanhóis, no ano de 1587, incendiou a maior parte dos navios que se encontravam na baía de Cádiz. Quando Felipe II enviou a Invencível Armada contra a Inglaterra no ano de 1588, Francis Drake, na época como vice-almirante, foi um dos responsáveis pela destruição da frota espanhola. Na condição de herói nacional da Marinha Britânica, depois de um ataque frustrado a La Coruña e a Lisboa (Portugal) no ano de 1589, empreendeu sua última viagem de saque às Índias Ocidentais, mas, a tripulação da frota foi atingida por uma arrasadora febre, inclusive o próprio Drake, tendo vindo a falecer.

Como era de praxe à época todos os falecidos em alto-mar, teriam, seus corpos, jogados às águas, ali sendo sua sepultura. Assim Drake foi sepultado em alto mar, na altura das hoje costas panamenhas, à altura de Puerto Bello, Posteriormente denominado Portobelo, Panamá.



PORTOBELLO - PANAMA (Hoje)

René Duguay-Trouin



René Duguay-Trouin, Siour du Gué, era filho de Luc Trouin de la Barbinais, capitão e armador, nasceu em 10 de junho de 1673 em Saint-Maio, França e faleceu em 27 de setembro de 1736, em Paris. Famoso corsário francês que acumulava os títulos de *Lieutenant-Général des Armées Navales du Roi* (almirante) e comandante na Ordem de São Luís.

O nome *Duguay*, se origina de uma propriedade tradicional de sua família. Destinado ao sacerdócio por seus pais, Duguay-Trouin negligenciou seus estudos, frustrando a vontade de seus pais, mantendo uma vida firmada em prazeres e desordens.

Seu irmão mais velho, embarca como corsário e, o jovem degredado, não tarda a seguir seus passos, vindo a ganhar fama por seus atos de pilhagem e selvajaria, no entanto, por muitos considerado homem de feitos corajosos.

Em 1696 foi a Paris, onde foi apresentado ao Rei. Admitido na Marinha Real Francesa, com a patente de Capitão de Fragata, envolveu-se em numerosas campanhas, como a Guerra da Sucessão Espanhola (1702) e em diversas batalhas contra os Ingleses e holandeses.

Em 1715 foi feito Chefe de Esquadra (Chef d'escadre) e em 1728 Lugar-tenente Geral (Lieutenant général).

Sua atuação no Brasil:

Duguay-Trouin foi incumbido de comandar uma esquadra destinada a invadir o Rio de Janeiro, depois da fracassada tentativa empreendida anos antes por Duclerc.

A esquadra, composta de dezessete navios e 5674 marinheiros e soldados, aproximou-se do Rio de Janeiro (São Sebastião do Rio de Janeiro) em 12 de setembro de 1711.

Entrando pela baía da Guanabara, dois dias depois, apossou-se da Ilha das Cobras, ocupando diversos morros da cidade sem encontrar a mínima resistência.

Com receio, a população da então São Sebastião do Rio de Janeiro, refugiou-se nas florestas vizinhas, assustadas, em virtude do ultimato dado por Duguay-Trouin ao então Governador Francisco de Castro Morais e a exigência de um resgate, para que deixasse nosso território.

Regressou à França, mais uma vez vitorioso, depois de haverem sido satisfeitas por parte dos Governantes da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, todas as suas exigências. Por este feito foi elevado ao posto de chefe-de-esquadra e tenente-geral.

No Arquipélago dos Açores (Portugal):

Duguay-Trouin também atacou e saqueou o arquipélago dos Açores, possessão portuguesa no Oceano Atlântico. No dia 20 de Setembro de 1708, à frente de uma esquadra naval, constituída por 8 naus e 3 navios corsários de grossa artilharia atacou a Vila das velas (foto ao lado), na Ilha de São Jorge, Arquipélago dos Açores.

Repelido na primeira tentativa, na segunda tentativa fez desembarcarem mais de 500 homens fortemente armados que avançando sobre a população, sem dó nem piedade, saquearam as Igrejas e as casas da população local, despojando-as de todos os seus viveres, recursos e jóias.

Corsários, piratas, seja qual o termo ou nome dado a estes saqueadores (navegadores) o certo é que nestes tempos, a França e a Inglaterra, quitadas de acordos internacionais, foram constantes ameaças, à paz e ao respeito às normas internacionais vigentes.



Vila das Velas - Ilha de São Jorge - Arquipélago dos Açores - PT

Naufrágios no "Litoral Norte Paulista"

o Litoral Norte Paulista é um canal de passagem rumo ao Litoral Sul do Brasil. Ilhabela, ladeada por rochas pontiagudas e lajes, local de ventos fortes, densos nevoeiros e propício à formação de ondas de grandes proporções, sempre foi uma armadilha para barcos que tinham rotas próximas à sua costa.



Até meados do século XX os barcos foram o único meio de transporte usado primeiramente pelos navegantes e colonizadores coloniais, depois pelos imigrantes que por aqui foram chegando e, o naufrágio era um acidente comum, até bem poucos anos atrás.

Acredita-se que mais de cem barcos, navios, veleiros e pesqueiros tenham sucumbido nos costões das partes sul e leste de Ilhabela. Ficam fora de qualquer registro as embarcações de pequeno porte, que segundo dados se contam às centenas.

O primeiro grande naufrágio registrado foi o do navio Inglês "**Dart**", Vela-Vapor, pertencente à Mala Real Inglesa, no ano de 1894. Este navio encalhou nas pedras da Itaboca devido ao intenso nevoeiro, depois de tão somente dois anos da sua construção. Diversos mergulhos foram efetuados com busca à exploração deste naufrágio, tendo sido encontrados objetos valiosos, tais como talheres de prata, pratos de porcelana inglesa, garrafas de vinho centenárias, entre outros.

No ano de 1905 dois vapores brasileiros também naufragaram nesta região, o "**Vitória**" que encalhou na Laje do Araçá e o "**Atílio**", que afundou após o choque com o veleiro Altanir, na ponta da Pirabura.

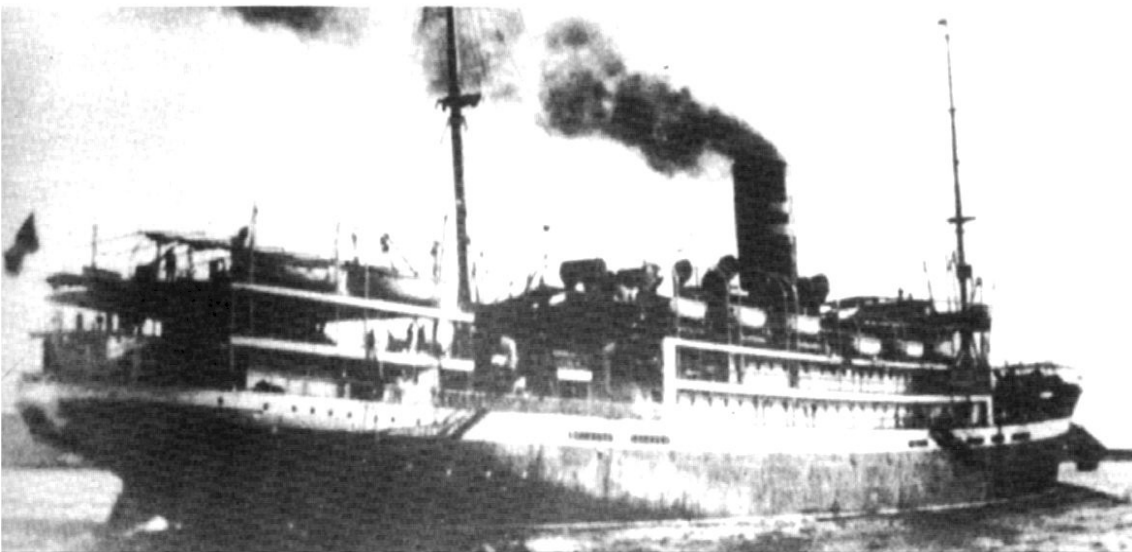
O vapor Francês "**France**" encalhou e naufragou na Ponta da Pirassununga em 1906.

Em 1908, foi a vez do vapor Inglês "**Velásquez**", que bateu e encalhou nos costões da Ponta da Sela, devido a tempestade no mar. Este navio levava passageiros fazendo a linha Buenos Aires - Nova Iorque e foi socorrido pelo rebocador Milton, que passava pelo local no momento do acidente. Alguns passageiros que conseguiram salvar-se, nadando até Ilhabela, acabaram por ficar na Ilha, encantados com suas belezas naturais, outros simplesmente se perderam na mata.

O vapor "**Wathor**" afundou na Ponta da Sepituba em 21 de março de 1909, sendo que 21, dos sobreviventes que conseguiram atingir a Ilha, ficaram perdidos durante mais de uma semana na Mata.

Em 1913, numa noite de forte tempestade, "**O Guarani**" rebocador de guerra da Marinha Brasileira, chocou-se violentamente contra o vapor brasileiro "**Borborema**", próximo à Ponta do Farol do Boi. Registrou-se então, pela primeira vez, um grande número de vítimas de naufrágio perto de Ilhabela.

Em 6 de março de 1916 o transatlântico "**Príncipe das Astúrias**" naufragou na Ponta da Pirabura. O navio de 150 metros de comprimento, orgulho da Marinha Mercante Espanhola, foi envolvido por um denso nevoeiro ao mesmo tempo em que o mar se encontrava agitado e revoltoso. Eram 3 horas da manhã, quando grande parte das 590 pessoas a



bordo se divertiam ao som de músicas carnavalescas e um raio iluminou a terra, já bem em frente ao navio. O comandante do transatlântico José Lontina chegou a ordenar "máquinas a toda a força para trás", mas, não foi o suficiente para impedir que o navio se chocasse contra as pedras. O casco foi rasgado pelo meio, as caldeiras explodiram e em poucos minutos o navio ia a pique, tragado pelo mar, vitimando 477 pessoas. Alguns passagerei-

ros foram salvos pelo navio Vega que se encontrava próximo ao local. Junto aos passageiros afundou, nas águas revoltas, toda a preciosa carga, 4500 toneladas de cobre, 1700 toneladas de estanho, 800 toneladas de chumbo e, uma soma não confirmada mas que consta dos anais de 40.000 Libras Esterlinas destinadas a uma agência bancária de Buenos Aires, na Argentina.

CONTINUA

Naufrágios no Litoral Norte Paulista

CONTINUAÇÃO

No ano de 1920, chocaram-se o navio brasileiro “*Teresina*” e o veleiro Inglês “*San Janeco*”, na Ponta da Itapecerica, devido á forte cerração.

No mesmo ano de 1920, o veleiro Alemão “*Sigmund*”, devido a uma forte tempestade se chocou contra as pedras da costeira do Borrifos, afundando rapidamente.

No ano seguinte 1921, dois navios brasileiros naufragavam na Ponta do Ribeirão. O “*Aimoré*”, que naufragou devido a intenso nevoeiro, localizando-se próximo à Praia do Curral, numa profundidade variável de 4 a 7 metros; e o “*Tritão*”, um barco pesqueiro.

Durante a *Segunda Guerra Mundial*, dois navios foram torpedeados por submarinos alemães, o norte americano “*Elluhub Washburne*” que afundou próximo à Ponta do Boi e o “*Lhoyd Brasileiro Campus*”.



Concar

O segundo maior naufrágio foi o de um outro navio espanhol. Em Outubro de 1959, o moderno cargueiro “*Concar*”

fazia sua viagem inaugural quando se chocou contra as pedras da Ponta da Pirassununga, com quase 20.000 volumes de carga contendo azeite, azeitonas, massa de tomate, além de 800 toneladas de óxido de ferro. O mar, pouco agitado permitiu que a tripulação abandonasse o navio, que permaneceu por várias horas sobre as pedras antes de afundar. O “*Concar*” encontra-se submerso a uma profundidade entre 6 e 22 metros.

O navio brasileiro “*Ucrânia*” naufragou em 1971, era um pesqueiro de alto mar cujas causas foram um violento temporal que o jogou contra os costões do Frade.



Aimoré

Curiosidades, História & Estórias + QUE LENDAS

TESOUROS, NAUFRÁGIOS E OBJETOS VOADORES

A Ilha de São Sebastião possui cerca de 140 km de costões e centenas de praias com águas muito limpas. Às vezes azuis, às vezes verdes, mas sempre muito limpas e transparentes. A maioria de suas parias são inacessíveis por terra, somente por mar. Aproximadamente 70 km de praias voltadas para o alto mar não dispõem de estradas. E nunca terão, pois esta faixa litorânea que ali mantém os últimos resquícios da Mata Atlântica - declarada reserva da biosfera pela UNESCO, ou então em áreas tombadas pelo Patrimônio da União ou outras pertencentes ao Parque Estadual de Ilhabela.

Locais como a baía dos Castelhanos, com suas praias paradisíacas, permanecerão para sempre iguais ao dia em que ali desembarcaram os primeiros escravos, ou então quando receberam a visita dos piratas Thomas Cavendish (1555-1592), cuja lenda diz que naquelas areias teria enterrado fabulosos tesouro, pilhado na Vila de São Vicente no natal do ano de 1591.

Quilômetros e mais quilômetros de encostas cuja maior “poluição” foram das dezenas de navios naufragados nas redondezas, conforme atrás mencionamos; sendo também dado como certo, a morte de 1000 refugiados da I Guerra Mundial, que lotavam os porões do “Príncipe das Astúrias”.

Diz a lenda e explica que a razão de tantos naufrágios, segundo antigos marinheiros, é a de que as embarcações tinham seus instrumentos de navegação alterados por inexplicável e misterioso campo magnético, que fazia com que as embarcações tivessem suas rotas alteradas muitas milhas e as levariam a colidir em cheio com as rochas e lages. Exagero ou não o certo é que a Costa Sul da Ilha ficou conhecida como o “Triângulo das Bermudas” da América do Sul; por outro lado, Ilhabela também é considerado o paraíso dos mergulhadores.

Também, talvez pelo fascínio de sua costa ou então em busca de tesouros, levaram o engenheiro belga Paulo Thiry, por longos trinta anos, mergulhando, tentando solucionar o Mistério da Trindade, que envolve um tesouro calculado em 5 milhões de Libras esterlinas, constituído de ouro em pó e em barras e, pedras preciosas. Segundo seus auxiliares, naquela parte inóspita de Ilhabela, somente possível de ser atingida por mar, o Mistério da Trindade estaria ligado às riquezas do Peru. Conta a lenda que, por ocasião da emancipação da América Espanhola, um navio saiu daquele País carregado com onze barris de ouro em pó, duas caixas com barras de ouro e outra repleta de jóias, diamantes e pedras preciosas; provindas de igrejas e particulares. Consta que esse navio desapareceu sem deixar rastro, por volta do ano de 1821. Outros, dizem, que por trás do Mistério da Trindade está parte do famoso tesouro de Monte Cristo, fruto de anos de pirataria. E há ainda os que são da opinião de que, esse tesouro se achava sob a proteção de uma organização secreta de piratas.

Não bastassem as histórias sobre escravos, piratas, naufrágios e tesouros para que Ilhabela seja uma fonte de mistérios, existem também várias histórias a respeito de objetos voadores não identificados (OVENIS), que, segundo testemunhas, visitaram o arquipélago.

Veja na página seguinte a relação dos principais naufrágios ocorridos em Ilhabela.

[CONTINUA](#)

Naufrágios em Ilhabela

* - AYMORÉ

Tipo: Cargueiro
Carga: Cartuchos de munição
Afundado: 1920 (tempestade)
Distância da costa: 30 metros
Profundidade: 5 a 9 metros
Visibilidade: Média

* - ALINEA P

Tipo: Petroleiro
Carga: Óleo Bruto
Afundado: 1990 (explosão)
Distância da costa: 5 milhas.
Profundidade: 300 metros
Visibilidade: Excelente

* - ROSS

Tipo: Veleiro de 3 mastros
Carga: Farinha de trigo
Afundado: 1942 (tempestade)
Distância da costa: 1,5 milhas
Profundidade: 40 metros
Visibilidade: média/ruim

* - VELASQUEZ

Tipo: Cargueiro misto
Carga: Café e malas postais
Afundado: 1908 (choque)
Distância da costa: 50 metros
Profundidade: 9 a 20 metros
Visibilidade: média/boa

* - CREST

Tipo: Cargueiro misto
Carga: Café e sacarias
Afundado: 1882 (tempestade)
Distância da costa: 30 metros
Profundidade: 9 a 17 metros
Visibilidade: média/boa

* - CAMPOS

Tipo: Cargueiro
Carga: Diversas
Afundado: 1943 (torpedeamento)
Distância da costa: 6 milhas
Profundidade: 80 metros
Visibilidade: boa

* - DARTH

Tipo: Cargueiro misto (vapor e velas)
Carga: Café
Afundado: 1884 (erro de navegação)
Distância da costa: 40 metros
Profundidade: 5 a 17 metros
Visibilidade: média/boa

* - UCRÂNIA

Tipo: Pesqueiro
Afundado: 1961 (tempestade)
Distância da costa: 20 metros
Profundidade: 9 a 12 metros
Visibilidade: média/boa

* - SÃO JANEIRO

Tipo: Cargueiro leve
Carga: Desconhecida
Afundado: 1920 (erro de navegação)
Distância da costa: 20 metros
Profundidade: 5 a 12 metros
Visibilidade: média/boa

* - THEREZINA

Tipo: Cargueiro
Carga: Café, sacarias e mala postal
Afundado: 1919 (choque)
Distância da costa: 100 metros
Profundidade: 8 a 17 metros
Visibilidade: média/boa

* - HARTHOR

Tipo: Cargueiro
Carga: Café, sacarias e Mala Postal
Afundado: 1909 (tempestade)
Distância da costa: 40 metros
Profundidade: 8 a 19 metros
Visibilidade: ruim

* - ELLIUB WASHINGTON

Tipo: Liberty Ship Class
Carga: Diversos
Afundado: 1943 (torpedeamento)
Distância da costa: 6 milhas
Profundidade: 70 metros
Visibilidade: excelente

* - BORBOREMA

Tipo: Cargueiro marinha Brasileira
Carga: Desconhecida
Afundado: 1913 (choque com o Guarani)
Distância da costa: 100 metros
Profundidade: 20 a 40 metros
Visibilidade: ruim

* - GUARANI

Tipo: Rebocador
Afundado: 1913 (choque com o Borborema)
Distância da costa: 80 metros
Profundidade: 40 metros
Visibilidade: ruim

* - TRITÃO

Tipo: Rebocador
Afundado: Data desconhecida (tempestade)
Distância da costa: 200 metros
Profundidade: 50 a 60 metros
Visibilidade: ruim

* - FRANCE

Tipo: Pequeno misto
Carga: Desconhecida
Afundado: 1906 (tempestade)
Distância da costa: 200 metros
Profundidade: 40 a 60 metros
Visibilidade: ruim

* - PRINCE DAS ASTÚRIAS

Tipo: Pequeno misto
Carga: Desconhecida
Afundado: 1916 (tempestade)
Distância da costa: 100 metros
Profundidade: 50 a 60 metros
Visibilidade: ruim

* - GLASGOW

Tipo: Cruzador
Afundado: 1916 (choque)
Distância da costa: 100 metros
Profundidade: 50 a 60 metros
Visibilidade: ruim

* - VITÓRIA

Tipo: Cargueiro
Carga: Farinha
Afundado: 1905 (tempestade)
Distância da costa: 50 metros
Profundidade: 10 a 20 metros
Visibilidade: média

* - CONCAR

Tipo: Cargueiro
Carga: Diversas
Afundado: 1959 (tempestade)
Distância da costa: 200 metros
Profundidade: 10 a 20 metros
Visibilidade: média

* - ATÍLIO

Afundado: 1905 (choque)

O Naufrágio do "TITANIC"

Quando, em 1898, o escritor norte-americano Morgan Robertson concluiu o pequeno romance *"The Wreck of Titan or Futility"*, não poderia imaginar que estava a antecipar a maior tragédia náutica de todos os tempos;

O Naufrágio do Titanic.

Todos conhecem a história do *Titanic*, um portentoso transatlântico de 270 metros de comprimento e com capacidade para acomodar quase três mil passageiros. Considerado insubmergível pelos seus construtores, o luxuoso Titanic, zarpou, em 10 de abril de 1912, de Southampton, na Inglaterra, com destino a Nova Iorque e escalas em Chesbourg na França e em Quenstown, na Irlanda. Era a sua viagem inaugural. Na noite de 14 de abril, quando singrava o Atlântico Norte, o transatlântico veio a colidir-se com um iceberg, submergindo em questão de poucas horas. Das 2.727 pessoas a bordo, somente 705 conseguiram sobreviver. Essa tragédia havia sido anunciada, com 14 anos de antecedência, e com riqueza de detalhes, por Morgan Robertson.

Em seu romance, Robertson narra a saga de um magnífico navio, também considerado "praticamente insubmergível", que enfrentou o naufrágio, após um choque com um imenso iceberg. Assim como o *Titanic*, o transatlântico concebido e imaginado por Robertson soçobrou em sua primeira viagem, no mês de abril, quando de sua travessia do Atlântico Norte.

As incríveis coincidências entre a ficção e a realidade começam pelo nome das embarcações: no romance, o transatlântico chama-se, incrivelmente, *TITAN*. Os nomes dos capitães são o mesmo: *Smith*. E as circunstâncias em que se deram os acontecimentos são de uma similitude impressionante. Tanto no romance quanto na vida real, um imenso navio de passageiros - uma cidade flutuante - , em plena travessia oceânica, choca-se com um iceberg, não muito distante do local de partida, tendo o flanco rasgado. Rumavam quase à mesma velocidade. Em ambos, e por conta da propalada segurança da embarcação, não havia barcos salva-vidas suficientes para prover o socorro de passageiros; O *TITAN* era guarnecido por 24 botes; o *TITANIC*, por 20 botes. Como resultado, a maior parte dos passageiros encontrou a morte nas águas gélidas do Atlântico. E, em ambos os casos, convictos da segurança de suas embarcações, os capitães decidiram não se aproximar de outro navio, que navegava nas proximidades, pouco antes da fatal colisão; outra fosse a escolha, e as perdas de vidas humanas seriam minimizadas.

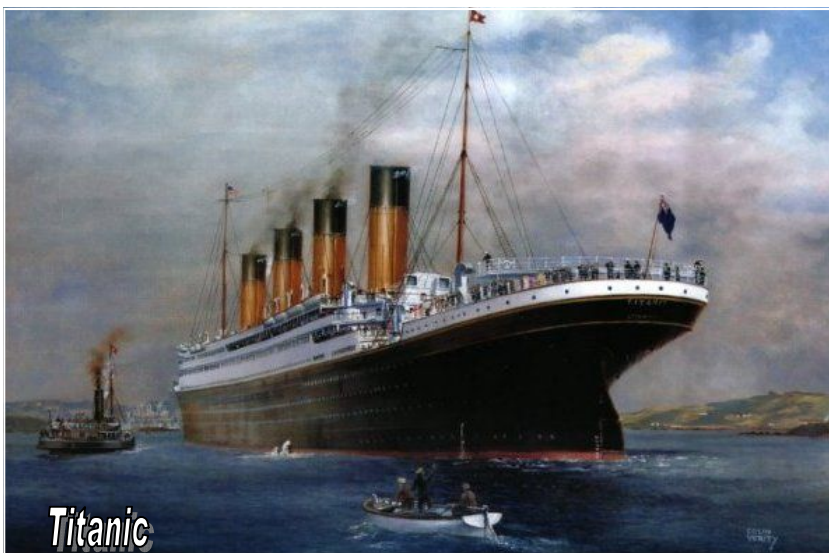
Abaixo, um quadro comparativo, que realça as incríveis semelhanças entre ambos os navios "ficção x realidade".

DADOS COMPARATIVOS	TITAN	TITANIC
Nome do Capitão	Smith	Smith
Local do Naufrágio	Atlântico Norte	Atlântico Norte
Mês do acidente	Abril	Abril
Causa do acidente	Colisão com Iceberg	Colisão com Iceberg
Comprimento do navio	240 metros	269 metros
Tonelagem de deslocamento	75.000	66.000
Velocidade no impacto	23 nós por hora	25 nós por hora
Número de botes salva-vidas	23	20
Compartimento à prova d'água	17	16
Número de Hélices	3	3
Número de passageiros e tripulantes	3000	2727

Simples coincidência? Ou tratamos de uma profecia inconscientemente aflo-rada na mente prodigiosa de um autor, ex-marinheiro dotado de vastos conhecimentos de navegação e familiarizado com a indústria náutica ?

Sustenta-se ainda, que Robertson nutria especial interesse pelo paranormal, de forma que - insinua-se - as suas previsões teriam sido voluntariamente realizadas. Embora não possamos responder categoricamente a estas questões, resta a certeza de que Morgan Robertson acertou muito ou, quando menos, muito perto chegou da fatídica realidade. E, conscientemente ou não, o fez objetivamente, empregando uma linguagem clara e translúcida, que diverge frontalmente dos termos dúbios ou obscuros - frequentemente ajustáveis a inúmeras situações - que ordinariamente - caracterizam as profecias tradicionais.

Com este artigo encerramos o nosso Compêndio sobre o Litoral Norte Paulista, com sua história, suas cidades, serras, matas, praias, cachoeiras, trilhas e mares...



Uma tragédia anunciada !

Cultura

Meio Ambiente

Turismo

História

Saúde

Gazeta Valeparaibana

Cone Leste Paulista



EDUCAR



uma janela para o
MUNDO

**Vale do Paraíba Paulista - Litoral Norte Paulista - Região Serrana da
Mantiqueira - Região Bragantina - Região Alto do Tietê**

Internacional Raio de Sol

Solidão, entrega, rotina, saia dessa...
Encontre sua alma gema de forma segura e, em um site
inteiramente dirigido para a "melhor idade".. quer sabe
preservar seus dados e sua identidade.

www.internacionalraiodesol.com

Livre para anunciar



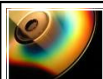
Rede Vale Comunicações

Criação, diagramação, artes gráficas e web de-
signer. Editamos seu jornal, seu livro e seu CD
interativo.

visite nosso site

www.redevalecomunicacoes.com

Livre para seu anúncio



Rede Fone Telemensagens

Mensagens via telefone para todas as ocasiões, fes-
tas, aniversários batizados, formaturas, convites, declarações de a-
mor.

Quer surpreender ? - Visite nosso site.

www.redefonetelemensagens.com

EMPRESAS:

Conheça nosso CD de interação entre clientes e Funcionários. Tra-
balhamos também com videomensagens personalizadas.

Ligar seu nome á Educação

É muito mais que um grande negócio

é o reconhecimento por parte do leito

De sua iniciativa cívica

Camaradas, este compêndio tem por objetivo auxiliar, alunos, mestres e profes-
sores, em seus trabalhos de pesquisa escolares.
Educação, História, Geografia e Ciências ou seja toda a cultura acumulada atra-
vés de séculos não é propriedade de nenhum ser humano.

TODOS PELA EDUCAÇÃO

projeto educar - uma janela para o futuro...

CONTATOS:

(Docentes) educar@gazetavaleparaibana.com

(alunos) correioescola@gazetavaleparaibana.com